

**FL**  
FACULDADE DE  
LETRAS



**PPGLL**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LETRAS E LINGUÍSTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIA EDUARDA DE AZEVEDO GUSMÃO

***REPRESENTAÇÕES DO FEMININO***: uma análise ecológica,  
política e de gênero de Lady Jessica e Chani em *Duna* de Frank  
Herbert

GOIÂNIA

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

**Exemplos:** Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

Maria Eduarda de Azevedo Gusmão

#### 3. Título do trabalho

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: uma análise ecológica, política e de gênero de Lady Jéssica e Chani em Duna de Frank Herbert

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Jorge Alves Santana, Professor do Magistério Superior**, em 16/04/2026, às 11:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Eduarda De Azevedo Gusmão, Discente**, em 16/04/2026, às 18:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6134731** e o código CRC **ED0BA1BF**.

---

Referência: Processo nº 23070.006181/2026-05

SEI nº 6134731

MARIA EDUARDA DE AZEVEDO GUSMÃO

***REPRESENTAÇÕES DO FEMININO***: uma análise ecológica, política e de gênero de Lady Jessica e Chani em Duna de Frank Herbert

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Letras e Linguística.

Área de Concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Literatura Comparada e Estudos culturais.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alves Santana.

Goiânia  
2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gusmão, Maria Eduarda de Azevedo  
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO [e-book]: uma análise ecológica,  
política e de gênero de Lady Jessica e Chani em Duna de Frank Herbert / Maria  
Eduarda de Azevedo Gusmão. - 2026.  
CXXVI, 126 f.: 2026

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alves Santana  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de  
Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2026.  
Inclui: lista de figuras.

1. Ecocrítica. 2. Ecofeminismo. 3. Frank Herbert. 4. Ecologia Decolonial.

I. Santana, Jorge Alves, orient. II. Título.

CDU 821



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 13 da sessão de Defesa de Dissertação de Maria Eduarda de Azevedo Gusmão, que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Literários.

Aos dezessete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis, a partir das 14h, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: uma análise ecológica, política e de gênero de Lady Jéssica e Chani em Duna de Frank Herbert”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Jorge Alves Santana (PPGLL/FL/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Lígia Vanessa Penha Oliveira (PPGL/UEMA), membro titular externo; Professor Doutor Paulo Antônio Vieira Júnior (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Jorge Alves Santana, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dezessete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis.

### TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Jorge Alves Santana, Professor do Magistério Superior**, em 17/03/2026, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Antonio Vieira Junior, Professor do Magistério Superior**, em 17/03/2026, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Pereira Camargo, Coordenador de Pós-Graduação**, em 13/04/2026, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6028312** e o código CRC **DD33AC84**.

Referência: Processo nº 23070.006181/2026-05

SEI nº 6028312

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

**REPRESENTAÇÕES DO FEMININO:** uma análise ecológica, política e de gênero de Lady  
Jessica e Chani em Duna de Frank Herbert

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Jorge Alves Santana (PPGLL/UFG)  
Orientador e Presidente da Banca

---

Prof. Dra. Lígia Vanessa Penha Oliveira  
(PPGL-UEMA)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Paulo Antônio Vieira Júnior (PPGLL/UFG)  
Membro Interno

Goiânia  
2026

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho a todos os terráqueos com quem compartilho este Pálido Ponto Azul.*

## **AGRADECIMENTOS**

É com muito carinho e gratidão que dedico essa sessão de agradecimentos a todos que tiveram um papel importante na minha formação, tanto como ser humano como quanto profissional. Esse trabalho foi feito com o auxílio de vocês e para vocês. Eu desejo que o nosso futuro seja próspero, esperançoso e ecológico.

Ao meu maior amor, João Carlos Gonçalves dos Santos, que não só me incentivou, mas me deu todo o suporte necessário para poder florescer. Sinto a melancolia pelo o que já vivemos, a ansiedade pelo que ainda virá e sou constantemente arrebatada do presente que é existir contigo. Uma vida inteira ao seu lado não me basta, que meu amor por você fique aqui eternizado. E quando tudo chegar ao seu próprio fim, que nos reste paz para além dessa vida.

Aos meus pais, Analú Pinto de Azevedo e Marcelo Azevedo Gusmão, e ao meu irmão, José Eugênio de Azevedo Gusmão, por acreditarem em mim e por nunca duvidarem do meu potencial. Ao meu pai, agradeço a intensidade e o incentivo que me foram passadas; à minha mãe, a resiliência de quem cai e não desiste; ao meu irmão, a sagacidade e a lealdade que você sempre transbordou, mesmo nos dias difíceis. Agradeço por terem me acompanhado ao longo desses últimos anos, quase perder vocês foi a maior dor da minha vida, obrigada por terem me encontrado nessa viela que é a vida.

Aos meus padrinhos, vocês foram fundamentais na consolidação de quem eu sou, Aloízio José Nunes de Azevedo Junior e Sheila Maria Pinto Nogueira. É um grande orgulho ter padrinhos dedicados, inteligentíssimos e íntegros. Eu amo poder ter vocês como meu espelho.

Ao meu esperançoso tio, Caio Azevedo Gusmão, com quem posso debater os assuntos mais profundos e repensar todas minhas certezas. A minha tia, Érica Gusmão de Castro Borges, que é determinada, genuína e que cuida com tanto carinho de todos.

Aos meus queridos Tia Sandra, Bebê, Paulo Sérgio, Toti, Tio Silvio, Madrinha Lúcia e Tia Ana Célia, meu sincero agradecimento por me acolherem com tanto carinho e por me fazerem sentir verdadeiramente em casa.

Aos queridos, Araly, Indira, Thaís, Tia Cristina, Tio Alberto e Vô Gusmão, por me mostrarem o que é gentileza e generosidade, vocês me inspiram.

Ao meu médico, Dr. Lucas Maia, que é sempre tão gentil, competente, empático e brilhante. Você é, sem dúvidas, a esperança e a leveza do ser que eu quero poder um dia conquistar. Eu desejo que o futuro da humanidade seja tão próspero, generoso e promissor quanto você.

Aos meus queridos avós, Abigail Léa Pinto de Azevedo e Aloízio José Nunes de Azevedo, por tudo o que fizeram e representam na minha vida. Sinto saudade do que não pudemos viver e das memórias roubadas pelo Alzheimer.

Aos meus sobrinhos, Aloizio Ferreira de Azevedo Gusmão e Luíz Carlos Ferreira de Azevedo Gusmão, que me encantam e renovam minhas esperanças. Amo poder conhecer o mundo através dos olhos de vocês, tão doces, puros e sinceros, ser tia de vocês é um presente. E deixo aqui também o meu carinho à minha querida cunhada, Brenda Ferreira, obrigada por tudo. Você é a flor que resiste ao vendaval e, ainda assim, recebe o sol de braços abertos.

Ao meu amigo Leandro dos Santos Silva, um marxista fervoroso que carregou desde minha graduação em História e que me inspira politicamente. Que possamos ser chatos em nossas conversas por vários anos a fio.

As minhas amigas, Nicole Caroline Lima Ferreira da Silva e Juliana Ferreira Rezende, com quem dou as melhores risadas, recebo os melhores conselhos e que não exitam em passar os mais belíssimos panos. Obrigada por serem vocês, é uma honra ser amiga de vocês.

À minha melhor amiga Joanise Ramos Martins, que me ensinou a fazer o bem sem olhar a quem. Sempre que me questiono sobre minhas decisões, lembro de você e de como amar e respeitar alguém não me torna ingênua, mas humana.

Aos meus orientadores e professores que me guiaram ao longo da trajetória acadêmica, Marcos, Natasha, Paulo, obrigada por todas suas contribuições, indicações e por compartilharem com tanta generosidade o conhecimento de vocês.

Aos meus companheiros da pós-graduação, Wanice, Thalita, Jaqueline, Lígia, Carlos e Khalisto, obrigada por terem compartilhado suas experiências, angústias e por terem me demonstrado a relevância do coletivo nos espaços acadêmicos.

Ao meu orientador, Jorge Alves Santana, agradeço pelos constantes incentivos e pela paciência. Sem você, este trabalho não teria sido possível. Suas contribuições, tanto pessoais quanto teóricas, enriqueceram minha vida e transformaram minha jornada acadêmica. E principalmente, foi graças a você que eu pude florescer e fixar minhas raízes na pós-graduação. Meu eterno agradecimento pela confiança e pela prática da pedagogia da autonomia.

A todos os animais que tive o privilégio de cuidar - Robin, Zorro, Mário, João, - a valorização do não-humano começou a partir de vocês na minha vida.

E, por fim, a todos terráqueos como eu. Por mais desafiador que seja em alguns momentos, é também através deste pálido ponto azul que compreendo o mundo de maneira tão singular.

## RESUMO

Esta dissertação analisa como as personagens Lady Jessica e Chani são representadas na trilogia *Duna*, de Frank Herbert. Embora ambas sejam atravessadas por estruturas patriarcais, suas posições dentro do projeto político dos Atreides produzem experiências radicalmente distintas. Lady Jessica, mãe de Paul Atreides, ocupa um lugar ambíguo na narrativa, atuando na manipulação política e no controle dos habitantes de Arrakis, ao mesmo tempo em que se apropria de elementos da cultura fremen. Em contraste, Chani, mulher fremen e filha de Liet Kynes, representa a experiência do corpo nativo diretamente submetido à violência imperial. A partir de uma perspectiva de ecologia decolonial, fundamentada nas reflexões de Malcom Ferdinand (2022), compreende-se que a emancipação ecológica só é possível quando se consideram as experiências dos povos colonizados e historicamente invisibilizados. Conclui-se, assim, que a obra de Herbert não apresenta soluções éticas ou ecológicas emancipatórias, mas evidencia os limites e as contradições de projetos políticos que instrumentalizam a natureza, a cultura e os corpos femininos. A relação entre Lady Jessica e Chani permite compreender como o feminino ocupa posições distintas dentro do sistema colonial de Arrakis, sendo ora responsabilizado moralmente pelas violências do Império, ora sacrificado biologicamente para garantir sua continuidade. Em suma, não basta que mulheres sejam incorporadas como suporte a uma ‘revolução verde’, é necessário haver consciência crítica e abertura ao diálogo.

Palavras-chave: ecocrítica; ecofeminismo; *Duna*; Herbert; mulheres; ecologia decolonial.

## **ABSTRACT**

This dissertation analyzes how the characters Lady Jessica and Chani are represented in Frank Herbert's *Dune* trilogy. Although both are shaped by patriarchal structures, their positions within the Atreides political project produce radically different experiences. Lady Jessica, mother of Paul Atreides, occupies an ambiguous position in the narrative, acting in political manipulation and in the control of the inhabitants of Arrakis, while simultaneously appropriating elements of Fremen culture. In contrast, Chani, a Fremen woman and daughter of Liet Kynes, represents the experience of the native body directly subjected to imperial violence. From a decolonial ecology perspective, grounded in the reflections of Malcom Ferdinand (2022), ecological emancipation is understood as only possible when the experiences of colonized and historically invisibilized peoples are taken into account. It is thus concluded that Herbert's work does not offer ethical or ecological emancipatory solutions, but rather exposes the limits and contradictions of political projects that instrumentalize nature, culture, and women's bodies. The relationship between Lady Jessica and Chani makes it possible to understand how the feminine occupies distinct positions within the colonial system of Arrakis, being alternately morally blamed for the Empire's violence and biologically sacrificed to ensure its continuity. In sum, it is not enough for women to be incorporated as support for a "green revolution"; critical consciousness and openness to dialogue are required.

**Keywords:** ecocriticism; ecofeminism; *Dune*; Herbert; women; decolonial ecology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS:

Figura 1 – Foto Frank Herbert	14
Figura 2 – Capa de Dune de Frank Herbert	15
Figura 3 – Capa de Dune Messiah de Frank Herbert	17
Figura 4 – Capa de Children of Dune de Frank Herbert	18

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FC – Ficção Científica

ONU – Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>4</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>8</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>10</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>"May thy knive chip and shatter": Duna, Messias de Duna e Filhos de Duna.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A NATUREZA E A SOCIEDADE: Disputas políticas.....</b>	<b>21</b>
1.1 Ecologia, sociedade e literatura:.....	22
1.2 A ficção científica e o colapso ecológico: Entre estranhamento e crítica.....	33
1.3 Corpos dissidentes e decolonialidade: Gênero, etno-raças e alteridade em Duna.....	42
<b>CAPÍTULO 2 – CHANI ENTRE O AMOR E O IMPÉRIO: COLONIALISMO, MATERNIDADE E BIOPOLÍTICA.....</b>	<b>52</b>
2.1 Chani e o Corpo-Território: Subalternidade e Resistência Fremmen.....	53
2.1.1 Chani como metáfora da Terra:.....	61
2.2 A Maternidade Compulsória E Biopolítica Do Corpo Feminino Em Duna.....	68
2.3 Entre Chani E Irulan: A Segmentação Feminina Entre O Íntimo E O Estatal.....	78
<b>CAPÍTULO 3 – LADY Jessica: ENTRE ESTRATÉGIAS POLÍTICAS E AS BENE GESSERIT. 86</b>	
3.1 Lady Jessica e a formação Bene Gesserit.....	87
3.2 Lady Jessica e o ecofascismo: A instrumentalização do sagrado e da natureza.....	97
3.2.1 Lady Jessica como Reverenda Madre, a Água da Vida e o Shai-Hulud:.....	104
3.3 Lady Jessica como mediadora colonial: gênero, culpa e poder.....	108
3.3.1 Do sacrifício à incorporação: contrastes entre Chani e Lady Jessica.....	113
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS:.....</b>	<b>118</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura nos possibilita alçar os voos mais altos, peregrinar por páginas durante horas a fio e refletir profundamente sobre nossa própria realidade. Se antes um dos grandes temas na ficção científica e na literatura eram a ciência e o avanço tecnológico, hoje um de seus principais enfoques é a terra devastada e um futuro desesperançoso. Tal qual *Duna*, de Frank Herbert (1965), *A Estrada*<sup>1</sup>, de Cormac McCarthy (2006) e *Annihilation*<sup>2</sup>, de Jeff VanderMeer (2014). Nesse sentido, assim como o planeta tem manifestado os impactos da ação humana, a literatura tem sido palco dessas mesmas preocupações e anseios humanos há anos.

Esta dissertação tem como objetivo central analisar como o feminino é representado a partir de Lady Jessica e Chani na trilogia *Duna*, de Frank Herbert. Pudemos observar que embora ambas sejam politicamente influentes e estrategicamente perspicazes, elas representam projetos divergentes, tanto ecológicos quanto políticos e culturais. E, principalmente, não basta termos o feminino envolvido na revolução ecológica; é preciso quebrar as expectativas de gênero para subverter as hierarquias criadas em nossa sociedade. Assim, Lady Jessica, a partir de sua formação como Bene Gesserit, utiliza a religião como ferramenta política para centralizar o poder em torno de Paul Atreides. Já Chani representa, de forma orgânica e enraizada na cultura Fremen, a força das mulheres nativas, articulando estratégias políticas que buscam enaltecer seu povo.

Nesse sentido, pudemos investigar: Quais interesses políticos motivam a atuação de Lady Jessica na transformação ambiental de Arrakis? Qual é o papel de Chani diante da reestruturação ecológica promovida pelo Império? De que forma Lady Jessica e Chani representam objetivos políticos e ecológicos divergentes em Arrakis? Como a oposição entre as duas personagens revela conflitos de classe, cultura e gênero? Como o conceito de raça perpassa as personagens e seus privilégios? E ainda, a simples presença de mulheres é suficiente para garantir uma transformação que enfrente as lógicas de poder em *Duna*?

Frank Herbert, escritor e jornalista estadunidense nascido em 1920, é o autor do corpus em análise, *Duna*. Os romances de Herbert apresentam diversos questionamentos no

---

<sup>1</sup> Vencedor do Prêmio Pulitzer de Ficção em 2007, o romance de Cormac McCarthy acompanha a trajetória de pai e filho em uma terra pós apocalíptica. O ecossistema se tornou árido, frio e coberto de cinzas, afetando todas as dinâmicas sociais e redefinindo os limites da humanidade quando colocados em situações extremas. O romance também foi adaptado para as telas do cinema em 2009, estrelado Viggo Mortensen e Charlize Theron.

<sup>2</sup> Vencedor do Prêmio Nebula e Shirley Jackson, a obra narra um grupo de quatro mulheres em uma região isolada com um ecossistema que sofreu algum tipo de mutação. E também, foi transformada em filme em 2018, estrelada por Natalie Portman e dirigida por Alex Garland.

que tange a complexidade da natureza humana. Seu papel como defensor dos povos originários, trouxe o debate ambiental e a opressão dos povos de Arrakis como debate central de sua trilogia. A construção dos Atreides enquanto anti-heróis destaca o mito do colonizador salvador e confunde o leitor perante a transformação ambiental. Nesse sentido, o legado de Herbert impactou positivamente o cenário da ficção científica, sendo considerada uma das melhores obras na categoria. Ademais, o corpus central dessa pesquisa é a trilogia *Duna*; sendo esta composta pelos romances *Duna*, *O Messias de Duna* e *Filhos de Duna*.

A trilogia tem como arco principal Paul Atreides e seus familiares, apresentando a luta política que gira em torno da especiaria melange e como os Fremen coexistem com o domínio de cada casa. A especiaria, matriz energética não renovável, é responsável por possibilitar viagens estelares por todo o Império, além de trazer visões e ser quase uma droga quando ingerida em grandes quantidades. Nesse contexto, o romance se inicia com a chegada dos Atreides em Arrakis, que após o assassinato do Duke Leto, acompanha a saga da fuga de Paul Atreides e Lady Jessica para as profundezas do deserto.

Ao longo da trilogia nos deparamos com a promessa da mudança na natureza de Arrakis, relacionada a profecia implantada pelas Bene Gesserit, e que aos poucos vai afetando a fauna e a paisagem do planeta. A partir daí, a construção de um messias salvador transforma Paul Atreides e causa incerteza perante seu Império. Nessa análise, nos concentramos na dualidade entre Lady Jessica, matriarca e líder religiosa, e Chani, nativa e companheira de Paul Atreides. E principalmente, notando a importância política de ambas na narrativa e também seu contraste na trilogia.

Ademais, pensar em uma ecologia decolonial é repensar as relações nas quais os Fremen de Duna estão inseridos, superando a construção capitalista de que seu valor é determinado apenas pelo lucro. Malcom Ferdinand (2022), em *Uma Ecologia Decolonial*, analisa as fraturas entre “os que temem a tempestade ecológica no horizonte e aqueles a quem o convés da justiça foi negado muito antes das primeiras rajadas de vento”(FERDINAND, 2022, p. 22). Em outras palavras, é urgente pensar na destruição ambiental a partir dos povos marginalizados e nas relações de poder presentes em *Duna*, pois a partir dos Fremen podemos notar como o Império molda o planeta visando seus próprios interesses.

No que tange às questões de gênero, o ecofeminismo tem como foco a opressão sofrida entre mulheres e natureza, sendo fundamental compreender tais dinâmicas para promover uma emancipação de ambas, como argumenta Carol J. Adams (1993). Alguns autores argumentam que o estudo da natureza e das mulheres não se desassocia, dessa forma, trouxemos os termos ecofeminismo e ecocrítica visando tornar os objetivos da

pesquisa mais compreensíveis. Dessa forma, a partir das leituras de Adams, Silvia Federici, Carolyn Merchant e Ariel Salleh, podemos notar a importância de compreender a esfera capitalista opressora na qual Duna está inserida e como essa se beneficia dos povos colonizados, dos corpos femininos e da natureza.

Com base nos elementos já mencionados, este trabalho busca fomentar os diálogos entre literatura e natureza a partir da trilogia *Duna*, sempre aliando uma perspectiva ecológica ao romance. Para além de considerar o mundo de forma geral, cabe a este trabalho notar o papel da natureza de forma profunda, considerando as ideias por trás deste elemento. Em vista disso, acreditamos que a análise do discurso dos clássicos de Herbert, bem como da política por trás da obra, é essencial para compreendermos a lógica que sustenta uma sociedade colonial, sexista e especista ainda vigente.

Esta dissertação dividiu-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, focamos na fundamentação teórica que foi articulada ao longo da pesquisa, bem como na apresentação da trilogia *Duna*. Assim, o cerne deste capítulo circunda questões ecológicas (ecocrítica, ecofeminismo e ecologia decoloniais), questões de gênero, além das relações entre literatura e sociedade. A partir disso, observamos como essas temáticas se relacionam e dialogam com *Duna*, destacando a necessidade de expandirmos os debates ambientais a partir da literatura.

O segundo capítulo tem como destaque a análise da personagem Chani e de sua relação com a natureza em Arrakis e também de sua cultura Fremen. Além disso, observamos como seu papel enquanto concubina e estrategista política se desenvolvem nas duas primeiras obras da trilogia, bem como sua influência nas dinâmicas sociais e políticas de Arrakis. Dessa forma, examinamos o papel desempenhado por sua personagem e o que ela representa enquanto mulher atravessada por questões étnico-raciais em *Duna*.

O terceiro capítulo teve como objetivo abordar tópicos fundamentalmente políticos, ressaltando as dinâmicas sociais e de poder que atravessam *Duna* a partir de Lady Jessica. Nesse sentido, buscamos apresentar um viés ecofeminista e ecológico aos projetos políticos executados e replicados pela personagem. E principalmente, buscamos discutir a instrumentalização tanto do corpo feminino quanto da natureza em *Duna*, muitas vezes apresentando as mesmas estruturas opressivas com novas roupagens.

O quarto e último capítulo propõe refletir acerca da literatura e da arte como espaços de problematização dos reflexos das catástrofes globais. Desse modo, buscamos criar um diálogo franco, filosófico na medida do possível e que não busca dar respostas conclusivas. Assim, mais do que um ponto final, buscamos apresentar possíveis lentes para observarmos o mundo daqui em diante. Além disso, reforçamos que a literatura e nem *Duna* não carregam a

obrigação de corrigir nossos problemas, mas atuam como um campo de questionamento crítico daqueles que as produzem.

A metodologia que empregamos neste trabalho é a análise literária da trilogia *Duna* de Frank Herbert. Assim, a partir dessa metodologia qualitativa observamos a partir das lentes do ecofeminismo como essa epistemologia se apresenta na trilogia em análise, tendo em mente as obras tais como as de Greta Gaard (2011), Silvia Federici (2017), João Mendes (2018), Malcom Ferdinand (2022), Ariel Salleh (1995) e muitos outros. O propósito desta pesquisa é observar como esses conceitos se apresentam no texto literário e como estes afetam o enredo de *Duna*. Por fim, buscamos confirmar a hipótese de que a ecologia decolonial e o ecofeminismo são campos em constante construção, sendo necessário ir além de elementos meramente representativos para sua consolidação.

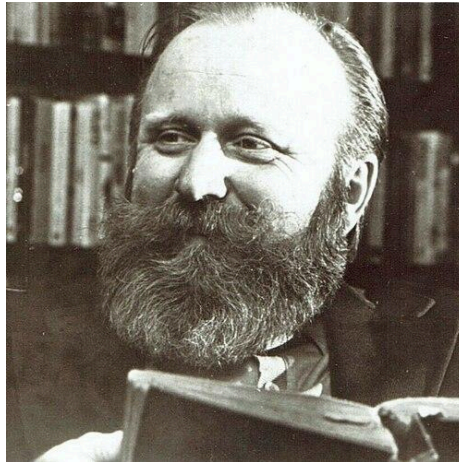
O corpus da pesquisa, a trilogia *Duna* de Frank Herbert, é uma referência na literatura e na ficção científica mundial. A partir da união entre o material teórico e o romance, buscaremos compreender como as teorias selecionadas (ecofeminismo, ecocrítica, ecofascismo e ecologia decolonial) se apresentam na obra e como a colonização de Arrakis afeta os povos em *Duna*. Algumas das perguntas que direcionam nossas leituras teóricas são: Qual a diferença entre ecocrítica, ecofeminismo, ecofascismo e uma ecologia decolonial? Como estes aspectos podem ser vistos na literatura e no *corpus*?

Em suma, a metodologia neste trabalho será centrada na análise literária. E também, tendo como base a fundamentação teórica para uma melhor compreensão das citações coletadas. Em suma, pudemos observar que o estudo de *Duna*, uma obra relevante na ficção científica, amplia o discurso sobre a ecocrítica e traz novos ares a um debate atual.

### **"*May thy knive chip and shatter*": *Duna, Messias de Duna e Filhos de Duna***

Frank Herbert, exibido na Figura 1, escritor e jornalista estadunidense nascido em 1920, é o autor do corpus em análise, *Duna*. Os romances de Herbert apresentam diversos questionamentos no que tange à natureza humana. Seu papel enquanto defensor dos povos originários e do ecossistema trouxe o debate ambiental e a opressão dos povos de Arrakis como debate central de *Duna*. Nesse sentido, a construção dos Atreides enquanto anti-heróis evidencia o mito do colonizador salvador. O legado de Herbert impactou positivamente o cenário da ficção científica, sendo considerada uma das melhores obras na categoria.

**Figura 1 – Foto Frank Herbert**



Fonte: Extraída do Google Imagens.

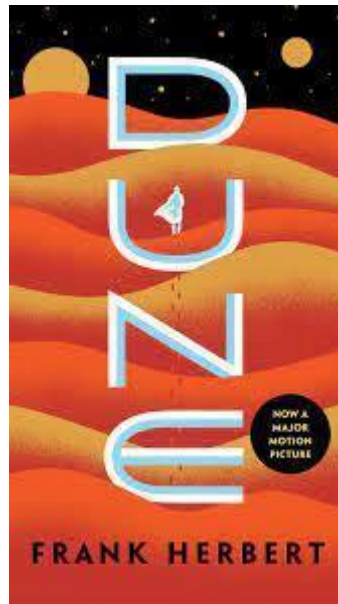
O corpus central dessa pesquisa é a trilogia *Duna*, escrita por Herbert e continuada por Brian Herbert, um romance que marcou a ficção científica ao redor do mundo. A trilogia é composta por *Duna*, *O Messias de Duna* e *Filhos de Duna*, tendo como arco principal Paul Atreides e seus familiares. Assim, a obra apresenta a luta política que gira em torno da especiaria melange e como os fremen coexistem com o domínio de cada casa. A especiaria é responsável por possibilitar viagens estelares por todo o Império, além de trazer visões e ser quase uma droga quando ingerida em grandes quantidades.

O primeiro livro, *Duna* de Frank Herbert, teve a primeira publicação nos Estados Unidos em 1965 pela editora Chilton Books. Entretanto, o primeiro volume só veio a ser traduzido para o português em 1984 por Jorge Luiz Calife. Já a primeira adaptação de *Duna* para o cinema ocorreu em 1984, coincidindo com o ano de publicação do romance no Brasil, com direção de David Lynch. Apesar dos esforços coletivos para a produção da obra cinematográfica, seu resultado foi um fiasco, como podemos notar na pesquisa de Luís Carlos S. Branco (2023). A extensão da obra foi apenas um dos obstáculos encontrados por Lynch, que teve que condensar 900 páginas em um roteiro de 135 páginas. Além da má recepção por parte do público, a obra foi considerada o pior filme do ano e também não conquistou os críticos da época. Por outro lado, a segunda adaptação, dirigida por Denis Villeneuve, foi aclamada pela crítica e resultou em uma continuação cinematográfica.

A trilogia investigada nesta dissertação foi publicada em 2020 nos EUA, pela editora ACE, sendo composta por um box incluindo o arco principal de Paul Atreides. Assim, a edição utilizada nesta dissertação é evidenciada pela Figura 2. O romance se inicia uma antes da partida dos Atreides para Arrakis, em seu planeta natal. Em Caladan, Paul se prepara para

o Gom Jabbar, um veneno utilizado como teste de consciência humana aplicado pelas Bene Gesserit. Assim, o principal objetivo é demonstrar controle emocional e uma suposta superioridade humana, visto que somente animais morrem em seu processo. E principalmente, o teste tem como objetivo verificar a extensão dos seus poderes e seu potencial para ser o Kwisatz Haderach.

**Figura 2 – Capa de *Dune* de Frank Herbert**



Fonte: Extraída do Google Imagens.

O Kwisatz Haderach é um projeto de reprodução das Bene Gesserit, nesse caso, Paul unificaria os saberes masculinos e femininos do Império, agindo em prol da ordem religiosa. Embora o objetivo inicial da seita fosse unificar os saberes e as casas reais, o Atreides se utiliza dessas estruturas para estabelecer seu controle político e, através da religião, instaura-se enquanto messias dos povos Fremen. Apesar de Paul ter sido ‘escolhido’ como o Kwisatz Haderach, a sua chegada é antecipada, já que o programa tinha o propósito de criar um messias que fosse herdeiro de todas as casas reais.

Contrariando os desejos dos Harkonnen, o Imperador Padishah Shaddam IV transfere o poder para a Casa Atreides com o objetivo de fragilizar e eliminar seus membros. Assim, após anos dos Harkonnen controlando Arrakis, o planeta seria, então, dominado e explorado por outra casa. O chefe da casa Atreides, Duque Leto Atreides, sabia dos riscos que enfrentaria e almejava trazer a flora de Caladan para o clima desértico onde agora dominavam.

O primeiro segmento do romance tanto a familiarização dos Atreides em Arrakis demonstra as estratégias utilizadas entre os Harkonnen, contando com a infiltração do Dr. Yueh, para exterminar toda a linhagem dos novos regentes do planeta. Neste sentido, após a invasão Harkonnen e a morte do Duque Leto, Paul Atreides e Lady Jessica conseguem fugir para o deserto sem deixar rastros. Ambos são acolhidos pelos Fremen, após certo debate sobre como os dois incorporariam o grupo, Paul começa a construir sua imagem de Messias e Lady Jessica se consolida enquanto Reverenda Madre

O segundo segmento de *Duna*, ou *Book II Muad'Dib*, retrata a inserção de Paul aos modos de vida Fremen. É a partir do contato e da vida no deserto, que Paul começa a construir alianças políticas em Arrakis e se apropria da imagem de Messias. Nesse processo, o protagonista desenvolve seu relacionamento amoroso com Chani, criando um elo entre as culturas entrelaçadas. Ao ser intitulado como Muad'Dib entre os nativos do deserto, nome inspirado em um roedor resiliente das areias de Arrakis, que conquista sua liderança política e religiosa, ampliando seu poder entre os Fremen. E também, é quando conquista o respeito do povo Fremen e recebe o nome íntimo de Usul, representando a base do pilar na filosofia destes.

O terceiro e último segmento de *Duna*, também conhecido como *The Prophet*, mostra como Paul “nunca parou de doutrinar”(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 621 - tradução nossa) os Fremen a partir de sua “religião simples e prática”(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 620 - tradução nossa). O enredo também introduz Alia, filha de Lady Jessica e Leto Atreides, e o primogênito de Paul com Chani, Leto II. A revolta Fremen, comandada por Paul, destitui o trono imperial de Shaddam IV e o transfere para Paul que se casa com a princesa Irulan. A morte de seu primogênito e a consolidação da concubina de Paul, marcam o enredo de Chani em *Duna*.

Já em *Messias de Duna*, Paul governa o Império e nos apresenta o resultado da jihad Fremen pela galáxia, disseminando milhões de pessoas em prol de sua guerra santa. O segundo volume, apresentado na Figura 3, foca principalmente no pós-guerra e na urgência de um herdeiro para Paul. A princípio, Chani é a única que detém o “privilégio” de gestar o futuro Imperador; contudo, ao longo dos capítulos, sua esposa Irulan também passa a ser considerada, e até mesmo sua irmã Alia é apontada pelas Bene Gesserit como possível parte dessa sucessão.

Figura 3 – Capa de *Dune Messiah* de Frank Herbert



Fonte: Extraída do Google Imagens.

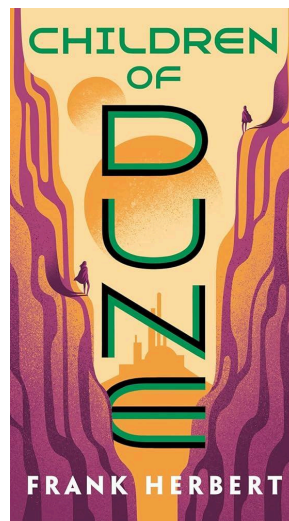
Neste volume, podemos também observar o poder político e religioso adquirido por Paul, bem como os milhares fiéis que o seguiam. Doze anos após o fim do primeiro romance, Muad'Dib demonstra ter consciência sobre as mortes causadas por seu regime e os impactos ambientais que causou em Arrakis. O grupo Bene Tleilax é apresentado em uma conspiração com as Bene Gesserit, a Guilda Espacial e Irulan, esposa de Paul Atreides. Dessa maneira, podemos observar como os jogos políticos chegam à Arrakis, através de supostos presentes e até mesmo o envenenamento de Chani.

Ainda, *Messias de Duna*, apresentado no prefácio como o fracasso do ano, foca principalmente nas relações entre Paul, Chani e Irulan. Após anos de tentativas falhas, devido ao envenenamento sofrido por Irulan, a Fremen finalmente engravida e demonstra ter consciência da finitude de sua vida. Além disso, somos capazes de acompanhar também o papel político desempenhado por Alia, que substitui o irmão sempre que necessário e é vista enquanto uma aberração por ter desenvolvido diversas habilidades de forma precoce. Ademais, sua relação amorosa com Hyat, reconstituído a partir de Duncan Idaho, e a possibilidade de um filhos entre ambos permeia seu futuro.

Em síntese, o enredo demonstra o questionamento interno sobre livre arbítrio que sofre Paul, que se questiona constantemente se prefere Chani ou um herdeiro. Após um ataque, Muad'Dib perde sua visão, mas suas visões do futuro permanecem. A morte de Chani marca as últimas páginas, bem como a decisão de Paul de não revivê-la para não se comprometer com os Bene Tleilax. Após o nascimento dos gêmeos, Leto II e Ghanima, Paul abandona o trono e caminha em direção ao deserto.

Em *Filhos de Duna*, apresentado na Figura 3, conhecemos os gêmeos de Chani de forma mais profunda e somos informados que Lady Jessica está voltando para Arrakis depois de viver anos em Caladan. Após o desaparecimento de Paul, Irulan e Alia se tornam responsáveis pela criação de Leto II e Ghanima, bem como Harah. Nove anos após seu nascimento, os gêmeos são herdeiros do trono regido por sua tia Alia. Da mesma forma que os sobrinhos, Alia também possui uma memória ancestral, mas é corrompida pelo espírito de seu avô, o Barão Harkonnen. Ao reproduzir políticas autoritárias e tiranas, o império começa a se rebelar contra o regime Atréides, preocupando até mesmo Lady Jessica.

**Figura 4 – Capa de *Children of Dune* de Frank Herbert**



Fonte: Extraída do Google Imagens.

Leto II e Ghanima unem forças com o objetivo de impedir a destruição do Império e evitar que o poder retorne à Casa Corrino, linhagem de Irulan. Diante do avanço autoritário de Alia e do risco iminente à estabilidade imperial, os gêmeos organizam o retorno de Lady Jessica a Arrakis, solicitando sua ajuda como estratégia política e simbólica. Após um ataque direcionado aos herdeiros, Leto finge ter sido assassinado por Wensicia Corrino e se une aos vermes de areia. Sua simbiose com essas criaturas o transforma em um híbrido quase imortal, ampliando ainda mais seu poder. Ao se tornar o novo imperador após a morte de sua tia, Leto se casa com sua irmã Ghanima e passa a conduzir o Império segundo o Caminho Dourado.

Como podemos observar, o universo criado por Frank Herbert discute temas como poder, ecologia, colonialismo e gênero em todo seu enredo. Assim, outras pesquisas relevantes devem ser mencionadas por terem explorado os temas aqui apresentados. Como em *The Bene Gesserit in Frank Herbert's Dune*, de Luis Felipe Torres Meza (2010), o autor se propõe a estudar a organização feminina das Bene Gesserit. A pesquisa demonstra que os

interesses do grupo são limitados pelo poder e influência do Império até o momento de suas mortes. Para Meza, Herbert demonstra o choque entre racionalidade e emoção nas relações humanas a partir das Bene Gesserit. Embora controverso, o pesquisador defende a escolha de manipular os genes como algo racional, que pode ser vista como eugenia. Segundo ele, a falha dos seus planos ocorre por conta de seus apegos emocionais, o que contraria os ensinamentos do grupo de que a razão deve controlar o sentimento.

R. J. Ellis (1990) discorre, em *Frank Herbert's Dune and the Discourse of Apocalyptic Ecologism in the United States*, sobre os papéis de herói e demagogo ocupados por Paul Muad'Dib, buscando explorar as relações contextuais entre estes. A partir do treinamento do filho de Leto e seu uso da droga melange, Paul consegue ver Arrakis se tornando um paraíso em um período de tempo curto. Assim, o autor aborda a romantização do protagonista que luta contra o Império Harkonnen e problematiza as questões de poder dentro da obra. Ellis argumenta que, ao contrário da solução ecológica esperada, podemos acompanhar Paul com poderes absolutos e, principalmente, que um discurso realista dessas questões ecológicas só poderia ser imaginado no gênero da ficção científica. Trata-se, portanto, de uma leitura que relaciona o messianismo à crítica ambiental.

Já Timothy Morton, em *Imperial Measures: Dune, Ecology and Romantic Consumerism*, tem como objetivo observar a especiaria melange no romance. O autor afirma que a obra representa como o colonialismo e o imperialismo buscam dominar o fluxo de mercadorias através da especiaria. Além disso, aborda que a água é de fato mais preciosa que a melange, mas se torna uma mercadoria de luxo ao ser desperdiçada pelos seus governantes. Morton finaliza sua pesquisa afirmando que a especiaria se associa ao capital e à mercadoria, não sendo essencial além de suas propriedades medicinais. Entretanto, o produto se torna uma mercadoria de luxo e tem como objetivo representar a devastação do universo. A crítica de Morton se aproxima, assim, de leituras que associam *Duna* à crítica do consumo e da exploração capitalista dos recursos.

Em *The Quileute Dune: Frank Herbert, Indigeneity, and Empire*, Daniel Immerwahr (2022) aborda a consciência ecológica na obra e também dá destaque à colonização, guerra e culturas em conflito. Immerwahr defende que o império não é apenas um tema textual em *Duna*, mas também um contexto fundamental. O autor apresenta a história de Herbert e como sua proximidade com a comunidade Quileute o inspirou, além de todos os aspectos ecológicos que o preocupavam em razão da emergência climática. O pesquisador afirma que há pouco interesse nos povos Quileute, em comparação às obras vistas através das lentes de autores brancos, como em **Duna** e *Crepúsculo*. Para Immerwahr, a ética dos Fremen representa um

equilíbrio ambiental, que vai se alterando na medida em que esse povo perde seus princípios com a retração do deserto e a morte dos vermes de areia que produziam a especiaria. Em suma, o autor argumenta que uma das mensagens principais da obra é não confiar em líderes, apontando como a saída dos Fremen de sua terra para conquistar a galáxia leva-os ao seu declínio. Sua leitura aproxima *Duna* de debates atuais sobre descolonização, identidade indígena e emergência climática.

Essas análises demonstram a pluralidade de abordagens possíveis na leitura de *Duna*, incluindo questões de gênero, poder, ecologia e colonialismo, que enriquecem a compreensão da obra e servem como base crítica para interpretações mais contemporâneas.

## CAPÍTULO 1 - A NATUREZA E A SOCIEDADE: Disputas políticas

É sabido que não existe uma suposta neutralidade entre natureza e sociedade, assim, o capitalismo e seus desdobramentos criam hierarquias que afetam todas as esferas do nosso ecossistema. Nesse sentido, ao longo da história, pudemos observar como a natureza foi objetificada e reduzida a recurso, sobrando-lhe o papel de servir a humanidade. Assim, após séculos de extrativismos extensivos, somos deixados com uma estrutura que favorece acumulações de riqueza em detrimento de outras formas de vida e saberes. Dessa forma, pensar em questões ecológicas não se limita às ciências biológicas ou exatas, mas é um exercício fundamental para que superemos os ideais que oprimem todas as formas de vida e não vida.

A literatura, em especial a ficção científica, tem sido um espaço fundamental para podermos refletir sobre essas relações mencionadas anteriormente. Ao projetar futuros marcados pela natureza escassa, pelo esgotamento ambiental e por outras organizações sociais, essas narrativas tensionam problemas que já atravessam o presente. Em *Duna*, a natureza não aparece apenas como cenário, mas como um elemento central que reflete as relações de poder do universo de Herbert. Arrakis é um planeta moldado pela exploração da especiaria melange, matriz energética não renovável, que sustenta todo o Império e perpassa todas as relações sociais, políticas e econômicas da série.

De modo semelhante à realidade, Arrakis evidencia como a dominação da natureza está diretamente ligada ao colonialismo e à imposição de um projeto político externo aos modos de vida dos Fremen. A promessa de transformação ecológica do planeta, mascarada de progresso, não rompe com a lógica colonial, mas reorganiza a dominação sob novas roupagens. Assim, a ecologia em *Duna* se apresenta de maneira ambígua, pois ao mesmo tempo em que sugere uma possibilidade de mudança, também reforça estruturas de controle, exploração e violência ambiental.

Sendo assim, torna-se fundamental pensarmos a ecologia em diálogo com as questões sociais, políticas e de gênero. A opressão da natureza, das mulheres e de grupos étnico-raciais não ocorre de forma isolada, mas opera dentro de um mesmo sistema que legitima a exploração a partir de ideologias de racionalidade, progresso e salvação. Em *Duna*, tanto corpo feminino quanto o território colonizado são frequentemente tratados como apropriados e instrumentalizados pelos projetos imperiais, reforçando hierarquias pré-existentes e silenciando outras formas de existência e conhecimento. Pensar essas questões nos permite refletir sobre as bases da exploração ambiental e humana, tanto em *Duna* quanto na realidade.

### 1.1 Ecologia, sociedade e literatura:

As catástrofes cada vez mais frequentes refletem os abusos, os excessos e a exploração incessante promovida pela humanidade. Em nome da acumulação de capital e da expansão imperial, povos foram oprimidos, animais subjugados e a natureza devastada. Considerar uma ecologia decolonial significa rever as relações em que estamos inseridos e superar a lógica capitalista que reduz o valor da natureza ao seu potencial lucrativo. Malcom Ferdinand (2022), em *Uma Ecologia Decolonial*, propõe uma abordagem que descolonize a ecologia e recuse uma verdade universal, promovendo a emancipação dos povos historicamente subalternizados. Diante deste aspecto, propomos aqui uma abordagem teórica que articula literatura, ecologia e ecocrítica dialogando com a atualidade.

Por isso, este trabalho parte da intersecção entre representação e crítica ecológica para pensar como os estudos literários podem abordar a crise ambiental. A literatura não apenas permite que vivamos outras vidas, mas também tem assumido um papel essencial ao denunciar e tencionar essas dinâmicas. Ainda que não seja possível corrigir os erros do passado por meio da representação<sup>3</sup> desses debates, sua evocação revela a importância desses temas na atualidade. Assim, a ecocrítica é uma das metodologias que utilizaremos para observarmos as crises ecológicas e políticas no período contemporâneo.

Antes de mais nada, é importante compreender a trajetória da ecologia como campo científico. O conceito, definido por Ernst Haeckel em 1866, representa o estudo das relações entre os seres vivos e seu habitat. Porém, é somente no final do século XIX que a Ecologia passa a ser reconhecida como uma ciência autônoma, e não apenas uma subárea do conhecimento. Ainda que não se configure como uma ciência social, sua abordagem holística favorece uma compreensão integrada do mundo, rompendo com a visão fragmentada da ciência cartesiana-newtoniana. Embora João Carlos Nucci (2007) reconheça a dificuldade de diálogo entre os “casulos” do saber, ele ressalta a importância da integração das Ciências Humanas para que se possa, de fato, alcançar uma perspectiva verdadeiramente sistêmica.

Por esse motivo, os problemas ambientais não são somente uma temática limitada pela Ecologia e, assim, as humanidades têm se debruçado sobre o debate. Na medida em que as ciências ambientais clamavam pelo combate à poluição e buscavam impedir o esgotamento de recursos, pudemos observar o crescimento de movimentos combativos filosóficos aliado à

---

<sup>3</sup> Em *Olhos de Madeira*, o historiador Carlo Ginzburg reflete sobre o papel da representação como tentativa de reconstruir e preencher espaços de ausência. Ao representar algo que já não está presente, seja uma realidade passada ou uma natureza perdida, a representação torna visível aquilo que está ausente e, ao mesmo tempo, evidencia sua falta.

ecologia que transbordou das ciências duras. A *ecologia profunda*, conceito estabelecido pelo filósofo Arne Næss em 1973, propõe unificar as questões sociais às ambientais, buscando também compreender a cadeia de relações entre os seres vivos e rejeitando o antropocentrismo. É a partir desse contexto que surgem novas reflexões sobre justiça ambiental, a concretização da equidade social e a urgência das transições energéticas.

Nesse sentido, à medida que a ecologia passa a ser reconhecida como ciência autônoma, a ecocrítica ganha espaço nas ciências humanas - tanto por desdobramentos científicos quanto como em resposta às urgências climáticas. A ecocrítica, termo desenvolvido por William Rueckert (1978), incorpora os debates ecológicos ao analisar a literatura. Com a consolidação do campo no final do século XX, a ecocrítica passa a ser reconhecida enquanto uma escola teórica e expande o conceito ‘mundo’ para incluir todo o ecossistema na literatura. Enquanto Rueckert tinha uma abordagem mais restritiva com o conceito ecocrítica, seus sucessores incluíram leituras mais interdisciplinares e ideológicas nos estudos literários.

Em vista disso, Rueckert define a ecocrítica como a aplicação da ecologia e de seus conceitos no estudo da literatura, apresentando o conceito de forma mais estrutural. Em *Literature and Ecology*, o autor busca compreender a literatura a partir da ecologia, demonstrando a conexão entre a natureza e os estudos literários. Dessa forma, Rueckert observa a ecocrítica enquanto uma ferramenta política que surge enquanto resposta aos desastres ambientais. A articulação entre literatura e o mundo físico rompe com a visão especista de uma supremacia humana, demonstrando que ao dar voz ao não-humano é possível interromper heranças coloniais. Da mesma maneira, Cheryll Glotfelty afirma que o ecocriticismo expande nossa visão de mundo e conecta nosso ecossistema.

Já Cheryll Glotfelty, teórica de referência desse campo, destaca o avanço do materialismo ecocrítico em meio à era que minimiza a crise ambiental. Glotfelty, em especial, estabelece a ecocrítica como “uma abordagem centrada na terra nos estudos literários” (GLOTFELTY, 1996, p.18), propondo uma discussão integrada dos aspectos culturais, literários e da natureza. Nesse cenário, torna-se essencial explorar as questões ambientais, políticas e literárias sob as lentes decoloniais em *Duna* de Frank Herbert. Para além de apenas um elemento narrativo ou um recurso estético, verifica-se a natureza em Arrakis como um agente politicamente ativo dentro da obra. Como é evidenciado por Herbert a partir do Duque Atreides:

Arrakis tem outra vantagem que quase esqueci de mencionar. A especiaria está em

tudo aqui. Você a respira e a ingere em quase tudo. E acho que isso confere uma certa imunidade natural contra alguns dos venenos mais comuns do Manual dos Assassinos. E a necessidade de vigiar cada gota de água coloca toda a produção de alimentos – cultura de leveduras, hidroponia, quimavite, tudo – sob a mais rigorosa vigilância. Não podemos eliminar grandes segmentos de nossa população com veneno – e também não podemos ser atacados dessa maneira. Arrakis nos torna morais e éticos. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 169 - tradução nossa)<sup>4</sup>

Como resultado, podemos perceber como a natureza está no centro das relações humanas, não humanas e políticas em Arrakis. Ela não apenas ordena os modos de consumo, mas também intercede de forma orgânica as interações dentro de todo o ecossistema do planeta. O clima desértico e os recursos escassos regulam as relações e obrigam o coletivo a cooperar. Mais do que sobreviver, a cultura dos Fremens busca integrar o ser humano ao mundo físico, construindo uma relação de simbiose com o deserto. Como aponta Glotfelty, o ecocriticismo demonstra o como o ambiente e os seres humanos estão interligados, sempre afetando um ao outro.

Atualmente, as aplicações da ecocrítica são ilimitadas, desde observar a natureza como um elemento narrativo até as metáforas da terra. Sempre refletindo acerca das relações entre a sociedade e o mundo literário, como propõe Glotfelty, compreende-se o delicado e complexo papel desempenhado pela literatura. E assim, a autora discorre:

Apesar da ampla abrangência da investigação e dos diferentes níveis de sofisticação, toda crítica ecológica compartilha a premissa fundamental de que a cultura humana está conectada ao mundo físico, afetando-o e sendo afetada por ele. A ecocrítica tem como objeto as interconexões entre a natureza e a cultura, especificamente os artefatos culturais da linguagem e da literatura. Como uma postura crítica, ela tem um pé na literatura e o outro na terra; como um discurso teórico, ela negocia entre o humano e o não humano. (GLOTFELTY, 1996, p. 19 - tradução nossa)<sup>5</sup>

Ao evidenciarmos esse reflexo entre cultura e natureza, Glotfelty demonstra que a ecocrítica não serve somente enquanto termômetro para problemas ambientais. Da mesma forma como outros movimentos foram capazes de revolucionar suas realidades, a autora aguarda que a transformação também aconteça na natureza. Assim, a pesquisadora aponta a

---

<sup>4</sup> "Arrakis has another advantage I almost forgot to mention. Spice is in everything here. You breathe it and eat it in almost everything. And I find that this imparts a certain natural immunity to some of the most common poisons of the Assassins' Handbook. And the need to watch every drop of water puts all food production - yeast culture, hydroponics, chemavit, everything--under the strictest surveillance. We cannot kill off large segments of our population with poison--and we cannot be attacked this way, either. Arrakis makes us moral and ethical." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 169)

<sup>5</sup> "Despite the broad scope of inquiry and disparate levels of sophistication, all ecological criticism shares the fundamental premise that human culture is connected to the physical world, affecting it and affected by it. Ecocriticism takes as its subject the interconnections between nature and culture, specifically the cultural artifacts of language and literature. As a critical stance, it has one foot in literature and the other on land; as a theoretical discourse, it negotiates between the human and the nonhuman." (GLOTFELTY, 1996, p. 19)

importância de que o movimento ecocrítico se torne mais inclusivo, visto que grande parte de seus expoentes são sujeitos brancos e ocidentais. Considerando isso, seu trabalho não apenas defende a importância do debate ambiental, mas alia a justiça social à diversidade para que o movimento ecocrítico se fortaleça.

Greg Garrard, referência na área, destaca que a ecocrítica deve ultrapassar os limites da análise puramente ecológica, incorporando dimensões culturais, políticas e filosóficas da crise ambiental. O apocalipse, dentro da ecocrítica, não apenas reage aos colapsos ambientais, mas também articula uma crítica incisiva à forma como o discurso ecológico é mobilizado culturalmente. Em *Duna*, a natureza não é acolhedora: o deserto de Arrakis atua como uma forma de provação e refúgio, rejeitando idealizações românticas. O romance articula colapso e transformação, é a partir da adaptação ao deserto que os personagens se transformam, não pela harmonia com a natureza, mas pela reformulação radical de seus modos de vida. Se antes os Atreides não precisavam controlar seu consumo de água, após sua fuga ao deserto nota-se a mudança em seus modos:

"Água." Tanta significação em um som tão simples. Um axioma Bene Gesserit veio à mente de Jessica: "Sobrevivência é a capacidade de nadar em águas estranhas." E Jessica pensou: *Paul e eu, precisamos encontrar as correntes e os padrões nessas águas estranhas... se quisermos sobreviver.* (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 504 - tradução nossa)<sup>6</sup>

A transformação de Paul e Lady Jessica se dá devido à escassez de recursos e pelo fim de seus privilégios, na medida que se inserem no deserto passam a absorver mais e mais os modos de vida dos Fremen. À luz do exposto, o discurso ecológico não romantiza os meios duros do deserto, mas evidencia a necessidade de adaptação de seus povos. A água que antes era abundante para os personagens, se torna seu recurso mais precioso. Dessa maneira, percebemos a *wilderness* de Arrakis não enquanto um espaço que deve ser domado, mas como uma construção social que desafia os modos de vida externos à ela.

Já Serpil Oppermann propõe um debate pós-moderno na ecocrítica, vide sua natureza multifacetada, rejeitando uma perspectiva universal e essencialista. A autora demonstra que apesar da metáfora utilizada para as ondas da ecocrítica seja útil, Oppermann argumenta que seu uso exclui e simplifica as transformações importantes da área, como suas raízes na ecocrítica feminista. Diante disso, a autora questiona os limites anteriores da ecocrítica e desafia uma reflexão para o campo que vá além da crítica ao antropocentrismo.

---

<sup>6</sup> "Water." So much meaning in a simple sound. A Bene Gesserit axiom came to Jessica's mind: "Survival is the ability to swim in strange water." And Jessica thought: Paul and I, we must find the currents and patterns in these strange waters . . . if we're to survive. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 504)

Exemplificando, criticar o Império em *Duna* ou a colonização não basta, devemos também observar as estruturas de poder que estão dadas e entender como estas afetam seus personagens.

Oppermann rejeita uma teoria única para o ecocrítico, defendendo uma abordagem que valorize saberes múltiplos. Dessa forma, a autora propõe um viés em que a natureza pode ser compreendida como uma construção discursiva mediada por fatores sociais, culturais e ecológicos. Ou seja, em *Duna* podemos constatar como a natureza e a escassez de água ressoam na cultura dos Fremen. O clima e o modo de vida não se contrapõem em Arrakis, mas são extensões um do outro, essencialmente entrelaçados. Assim, podemos reforçar essa visão a partir da perspectiva de Leto Atreides:

"Arrakis é um planeta de uma só cultura", disse seu pai. "Uma única cultura. Ela sustenta uma classe dominante que vive como as classes dominantes sempre viveram em todas as épocas, enquanto, abaixo delas, uma massa semihumana de semiescravos sobrevive dos restos. São essas massas e esses restos que ocupam nossa atenção. Eles são muito mais valiosos do que jamais se suspeitou."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 443 - tradução nossa)<sup>7</sup>

As palavras do Duke Leto ressaltam como o Império reduziu o planeta à exploração da especiaria, desprezando tanto seus problemas ecológicos quanto sua população. Entretanto, rejeitar a fratura entre ser humano e natureza é fundamental para uma análise que ultrapasse a lógica da natureza como um simples recurso econômico. A partir de Oppermann, podemos questionar a construção da natureza em Arrakis e observá-la enquanto um terreno apropriado. Nesse sentido, a ecocrítica nos permite pensar nesses ecossistemas em constante mudança e que se alteram de acordo com o contexto político.

De modo similar, Greta Gaard também desaprova o essencialismo, propondo uma perspectiva feminista a ecocrítica. A teórica argumenta que a ecocrítica precisa se pautar nas discussões de gênero, raça, classe e no não humano, demonstrando que as camadas mais exploradas em uma sociedade são usualmente as que mais sofrem com as mudanças climáticas. Assim, a autora destaca os corpos literários enquanto politizados, apontando que é impossível discutir a ecocrítica sem abordagens interseccionais. Assim, a ecocrítica permite analisar como a literatura constrói relações simbólicas e políticas com a natureza. Em Arrakis, a ecologia não é um pano de fundo, mas uma área em constante disputa.

A similaridade entre os temas destacados, apontados também por Gaard, encontram

---

<sup>7</sup> "Arrakis is a one-crop planet," his father said. "One crop. It supports a ruling class that lives as ruling classes have lived in all times while, beneath them, a semihuman mass of semislaves exists on the leavings. It's the masses and the leavings that occupy our attention. These are far more valuable than has ever been suspected." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 443)

ecos tanto em contextos reais quanto ficcionais. Dessa maneira, é a partir da natureza multifacetada de Lady Jessica que podemos compreender como a natureza e sujeitos colonizados são instrumentalizados politicamente: "Pessoas assim seriam fáceis de imbuir com fervor e fanatismo. Poderiam ser empunhadas como uma espada para reconquistar o lugar de Paul."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 517 - tradução nossa)<sup>8</sup>. Assim, a instrumentalização não só disseminou o lugar de 'direito' de Paul, mas também desumanizou e retirou quaisquer agência dos Fremen.

De forma semelhante ao que propõe Gaard, Rob Nixon explora a ecocrítica a partir de uma perspectiva política, que vai além de aspectos meramente estéticos. Para o autor, a ecocrítica deve incorporar o conceito de *slow violence* em suas análises, demonstrando como a literatura é capaz de amplificar esse debate e dar visibilidade às injustiças ambientais que afetam majoritariamente comunidades marginalizadas. Isto é, a *slow violence* pode ser compreendida como formas de violência ambiental que ocorrem de forma velada e gradual, como as mudanças climáticas e o uso excessivo de pesticidas.

Em *Duna*, esse conceito pode ser observado na exploração secular da melange, que ignora as necessidades dos Fremen, e no uso da água como instrumento de poder. Como destaca o planetologista de Arrakis, constata-se a *slow violence* em: "Arrakis poderia ser um Éden se seus governantes olhassem pra além da escavação de especiaria"(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 183 - tradução nossa)<sup>9</sup>. Aplicando o conceito ao texto literário, a exploração da melange em Arrakis compromete a regeneração ecológica do planeta e impede que seus habitantes tenham mais qualidade de vida. A mudança climática é uma pauta sensível, principalmente por conta dos riscos relacionados à fauna e à flora, mas seu atraso se dá mais por interesses políticos do que por uma possível reparação histórica.

Do mesmo modo que a exploração do petróleo na Foz do Amazonas<sup>10</sup> preocupa especialistas devido aos possíveis impactos ambientais, a extração desenfreada da melange também compromete a ecologia de Arrakis. Embora a transformação do ecossistema desértico para um ambiente mais verde e rico em água possa parecer positiva, essa mudança afeta

---

<sup>8</sup> "Such people would be easy to imbue with fervor and fanaticism. They could be wielded like a sword to win back Paul's place for him." (HERBERT, 517)

<sup>9</sup> Arrakis could be an Eden if its rulers would look up from grubbing for spice."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 183)

<sup>10</sup> A Bacia da Foz do Amazonas é uma região em que o Rio Amazonas deságua no Oceano Atlântico, se estendendo na costa Norte do Brasil e faz fronteira com a Guiana Francesa. Em 2025, após pressões governamentais, o IBAMA é pressionado para liberar a perfuração de um poço com intuito de explorar o petróleo. Apesar das controvérsias e da recomendação de não perfuração de especialistas na área, cabe apenas ao presidente do IBAMA negar ou autorizar a ação. Entretanto, faz-se importante pontuar que a região é extremamente sensível e o vazamento do recurso pode afetar todo o ecossistema da Foz do Amazonas, produzindo estragos imensuráveis.

diretamente a existência dos vermes de areia e de toda fauna nativa, colocando em risco o ecossistema original do planeta. O domínio de Arrakis representa o monopólio da fonte energética mais poderosa do universo em *Duna*, entretanto, é preciso considerar que a mudança geológica poderia representar uma falsa sensação de progresso e desconsidera os modos de vida dos povos nativos. Dessa forma, ao mesmo tempo que mudar o clima ameaça a identidade dos Fremen, também poderia ser uma forma do planeta se libertar da lógica extrativista imperial.

Em vista disso, é necessário discutir o risco da instrumentalização da pauta ambiental por regimes autoritários. Enquanto uma ecologia decolonial prioriza os saberes e práticas dos povos originários, promovendo harmonia entre todos os seres vivos e não vivos, o ecofascismo instrumentaliza pautas ambientais para justificar projetos autoritários. Michael Zimmermann<sup>11</sup> define o termo como uma forma de totalitarismo no qual as pautas ambientais são privilegiadas em detrimento do individual. No entanto, as políticas anti-humanistas e eugenistas muitas vezes ignoram os saberes advindos dos povos originários, o que propicia a uma libertação da natureza pautada pelos ideais de civilização do colonizador. A partir de *Duna*, é possível observar o papel da religião na consolidação de um líder totalitarista, cujas propostas são pautadas em seu planeta natal e nos seus ideais de progresso.

Adicionalmente, o ecofascismo pode ser observado e estudado durante a Alemanha fascista, onde movimentos de extrema direita supostamente demonstravam preocupação com o crescimento populacional. Além disso, o discurso ecofascista também se manifesta ao apagamento do eu em prol dos interesses do coletivo. Além de Paul Atreides silenciar outros sujeitos em *O Messias de Duna*, podemos notar suas tendências ecofascistas ao mencionar ‘imperadores’ do planeta Terra que, assim como ele, dizimaram populações inteiras.

“Ele não os matou pessoalmente, Stil. Matou do jeito que eu mato, enviando suas legiões. Há outro imperador que quero que você observe de passagem — um tal de Hitler. Ele matou mais de seis milhões. Nada mal para aquela época.” [...] “Muito bem, Stil.” Paul lançou um olhar para os rolos nas mãos de Korba. Korba os segurava como se quisesse deixá-los cair e fugir. “Estatísticas: em uma estimativa conservadora, eu matei sessenta e um bilhões, esterilizei noventa planetas, desmoralizei completamente outros quinhentos. Exterminei os seguidores de quarenta religiões que existiam desde —”. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 139 - tradução nossa)<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Michael Zimmerman, Professor Emérito de Filosofia da Universidade de Tulane e da Universidade de Colorado em Boulder, possui mestrado e doutorado em filosofia e desenvolve pesquisas sobre filosofia ambiental.

<sup>12</sup> “He didn't kill them himself, Stil. He killed the way I kill, by sending out his legions. There's another emperor I want you to note in passing -- a Hitler. He killed more than six million. Pretty good for those days.” [...] “Very good, Stil.” Paul glanced at the reels in Korba's hands. Korba stood with them as though he wished he could drop them and flee. “Statistics: at a conservative estimate, I've killed sixty-one billion, sterilized ninety

Esse trecho, demonstra a ciência de Paul perante seus atos e do impacto de suas atitudes. Ao se comparar com Hitler e Gêngis Khan, o personagem demonstra certo pesar posteriormente ao apontar que sua causa trouxe escuridão para diversas gerações. Em virtude disso, Zimmerman estabelece que os movimentos ambientais precisam resistir à tentação fascista, visto que estes promovem a exclusão sob o pretexto de preservação. Assim, é extremamente necessário uma abordagem crítica e atenta aos encontros com a justiça ambiental, Estado e hierarquias de poder. Afinal, a abdicação do eu ou a valorização extrema do nacionalismo, não é o mesmo que valorizar vozes plurais. No romance, a liderança Atreide levanta questões sobre a tomada de decisões e o povo de Arrakis, mas sempre mantendo o poder nas mãos da Casa Imperial.

É nesse ponto que autores como Spivak e Grada Kilomba nos ajudam a pensar o controle da narrativa. Em *Pode o subalterno falar?*, Gayatri Chakravorty Spivak denuncia como é comum sujeitos privilegiados utilizarem se colocarem enquanto representantes de sujeitos oprimidos. Entretanto, Spivak aponta a diferença entre o falso protesto e a realidade dos povos subalternizados, delimitando que o desejo em se manter enquanto detentores do poder pode mascarar as reais intenções destes. Assim, é perceptível que o controle da narrativa permanece com pessoas privilegiadas e perpetua estruturas opressoras, silenciando grupos subalternizados e criando uma revolução que só existirá no mundo das ideias.

Semelhantemente, Grada Kilomba (2019) demonstra como o discurso acadêmico constrói o não branco enquanto o “outro” e nega sua humanidade. Assim, limitando seu discurso e os lugares que circula, esse movimento também limita o que é considerado conhecimento e ciência. E principalmente, colocando alguns sujeitos enquanto incapazes de controlarem suas próprias realidades. Tanto em Arrakis quanto no mundo real, a disputa pelo poder também se expressa como apagamento cultural e exclusão epistêmica. Kilomba demonstra como as pessoas negras são subalternizadas e silenciadas, enfatizando a importância de descolonizar o eu. Essa dinâmica fica evidente a partir do relato do Fremen Farok:

“Os Atreides vieram [...] Aquele a quem chamamos de Usul em nosso sietch, seu nome privado entre nós. Nosso Muad’Dib, nosso Mahdi! E quando ele convocou a Jihad, eu fui um dos que perguntou: ‘Por que eu deveria ir lutar lá? Não tenho parentes lá.’ Mas outros homens foram — jovens, amigos, companheiros da minha infância. Quando retornaram, falaram de feitiçaria, dos poderes desse salvador Atreides. Ele lutou contra nosso inimigo, os Harkonnen. Liet-Kynes, que havia nos

---

planets, completely demoralized five hundred others. I've wiped out the followers of forty religions which had existed since -- ". (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 139)

prometido um paraíso em nosso planeta, o abençoou. Diziam que esse Atreides veio para mudar nosso mundo e nosso universo, que ele era o homem capaz de fazer a flor dourada florescer na noite.”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 61 - tradução nossa)<sup>13</sup>

O trecho destaca o foco da figura de Paul Atreides enquanto salvador de Arrakis, mantendo os Fremen enquanto subalternizados em sua própria história. Diante desse contexto, podemos refletir sobre quem fala por quem e a quem serve a transformação. Em virtude disso, uma genuína transformação em Duna deve estar centralizada nos Fremen e em sua cultura. É preciso, tanto no romance quanto em nossa sociedade, garantir voz e autonomia aos povos autóctones que priorizam o coletivo e tudo que o circunda. Paulo Freire<sup>14</sup> enfatiza a importância de que o ser humano compreenda que está com o mundo, não apenas no mundo. A pluralidade de realidades e histórias presentes evidencia a integração e estimula a necessidade de pensarmos para além das esferas individuais.

Por isso, a filósofa Silvia Federici (2022) defende a importância de pensarmos o bem comum<sup>15</sup>, destacando a importância de utilizarmos nossos privilégios para transformar a realidade. Isso implica em ir além do que está dado e perceber que o futuro é nosso. Culpar o homem e aguardar que soluções da agenda capitalista nos salvem não basta, é preciso defender os comuns e repensar o estilo de vida consumista da modernidade. Em Duna, Frank Herbert enfatiza os modos de existência dos Fremen em contraste ao modelo predatório do Império, demonstrando que a conexão com a natureza é essencial para romper a lógica mercadológica que afeta todas as esferas da sociedade.

Esses debates ganham eco quando observamos o cenário contemporâneo. Na Amazônia<sup>16</sup>, empresas petrolíferas pressionaram e manipularam povos indígenas a ceder a exploração do recurso. As questões aqui propostas são fundamentais para questionarmos as dinâmicas de poder e colonização em Arrakis. O progresso proposto pelos Atreides oculta um apagamento cultural sob o pretexto da transição de seu ecossistema. A arte imita a vida e, por

<sup>13</sup> “The Atreides came”[...] “The one we named Usul in our sietch, his private name among us. Our Muad’Dib, our Mahdi! And when he called for the Jihad, I was one of those who asked: ‘Why should I go fight there? I have no relatives there.’ But other men went - young men, friends, companions of my childhood. When they returned, they spoke of wizardry, of the powers in this Atreides savior. He fought our enemy, the Harkonnen. Liet-Kynes, who had promised us a paradise upon our planet, blessed him. It was said this Atreides came to change our world and our universe, that he was the man to make the golden flower blossom in the night.” HERBERT, 2020, vol. 2, p. 61)

<sup>14</sup> Paulo Freire, também conhecido como patrono da educação brasileira, foi um educador reconhecido pela sua pedagogia libertadora. As obras de Freire inspiraram gerações de professores em todo mundo, tendo inspirado até mesmo a professora e ativista bell hooks.

<sup>15</sup>O termo "os comuns " é definido por Silvia Federici a partir dos direitos humanos, dos elementos da natureza, das línguas, das produções culturais humanas e das práticas sociais que não são controladas pelo governo nem por iniciativas privadas.

<sup>16</sup> Em 1993, por exemplo, a Chevron Corporation despejou mais de 16 milhões de resíduos tóxicos cancerígenos no norte da Amazônia equatoriana, afetando milhares de pessoas e causando um dos maiores desastres petrolíferos do século.

isso, podemos identificar a recorrência histórica desse tipo de manipulação. Não apenas esses desastres afetam toda a vida dos povos nativos presentes, mas também destroem a liberdade e sua cultura, que se baseia na sazonalidade e no respeito com o ecossistema. Como aponta Leto Atreides:

A vida melhora a capacidade do ambiente de sustentar a vida. A vida torna os nutrientes necessários mais facilmente disponíveis. Ela liga mais energia ao sistema por meio da tremenda interação química de organismo para organismo.(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 439 - tradução nossa)<sup>17</sup>

Essa visão revela a força regenerativa da vida em si, princípio que orienta tanto as práticas dos Fremen quanto os modos de vida dos povos indígenas da Amazônia. Entretanto, sabemos que em uma sociedade capitalista, o trabalho e a acumulação são prioridade sobre a conservação ambiental. Para Friedrich Engels é a partir do domínio da natureza e do trabalho em que acontece o progresso humano. De acordo com o autor, a manipulação da natureza propiciou o desenvolvimento cognitivo humano e novas aptidões físicas. É por meio do trabalho, seguido da linguagem, que o ser humano passa a se diferenciar dos outros animais. Enquanto os animais, considerados como irracionais, vivem harmonicamente numa cadeia intrinsecamente conectada, o homem domina a natureza e a manipula de acordo com seus objetivos. Como Engels aponta em:

Cada vitória até leva, num primeiro momento, às consequências com que contávamos, mas, num segundo e num terceiro momentos, tem efeitos bem diferentes, imprevistos, que com demasiada frequência anulam as primeiras consequências.(ENGELS, 2020, p. 348)

Colher os louros da vitória, mesmo que por alguns instantes, não significa ser próspero ou consciente. A dicotomia estabelecida por homem e natureza limitou as relações interespecies, concedendo à humanidade o direito de explorar a natureza sem nenhum temor. Essa separação, fundamental no mundo capitalista, reforça a ideia da Terra enquanto um recurso e não como um universo em que estamos inseridos. Assim, mesmo com todas as tragédias e desastres ambientais, o abuso desenfreado de recursos naturais permanece. A cada ano, mais pessoas se tornam vítimas de catástrofes ambientais<sup>18</sup>, mais espécies são extintas ou abandonadas. O privilégio de poder escolher agir diante do colapso ambiental não está ao alcance de todos e, assim, perpetuam-se desigualdades sociais e ecológicas guiada por uma

<sup>17</sup> “Life improves the capacity of the environment to sustain life. Life makes needed nutrients more readily available. It binds more energy into the system through the tremendous chemical interplay from organism to organism.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 439)

<sup>18</sup> Em 2021 a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou que as catástrofes ambientais correspondem a 45% das mortes nos últimos 50 anos.

pequena parcela da sociedade.

Em *Duna*, essa mesma lógica se repete: o poder de transformar o planeta não está nas mãos dos Fremen, mas sim nas daqueles que buscam manter o status quo sob outra roupagem. O discurso de Paul Atreides pode parecer libertador, mas carrega consigo o mesmo viés messiânico e colonialista que motivou o Império a explorar Arrakis. A suposta libertação dos Fremen acaba por instrumentalizá-los em nome de uma nova ordem igualmente opressiva, reforçando a ideia de que a emancipação ecológica só é válida quando domesticada.

Assim, torna-se urgente repensar o papel da literatura como espaço de crítica e resistência, especialmente em tempos de crise climática. Analisar *Duna* sob as lentes da ecocrítica, do ecofeminismo e da ecologia decolonial permite desvelar os discursos de poder que atravessam a narrativa e nos convida a imaginar futuros em que a justiça ambiental esteja profundamente conectada à justiça social. A literatura, como aponta Glotfelty, tem um pé na terra e outro na linguagem. E é nesse entre-lugar que podemos plantar as sementes para um mundo mais plural e sustentável.

A literatura, assim como quaisquer outras produções artísticas e culturais, não é neutra. Conforme propõe Terry Eagleton, ela está diretamente relacionada à sociedade que a produziu e às relações de classe que a dominam. Assim, a literatura é um campo de disputa ideológica, onde os sentidos são construídos e valores culturais constantemente reavaliados. Ainda assim, como destaca Eagleton, esta não se reduz à luta de classes e à ideologia da classe dominante: ela também pode expressar contradições, resistências e possibilidades de transformação, visto que estas também desafiam e ultrapassam a mentalidade de seu tempo histórico. Logo, a arte não se limita a representação histórica e fidedigna da nossa realidade, mas sim apresentar a experiência humana, como discorre Eagleton:

A ciência dá-nos um conhecimento conceptual de um situação; a arte dá-nos a experiência dessa situação, o que é equivalente à ideologia. Mas, ao fazê-lo, permite-nos <<ver>> a natureza dessa ideologia e começa, assim, a conduzir-nos no sentido da compreensão plena da ideologia que é o conhecimento científico. (EAGLETON, 1976, p. 32)

Assim, Eagleton investiga o modo como somos capazes de experienciar o vivido através da arte, nos expondo aos mais diversos vieses e realidades. É através dela e da cultura que podemos desenvolver consciência acerca de nossas existências. É inerente à qualquer produção humana conter um viés ideológico, entretanto, a exposição a outras ideologias desenvolve o potencial crítico do seu leitor e transforma seu olhar perante o mundo. Essa perspectiva se concretiza quando, ao lermos *Duna*, nos questionamos em relação ao poder

político exercido por Paul Atreide e na mudança ambiental plantada pelas Bene Gesserit.

Apesar de todos alardes e discursos exasperados desde o século passado, é possível notar poucas mudanças perante as novas ondas de catástrofes ambientais. A seca na bacia do São Francisco, enchentes e deslizamentos no Vale do Aço e no Agreste Pernambucano, incêndios no Japão e na Rússia são apenas alguns dos desastres do último semestre. O colapso climático vem evidenciando a urgência de agir perante a ebulição global e que o pensar no coletivo precisa ser priorizado.

Quando é que pensar no próximo deixou de ser algo natural? Em meio a esse cenário, Guattari argumenta que “corremos o risco de não mais haver história humana se a humanidade não reassumir a si mesma radicalmente.” (GUATTARI, 2001, p. 54). A partir dessa perspectiva, esse trabalho se propõe a ressaltar o diálogo com a arte e sociedade e, se possível, possibilitar que mudanças que partam, sobretudo, das esferas de maior poder e responsabilidade social em nosso meio.

Antes de mais nada, é preciso destacar que essa pesquisa não tem como objetivo uma ideologia ecoterrorista<sup>19</sup> ou promover ecoansiedade<sup>20</sup>. Dessa forma, essa dissertação se diferencia desses conceitos ao adotar de uma metodologia científica, teorias críticas e responsabilidade acadêmica. A temática ecológica é extremamente delicada; por isso, propomos aqui dialogar a partir de Duna, literatura e sociedade para que possamos enriquecer a discussão sobre o tema. Frank Herbert não oferece respostas prontas, podemos perceber seu interesse em articular as temáticas aqui abordadas, tensionando relações complexas de poder e dando destaque ao debate do século.

É com essa premissa que este trabalho busca dialogar com a literatura, a crítica e a sociedade e, se possível, contribuir para uma mudança que venha das esferas com maior poder e responsabilidade social.

## **1.2 A ficção científica e o colapso ecológico: Entre estranhamento e crítica**

Se antes um dos grandes temas na ficção científica e na literatura era a ciência e o avanço tecnológico, hoje um dos seus grandes temas é a terra devastada e um futuro desesperançoso. Com os alertas frequentemente emitidos nas últimas décadas, a literatura

---

<sup>19</sup> O ecoterrorismo é frequentemente associado a protestos e retaliações de ativistas ambientais, mas também é comum que o termo seja aplicado a destruições ambientais promovidas por empresas ou pelo Estado. Lawrence Buell (2009) aponta a banalização do termo e destaca que seu uso muitas vezes deslegitima protestos, ao mesmo tempo em que falha em proteger a natureza.

<sup>20</sup> A ecoansiedade pode ser definida como uma apreensão causada pela crise climática e a ebulição global, como definem Santos e Braga (2022).

absorveu as pautas propostas pelas ciências naturais e passou, também, a trazer luz aos impactos humanos no meio ambiente. O Antropoceno<sup>21</sup> - ou Chthuluceno,<sup>22</sup> como propõe Donna Harraway - reforça a necessidade de pensarmos enquanto coletivo e de reconhecermos a cultura enquanto uma forma essencial de proporcionarmos reflexões acerca do impacto humano na Terra. Neste tópico dialogaremos com a ficção científica, ficção climática e sua intencionalidade enquanto objeto político.

A partir da literatura podemos também pensar e nos questionar acerca das consequências do capitalismo em um futuro próximo, aliando os diálogos das humanidades às ciências biológicas. A ficção climática, como argumenta Adam Trexler, não apenas proporciona respostas, mas também visões futuras, súplicas e lamúrias. *Duna* de Frank Herbert se propõe a demonstrar as repercussões do abuso desenfreado guiado pelo capitalismo e como a escassez afeta diretamente os povos originários. Seja um clamor desesperado ou uma forma de resistir, o gênero nos oferece reflexões e possíveis caminhos para solucionarmos a crise climática.

Não há um consenso sobre o que, de fato, é ficção científica. Carl Freedman estabelece, em *Critical Theory and Science Fiction*, uma relação entre o gênero e a teoria crítica, visto que ambas proporcionam o transformar e pensar o mundo. Nesse sentido, o autor aponta que existem diversos espectros e paralelos traçados por críticos na tentativa de compreender melhor o gênero. No entanto, é possível observar que a ficção científica tem como um de seus principais objetivos transportar os leitores para um lugar estranho, distinguindo-se da fantasia por evitar o irracional e os universos mágicos e, a partir disso, provocar reflexões. Apesar dos poderes desenvolvidos pelas Bene Gesserit, *Duna* apresenta esses elementos como resultado de treinamento rigoroso e de condições materiais, não como manifestações místicas. O universo criado por Frank Herbert pode gerar dúvidas quanto à sua classificação genérica, mas ainda assim pode ser compreendido como uma projeção de um futuro possível, situado em uma galáxia distante.

Darko Suvin aponta a dualidade entre o mito e a ficção científica (FC), visto que o primeiro apresenta uma visão fixa e eterna da humanidade e da ordem do mundo, enquanto a segunda promove a interpretação crítica dos fenômenos a partir da cognição racional.

---

<sup>21</sup> O conceito Antropoceno, proposto por um grupo de ecologistas e orientado pelo holandês Paul J. Crutzen nos anos 2000, destaca que a ação humana foi tão significativa no planeta que a degradação ambiental passa a corresponder como um marcador geológico distintivo, diferenciando a era atual do Holoceno.

<sup>22</sup> O Chthuluceno, conceito pensado por Donna Harraway, busca superar os impactos humanos e capitalistas na história do planeta terra, propondo-se a promover relações mais harmônicas e interdependentes.

Influenciado pelo estranhamento formulado por Chklovski, Suvin descreve o fenômeno de problematização e distanciamento crítico que a ficção científica provoca. Segundo o autor:

FC é, então, um gênero literário cujas condições necessárias e suficientes são a presença e a interação do estranhamento e da cognição, e cujo principal recurso formal é uma estrutura imaginativa alternativa ao ambiente empírico do autor. (SUVIN, 1979, p. 8 - tradução nossa).<sup>23</sup>

Em outras palavras, a ficção científica se configura enquanto um gênero crítico, que instiga seus leitores à reflexão e questionamento. Dessa forma, podemos perceber como seus cenários acompanham muitas vezes, acompanham ou ultrapassam a ciência moderna, propondo questionamentos filosóficos de alcance atemporal. *Duna* não tem como plano de fundo somente uma guerra intergalática, mas principalmente em disputas geopolíticas e o domínio de fontes não renováveis. Assim, é possível habitar e simular outras existências, divagando, possivelmente, rumo a criação de uma consciência coletiva e ecológica.

Ademais, a ficção científica aborda os mais diversos ramos e universos, explorando os limites da realidade e o que há de mais profundo nas epifanias humanas. O gênero em análise inspirou e inspira diversas obras presentes em nosso cotidiano, moldando também a cultura do século passado até o atual. De *Frankenstein* aos clássicos escritos por Jules Verne, Ryan D. Poquette demonstra a importância dessas obras na consolidação da ficção científica. Assim como todas obras culturais estão inseridas em seu recorte de produção, a ficção científica também demonstra o período em que foi produzida e os embates de sua geração. Considerando isso, suas obras podem exemplificar as salvaçãoes de problemas presentes em nosso imaginário ou demonstrar até mesmo o fim da civilização.

Retomando *Frankenstein*, de Mary Shelley, foi publicada no ano de 1818, a obra carrega o tom científico e romântico do período. Ao longo da obra, ao acompanharmos o experimento de Victor Frankenstein, dar vida à sua criatura, a criatura surge como uma analogia ao corpo substituível e desprezível, ecoando a lógica da instrumentalização que atravessa o período. Além disso, o clássico da ficção científica evidencia os limites de uma ciência que abandona a ética e se utiliza da natureza como artifício, fazendo com que esta perca o lugar social anteriormente estabelecido. Em paralelo com os discursos ecológicos e com *Duna*, observamos aqui também a valorização do que é subjetivo e da vida, como se recordasse o que nos torna humanos. Enquanto a Revolução Industrial trazia uma nova visão

---

<sup>23</sup> SF is, then, a literary genre whose necessary and sufficient conditions are the presence and interaction of estrangement and cognition, and whose main formal device is an imaginative framework alternative to the author's empirical environment. (SUVIN, 1979, p. 8)

das pessoas, como peças substituíveis, aqui somos apresentados ao valor dos sentimentos e o impacto da finitude da vida sobrepondo a racionalidade.

Dessa maneira, Poquette (2005) aponta que o gênero tende muitas vezes a ter uma visão pessimista da ciência e da tecnologia. Mas se pensamos a arte enquanto forma de problematização e reflexão, não há outra possibilidade se não oferecermos os mais diversos cenários e nos depararmos com nossos piores pesadelos para que possamos enfim sair da inércia. Apesar de serem apontados enquanto uma literatura inferior devido seu apelo popular, essas obras conquistam/conquistaram leitores em todo mundo e são capazes de refletir descobertas científicas ou até mesmo dilemas éticos da humanidade pós-moderna.

É muito comum recorrermos a documentários e materiais teóricos para melhor compreendermos o Antropoceno. Entretanto, esses materiais carecem da experiência humana e geralmente não circulam para além de suas bolhas. Adam Trexler (2015) destaca como as ficções climáticas são capazes de articular, em suas narrativas, tanto aspectos científicos quanto culturais em suas obras. Trexler estabelece que o gênero tem como foco as mudanças climáticas, diferenciando-se da ficção científica que debate ciência e tecnologia de forma mais ampla. O autor argumenta que esses romances conseguem ambientar o que é de fato viver no Antropoceno moldado pelas alterações ambientais.

O universo de *Duna*, de Frank Herbert, já havia antecipado muitos dos temas que seriam centrais na ficção climática moderna, como também observou Adam Trexler. A obra exemplifica a intersecção entre ciência, cultura e adaptação ambiental, ao imaginar uma sociedade moldada por um ecossistema desértico extremo, onde a tecnologia serve à preservação da vida e à gestão dos recursos hídricos. Apesar de não termos o domínio de toda uma memória histórica e nem a habilidade de nos fundirmos aos vermes-de-areia no mundo real, é uma das características da ficção climática demonstrar inovação e uma resignificação de elementos que já conhecemos.

Com isso em mente, a ficção científica não se propõe a representar a ciência de forma extremamente fidedigna, nem se propõe a mera representação da crítica ambiental. Trexler destaca que a ficção climática se enraíza em fundamentos científicos, mas não se limita a eles. Já Donna Haraway propõe uma visão crítica das ciências ao demonstrar como essas muitas vezes fazem parte de um sistema de dominação. Haraway defende a relevância de outros saberes em nossa sociedade e incentiva a resignificação das relações entre todos que habitam a Terra. Dessa forma, é preciso que a ficção científica não apenas reproduza os saberes tecnológicos, mas desafie e se expanda para além das lógicas coloniais das ciências exatas.

Em diálogo com essa perspectiva, Carl Freedman defende a importância da ficção científica se afirmar como um objeto político e, principalmente, como um exercício de práxis. A práxis, união entre a ação transformadora com teoria, na ficção científica se propõe a diferenciar-se das teorias abstratas que permanecem no mundo das ideias. Entretanto, o autor aponta que é comum que as ficções científicas com teor filosófico e reflexivo elevado não tenham o destaque merecido, como é o caso de *Duna* seguindo a perspectiva de Freedman. Por isso, o gênero é muitas vezes despolidizado.

A intenção dos cânones dominantes (embora não necessariamente em um sentido conspiratório, claro) é, assim, incentivar uma compreensão superficial do gênero, enquanto desestimulam a atenção séria aos autores que poderiam refutar de maneira mais consequente tais mistificações. O efeito geral é insinuar a ideia de que a ficção científica é um tipo literário quase intrinsecamente negligenciável, e esse efeito é alcançado sem nem mesmo o esforço de formular uma definição explicitamente desfavorável. (FREEDMAN, 1998, p. 87 - tradução nossa)<sup>24</sup>

Em outras palavras, mesmo que tais obras se proponham a desempenhar um papel politicamente ativo em nossa sociedade, é comum que o próprio mercado tende a invisibilizar suas pautas e simplificar sua crítica. Apesar de *Duna* ser uma das obras mais conhecidas da ficção científica, já tendo sido adaptada aos cinemas por Denis Villeneuve e por David Lynch, Freedman defende que esta não recebe a mesma atenção que *Star Wars* ou *Star Trek*. Semelhantemente, Immerwahr argumenta como os povos Quileute que inspiraram *Duna* não recebem o reconhecimento devido, afirmando que há mais interesse em suas versões fictícias do que em sua própria cultura.

Os diferentes sujeitos, tidos como estranhos, apresentados na ficção científica são apenas um reflexo da sociedade em que vivemos. Em contraste, Darko Suvin afirma que a ficção científica retrocede quando entra no conto de fadas e no impossível. Para o autor, a ficção científica é excepcionalmente uma crítica social que tem como intuito indagar seus leitores. Já sabemos que as FCs mais leves ganham mais destaque na mídia, entretanto, para Suvin sua experiência é passageira e só serve para novos leitores. Ao mesmo tempo em que essas obras perdem seu potencial crítico quando não são politizadas ou se misturam com a fantasia, outros trabalhos com alto teor político tendem a não receber a mesma atenção.

A contradição entre o gênero e os modos do mercado enfatizam a lógica colonialista que se faz presente em nossa sociedade. O apagamento dos povos Quileutes e da crítica de

---

<sup>24</sup> The intent of the dominant canonizers (though not necessarily in any conspiratorial sense, of course) is thus to encourage a superficial understanding of the genre while discouraging serious attention to those authors who could most consequentially refute such mystifications. The general effect is to insinuate a notion of science fiction as an almost intrinsically negligible literary kind, and this effect is achieved without even the labor of formulating an explicitly dyslogistic definition. (FREEDMAN, 1998, p. 87)

Frank Herbert não são somente uma estratégia comercial, mas uma violência simbólica que se propõe a manter um sistema opressivo e orientado pelo capital. Como demonstra Silvia Federici, a inferiorização desses corpos se propõe a destruir sua autonomia e prosseguir acumulando lucro a partir da sua mercantilização. É indispensável a promoção de trabalhos que deem voz a minorias étnicas, para que enfim seja possível promover equidade após séculos de desumanização. Apesar de muitos desses debates não ultrapassarem suas bolhas, é a partir das figuras de linguagem e da distorção do real que muitos desses temas se disseminam.

Devido a todas essas prerrogativas, é comum que a ficção científica utilize metáforas para nos ajudar a pensar de forma ativa na humanidade. Donna Haraway, em *Manifesto Ciborgue*, nos mostra que a FC e as metáforas não são somente conceitos abstratos, mas epistemologias capazes de entrelaçar ciência, conceitos e todas as formas de vida. Em *Duna*, se pensarmos a ficção científica para Haraway, nós somos conduzidos à importância do coletivo a partir dos Fremen e, principalmente, somos convidados a estarmos abertos a construir um mundo mais ecológico, rejeitando visões tradicionalistas e limitantes.

A partir de metáforas, alegorias e novos enredos, é possível resgatar as narrativas marginalizadas pelo antropoceno. As epistemologias do Sul Global, como discutido por Elizabeth De Loughrey (2019), não devem, nem podem, ser ignoradas. Nesse contexto, o uso de alegorias se torna uma ferramenta fundamental para que possamos melhor compreender as crises ambientais do presente e dar voz aos povos colonizados durante esses eventos.

Escritores pós-coloniais e indígenas continuam a utilizar dispositivos alegóricos como respostas mutáveis e vitais ao império, à ditadura, à globalização, ao colonialismo de assentamento e à crise ecológica. Um grande número de críticos argumenta, de forma convincente, que o questionamento da história e da autoridade — constitutivo da alegoria — tem sido fundamental para a crítica ao império e aos sistemas de totalidade e dominação. (LOUGHREY, 2019, p. 17 - tradução nossa)<sup>25</sup>

Dessa forma, não só presente no plano das ideias e estruturas simbólicas, as alegorias são utilizadas enquanto forma de resistência de um povo historicamente marginalizado. As narrativas dominantes tendem a silenciar os povos indígenas, mulheres e corpos que fogem da normativa. Assim, mesmo com diversos boicotes da indústria, a perseverança desses grupos permite a reconstrução de suas narrativas sejam reconstruídas e a revisão da história contada

---

<sup>25</sup> Postcolonial and Indigenous writers continue to engage allegorical devices as mutable and vital responses to empire, dictatorship, globalization, settler colonialism, and ecological crisis, and a large body of critics have argued, persuasively, that the questioning of history and authority that is constitutive to allegory has been integral to the critique of empire and systems of totality and dominance.

pelos vencedores. Em *Duna*, fica evidente que os Fremen se recusam a esquecer todas as gerações que herdaram e controlaram seu planeta.

Por consequência, é comum que essas narrativas históricas demonstrem como o impacto ambiental está diretamente ligado ao aumento da opressão de mulheres, povos indígenas e pessoas negras. Em virtude disso, a representação da natureza devastada e a relação de um povo com sua terra tem grande destaque dentro da literatura antropocênica. A partir desses recursos, é possível chamar atenção para pautas negligenciadas e clamar a relevância dessas questões nos dias de hoje.

Expandindo essa perspectiva crítica, a ficção científica indígena não apenas denuncia os efeitos do colonialismo ambiental, mas também propõe novas formas de existência e resistência. Nesse movimento, ela tece críticas à clássica FC que se baseia principalmente na colonização e conquista de outros mundos. O gênero futurista, como discute Miriam C. Brown Spiers (2021), dá destaque às epistemologias de povos indígenas aliadas à ciência. A perspectiva decolonial é fundamental para ressaltar a relevância e a força dos saberes dos povos indígenas, bem como propor alternativas para a sobrevivência no futuro. Spiers discorre acerca de escritores indígenas:

seus textos reforçam o desejo de que a humanidade dos povos indígenas seja reconhecida — mas não assimilada — e também incorporam a exigência nacionalista de que os povos indígenas sejam respeitados como entidades políticas distintas e, portanto, reconhecidos como nações soberanas. (SPIERS, 2021, p. 13 - tradução nossa).<sup>26</sup>

Dessa forma, o gênero se propõe a fugir de estereótipos estipulados pelo senso comum e recusa a desumanização imposta por seus colonizadores. O futurismo indígena questiona o que há de absoluto em nossa sociedade e demonstra que sua história vai muito além da colonização de seus diversos povos. Ainda que as intenções de Herbert, ao representar os povos Quileute, fossem positivas, Spiers demonstra que a apropriação de seus conhecimentos descredibiliza suas culturas e cria uma narrativa estereotipada. Em suma, podemos perceber que o gênero proposto busca superar a ficção científica colonial e se propõe a emancipar a voz dos povos indígenas.

Enquanto a ficção científica indígena busca apresentar o mundo de forma holística, a ficção científica com o viés do Antropoceno narra os conflitos geopolíticos da mudança climática. Adam Trexler discute que o gênero é constantemente obrigado a se atualizar,

---

<sup>26</sup> “their texts reinforce a desire for Native people’s humanity to be acknowledged—but not assimilated—and they also embody the nationalist demand that Indigenous peoples be respected as distinct political entities and thus recognized as sovereign nations.”(SPIERS, 2021, p. 13)

sempre questionando as relações em nosso meio e qual é o papel da tecnologia no Antropoceno. Assim, apesar de Trexler demonstrar uma crítica às tradicionais ficções científicas e incentivar o desenvolvimento de obras que fujam do Norte Global, a ficção científica indígena se propõe a romper com o pensamento ocidental e prioriza os saberes locais como opções para solucionar os problemas ambientais.

Entretanto, os problemas ambientais e coloniais não são as únicas tensões dentro da ficção científica. As disputas de gênero são uma pauta importante deste, em *Duna* podemos perceber que as mulheres desempenham um papel subversivo politicamente. Como defende Haraway, as mulheres na ficção científica lutam constantemente pela emancipação de seus corpos perante aos sistemas de dominação. As Bene Gesserit, de fato, disputam a narrativa colonialista dentro do universo, sendo seu principal objetivo a junção das casas no poder e a unificação do Estado. Apesar de serem “criadas para obedecer”<sup>27</sup>, a manipulação da organização tida como “bruxa” antecipa os movimentos políticos de seu meio e promove estratégias que tragam poder para si.

Apesar de possuírem um poder considerável ao longo da saga, a representação das personagens femininas em *Duna* reflete a desigualdade de gênero estruturada em um sistema opressivo e exploratório (DELANY, 2009). A narrativa de Frank Herbert espelha o sexismo presente em nossa sociedade, evidenciando como as mulheres são frequentemente instrumentalizadas em função dos sujeitos masculinos. Lady Jessica, por exemplo, ainda que desafie a ordem das Bene Gesserit ao gerar um filho homem, motivada pelo desejo do Duke Leto, tem a maioria de suas ações e decisões orientadas em favor de seu primogênito. Embora a saga passe a dar maior protagonismo às personagens femininas nos volumes posteriores, seus principais conflitos continuam frequentemente vinculados à ordem das Bene Gesserit, o que limita a construção de subjetividades autônomas e desvinculadas de estruturas institucionais. Assim, Samuel R. Delany discorre que a construção de um bom personagem na FC depende:

Um bom personagem, de qualquer sexo, deve ser mostrado realizando ações com propósito (que fazem a trama avançar), ações habituais (que o definem de maneira particular) e ações gratuitas (ações que sugerem uma vida além dos limites da ficção). Simplesmente por causa da forma como a maioria dos livros é estruturada, os personagens masculinos geralmente têm a oportunidade de realizar os três tipos de ações. As personagens femininas, no entanto — se forem do tipo “vilã má”, têm apenas ações com propósito, mas nenhuma habitual ou gratuita; se forem do tipo “boazinha ingênua”, têm apenas ações gratuitas, mas nenhuma com propósito ou habitual. (DELANY, 2009, p. 101 - tradução nossa)

<sup>27</sup>Como demonstra o *Malleus Maleficarum*, manual inquisitorial que reflete a mentalidade cristã patriarcal responsável por moldar grande parte do Ocidente.

O autor aponta a dualidade limitante das personagens femininas no gênero. Nesse contexto, as obras de Herbert superam, em parte, esses estereótipos. Em especial, Duna apresenta relações femininas que vão além do enredo central da história e da atuação dos sujeitos masculinos. As personagens de Herbert não se limitam a desempenhar o papel de interesse amoroso; suas funções abrangem desde guerreiras, mães e sacerdotisas até estrategistas, ocupando posições cruciais nas disputas imperiais. Ainda que haja limitações e traços de sexismo na obra em análise, é preciso compreendê-la como uma produção do século passado, que não se propõe à perfeição.

Em diálogo com a crítica ecofeminista, a ficção científica constitui um espaço ideal para a práxis da crítica feminista ecocrítica. Irene Sanz Alonso demonstra que, a partir dessas abordagens, é possível eliminar as hierarquias de gênero e propor novas relações entre os seres humanos para com a natureza. Considerando os aspectos estruturais do contexto atual, a crítica ecofeminista permite compreendermos que a raiz estrutural da sociedade patriarcal se pauta na exploração tanto de mulheres quanto da natureza e, é claro, de todos os que são colocados como “outros”: minorias, não humanos, e diversas formas de alteridade. Assim, Vakoch estabelece:

A ficção científica explora como chegamos até aqui, ao mesmo tempo em que aponta para um caminho mais esperançoso adiante. Sob uma perspectiva ecofeminista, uma das causas centrais da nossa atual catástrofe ecológica é a dominação patriarcal da natureza, que ocorre em paralelo à opressão das mulheres. Como alternativa a futuros distópicos que parecem cada vez mais inevitáveis, a ficção científica ecofeminista nos ajuda a imaginar utopias que promovem a sustentabilidade ambiental com base em relações humanas mais igualitárias. (VAKOCH, 2021, p. 4 - tradução nossa)<sup>28</sup>

Para além de apenas problematizar a pauta ambiental na literatura, as lentes do ecofeminismo e da decolonialidade são fundamentais na construção de uma ecologia emancipadora. Nesse sentido, faz-se importante notar que não apenas devemos imaginar e problematizar cenários mais ecológicos, mas principalmente proporcionar reflexões que nos conduzam a um mundo mais justo e equitativo. Como define Alonso, é a partir da liberdade especulativa da ficção científica que autoras constroem novas realidades narrativas capazes de

---

<sup>28</sup> Science fiction explores how we got here, while pointing toward a more hopeful path forward. From an ecofeminist perspective, a core cause of our current ecological catastrophe is the patriarchal domination of nature, playing out in parallel with the oppression of women. As an alternative to dystopian futures that seem increasingly inevitable, ecofeminist science fiction helps us conjure utopias that promote environmental sustainability based on more egalitarian human relationships. (VAKOCH, 2021, p. 4)

subverter as estruturas capitalistas e hierarquias fixas, propondo modos alternativos de existência.

Apesar de a ficção científica ter sido historicamente considerada um campo predominantemente masculino, sua autorização poética permite que o gênero acolha debates antes considerados inquestionáveis. Seja para projetar um futuro desesperançoso ou imaginar uma sociedade sem hierarquias de gênero e entre não humanos, a ficção científica nos distancia de nossas existências e possibilita que exercitemos nosso olhar ao outro. Se antes sonhávamos com um futuro tecnológico, o que almejamos agora é a arte que emancipa, democratiza e estende seus direitos a todos os terráqueos.

### **1.3 Corpos dissidentes e decolonialidade: Gênero, etno-raças e alteridade em Duna.**

As relações de opressão sofridas por minorias étnicas, mulheres e natureza são temas de destaque no ecofeminismo. A partir da consolidação do Estado e da criação da propriedade privada, as estruturas de poder patriarcais começam a instaurar a exploração desses sujeitos da forma como conhecemos na modernidade. O capitalismo opera de modo que o trabalho não remunerado e o uso desenfreado de recursos sejam forças motrizes na acumulação de capital. Assim, a cadeia hierárquica patriarcal impõe não somente o espaço que esses sujeitos ocupem em uma cadeia produtiva, mas também que sejam os mais vulneráveis frente a qualquer adversidade.

A colonização demonizou e desumanizou corpos indígenas ao redor de todo o globo, a exploração dos recursos e mão de obra desses povos foi justificada a partir da sua cristianização. A criação do “outro” estabeleceu a animalização desses sujeitos e os colocava enquanto não humanos. Nesse sentido, a construção da narrativa do selvagem canibal legitimou a exploração de seus recursos e vidas ao longo dos séculos. A depreciação dos povos indígenas e de sua terra foi fundamental para o seu uso indiscriminado, construindo heranças que afetam a economia até os dias de hoje. Como demonstram as palavras de Leto Atreides:

Temos aí o potencial de um corpo tão forte e mortal quanto os Sardaukar. Será necessário paciência para explorá-los secretamente e riqueza para equipá-los adequadamente. Mas os Fremen estão lá... e a riqueza do melange está lá. Agora você entende por que entramos em Arrakis sabendo que a armadilha está lá (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 71 - tradução nossa).<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> We have there the potential of a corps as strong and deadly as the Sardaukar. It'll require patience to exploit them secretly and wealth to equip them properly. But the Fremen are there . . . and the spice wealth is there. You

Portanto, a instrumentalização dos povos indígenas e negros se pautou também em suas características físicas. A dominação demonstrada pelo Império não é somente econômica, mas tem raízes profundas na desumanização desses povos. Não só construídos enquanto o outro, mas destacados muitas vezes a partir de sua aparência ou de comportamentos considerados selvagens. Assim, podemos pensar a partir de Franz Fanon (2008) em raça enquanto uma construção social, não algo biológico. O processo colonial não é somente cruel, mas cria angústias e conflitos internos de identidade cultural. A leva de “civilização” trouxe doenças, sexismo e racismo para todas as colônias, demonstrando que a única solução é a revolta.

Aime Césaire rebate as promessas de progresso com a realidade dos colonizados - pra trás fica um rastro de assassinato, terras tomadas e culturas inteiras suprimidas. O homem indígena é tornado em um instrumento de produção e suas relações comunais são rompidas. Assim, podemos notar a intencionalidade na máquina colonialista a partir de Césaire:

ninguém coloniza inocentemente, nem ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização - portanto, a força - é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama o seu Hitler, isto é, o seu castigo. (CÉSAIRE, 1978, p. 21)

A omissão dos colonizadores ou a minimização de seus atos impede até os dias de hoje uma resolução aos massacre. A recusa burguesa de promover uma mudança significa abrir mão de seus próprios privilégios. Não há como revivermos as sociedades comunais pré-colonização, é preciso pensar em conjunto na criação de um novo modelo de sociedade que se paute nos corpos dissidentes. A Revolução, proposta por Césaire, emancipa o proletariado e privilegiará a todos, dando fim à supremacia burguesa. Entretanto, podemos notar em *Duna* a resistência Atreide em romper com a narrativa colonialista, colocando-se enquanto agente central na emancipação de Arrakis:

“Quem aqui pode dizer que eu não sou o governante legítimo de Arrakis? Preciso provar isso deixando cada tribo Fremen no erg sem um líder? [...] Devo subtrair da nossa força justamente quando mais precisamos dela?”, perguntou Paul. “Eu sou o seu governante, e digo a vocês que é hora de pararmos de matar nossos melhores homens e começarmos a matar nossos verdadeiros inimigos — os Harkonnen.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 695 - tradução nossa)<sup>30</sup>

---

see now why we walk into Arrakis, knowing the trap is there. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 71).

<sup>30</sup> "Who is there here to say I'm not the rightful ruler on Arrakis? Must I prove it by leaving every Fremen tribe in the erg without a leader?" Beside Paul, Stilgar stirred, looked at him questioningly. "Will I subtract from our strength when we need it most?" Paul asked. "I am your ruler, and I say to you that it is time we stopped killing

Dessa maneira, a omissão Atreide reforça as estruturas de poder propostas por Césaire, demonstrando como a falta de liderança política dos Fremen não é coincidência. Apesar de Paul Atreides passar a ser considerado um Fremen, sua narrativa de poder invisibiliza as vozes dos povos originários de Arrakis e pauta suas decisões de acordo com seus interesses privados. A passagem de poder dos Harkonnens para os Atreides demonstra a coisificação e mercantilização do planeta, reduzindo seu valor ao lucro e ignorando as vozes dos seus povos nativos.

A colonialidade, herança imposta dos colonizadores, afeta até os dias de hoje toda estrutura de poder nas colônias. Mesmo com a partida dos europeus das Américas, a colonialidade do poder faz com que os próprios indivíduos dessas sociedades sejam instrumentos de manutenção desse sistema. Assim, os conceitos propostos por Aníbal Quijano demonstra como nos tornamos reféns de um regime capitalista - que afeta as esferas trabalhistas, científicas e raciais.

Os conceitos humanistas e de valorização do homem, infelizmente, não conseguiram transpor as barreiras europeias. A civilização permanece com o colonizador, assim como a valorização do indivíduo. Nesse sentido, ao longo da trilogia, podemos acompanhar a constante desumanização e animalização dos Fremen. Como consequência dessa objetificação, seus corpos são reduzidos a estereótipos, e suas identidades, apagadas. O processo de inferiorização de povos colonizados, como os Fremen, afeta também o psicológico dessas populações, gerando uma forma de dependência imaginária, por exemplo, nos mitos que anunciam a chegada do Mahdi (Messias) como figura redentora.

Entretanto, a crença de que um homem os salvaria foi, na verdade, desenvolvida e implantada pelas Bene Gesserit, chamada de Missionária Protetiva. Assim, essa dependência não é inata, mas sim construída, como propõe Fanon (2008). *Duna* demonstra como o processo de colonização afeta as relações de poder e alteridade em Arrakis. Dessa forma, seria impossível compreender por completo a história da trilogia sem considerarmos os processos coloniais e de como o Império naturalizou a exploração do planeta. Essa lógica aparece, por exemplo, quando o Barão Harkonnen afirma:

*É mais do que justo. Fomos nós que domamos Arrakis... exceto por alguns poucos Fremen mestiços escondidos nas franjas do deserto... e alguns contrabandistas domesticados, presos ao planeta quase tão fortemente quanto a mão de obra nativa.* (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 33 - tradução nossa)<sup>31</sup>

off our best men and started killing our real enemies -- the Harkonnens!"(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 695)

<sup>31</sup> *It's only just. We're the ones who tamed Arrakis . . . except for the few mongrel Fremen hiding in the skirts of*

Como podemos observar a partir das palavras do Barão, o controle sobre o território, os recursos e a natureza é naturalizado como um direito do colonizador no exato momento em que os Fremen são inferiorizados. A divisão racial entre superiores e inferiores estabelece quais casas terão o poder de governar Arrakis, inclusive legitimando que seus governantes sejam escolhidos a partir de suas linhagens aristocráticas, e não em qualquer relação autêntica ou democrática com o seu povo. O sistema político do Império excluía a participação de outros grupos em sua tomada de decisão e protegiam o interesse econômico de cada casa.

A disputa política e econômica de Arrakis demonstra a objetificação do planeta e como a vida do seu povo é ignorada. Assim, podemos perceber como o interesse do colonizador se limita à exploração dos recursos naturais, ignorando a cultura e modos de vida dos povos que ali habitam. Os elogios só são demonstrados a partir da subalternização, como demonstra o Barão, o reconhecimento da ação Fremen no deserto se apresenta enquanto exceção e não competência. Entretanto, podemos observar como a manutenção dos hábitos culturais dos povos de Arrakis está diretamente ligada à sua resistência: seus modos de vida promovem um equilíbrio ecológico e reafirmam uma memória ancestral que os conecta à terra e aos saberes transmitidos por gerações.

Desse modo, a cultura Fremen é marcada por uma relação de profundo respeito com os recursos naturais, especialmente a água, elemento sagrado em sua cosmovisão. Esse valor coletivo se manifesta tanto na partilha igualitária dos recursos quanto em práticas cotidianas, como o uso dos trajes destiladores, equipamentos capazes de preservar e reutilizar a umidade do corpo, até mesmo nos rituais que envolvem a morte em combate. Em contraste com essa harmonia ecológica, as casas colonizadoras que exploram Arrakis demonstram interesse exclusivo na extração da especiaria, ignorando os saberes e modos de vida locais. Essa oposição entre exploração e cuidado com o meio ambiente é central para a crítica ecológica presente na narrativa.

A chegada dos Atreides a Arrakis altera as relações de poder no Império, que passa a instrumentalizar a religião em benefício de seus próprios interesses. Lady Jessica, formada nos modos da Bene Gesserit, ao fugir para o deserto com Paul e ser acolhida pelo sietch Fremen, recebe a oportunidade de se tornar Reverenda Madre. O processo de transformação, que envolve o consumo de um líquido secretado por um verme de areia, permite que ela acesse as memórias de todas as mulheres que ocuparam essa posição antes dela. Apesar de

---

*the desert . . . and some tame smugglers bound to the planet almost as tightly as the native labor pool.*  
(HERBERT, 1965, p. 33)

assumir uma posição de liderança religiosa e se conectar profundamente com a cultura Fremen, seu papel se revela essencial para a consagração de Paul como o messias libertador.

Ao abordar uma ecologia decolonial, Malcom Ferdinand demonstra que a libertação ecológica pelos mesmos sujeitos que lideraram a colonização. Nesse sentido, mesmo que os Atreides se apresentem enquanto sujeitos mais humanos do que os Harkonnen, seus saberes são confluentes aos saberes de seu planeta natal, Caladan - que representam de certa forma discursos eurocêntricos. Nesse sentido, uma transformação ambiental pautada pelo colonizador corre o risco de reproduzir as mesmas opressões já existentes e ignorar os saberes dos povos originários. O incômodo de Stilgar evidencia as contradições de uma emancipação que ignora os saberes dos Fremen:

*"Como as coisas eram simples quando nosso Messias era apenas um sonho", ele pensou. "Ao encontrar nosso Mahdi, liberamos pelo universo incontáveis sonhos messiânicos. Cada povo subjugado pela jihad agora sonha com um líder que ainda virá." Stilgar lançou um olhar para o quarto escurecido. "Se minha faca libertasse todos esses povos, eles fariam de mim um messias?"(HERBERT, 2020, vol. 3, p. 4 - tradução nossa)<sup>32</sup>*

As queixas de Stilgar demonstram como a promessa de libertação trouxe também repressão a outros povos e ressaltam o arrependimento de ter criado um messias. O culto a Paul Atreides apresenta uma nova ordem política que continua se pautando nos discursos colonialistas. Apesar de Muad Dib, também conhecido como Usul ou Paul Atreides, se arrepender das mortes geradas pela jihad e ter tido visões da trilha de mortos que seu governo traria, sua liderança continua reproduzindo desigualdades sob o pretexto da salvação.

Como já havia alertado Albert Memmi (2007), o colonizador depende do colonizado e da vida na colônia para que seus privilégios sejam assegurados. Assim, o autor demonstra como estes são usurpadores perante os colonizados. Mesmo que Paul Atreides critique a violência colonial, apontado por Memmi como o colonizador de boa vontade, ele não está disposto a abrir mão de onde está. Nesse sentido, é preciso constatar que não há colonização positiva ou neutra, o protagonista de *Duna* sente remorso ao assassinar pessoas em toda a galáxia - mas não o suficiente para inverter as ordens de poder.

Complementando essa perspectiva, Frantz Fanon (2008) demonstra como a objetificação do negro o reduz a estereótipos raciais e impede a sua autonomia dentro de uma sociedade. Assim, a colonização afeta a identidade dos povos autóctones e invalida suas

<sup>32</sup> "How simple things were when our Messiah was only a dream, he thought. By finding our Mahdi we loosed upon the universe countless messianic dreams. Every people subjugated by the jihad now dreams of a leader to come. Stilgar glanced into the darkened bedchamber. If my knife liberated all of those people, would they make a messiah of me?" (HERBERT, 2020, vol. 3, p. 4)

existências, resultando na negação de suas existências. Entretanto, mesmo quando estes são libertos, sua emancipação ainda permanece condicionada às estruturas impostas pelo colonizador. Como Fanon demonstra em:

Mas o preto ignora o preço da liberdade, pois ele não lutou por ela. De tempos em tempos ele luta pela Liberdade e pela Justiça, mas se trata sempre de liberdade branca e de justiça branca, de valores secretados pelos senhores. (FANON, 2008, p. 183)

Em consonância com essa ideia, podemos observar que a emancipação dos Fremen os mantém reféns das relações de poder instauradas pelos Atreides. Do mesmo modo, os animais também são instrumentalizados enquanto recursos no universo de Herbert. Gary L. Francione e Anna Charlton (2015) exploram os direitos dos animais ao estabelecerem seus interesses, o de não sofrer e o de não morrer. Ao torná-los propriedades, sua vida depende exclusivamente de quem atribui seu valor e seus interesses possivelmente serão desconsiderados.

Em reflexão com o referente ausente, conceito desenvolvido por Carol J. Adams (2018), observamos como os corpos de animais e das mulheres são reduzidos a objetos e à sua utilidade, apagando sua condição de sujeitos. De maneira semelhante, tanto os vermes de areia quanto os Fremen são invisibilizados por meio da linguagem, sendo subordinados e renomeados em função da melange. Embora ambos sejam fundamentais para a existência e o funcionamento de Arrakis, sua presença só é reconhecida a partir da interferência nos planos das casas dominantes, como os Harkonnen, e não por seu valor intrínseco ou autonomia.

As doenças não foram a única herança trazida pelos europeus à América, como demonstra Silvia Federici, a misoginia reestruturou as relações nas colônias e implementou privilégios políticos aos homens. A separação ocidental entre mulheres e natureza foi crucial para a consolidação dos fenômenos de exploração capitalista, pois os trabalhos medicinais antes exercidos pelas mulheres passaram a ser vistos como bruxaria. Essa ruptura representou também o fim de séculos de conhecimentos de medicina natural, transmitidos de mãe para filha, e contribuiu para a limitação de algumas mulheres ao espaço do trabalho doméstico. Nesse sentido, podemos perceber que a separação entre homem e natureza não apenas instituiu uma hierarquia simbólica, mas também legitima o domínio e o controle econômico sobre os corpos e saberes considerados inferiores.

Quando o homem começou a se “civilizar”, a se separar da natureza, a se colocar acima dela — e acima da mulher (ele tornou-se Mente, ela tornou-se Carnalidade) — e dos outros animais, ele começou a buscar poder sobre a natureza, um controle mágico. Os cultos de bruxas ainda mantinham um forte senso de que as pessoas faziam parte da natureza, e os animais ocupavam um lugar central tanto nos rituais

quanto na consciência das bruxas. (DWORKIN, 1974, p. 145 - tradução nossa).<sup>33</sup>

Nesse sentido, assim como é atribuída à natureza a imposição de sempre se doar, Silvia Federici (2019) aponta como a objetificação feminina foi naturalizada. Compreender esse ofício como algo inerente aos sujeitos femininos foi fundamental para justificar a sua não remuneração e ao papel que seria ocupado por cada mulher. Dessa forma, os marcadores de raça estabelecem as mulheres de Arrakis enquanto inferiores, reduzidas à concubinas. Em *Duna*, podemos notar tais aspectos em:

"Oh-h-h, as garotas da Galácia  
Farão isso por pérolas,  
E as de Arrakis por água!  
Mas se você deseja damas,  
Como chamas consumindo,  
Experimente uma filha de Caladan!" (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 53 - tradução  
nossa)<sup>34</sup>

Podemos compreender a partir desse trecho que o valor dado às mulheres dentro de *Duna*, considerando o valor feminino apenas a partir do que elas podem oferecer, fazendo com que essas sejam vistas de forma objetificada. E ainda, delimitando e sexualizando os lugares que podem ser ocupados por mulheres racializadas, ou seja, a partir de sua raça ou etnia. Em outras palavras, além de reduzir o valor das mulheres dentro da sociedade, essa lógica reforça um sistema patriarcal e contribui para a acumulação de capital. E se, em uma sociedade capitalista, somos reduzidos ao nosso salário, as mulheres e a natureza são destituídas de valor simbólico e econômico.

No que tange a natureza e as mulheres em Arrakis, ambas desempenham um papel fundamental na trama. Entretanto, podemos perceber como o papel da servidão ainda cabe a muitos sujeitos femininos. Assim, "Sou Bene Gesserit: existo apenas para servir" (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 48) afirma a mãe de Paul Atreides e concubina comprometida ao Duque Leto Atreides. A irmandade composta apenas por mulheres e por Lady Jessica questiona suas

<sup>33</sup> When man began to be "civilized," to separate himself out of nature, to place himself over and above woman (he became Mind, she became Carnality) and other animals, he began to seek power over nature, magical control. The witch cults still had a strong sense of people as part of nature, and animals maintained a prime place in both ritual and consciousness for the witches. (DWORKIN, 1974, p. 145)

<sup>34</sup> "Oh-h-h, the Galacian girls  
Will do it for pearls,  
And the Arrakeen for water!  
But if you desire dames  
Like consuming flames,  
Try a Caladanin daughter!" (HERBERT, 2029, vol. 1, p. 53)

decisões ao ter um filho com o Duque Leto Atreides e não uma filha, visto que essa poderia se casar com um herdeiro Harkonnen e encerrar uma rixa já existente. Em outras palavras, apesar das Bene Gesserit terem um papel político fundamental ao buscarem estabilidade, estas utilizam-se em maior parte do controle dos corpos femininos para atingir seus objetivos.

Entretanto, podemos perceber Lady Jessica tanto como um corpo disciplinado quanto um corpo opressor, pensando nos conceitos inspirados por Elódia Xávier (2021). A personagem, ao mesmo tempo que reproduz comportamentos que lhe foram impostos e tenta fugir da servidão, é uma mulher que inferioriza outras mulheres e se coloca enquanto superior hierarquicamente. Como podemos perceber em: Paul precisa ser cauteloso com as mulheres deles. Uma dessas mulheres do deserto não serviria como a esposa de um Duque. Como concubina, sim, mas não como esposa.”(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 502 - tradução nossa)<sup>35</sup>

Apesar de ter exercido o papel de concubina, a personagem acreditava ter sido muito mais que isso e defende em alguns momentos que teria casado com o Duque Leto caso quisesse. Lady Jessica nunca aceitou ser inferiorizada por ser mulher, mas não estende as mesmas concepções quando se trata das mulheres do deserto. A partir de Federici (2017), podemos compreender que dentro da bolha patriarcal e colonialista que determina o valor das mulheres, não há emancipação feminina sem a libertação dos corpos marginalizados. A compreensão da opressão reproduzida por Lady Jessica é fundamental quando observamos as estruturas de poder das Bene Gesserit.

A ordem das Bene Gesserit subverte, de forma simbólica, o movimento de caça às bruxas europeu. É a partir da objetificação e da instrumentalização dos corpos de mulheres que estas pretendem unificar o Império e trazer mais relevância política. Entretanto, o grupo se diferencia ao ter mulheres controlando suas estruturas e ao proteger os conhecimentos femininos. Marcos Antonio de Lopes afirma que o movimento contra as bruxas, fortalecido pela religião e Estado, se propunha a desintegrar as relações comunais e garantir mais poder político às estruturas governamentais. Desse modo, as Bene Gesserit serem reconhecidas enquanto bruxas é apenas um detalhe na narrativa de **Duna**. Nesse sentido, as estruturas políticas utilizadas pelas Bene Gesserit se assemelham ao movimento medieval, mas demonstram o acúmulo de poder genético, político e espiritual.

Contudo, o movimento ser formado apenas por mulheres não exclui problemáticas sociais e raciais. E principalmente, podemos observar como o grupo com frequência se coloca de forma superior aos animais ‘irracionais’. Como quando Lady Jessica recita um

---

<sup>35</sup> Paul must be cautioned about their women. One of these desert women would not do as wife to a Duke. As concubine, yes, but not as wife. (HERBERT, 2010, p. 502)

ensinamento antigo, "Humanos nunca devem se submeter aos animais."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 38 - tradução nossa)<sup>36</sup>. A ordem demonstra e reforça as hierarquias de poder dentro de uma sociedade, mas falham ao promoverem o discurso de emancipação a todos. Podemos observar que o principal objetivo do grupo é ganhar mais autonomia política e conquistar mais privilégios, não compartilhá-los. Assim, quando pensamos em emancipação feminina, não basta pensar somente na mulher branca e privilegiada.

O ecofeminismo do Sul Global se propõe a lutar por uma justiça ambiental que englobe a todos. Alicia H. Puleo discorre, em *Cuidados y ecofeminismo* (2023), que não é possível alcançar uma justiça ambiental sem a justiça social - afirmando que é necessário reconhecer como as opressões de gênero se relacionam com as violências ambientais. Dessa maneira, Puleo defende um diálogo intercultural e foge dos achismos de que justiça ambiental representaria voltar a uma sociedade pré-tecnológica. A autora reforça a importância de trazer os saberes plurais ao ecofeminismo, que combata opressões e que uma nova justiça ambiental não nos recolonize.

Com isso em mente, o ecofeminismo se propõe a aliar os debates ecológicos, de raça, gênero e a toda exploração do não humano. Stephanie Lahar (1991) propõe um ecofeminismo estratégico e engajado, apresentando-o como uma teoria moral que foca na reconstrução social e política das instituições de nossa sociedade. Dessa maneira, se faz mais do que necessário desenvolver pesquisas e projetos na área, observar o feminismo enquanto um organismo vivo, manter uma vida política e desconstruída. Com a moral kantiana em mente, advogar pela integração do ecossistema quebrado pelo homem é a única opção para quem o pode politicamente - lutar por políticas sociais e políticas é apenas o essencial.

Como argumenta Ferdinand, quando a emancipação não é proposta por povos indígenas, negros ou grupos étnicos, ela tende a ter a cara dos colonizadores. Ailton Krenak (2019), em *Ideias para adiar o fim do mundo*, fala que não são somente as vidas indígenas que corriam o risco de serem extintas de sentido, mas que todos podem ter suas vidas afetadas após décadas de explorações desenfreadas. Krenak defende que é preciso restabelecer o sentido da natureza, buscando romper as lógicas extrativistas e capitalistas destes. O afastamento humano e não humano, que se deu nos fenômenos pré-capitalistas, causou uma ruptura de sentido entre as relações humanas para com o outro. Dessa maneira, até o fim do mundo se tornou mais palpável do que considerarmos uma conciliação com o ecossistema terrestre.

---

<sup>36</sup> "Humans should never submit to animals."(HERBERT, 1965, p. 38)

Antonio Bispo dos Santos (2023), também conhecido como Nego Bispo, compara o colonizar com o ato de adestrar um animal, demonstrando como são semelhantes ao tentarem resultar no mesmo objetivo. Nesse sentido, seja para o trabalho ou para objetificação/satisfação, a colonização busca apagar a história e apresentar uma nova narrativa para a cultura de um povo. Bispo propõe uma guerra das denominações, ou contracolonização da língua, para combater o discurso consolidado pelos colonizadores. Logo, “quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende.” (BISPO 2023: 4). Em virtude disso, é preciso que passemos a confluenciar o bem comum.

## ***CAPÍTULO 2 – CHANI ENTRE O AMOR E O IMPÉRIO: COLONIALISMO, MATERNIDADE E BIOPOLÍTICA***

Neste capítulo, nos dedicaremos à análise da personagem Chani e seu papel na trilogia *Duna*, com atenção a representação da mulher e suas implicações ecológicas na narrativa a partir das lentes de Frank Herbert. Inicialmente apresentada nos sonhos de Paul Atreides, Chani passa a ocupar o papel de companheira e concubina do protagonista. Filha do planetólogo Liet-Kynes, ela desempenha um papel de destaque na reestruturação ambiental de Arrakis e também na conexão de Paul com a cultura Fremen. Assim como Lady Jessica, Chani também ocupa o lugar de concubina, o que demonstra algumas tensões entre figuras femininas e suas funções políticas no enredo.

No que tange às questões ecofeministas, a Fremen representa de forma simbólica a exploração imperialista que sofrem mulheres e a natureza. Como filha de Arrakis, o papel imposto à Chani está diretamente ligado ao processo de colonização e apagamento das vozes indígenas após a jihad. Além disso, a maternidade impositiva voltada à garantia da linhagem Atreides passa a ser seu único objetivo em *Messias de Duna*. Desde sua primeira menção, em uma visão, até sua última aparição, antes de sua morte, a personagem demonstra como seu corpo é utilizado enquanto instrumento político, desprovido de autonomia e de um papel ativo.

A despeito do amor de Paul Atreides, a personagem é marginalizada e é restringida à esfera pessoal do protagonista. Enquanto Chani ocupa o espaço privado e sentimental, Irulan desempenha o lugar político como esposa de Paul, representando uma aliança estratégica entre as Grandes Casas da galáxia. Apesar da recusa em conceder um filho a Irulan ou de manter relações pessoais com a mesma, Paul limita o papel exercido para cada mulher em sua vida. Desse modo, ao passo que a filha do Imperador Shaddam IV é responsável por legitimar o poder Atreides, Chani é sucumbida a fornecer herdeiros ao trono.

Com isso, analisar os símbolos que envolvem a personagem se torna fundamental para compreender a representação Fremen, seu corpo campo afetivo e enquanto metáfora para a morte do deserto. Neste sentido, a análise desse capítulo seguiu a seguinte estrutura: 1) Chani e o Corpo-Território: Subalternidade e Resistência Fremen; 2) A Maternidade Compulsória E Biopolítica Do Corpo Feminino Em Duna; E 3) Entre Chani E Irulan: A Segmentação Feminina Entre O Íntimo E O Estatal.

## 2.1 Chani e o Corpo-Território: Subalternidade e Resistência Fremen

Mais do que apenas o interesse amoroso do protagonista, Chani é construída como um dos símbolos da cultura e do corpo político dos Fremen em Duna. Seu corpo, assim como o deserto, é instrumentalizado pelo Império e explorado como uma extensão da terra. Historicamente, tanto o capitalismo quanto o patriarcado tendem a se apropriar da natureza e dos corpos das mulheres, reduzindo-os ao seu potencial lucrativo. Enquanto a natureza é convertida em fonte de extração de recursos materiais, as mulheres são frequentemente destinadas ao trabalho não remunerado e à maternidade compulsória.

Ao sermos apresentados a Chani, sua presença já carrega uma sugestão de ausência de agência. A personagem surge nos sonhos proféticos de Paul, marcando sua introdução a partir da narrativa ótica do olhar masculino. Sua antecipação como figura desejada reforça o questionamento sobre sua autonomia e sua capacidade de escolha dentro da trama. Enquanto subalterna, sua fala é mediada por Paul tanto em sua primeira menção quanto em sua última, em *Messias de Duna*, quando falece sem ter voz própria. Podemos observar, a partir de Spivak (2010), como sua trajetória narrativa é moldada pela perspectiva masculina, tornando-se símbolo da subalternização de mulheres e povos dominados. Assim:

“Sim.” Paul fechou os olhos. “Eu sonhei com uma caverna... e água... e uma garota lá — muito magra, com olhos grandes. Os olhos dela são todos azuis, sem a parte branca. Eu falo com ela e conto sobre você, sobre ver a Reverenda Mãe em Caladan.” Paul abriu os olhos.  
 “E aquilo que você contou para essa estranha garota sobre me ver, aconteceu hoje?”  
 Paul pensou nisso, então: “Sim. Eu digo para a garota que você veio e colocou um selo de estranheza em mim.”  
 “Selo de estranheza,” a velha mulher murmurou, e mais uma vez lançou um olhar para Jessica, voltou sua atenção para Paul. “Diga-me a verdade agora, Paul, você costuma ter sonhos sobre coisas que acontecem depois exatamente como sonhou?”  
 “Sim. E eu já sonhei com essa garota antes.”  
 “Oh? Você a conhece?”  
 “Eu vou conhecê-la.”(HERBERT, 2020, v. 1, p. 39 - tradução nossa)<sup>37</sup>

Em conformidade ao que discutimos anteriormente, em suas aparições seguintes, Chani se torna o elo entre Paul e a cultura Fremen, auxiliando em sua sobrevivência e garantindo a transmissão dos saberes de Arrakis. Ao incorporar esses conhecimentos, a

<sup>37</sup> "Yes." Paul closed his eyes. "I dreamed a cavern . . . and water . . . and a girl there -- very skinny with big eyes. Her eyes are all blue, no whites in them. I talk to her and tell her about you, about seeing the Reverend Mother on Caladan." Paul opened his eyes. "And the thing you tell this strange girl about seeing me, did it happen today?" Paul thought about this, then: "Yes. I tell the girl you came and put a stamp of strangeness on me." "Stamp of strangeness," the old woman breathed, and again she shot a glance at Jessica, returned her attention to Paul. "Tell me truly now, Paul, do you often have dreams of things that happen afterward exactly as you dreamed them?" "Yes. And I've dreamed about that girl before." "Oh? You know her?" "I will know her."(HERBERT, 2020, v. 1, p. 39)

personagem passa a representar também as lutas ecofeministas como forma de resistência. A apropriação dos recursos naturais e dos saberes tradicionalmente femininos converge, em sua trajetória, como um ato de denúncia ao imperialismo presente em *Duna*. Apesar de a trilogia de Herbert abordar as relações complexas entre o ecossistema e as mulheres, é possível observar que o autor investiga, ao longo da obra, os limites da apropriação tanto dos corpos femininos quanto da natureza.

As visões do protagonista funcionam, na narrativa, como metáforas de um território previamente dominado, iludindo os demais personagens com a sensação de liberdade de escolha. Embora o futuro de Chani aparente ser um tempo em aberto, sua trajetória já estava traçada antes mesmo do início de sua relação com Paul. As alegorias presentes nas visões do protagonista, em outros momentos, revelam que todas as mortes provocadas em nome da jihad já haviam sido previstas e, ainda assim, não foram evitadas. Nesse sentido, a convicção de que essas visões são inevitáveis impedem Paul de tomar qualquer ação transformadora, seja para proteger Chani ou para assegurar a sobrevivência dos Fremen. A narrativa, portanto, apresenta o futuro como um território já colonizado pelos Atreides, mesmo antes de se concretizar.

No clássico da ficção científica *Story of Your Life*<sup>38</sup>, de Ted Chiang, as visões revelam um tempo não linear e orgânico, como um presente que faz parte de um ciclo natural da vida. Já em *Duna*, a narrativa tensiona as dinâmicas de poder entre Paul e os outros personagens, minimizando as perspectivas e limitando o livre arbítrio na narrativa. O protagonista consegue visualizar diferentes cenários e possibilidades para seu futuro, decidindo o que considera ideal para a galáxia a partir de suas vivências. A raiz do problema está em seus privilégios, sendo filho de um Duque e de uma Bene Gesserit, Paul pode vivenciar o mundo de forma completamente diferente dos Fremen. Assim como Thufir Hawat questiona no primeiro livro, como Paul poderia compreender as necessidades do povo se jamais sentiu sede?

Ao longo da narrativa, Chani tem sua agência e liberdade comprometidas, sendo muitas vezes reduzida a uma extensão política dos planos de Paul. Mesmo após sua morte, quando surge a possibilidade de ressuscitá-la, a decisão recai sobre Paul até que este opte por silenciar de forma definitiva sua voz. O patriarcado, assim, demonstra como o sistema controla os corpos das mulheres inclusive após a sua vida. Ao cumprir sua função reprodutiva e dar à luz aos herdeiros do Império, Chani é silenciada pela narrativa, encerrando sua

---

<sup>38</sup> O conto de ficção científica, de Ted Chiang (1998), inspirou o filme *Arrival*, dirigido por Denis Villeneuve, assim como *Duna*. A narrativa acompanha uma linguista e um físico Gary Donnelly trabalhando juntos para compreender os propósitos da visita dos heptapods, uma raça alienígena. A história é apresentada de forma não linear, refletindo a noção de tempo desses seres alienígenas.

presença como se seu único propósito tivesse sido cumprido.

Com o falecimento de Chani, mesmo que em um contexto diferente, Paul deixa seus filhos para trás com Irulan e Alia. A morte de Chani representa o esvaziamento final do "referente feminino" que conectava Paul aos Fremen e Arrakis. Enquanto mulher nativa, Chani conectava o Messias ao povo que o auxiliou a derrubar o Império Harkonnen, mas sua função termina quando produz os herdeiros do Império. Após esses momentos, Paul renuncia tudo, a paternidade e o trono, dissolvendo-se no deserto. Chani, ainda morta, permanece como referente ausente, silenciada e descartada, enquanto Paul se apresenta incapaz de sustentá-la como presença simbólica, opta pela fuga.

Ainda assim, podemos observar que sua existência é profundamente atravessada por toda cultura e saberes Fremen, bem como o respeito à tradição. Chani representa a conexão entre seu povo e Paul Atreides, seja através dos seus ensinamentos ou por meio do seu relacionamento amoroso. No entanto, Paul, quase como um déspota esclarecido, re-coloniza seu corpo com ferramentas coloniais: sua ligação com a nativa de Arrakis é instrumentalizada até que o Império obtenha os resultados necessários na manutenção de seu governantes. O amor, de Paul Atreides, é irrelevante quando percebemos que Chani passa a ser como uma extensão dos propósitos políticos de seu companheiro após se conhecerem.

Apesar de ser introduzida nos sonhos/visões do protagonista anteriormente, Chani aparece pela primeira vez ao defender seu grupo perante o protagonista e sua mãe. Assim, no trecho:

À luz do luar e ao reflexo da pedra cinza, Paul viu uma pequena figura com roupas Fremen, um rosto sombreado espiando para ele de dentro do capuz, e o cano de uma das armas de projétil apontado para ele a partir de uma dobra da roupa. “Eu sou Chani, filha de Liet.” A voz era melodiosa, meio cheia de risos. “Eu não teria permitido que você fizesse mal aos meus companheiros,” ela disse.(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 461 - tradução nossa)<sup>39</sup>

Mesmo com sua pequena estatura e candura, a personagem utiliza sua agilidade para garantir a segurança de seus companheiros e demonstra, principalmente, a importância do coletivo na cultura Fremen. Entretanto, ao se apresentar, a personagem automaticamente se filia ao pai, como se precisasse dele para validá-la. Dessa maneira, sua identidade é legitimada pela imagem de seu pai, o que afeta diretamente sua autonomia e confina a personagem em alguns momentos.

---

<sup>39</sup> In the moonlight and reflection off gray stone, Paul saw a small figure in Fremen robes, a shadowed face peering out at him from the hood, and the muzzle of one of the projectile weapons aimed at him from a fold of robe. “I am Chani, daughter of Liet.” The voice was lilting, half filled with laughter. “I would not have permitted you to harm my companions,” she said. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 461)

Historicamente, como demonstra Gerda Lerner (2019) em *A Criação do Patriarcado*, as mulheres foram submetidas ao controle e ao domínio masculino em diversas sociedades ao redor do mundo. No entanto, a liberdade feminina variou conforme a classe social, sendo sua legitimidade, em muitos contextos, construída a partir da autoridade de uma figura paterna ou do matrimônio. Em *Duna*, essa lógica se manifesta na idealização dos corpos femininos, que retira sua subjetividade ao mesmo tempo em que projeta sobre os Fremen uma alteridade marcada pelo exotismo.

A história da colonização, por sua vez, é marcada pela anulação do sujeito e pela dissolução das relações comunais, bem como pela introdução do patriarcado enquanto ferramenta disciplinar. Federici (2017) estabelece que a misoginia disseminada pelos colonizadores reestruturou as sociedades colonizadas em favor dos homens, apagando práticas e saberes que conferiam certo poder às mulheres em seus contextos originários. Tanto em algumas culturas ameríndias quanto entre os Fremen, as mulheres ocupavam papéis socialmente relevantes. Em *Duna*, contudo, permanece ambíguo se a reprodução do sexismo em Arrakis é resultado de um longo processo disciplinador externo ou se a performance social das mulheres já estava imersa nas dinâmicas culturais locais.

De toda forma, é preciso compreender que mesmo os Fremen sendo uma sociedade basicamente patriarcal, sua identidade ainda é símbolo de resistência e de luta contra o império. É a partir de sua resiliência e da vida no deserto que suas identidades se formam, um eterno processo de disputa que marca seu imaginário coletivo. Como propõe Federici:

Trata-se de uma identidade coletiva, adquirida por meio de um processo de luta. Isso quer dizer que as identidades sociais não são apenas cadeias nas quais um sistema hegemônico nos aprisiona, nem vestimentas que não podemos rasgar, virar de cabeça para baixo, descartar. Perceber as identidades sociais como unilateralmente construídas, ignorar a capacidade que temos de mudar nossa identidade social, transformar em distintivos de orgulho os rótulos destinados a nos vilipendiar é assumir a inevitabilidade da derrota, é enxergar o poder somente do lado do mestre. (FEDERICI, 2019, p. 72)

Nesse contexto, Chani, ao mesmo tempo em que é uma figura Fremen poderosa, tem sua existência marcada por contradições patriarcais. Assim, não é possível apagar as marcas da colonização presentes em sua cultura. No entanto, é justamente a partir da emancipação conjunta da natureza e dos Fremen que uma ecologia decolonial se torna possível. Essa emancipação, no entanto, não deve ser conduzida por Paul, mas por Chani e por seu povo. Como propõe Malcom Ferdinand, não basta aplicar um sistema decolonial sem reconhecer o histórico escravocrata e extrativista que fundamentou a colonização de Arrakis. É preciso

desmontar por completo o projeto colonial que objetifica tanto os corpos quanto os ecossistemas. O reconhecimento desse projeto não é apenas importante, é estrutural:

Com seus princípios, seus fundamentos e suas formas, o habitar colonial reúne os processos políticos e ecológicos da colonização europeia. A escravização de homens e mulheres, a exploração da natureza, a conquista das terras e dos povos autóctones, por um lado, e os desmatamentos, a exploração dos recursos minerais e dos solos, por outro, não formam duas realidade distintas, e sim constituem elementos de um mesmo projeto colonial. (FERDINAND, 2022, p. 56)

Em vista disso, compreende-se que não há como dissociar a emancipação dos Fremen da emancipação de seu deserto: ambas demandam intencionalidade e especificidade. Mais do que isso, essa transformação precisa emergir dos próprios povos originários, pois, do contrário, corre-se o risco de testemunhar mais uma revolução moldada pelos ideais civilizatórios do colonizador. Quando aliamos essa disputa à perspectiva ecofeminista, torna-se urgente romper com o modelo europeu da teoria, que frequentemente se distancia das realidades do Sul Global e de suas pautas concretas.

Nesse sentido, é importante destacar que o patriarcado tende a reduzir a representação das mulheres a uma dualidade rígida e simplificadora. Como já apontado por Delany, na ficção científica, a mulher é frequentemente enquadrada como donzela ou vilã, esvaziada de complexidade e agência. Da mesma maneira que as personagens femininas em *Duna* são objetificadas, como discutido anteriormente, o próprio povo Fremen também é submetido a um processo de fetichização. Isso se evidencia, por exemplo, no seguinte trecho:

"Há duas separações gerais do povo — Fremen, eles são um grupo, e os outros são o povo do graben, do sumidouro e da pan. Dizem que há algum casamento entre eles. As mulheres das aldeias da pan e do sumidouro preferem maridos Fremen; seus homens preferem esposas Fremen. Eles têm um ditado: ‘O refinamento vem das cidades; a sabedoria, do deserto.’" [...] (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 61 - tradução nossa)

Esse tipo de idealização racializa e mitifica os corpos, mantendo-os sob uma lógica de apagamento e exotização, como aponta Grada Kilomba. Há uma romantização que posiciona os Fremen como sábios, mas os exclui de qualquer agência política real, suas vozes e escolhas são instrumentalizadas pelo Império. A própria sabedoria atribuída a Paul deriva de sua conexão com Chani, mas é ele quem a traduz, administra e legitima dentro do sistema dominante.

A dualidade entre deserto e cidade, sabedoria popular e racionalidade imperial, também remete à antiga associação entre mulher e natureza. Françoise d'Eaubonne foi uma

das primeiras a defender que mulheres teriam uma ligação mais próxima com a natureza, mas essa ideia tem sido amplamente criticada, especialmente por seu uso dentro de estruturas capitalistas e reprodutivas. Essa dualidade, no entanto, reaparece em *Duna* de forma sutil: mulheres e Fremen são romantizados por sua suposta “pureza” ou conexão com a terra, mas permanecem submetidos a sistemas de exploração. Como lembra Césaire, a romantização dos povos colonizados enquanto sábios não impede que sejam desvalorizados e mantidos sob domínio.

É nesse contexto que se torna pertinente recuperar o conceito de “referente ausente” proposto por Carol Adams (2018). Segundo ela, tanto mulheres quanto animais tornam-se significantes ausentes: estão presentes fisicamente, mas sua subjetividade é negada, ocultada por sistemas simbólicos que os instrumentalizam. No romance, isso se manifesta na recorrente submissão das personagens femininas ao papel de concubinas, esposas ou reprodutoras; sempre em função do protagonismo masculino. Assim como a melange oculta o verme, as mulheres são frequentemente reduzidas a funções maternais ou sexuais. Chani, nesse sentido, é um corpo que carrega agência limitada, silenciada pelas contradições do patriarcado e pela lógica imperial que a cerca.

Embora os Fremen demonstrem a importância do coletivo, as camadas sociais de sua sociedade nem sempre revelam igualdade entre seus membros. Observa-se que o papel feminino permanece restrito, em grande parte, ao âmbito doméstico ou maternal, sendo exercido sob uma agência patriarcal. E principalmente, quando um homem morre em batalha, sua esposa e seus filhos são “herdados” pelo vencedor, junto com sua água.<sup>40</sup> Ou seja, mesmo que haja um cuidado coletivo nesses casos, a família sobrevivente é tratada como uma propriedade.

No caso da morte de Chani, como aponta Lerner, é comum que as mulheres “não disponham de si nem decidam por si mesmas. Seus corpos e serviços sexuais estão à disposição de seu grupo de parentes, maridos e pais. As mulheres não têm custódia nem poder sobre seus filhos.” (LERNER, 2019, p. 116). Dessa forma, percebe-se como a cultura Fremen reproduz estruturas patriarcais ao instrumentalizar o corpo feminino sob a lógica da propriedade masculina.

Mesmo quando o aspecto guerreiro de Chani é apresentado, ele surge subordinado a uma hierarquia já estabelecida entre ela e Paul. Nesse sentido, Federici demonstra, a partir da

---

<sup>40</sup> Em *Duna*, Jamis perde a batalha contra Paul Atreides e tem sua esposa transferida para a responsabilidade do protagonista. Além disso, seus filhos e sua água, bem mais precioso na cultura Fremen, são agora do herdeiro Atreides.

história, como “o ataque contra as mulheres justificou a apropriação de seu trabalho pelos homens e a criminalização de seu controle sobre a reprodução.” (FEDERICI, 2017, p. 203). A naturalização da exploração feminina instaurou no imaginário coletivo uma expectativa sobre o que se espera de uma mulher: o “fazer-se mulher” passou a ser socialmente construído e associado à realização automática de tarefas de cuidado. A seguir, observamos como esse aspecto se manifesta em Duna:

"Chani, o que é isso?", ele perguntou. "Eliminei um que veio desafiá-lo para combate singular, Usul." "Você o matou?" "Sim. Mas talvez eu devesse tê-lo deixado para Harah." (E Paul se lembrou de como os rostos das pessoas ao redor haviam demonstrado apreço por essas palavras. Até Harah rira.) "Mas ele veio desafiar-me!" "Você mesmo me treinou no Caminho Estranho, Usul." "Certamente! Mas você não deveria —" "Nasci no deserto, Usul. Sei usar uma crysknife." Ele conteve a raiva, tentando falar de forma razoável: "Isso pode até ser verdade, Chani, mas —" "Não sou mais uma criança caçando escorpiões no sietch à luz de um globo de mão, Usul. Eu não brinco de lutar." Paul lançou-lhe um olhar severo, capturado pela ferocidade incomum sob a atitude casual dela. "Ele não era digno, Usul", disse Chani. "Não perturbaria suas meditações com alguém como ele." Ela se aproximou, olhando para ele pelos cantos dos olhos, e baixou a voz para que só ele pudesse ouvir: "E, meu amado, quando souberem que um desafiante pode me enfrentar e morrer de forma vergonhosa pelas mãos da mulher de Muad'Dib, haverá menos desafiantes."<sup>41</sup>(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 250 - tradução nossa)

Ainda que o discurso de Chani sugira cuidado, a autonomia feminina é questionada quando pensamos em uma sociedade patriarcal onde as mulheres existem para servir. Esse aspecto se torna evidente quando Chani sugere que deveria ter deixado o combate para Harah, ao mesmo tempo que demonstra a força feminina, a ação evidencia a tensão como as mulheres e a natureza são usualmente apropriadas em virtude do bem estar masculino. Assim, as dinâmicas propostas por Herbert confundem o leitor, mas sugerem que mesmo sua força ainda está pautada na centralidade masculina.

Nesse contexto, ao lutar contra os inimigos de Paul, a quem chama de Usul, Chani demonstra resistência e independência enquanto mulher Fremem. Sua atuação como guerreira revela autonomia e certa emancipação nos conflitos do primeiro livro. Contudo, essa autonomia se enfraquece em *Messias de Duna*, onde sua opinião é progressivamente

---

<sup>41</sup> "Chani, what is this?" he asked. "I dispatched one who came to challenge you in single combat, Usul." "You killed him?" "Yes. But perhaps I should've left him for Harah." (And Paul recalled how the faces of the people around them had showed appreciation for these words. Even Harah had laughed.) "But he came to challenge me!" "You trained me yourself in the weirding way, Usul." "Certainly! But you shouldn't --" "I was born in the desert, Usul. I know how to use a crysknife." He suppressed his anger, tried to talk reasonably. "This may all be true, Chani, but --" "I am no longer a child hunting scorpions in the sietch by the light of a handglobe, Usul. I do not play games." Paul glared at her, caught by the odd ferocity beneath her casual attitude. "He was not worthy, Usul," Chani said. "I'd not disturb your meditations with the likes of him." She moved closer, looking at him out of the corners of her eyes, dropping her voice so that only he might hear. "And, beloved, when it's learned that a challenger may face me and be brought to shameful death by Muad'Dib's woman, there'll be fewer challengers."

desconsiderada. Se antes era apresentada como a guerreira apaixonada, Chani se dissolve no papel de concubina ao ser limitada a gerar herdeiros para o Império, revelando um deslocamento simbólico da mulher ativa para a mulher reprodutora.

Dessa maneira, Gerda Lerner (2019) demonstra como as mulheres na mesopotâmia se tornavam concubinas ou se casavam com o objetivo de prosperar socialmente, ou eram rebaixadas através da prostituição. Nesse sentido, mesmo Chani ocupando o espaço romântico na vida de Paul, podemos perceber que a desigualdade social também marca sua distinção entre Irulan. Dessa maneira, Lerner disserta:

Como mostramos, a esposa está em uma ponta do espectro, a escrava está na outra ponta, e a concubina ocupa uma posição intermediária. Seria um grande equívoco, porém, igualar a posição subordinada de esposa, que tinha direitos econômicos e legais, bem como a possibilidade de possuir outros seres humanos e lucrar com o trabalho deles, com a posição de escrava. Tal interpretação mistifica e invisibiliza as relações de classes. A posição ambígua da concubina foi reforçada na Lei de Hamurabi, que a proibia de “se igualar à sua senhora”. [ 264 ] Uma escrava concubina que tivesse filhos meninos e, por isso, almejasse status semelhante ao da senhora, poderia, de acordo com a lei, ser tratada como escrava, mas não vendida. (LERNER, 2019, p. 151)

Como mencionamos repetidamente, o amor de Usul se torna irrelevante quando observamos que a personagem é inferiorizada. Enquanto concubina Fremen, sua inferiorização perante Paul Atreides e sua esposa, Irulan, demonstra como a raça mesmo na ficção científica perpassa também todas as relações sociais em Duna. Se pensarmos no casamento enquanto a estatização/privatização do corpo feminino, os benefícios econômicos e sociais adquiridos majoritariamente por mulheres brancas, apresenta-se de forma diferente para sujeitos racializados. Os papéis domésticos e maternos, quando impostos, limitam a autonomia e a subjetividade feminina. Nesse sentido, se pensarmos em Chani enquanto uma não-extensão de Paul, por que todas suas decisões perpassam seu bem estar ou a manutenção de uma linhagem?

Enquanto o leitor poderia ser levado a acreditar em uma suposta inferioridade dos nativos, seus poemas na verdade ressaltam a força da resistência Fremen. A projeção da imagem de selvagem indisciplinado, era não somente uma licença para controlar os povos colonizados, mas também uma justificativa para quaisquer atrocidades cometidas em prol do Império. A lógica *escravocrata* em Duna desumaniza os Fremen e os mantém sob uma posição de controle, de forma que, como recita Lady Jessica “o lugar perfeito para um Duque”.

Nesse sentido, a manutenção do imagético criado pelas Bene Gesserit e por todo

Império, representava a conservação do poder colonial em Arrakis. Como podemos perceber a repetição de ideais desumanizados e a criação do selvagem: "Eles compõem poemas para suas facas. As mulheres deles são tão ferozes quanto os homens. Até as crianças Fremen são violentas e perigosas. Duvido que você tenha permissão para se misturar com eles."<sup>42</sup>(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 62 - tradução nossa). Como podemos observar, seu povo é esvaziado de sentido e estereotipado pela colonialidade do Império. A mulher Fremen é sexualizada e desumanizada, tendo seu corpo objetificado. E, quando é sábia, também é instrumentalizada como extensão do companheiro. Assim:

"Você negociará por mim. Mãe, com Chani ao seu lado. Ela tem sabedoria e olhos atentos. E é sabiamente dito que ninguém negocia mais duramente do que um Fremen. Ela estará olhando através dos olhos do amor dela por mim e com o pensamento dos filhos que terão, do que eles vão precisar. Ouça-a."<sup>43</sup>(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 793 - tradução nossa)

Enquanto sábia Fremen, Chani é frequentemente representada como uma extensão de Paul, sobretudo quando ele não pode se fazer presente. Sua legitimidade é sustentada pelo amor que dedica a ele e pelos filhos que deverá gerar, o que reforça uma lógica patriarcal que atravessa sua existência e restringe sua identidade a funções afetivas e reprodutivas. O corpo de Chani é apropriado à lógica imperialista e perde grande parte do seu valor Fremen, sendo disciplinado a se encaixar como concubina.

### **2.1.1 Chani como metáfora da Terra:**

Nesta seção, focamos na exploração do corpo feminino de Chani como extensão da exploração imperial e colonial em Arrakis. Nesse sentido, ainda que se configure como um corpo-território que busca resistir às estruturas patriarcais e opressivas, Chani não consegue escapar da lógica que comanda a galáxia. Não se trata de afirmar uma conexão essencialista entre o feminino e a natureza, mas de evidenciar os vínculos históricos e políticos que constroem essa associação de forma opressiva, a fim de denunciar as dinâmicas de dominação e subjugação presentes em Arrakis.

Enquanto metáfora do deserto, Chani representa a cultura de um povo que prioriza o coletivo, a sustentabilidade e que resiste à colonização dos Harkonnen. As raízes do

---

<sup>42</sup>"They compose poems to their knives. Their women are as fierce as the men. Even Fremen children are violent and dangerous. You'll not be permitted to mingle with them, I daresay. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 62)

<sup>43</sup>"You will negotiate for me. Mother, with Chani by your side. She has wisdom and sharp eyes. And it is wisely said that no one bargains tougher than a Fremen. She will be looking through the eyes of her love for me and with the thought of her sons to be, what they will need. Listen to her."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 793)

patriarcado capitalista nascem da exploração comum entre mulheres e natureza, ambas disciplinadas em prol do mercado. O ecofeminismo proposto por Charlene Spretnak (1990) incentiva o diálogo entre humanidade e natureza, fugindo do romantismo criado pelas narrativas artificiais da burguesia e surgindo como uma forma de exercício ecológico. Se pensarmos em um ecossistema, um sistema formado por seres vivos e seu ambiente, o diálogo proposto é o de integração do humano no mundo natural, não enquanto superior, mas como parte pertencente à natureza.

A partir do ecofeminismo essencialista estratégico, discutido por Edilane Ferreira da Silva (2021), podemos compreender a relação intrínseca de Chani com a natureza, principalmente devido às suas raízes Fremen e ao seu lado ancestral apresentado no romance. Entretanto, é preciso manter em mente que a naturalização da mulher como cuidadora é fruto do patriarcado, não de uma suposta essência feminina. Ao mesmo tempo em que supera a ideia de uma “mãe natureza”, o ecofeminismo essencialista estratégico se propõe a utilizar os vínculos históricos e culturais construídos há séculos como forma de denúncia. Assim, Chani e o deserto não são semelhantes por conta de características inerentes, mas por serem alvos da exploração simbólica e material do Império em Arrakis.

Enquanto metáfora da terra, o corpo-território de Chani carrega as marcas do deserto de Arrakis: é disputado, exaurido, silenciado e instrumentalizado pelos interesses imperiais. Assim como a terra de Arrakis é colonizada pelo Império e explorada por conta da especiaria, o corpo de Chani é objetificado pela lógica dos Atreides, forçado à fertilidade e submetido ao seu controle biopolítico. Pensar Chani como corpo-território permite evocar, ao mesmo tempo, sua ligação ancestral e cultural com a terra, mas também sua recolonização simbólica dentro do sistema patriarcal.

Ao recuperar o conceito de corpo-território, é possível compreender que a r-existência de Chani se dá num campo de tensões: ela resiste, mas também é violada; carrega a força do deserto, mas tem sua autonomia negada. Ainda que personifique uma conexão vital com Arrakis, seu corpo é lido enquanto uma produção social, por consequência sendo subjugado e instrumentalizado. Silvia Federici nos ajuda a compreender como, na modernidade capitalista, a separação entre humanidade e natureza produziu uma mecanização do corpo feminino, cuja função foi reduzida a um meio de controle e dominação. Nesse sentido, o corpo de Chani é símbolo do deserto, mas também palco de disputas sociais, imperiais e do colonialismo reprodutivo.

A metáfora da mãe-terra, sob a perspectiva de Carolyn Merchant, atua como ferramenta retórica que legitima a exploração e o controle tanto da natureza quanto dos corpos

femininos. Ao compreendermos que há múltiplas formas de ler o corpo de Chani e o deserto de Arrakis, optamos por evidenciar as relações materiais e culturais que atravessam sua representação. Nesse sentido, enquanto corpo social, é possível observar como o sistema econômico de *Duna* se apropria de seu corpo em função da lógica do lucro. Já enquanto corpo cultural, a personagem é celebrada de forma romantizada, apagando as tensões políticas e as violências estruturais que a moldam.

Ao ser descrita, com frequência, seu rosto é comparado ao de um elfo e ganha características da natureza. Ao representar os elfos enquanto criaturas místicas ligadas à natureza, sua personalidade parece limitada aos estereótipos destinados às mulheres que marcaram os contos de fadas. Dworkin estabelece como os papéis de uma mulher boa, com frequência morta, demonstram que as personagens são passivas, belas e vitimizadas. Chani demonstra que, mesmo buscando ser passiva, sua intenção principal é ser reconhecida enquanto boa, e que é isso que a completa. Ao tentar corresponder a esse modelo revela como, mesmo em um contexto de resistência cultural, o ideal de feminilidade continua atrelado à passividade e à sacralização do sofrimento.

Através das lentes de um ecofeminismo cultural, é comum observarmos a criação de uma relação intimista entre Chani e o deserto. Carolyn Merchant, a partir do Ecofeminismo Social com perspectiva materialista histórica, demonstra como o patriarcado do salário comercializa e constrói narrativas românticas que invadem até mesmo os úteros de mulheres cis-gênero. O trecho seguinte demonstra a complexidade dubia criada por Herbert:

Chani se movia com um ar atemporal de poder frágil — tão autossuficiente, tão vulnerável. Havia algo na maneira como ela se curvava sobre o serviço de café que o fez lembrar então dos primeiros dias deles. Seus traços permaneciam sombriamente élficos, aparentemente intocados pelos anos — a menos que se examinassem os cantos externos de seus olhos sem branco, notando ali as linhas: “pegadas de areia”, como os Fremen do deserto as chamavam.<sup>44</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 33 - tradução nossa)

Ao mesmo tempo que encarna a força do deserto ao ser associada às trilhas de areia, deserto este que assusta os estrangeiros e engole seus visitantes, Chani é também um poder frágil e vulnerável. Assim como a natureza, a dualidade limitante entre mãe-natureza benévola ou como mãe-natureza punitiva, parecem apagar as dimensões políticas de sua existência. Suas características místicas e delicadas, aparecem com mais frequência que seu lado combativo e estratégico, mas mesmo quando aparecem podemos observar um exercício

---

<sup>44</sup> Chani moved with an ageless air of fragile power — so self-contained, so vulnerable. Something about the way she bent over the coffee service reminded him then of their first days. Her features remained darkly elfin, seemingly unmarked by their years — unless one examined the outer corners of her whiteless eyes, noting the lines there: "sandtracks," the Fremen of the desert called them.

disciplinador em fazer com que Chani seja colocada no seu “lugar”. Assim, Chani é romantizada com a beleza de Arrakis, ao mesmo tempo que também sofre a opressão colonial e fascista do Império.

Até mesmo as interações entre Chani e Stilgar, seu tio e líder Fremen, evidenciam a hierarquização da personagem e o controle sobre seu corpo e comportamento, mesmo dentro de uma cultura que se apresenta como resistente ao Império. Quando Stilgar a repreende com violência verbal: "I said leave him be, Chani! You spawn of a lizard!" e ordena que a personagem siga suas ordens: "Do as I told you: bring the fold of your hood down over your forehead! Leave only the eyes exposed. You waste moisture."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 458 - tradução nossa)<sup>45</sup>. Ainda que Chani seja uma figura central do ecossistema de seu planeta, sendo comparada a natureza de Arrakis em diversos momentos, podemos observar como sua animalização e passividade imposta marcam a personagem.

Ao ter sua obediência retratada, podemos observar como a personagem é disciplinada desde o primeiro volume a se fazer útil e a corresponder às expectativas direcionadas a si. Assim, ao mesmo tempo em que é comparada ao deserto como símbolo da força Fremen, também representa a submissão imposta à natureza pela domesticação sofrida pelo deserto. Já a ecofeminista Vandana Shiva (2016) demonstra como os princípios femininos são atribuídos à natureza. Assim, podemos observar no trecho a dualidade entre Chani e o deserto:

Ela fazia isso como a areia aceita a água: absorvendo e ocultando. Haveria obediência sob aquela superfície quente e irritada?, ele se perguntou. E então percebeu que a vida na fortaleza real não havia mudado Chani. Ela apenas havia parado ali por um tempo, habitado uma estação de passagem em uma jornada com seu homem. Nada do deserto havia sido tirado dela. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 198 - tradução nossa)<sup>46</sup>

Entretanto, apesar do trecho sugerir certa passividade por parte de Chani, Shiva afirma que a associação entre mulher e natureza não se dá de forma passiva, mas sim criativa e vital para a manutenção da vida. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que aceita e absorve a água, é possível observar a resistência da personagem em ceder seu “pedaço do deserto”. Após anos vivendo longe de Arrakis com Paul, Chani se recusa a abandonar sua verdadeira identidade, ainda que, como o deserto, também seja enfraquecida pela água. Como também podemos

---

<sup>45</sup> "I said leave him be, Chani! You spawn of a lizard!" e ordena que a personagem siga suas ordens: "Do as I told you: bring the fold of your hood down over your forehead! Leave only the eyes exposed. You waste moisture."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 458 - tradução nossa)

<sup>46</sup> She did it the way sand accepted water: absorbing and concealing. Was there obedience beneath that hot, angry surface? he wondered. And he realized then that life in the royal Keep had left Chani unchanged. She'd merely stopped here for a time, inhabited a way station on a journey with her man. Nothing of the desert had been taken from her. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 198)

observar em:

Ela passou então a odiar a água, inspirada pelo medo do verme. A água, outrora a alma-espírito de Arrakis, tornara-se um veneno. A água trazia pestilência. Somente o deserto era limpo. Abaixo dela, surgiu um grupo de trabalho fremen. Eles subiam em direção à entrada intermediária do sietch, e ela viu que tinham os pés enlameados. Fremen com os pés enlameados! (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 295 - tradução nossa)<sup>47</sup>

Ao longo da trilogia, observamos que a transformação ecológica de Arrakis representa, na verdade, um risco à fauna nativa e impacta profundamente o modo de vida dos Fremen. De forma similar, Chani também temia a água, tal como os vermes de areia, que passaram a se afastar deserto adentro para preservar sua natureza. Assim como o deserto, ela resiste à domesticação, buscando proteger aquilo que a constitui. Como propõe Shiva(2010), é aqui que a crise ecológica se inicia, é a partir da morte dos princípios femininos e da natureza.

A relação entre mulheres e natureza não necessariamente é essencialista ou passiva, principalmente em povos originários e que se conectam com a terra de outra maneira. Se compararmos a relação de apropriação feminina e masculina da natureza, podemos observar que Chani não busca dominar ou alterar a natureza de Arrakis. Seu conhecimento e relação com o deserto busca na cooperação, fazendo com que seja parte do ecossistema que está inserida. Quando Chani avisa Paul sobre como se portar no deserto, a personagem demonstra respeito e sabedoria, não enquanto uma categoria inata, mas como uma forma de pertencimento no deserto. É a partir da resistência que a lógica de dominação eurocêntrica e patriarcal deve ser combatida, os povos nativos de Arrakis precisam retomar suas práticas coletivas e focar em sua sabedoria ancestral.

É nesse sentido que Joy H. González-Güeto (2023) alerta sobre a exclusão do feminismo branco e essencialista, demonstrando como a experiência coletiva de mulheres racializadas fruto da colonialidade. A partir de González-Güeto, podemos observar a natureza como um território de disputa para as mulheres racializadas, visto que é comum que movimentos ambientalistas silenciem suas relações com a natureza sob o pretexto de proteger e trazer melhorias para aquele povo. Dessa forma, é preciso retomar as perspectivas Fremen da natureza enquanto território vivo, não enquanto recurso do Império.

O movimento ecofeminista latino americano se propõe a responder os problemas socioambientais a partir da valorização das vivências e experiências femininas. A partir dessa

---

<sup>47</sup> She hated the water then, inspired by the worm's fear. Water, once the spirit-soul of Arrakis, had become a poison. Water brought pestilence. Only the desert was clean. Below her, a Fremen work gang appeared. They climbed to the sietch's middle entrance, and she saw that they had muddy feet. Fremen with muddy feet! (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 295)

perspectiva, Alicia H. Puleo (2023) argumenta em prol de uma revisão ecológica, bem como a inserção de uma interculturalidade, a autora enfatiza que retomar perspectivas de povos indígenas não é um retrocesso. Puleo afirma que toda cultura pode nos oferecer algo, mas enfatiza que essas virtudes devem ser universalizadas. Com Chani em mente, podemos observar como a personagem representa a fusão entre corpo, território e memória a partir de uma perspectiva ecofeminista. Como no trecho seguinte:

Chani olhou para o deserto matinal emoldurado pela fenda da falha abaixo do Sietch Tabr. Ela não usava traje destilador, e isso a fazia se sentir desprotegida ali no deserto. A entrada da gruta do Sietch ficava escondida no penhasco reforçado acima e atrás dela. O deserto... o deserto... Ela sentia que o deserto a havia seguido por onde quer que tivesse ido. Voltar ao deserto não era tanto um retorno ao lar, mas sim uma volta para ver o que sempre estivera lá. Uma constrição dolorosa percorreu seu abdômen. O parto seria em breve. Ela lutou contra a dor, desejando aquele momento a sós com seu deserto.(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 296 - tradução nossa)<sup>48</sup>

Chani demonstra uma conexão íntima ao deserto, mesmo com medo, a personagem se expõe e encontra seu pertencimento na natureza. Os saberes Fremen podem ser desqualificados pelo racismo científico e tecnológico, mas é na compreensão da completude de seu ecossistema que se encontra a verdadeira ecologia decolonial de Arrakis. A transformação proporcionada pelos Atreides, corporizada por Chani, contrapõe-se à memória ancestral Fremen e a resistência de seu povo. Chani representa o deserto ao ter também seu corpo colonizado, controlado e instrumentalizado; porém, é justamente em sua conexão com esse território que ela encontra pertencimento e sentido.

Como mencionado anteriormente, o ecofeminismo reforça a importância dos saberes dos povos indígenas e das mulheres na emancipação da natureza. Puleo também considera a inserção de outras teorias e movimentos na luta ecofeminista, mas enfatiza que esses pactos devem não podem esquecer das demandas e lutas femininas. Paul se engana quando transforma toda a mudança ambiental de Arrakis em uma extensão do seu planeta nativo, é com Chani que estava o futuro do deserto. Sua leitura do céu e da natureza demonstram seu conhecimento ancestral e a memória do povo que existe em harmonia com o deserto:

O céu, ela notou, havia se tornado cinza cristalino, preenchido por raios de alabastro, desenhos bizarros gravados nos céus pela areia levada pelo vento. Uma linha de branco reluzente ao sul chamou sua atenção. Os olhos, de repente em alerta,

---

<sup>48</sup> Chani stared out at the morning desert framed in the fault cleft below Sietch Tabr. She wore no stillsuit, and this made her feel unprotected here in the desert. The sietch grotto's entrance lay hidden in the buttressed cliff above and behind her. The desert . . . the desert . . . She felt that the desert had followed her wherever she had gone. Coming back to the desert was not so much a homecoming as a turning around to see what had always been there. A painful constriction surged through her abdomen. The birth would be soon. She fought down the pain, wanting this moment alone with her desert. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 296)

interpretaram o sinal: Céu branco ao sul: a boca de Shai-hulud. Uma tempestade vinha, vento forte. Ela sentiu a brisa de aviso, um sopro cristalino de areia contra as bochechas. O incenso da morte vinha no vento: odores de água fluindo pelos qanats, areia suando, sílex. A água — era por isso que Shai-hulud enviava seu vento coriolis.(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 298 - tradução nossa)<sup>49</sup>

A natureza refletida em Chani demonstra como o povo Fremen compreende intrinsecamente como a areia se comunica e reforça a importância de um ecofeminismo pautado nos povos originários. Diferentemente da perspectiva imperialista dos Atreides e do restante da galáxia, Chani reconhece o deserto como sujeito e território que se faz presente, não como recurso a ser dominado. Ferdinand demonstra como é comum que a natureza de países colonizados seja tida como bárbara e selvagem. A partir de *Duna*, é preciso ter em mente e superar o estranhamento da terra Fremen, assim como de seus vermes de areia. O modo de vida Fremen e sua integração ao ecossistema, reconhecendo-o enquanto território vivo, é o verdadeiro caminho para o fim da colonização em Arrakis.

Enquanto uma extensão do deserto, podemos observar como Chani também é percebida a partir de elementos da natureza. Como discorre Paul em “O perfume floral do jardim no telhado lhe lembrou Chani. Agora, ele ansiava por seus braços, pelos braços aferrados do amor e do esquecimento.”<sup>50</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 162 - tradução nossa) e também: “O ar deste futuro aterrorizante estava carregado com a ausência de Chani. A carne que tivera chorado de êxtase, os olhos que o queimaram com seu desejo, a voz que o encantara porque não fazia jogos de controle sutil — tudo se foi, de volta à água e à areia.”<sup>51</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 169 - tradução nossa) É também em sua natureza, enquanto refúgio, que Paul observa a força de sua amada. Notando, assim, a conexão resistente entre seu corpo e sua terra, como podemos perceber em:

"Você precisa me contar", ela sussurrou. "Você é Sihaya", ele disse, "a nascente do deserto." "Quando a tribo compartilha a Água", ela disse, "estamos juntos — todos nós. Nós... compartilhamos. Eu consigo... sentir os outros comigo, mas tenho medo de compartilhar com você." (HERBERT, 2020, vol. 1 , p. 584 - tradução nossa)<sup>52</sup>

<sup>49</sup> The sky, she noted, had become crystal gray filled with alabaster rays, bizarre designs etched across the heavens by windborne sand. A line of gleaming white in the south caught her attention. Eyes suddenly alerted, she interpreted the sign: White sky in the south: Shai-hulud's mouth. A storm came, big wind. She felt the warning breeze, a crystal blowing of sand against her cheeks. The incense of death came on the wind: odors of water flowing in qanats, sweating sand, flint. The water — that was why Shai-hulud sent his coriolis wind. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 298)

<sup>50</sup> Floral perfume from the garden roof reminded him of Chani. He longed for her arms now, for the clinging arms of love and forgetfulness.(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 162)

<sup>51</sup> The air of this terrifying future was thick with Chani's absence. Flesh that had cried in ecstasy, eyes that had burned him with their desire, the voice that had charmed him because it played no tricks of subtle control -- all gone, back into the water and the sand.(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 162)

<sup>52</sup> 'You must tell me,' she whispered. 'You are Sihaya,' he said, 'the desert spring.' 'When the tribe shares the Water,' she said, 'we're together--all of us. We . . . share. I can . . . sense the others with me, but I'm afraid to share with you.' (HERBERT, 2020, vol. 1 , p. 584)

Ao reconhecer Chani como a primavera do deserto, Paul vê a companheira como um elemento essencial na sua conexão com os Fremen. Minutos após Chani salvar sua vida, chamá-la “Sihaya” não é apenas um gesto afetivo, mas representa uma conexão espiritual dos Fremen como o paraíso. O nome significa "a primavera do deserto com conotações religiosas, sugerindo o tempo da fertilidade e 'o paraíso por vir'"<sup>53</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 857 - tradução nossa). Assim, Chani representa muito mais do que apenas a concubina Fremen de Paul, ela é nomeada como a promessa de renovação daquela terra e do fim da aridez de Arrakis. Chani torna-se, então, a personificação simbólica da mudança messiânica que se aproxima, sendo também um marco do processo de colonização conduzido por Paul. Seu corpo e sua presença fundem-se à paisagem, assumindo o papel de terreno fértil tanto para a esperança quanto para o domínio .

Ao articularmos todos esses temas, o Novo Ecofeminismo de Greta Gaard nos permite compreender que as questões raciais, de classe, gênero, sexualidade, espécie e nacionalidade são fundamentais para pensar uma possível emancipação dos Fremen. Em síntese, é preciso conduzir um movimento ecofeminista que não se esqueça das mulheres e nem se aproprie destas como ferramenta, como é o caso de Chani. Caso contrário, estaremos fadados ao fascismo ecológico descrito por Saito.

## **2.2 A Maternidade Compulsória E Biopolítica Do Corpo Feminino Em Duna**

A maternidade de Chani é atravessada por pressões políticas, reprodutivas e afetivas. A necessidade de gerar herdeiros não parte apenas de um desejo subconsciente, mas é imposta pelas estruturas de poder que envolvem Paul e o Império. Neste subcapítulo, teremos como objetivo analisar o corpo de Chani enquanto um instrumento moldado pelas engrenagens patriarcais, políticas e religiosas em *Duna*.

Embora Paul tenha se responsabilizado pelos filhos de Geoff e Jamis<sup>54</sup>, derrotados em batalha, sua união com Chani se torna ainda mais estratégica quando a fertilidade dela passa a ser tratada como um assunto estatal. Ademais, ainda que os filhos de Jamis passem a ser considerados filhos de Paul/Usul, o vínculo estabelecido é meramente simbólico: “Os filhos de Jamis, que agora são os filhos de Usul”, disse Stilgar. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 566 -

<sup>53</sup> “the desert springtime with religious overtones implying the time of fruitfulness and “the paradise to come.”” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 857)

<sup>54</sup> Como demonstra o trecho: “you’ll always share some responsibility for the sons of Jamis.” [...] He was a good provider, Jamis, and a wonder with the children. He made no separation between Geoff’s boy, my firstborn, and his own true son. They were equal in his eyes.”(HERBERT, 2020, vol.1, p. 560)

tradução nossa)<sup>55</sup>. Assim, a morte do primeiro filho biológico do casal intensifica a urgência de gerar um sucessor legítimo, cuja existência esteja atrelada não só ao sangue, mas ao destino político do império.

Nesse sentido, após a morte de seu primogênito é o que evidencia e intensifica a necessidade de produzirem outros herdeiros. Em *Messias de Duna*, Chani sente no dever de oferecer outro herdeiro à Paul, mesmo que isso signifique o fim de sua vida. O romance evidencia a instrumentalização, bem com sua validação, do corpo feminino a partir da reprodução social. Nos estágios iniciais do capitalismo, a maternidade não surge somente como uma forma de controle dos corpos femininos, mas principalmente enquanto um agente catalisador da acumulação primitiva e do estabelecimento do patriarcado do salário, como estabelece Salleh.<sup>56</sup>

Seja para fortalecer seu governo ou para manter a linhagem Atreides no poder, a maternidade de Chani é reduzida a uma função e removida de afeto. Nesse sentido, se a morte do seu primogênito gera luto em Chani, Paul distancia-se e evoca o Messias para tranquilizar a companheira Fremen sobre seus futuros descendentes. Como notamos no trecho:

“Ele está morto, amado”, disse Chani. “Nosso filho está morto.” Controlando-se rigidamente, Paul se levantou. Estendeu a mão, tocou a bochecha de Chani, sentindo a umidade de suas lágrimas. “Ele não pode ser substituído”, disse Paul, “mas haverá outros filhos. É Usul quem promete isso.” Suavemente, ele a afastou e fez um gesto para Stilgar. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 765 - tradução nossa).<sup>57</sup>

Apesar de breve, o trecho foca em evidenciar o pesar de Chani e demonstra seu isolamento nas cenas seguintes. Mesmo reconhecendo que não há como substituir o primogênito, Leto II, Paul não o menciona novamente e demonstra pouco interesse em seu paternar. A paternidade de Paul surge do dever, por isso, seu diálogo com Chani é sempre voltado para os filhos que virão no futuro, desconsiderando a importância dos sentimentos de sua companheira. Essa lógica de mecanização da maternidade, desumaniza os envolvidos e cria um ciclo eterno baseado nas demandas do mercado e do império.

Em virtude disso, a responsabilidade de gerar herdeiros está presente em todas as interações entre Chani e Paul, mesmo quando o assunto não é mencionado. Podemos observar, a partir de *Messias de Duna*, que quase todas as interações entre o casal demonstram a imposição da maternidade compulsória sobre Chani, Irulan e, em última instância, Alia. O

<sup>55</sup> The sons of Jamis who are now the sons of Usul," Stilgar said. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 566)

<sup>56</sup> 1 Referência inspirada em O Calibã e a bruxa, de Silvia Federici, e O absolutismo, de Marcos Antonio Lopes.

<sup>57</sup> "He is dead, beloved," Chani said. "Our son is dead."

Holding himself under stiff control, Paul got to his feet. He reached out, touched Chani's cheek, feeling the dampness of her tears. "He cannot be replaced," Paul said, "but there will be other sons. It is Usul who promises this." Gently, he moved her aside, gestured to Stilgar.

ecomaternalismo, discutido por Sherilyn MacGregor (2011), despolitiza o papel do Estado e responsabiliza o indivíduo pelo bem coletivo. Enquanto algumas ecofeministas apresentam uma visão excludente das discussões sobre gênero, raça e classe, MacGregor reforça que conferir voz política às mulheres única e exclusivamente ao seu potencial de parir, romantiza e anula a identidade feminina.

Se recontextualizarmos o conceito de “referente ausente” de Carol J. Adams, observamos, em Harah, a anulação simbólica do feminino em benefício da narrativa masculina. No primeiro volume, a morte de Jamis faz com que sua esposa e seus filhos sejam herdados por Paul, como se fossem extensões de sua posse. No volume seguinte, é Jamis quem permanece como figura central enquanto sua viúva é silenciada e confinada à servidão. A mulher, novamente, torna-se o *referente ausente*: é apagada enquanto indivíduo e convertida em função do homem morto. Como podemos perceber em:

Ele pôde perceber que o café ainda não estava pronto pela maneira como ela recolocou a tampa. A chaleira — forma feminina de prata flautada, grávida — havia chegado a ele como um ghanima<sup>58</sup>, um despojo de batalha conquistado quando ele matou o antigo dono em combate singular. Jamis, esse era o nome do homem... Jamis. Que imortalidade estranha a morte conquistara para Jamis. Sabendo que a morte era inevitável, teria Jamis carregado aquela em particular em sua mão? Chani colocou as xícaras: cerâmica azul agachada como atendentes sob a imensa chaleira. Havia três xícaras: uma para cada bebedor e uma para todos os antigos donos. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 33 - tradução nossa)<sup>59</sup>

Podemos compreender a metáfora gestacional da chaleira como uma forma de objetificação do corpo feminino, sobretudo ao notarmos que tanto Hannah quanto o objeto que pertenceu a Jamis são herdados. O antigo dono permanece simbolicamente presente por meio da *representação*; mesmo ausente, sua menção adquire mais relevância do que a de seus filhos ou de sua esposa. Tal ênfase talvez se deva ao fato de Jamis ter sido a primeira morte provocada por Paul, mas sua imortalidade simbólica se estabelece, principalmente, pelo gênero masculino que ocupa, um corpo cuja morte é inscrita na narrativa como marco de honra, enquanto os corpos femininos são silenciados ou omitidos da narrativa histórica.

Ademais, é importante destacar que a comparação entre a chaleira e o corpo de uma

---

<sup>58</sup> Ghanima: something acquired in battle or single combat. Commonly, a moment of combat kept only to stir the memory. (HERBERT, 2, 842)

<sup>59</sup> He could tell the coffee wasn't yet ready by the way she replaced the lid. The pot -- fluting silver female shape, pregnant -- had come to him as a ghanima, a spoil of battle won when he'd slain the former owner in single combat. Jamis, that'd been the man's name . . . Jamis. What an odd immortality death had earned for Jamis. Knowing death to be inevitable, had Jamis carried that particular one in his hand? Chani put out cups: blue pottery squatting like attendants beneath the immense pot. There were three cups: one for each drinker and one for all the former owners. (HERBERT, 2020, vol. 2, 33)

mulher grávida revela uma hiperfixação na gestação como uma função passiva, indicando que o desejo de Paul não é por um filho, mas por um herdeiro. Assim, podemos observar este como um exercício protocolar diretamente ligado à manutenção do poder. Carolyn Merchant (1990) observa como as mulheres e a natureza foram moldadas por uma lógica de subordinação, em que os corpos das mulheres quanto da terra eram vistos como receptáculo passivos, algo a ser explorado e fertilizado. Merchant resgata, e crítica, a visão aristotélica de que o princípio do movimento vem do homem, demonstrando como esses sujeitos fazem parte de um projeto político patriarcal hereditário.

O corpo feminino é reduzido a uma função biológica, sem controle perante suas gestações, o que naturaliza sua inferiorização social. A mulher é concebida como um sujeito passivo, cuja única utilidade é disponibilizar seu corpo para a reprodução e manutenção de estruturas patriarcais. Assim, a gestação não é compreendida como uma experiência subjetiva ou transformadora, mas como um processo automatizado e desumanizado, como observa Merchant ao descrever a transição simbólica da natureza viva para o corpo/terreno industrializado da modernidade. Nesse sentido, a gravidez em *Duna* é tratada não como desejo ou escolha, mas sim como instrumento necessário para assegurar a continuidade da Casa Atreides, um ato que reforça o imaginário patriarcal de domínio sobre o corpo feminino e a natureza.

O ecofeminismo proposto por Merchant, e também por outras autoras, busca retomar o controle reprodutivo às mulheres e subverter o capitalismo que aprisiona e coisifica mulheres/natureza. Nesse sentido, Chani é incumbida a missão de produzir um herdeiro ao trono, mesmo com suas limitações e com o corpo exausto pelo envenenamento silencioso provocado por Irulan. A suspensão feminina de atividades de exercício intelectual, ou seu isolamento com o intuito no foco da maternidade, não só reduz a pluralidade de vozes políticas dentro de um sistema, mas também impossibilita o verdadeiro exercício de cidadania de todos nessa sociedade. Nesse sentido, Merchant estabelece:

A função reprodutiva das mulheres exigia que mais energia fosse direcionada para a gravidez e a maternidade, portanto, menos estava disponível para as funções superiores associadas ao aprendizado e ao raciocínio. O "espermatozoide aventureiro" e o "óvulo passivo" continuaram a servir como metáforas reprodutivas. (MERCHANT, 1990, p. 163 - tradução nossa)<sup>60</sup>

Como uma metáfora reprodutiva, assim como a chaleira, o ato aprisiona e mantém as

---

<sup>60</sup> Women's reproductive function required that more energy be directed toward pregnancy and maternity, hence less was available for the higher functions associated with learning and reasoning. The "adventurous sperm" and the "passive ovum" continued to serve as reproductive metaphors. (MERCHANT, 1990, p. 163)

mulheres e natureza reféns de um sistema baseado num desenvolvimento infinito com recursos finitos. Nesse sentido, Kohei Saito (2024) demonstra como a lógica desenvolvimentista, que vem crescendo desde a Guerra Fria, não se propõe a abordar as raízes do problema capitalista, seja através da proposição de uma transferência tecnológica, espacial ou temporal. Finalmente, o sacrifício do amanhã evidencia as fraturas sociais e caminha em direção a um possível *Conto da Aia* de Margaret Atwood, onde os corpos de mulheres deixam de ser somente uma metáfora sobre a terra arrasada.

Ainda, o controle biopolítico dos corpos de mulheres, como Chani, demonstra um nítido desinteresse no cuidado com o agora. Considerando Chani enquanto metáfora do deserto, principalmente após ser envenenada por Irulan/Império, sua sabedoria Fremen demonstra que a personagem tinha consciência das limitações do seu corpo. Assim, ao sugerir a Paul que Irulan carregasse o herdeiro do Império, bem como ao propor estratégias políticas para enfraquecer Irulan enquanto Bene Gesserit, suas opiniões são logo desqualificadas. O sacrifício do agora, aqui incorporado também por Chani, é pago com seu futuro e com um esgotamento de Melange cada vez mais próximo. Conforme indicado na passagem:

As mulheres Fremen haviam dividido seus homens por milhares de anos, nem sempre em paz, mas com uma maneira de fazer com que esse fato não fosse destrutivo. Algo misteriosamente Fremen nesse sentido havia acontecido em Chani. "Você me dará o único herdeiro que eu quero", ele disse. "Você viu isso?" ela perguntou, deixando evidente pela ênfase que se referia à presciência. "[...]"Então você não viu", disse Chani. "[...]"Chani cobriu as pernas dele, e disse: "Um herdeiro da Casa Atreides — isso não é algo que se deixe ao acaso ou a uma única mulher." Isso era algo que sua mãe poderia ter dito, pensou Paul. Ele se perguntou se Lady Jessica havia se comunicado secretamente com Chani. Sua mãe pensaria em termos da Casa Atreides. Era um padrão inculcado e condicionado nela pelas Bene Gesserit, e continuaria verdadeiro mesmo agora, quando seus poderes estavam voltados contra a Irmandade. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 765 - tradução nossa)<sup>61</sup>

A consciência política de Chani, bem como os hábitos afetivo-sexuais dos Fremen, revelam que a maternidade compulsória perde sentido quando inserida em uma lógica de reciprocidade e resistência, e não subordinada a interesses coloniais e biopolíticos. Vandana Shiva (2014) propõe uma inversão da lógica opressora patriarcal, indicando que a solução está na valorização integral da vida, no respeito às demais espécies e na construção de uma

---

<sup>61</sup> Fremen women had shared their men for thousands of years — not always in peace, but with a way of making the fact nondestructive. Something mysteriously Fremen in this fashion had happened in Chani. "You'll give me the only heir I want," he said. "You've seen this?" she asked, making it obvious by her emphasis that she referred to prescience. [...] "You've not seen it, then," Chani said. [...] Chani covered his legs, said: "An heir to House Atreides — this is not something you leave to chance or one woman." That was a thing his mother might've said, Paul thought. He wondered if the Lady Jessica had been in secret communication with Chani. His mother would think in terms of House Atreides. It was a pattern bred and conditioned into her by the Bene Gesserit, and would hold true even now when her powers were turned against the Sisterhood. (Herbert, 2020, vol. 2, p. 765)

humanidade baseada na interdependência. Acima de tudo, é preciso reconstituir os sujeitos femininos enquanto seres humanos plenos, não mais limitados a sua função reprodutiva.

A partir dessa compreensão, podemos compreender que a maternidade compulsória muitas vezes está ligada a um paternar invisível, pautado na inseminação e uma possível estadia. Nesse sentido, enquanto mulheres são submetidas a um extremo esforço físico e desgaste emocional, Adrienne Rich (1995) o desejo masculino de transcender a morte e de passar seus bens adiante revela um foco obsessivo em poder político. Ainda, a autora estabelece que uma das formas de aquisição de poder feminino está conectada ao masculino, seja através do casamento ou do maternar, retira a subjetividade feminina e nos faz questionar as escolhas de Chani em *Duna*. Se anteriormente, a concubina de Paul demonstra as estratégias planejadas por ela para a manutenção do trono Atreides, em sua próxima aparição podemos observar uma certa obediência ou talvez até uma tentativa de agência própria. Assim, o texto literário nos apresenta:

“Eu só fui porque quero um filho”, disse Chani. Paul foi incapaz de falar. Sentiu-se consumido pela força bruta daquela visão antiga. Propósito terrível! Naquele momento, toda a sua vida era como um membro sacudido pelo voo de um pássaro... e o pássaro era o acaso. O livre-arbítrio. Sucumbi ao encanto do oráculo, pensou. E percebeu que sucumbir a esse encanto talvez fosse se prender a uma vida de trilha única. Será possível, perguntou-se, que o oráculo não dissesse o futuro? Será possível que o oráculo criasse o futuro? Teria ele exposto sua vida a alguma teia de fios subjacentes — prendendo-se ali, naquele despertar de tanto tempo atrás — uma vítima de um futuro-aranha que, mesmo agora, avançava sobre ele com mandíbulas aterradoras?[...] “Eu sei que isso te irrita”, disse Chani, tocando seu braço. “É verdade que as tribos reviveram os antigos rituais e os sacrifícios de sangue, mas eu não participei deles.” [...] “Por favor”, implorou Chani. “Eu quero um filho — nosso filho. É algo tão terrível assim?” (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250 - tradução nossa)<sup>62</sup>

A partir desse trecho, Chani revela um desejo que parece emergir de uma necessidade urgente, sobretudo porque, em aparições anteriores, ela não manifesta a mesma vontade explícita de ser mãe. Entretanto, a intensidade de sua angústia confunde o leitor: trata-se de um gesto de obediência inconsciente, moldado por estruturas patriarcais, ou de um desejo

<sup>62</sup> "I only went because I want a child," Chani said. Paul was unable to speak. He felt himself consumed by the raw power of that early vision. Terrible purpose! In that moment, his whole life was like a limb shaken by the departure of a bird... and the bird was chance. Free will. I succumbed to the lure of the oracle, he thought. And he sensed that to succumb to this lure might be to fix himself upon a single-track life. Could it be, he wondered, that the oracle didn't tell the future? Could it be that the oracle made the future? Had he exposed his life to some web of underlying threads—trapped himself there, in that long-ago awakening—a victim of a spider-future which, even now, advanced upon him with terrifying jaws? A Bene Gesserit axiom slipped into his mind: "To use raw power is to make yourself infinitely vulnerable to greater powers." "I know it angers you," Chani said, touching his arm. "It's true that the tribes have revived the old rites and the blood sacrifices, but I took no part in those." Paul inhaled a deep, trembling breath. The torrent of his vision dissipated, becoming a deep, still place whose currents moved with absorbing power beyond his reach. "Please," Chani begged. "I want a child—our child. Is that such a terrible thing?"(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250)

genuinamente despertado pela experiência da maternidade? Novamente, Herbert tensiona os temas centrais que atravessam a trajetória maternal de Chani e, paralelamente, confronta o livre-arbítrio de Paul. Ao apresentar o futuro como um território já colonizado pela visão profética, o romance retira de Paul qualquer ilusão de controle. Ainda que continue sendo uma figura influente em Arrakis, ele agora se vê diante de uma encruzilhada: tudo já estaria dado, ou ainda haveria espaço para escolhas que pudessem alterar o curso dos acontecimentos?

Entretanto, podemos considerar que é a partir do desejo maternal que Chani se reconecta com a cultura Fremen, após um período de afastamento do deserto. Essa reaproximação, e por consequência o distanciamento das práticas imperiais, permite que seu corpo elimine as substâncias contraceptivas aplicadas por Irulan, recuperando, assim, uma certa autonomia corporal. Apesar da insatisfação de Paul, Chani opta por reivindicar seu corpo como território sagrado e busca gerar um herdeiro que não seja apenas Atreides, mas, sobretudo, Fremen.

Todavia, é importante termos em mente que a mudança de Chani não é representada com significância nos livros, não conseguimos acompanhar o que motiva sua mudança até que aconteça. O que gera o questionamento: o desejo maternal de Chani é pautado em assimilação das pressões sociais que recaem sobre seu corpo? Ou seria realmente a tentativa de obter liberdade e voz política? Se pensarmos no conceito de controle de natalidade ou liberdade é limitada em *Duna*, principalmente quando observamos como a personagem não possui autonomia o suficiente para ter outras opções que não sejam a de concubina real.

Em virtude disso, é novamente a partir do messias que podemos observar uma maternidade carregada de símbolos políticos. Nesse sentido, pensando a partir de Judith Butler (2003) como Chani é atravessada por uma performance incubida ao seu gênero, a personagem passa a representar os interesses dos Atreides, dos Fremen e o futuro do Império. Assim, podemos compreender a partir de Butler como a gravidez deixa de ser compreendida enquanto uma temática biológica e natural, transformando-se em uma construção política e discursiva imposta às mulheres. Podemos perceber esse fator principalmente através da postura de Paul, sempre demonstrando preocupações com o futuro do universo:

“Não tema, minha Sihaya. Esqueça o mistério e aceite o amor. Não há mistério no amor. Ele vem da vida. Você não sente isso?” [...] “Eu te prometo uma coisa, amada”, ele disse. “Uma criança nossa governará um império tão grandioso que o meu empalidecerá em comparação.” [...] “Mas isso é a eternidade.” Ele acariciou sua testa. [...] Ela sentiu algo se mover. Paul também sentiu. Ele colocou a mão em seu abdômen e disse: ‘Ahh, pequeno governante do universo, espere sua hora. Este

momento é meu.” [...] “Você não pode construir política com amor”, ele disse. “As pessoas não se importam com o amor; é desordenado demais. Elas preferem o despotismo. [...] E como tornar o despotismo amável?”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250 - tradução nossa)<sup>63</sup>

Se considerarmos as perspectivas políticas de Harraway, podemos observar como o corpo de Chani perde subjetividade e, novamente, se torna um local colonizado pelo messias. A fala de Paul contrasta não somente com o amor e a política, mas qual o papel destinado às mulheres. Enquanto as mulheres são destinadas ao lugar de cuidado e a maternidade, o masculino representa a política e o governo, como também argumenta Federici. Entretanto, sabemos que essas construções são sociais, não biologicamente inatas, é por isso que Chani mais uma vez se apresenta silenciada quando não lhe oferecem possibilidades e quando ela deve ceder tudo por amor.

O social corresponde a um papel importante na naturalização comum vemos a religião dando suporte a uma suposta inferioridade feminina, como podemos ver no manual inquisitório, *Malleus Maleficarum* ou até mesmo em *Woman Hating* de Dworkin. Assim, se considerarmos a religião enquanto um agente fundamental na centralização e fortalecimento do Estado, bem como na manipulação da mentalidade de cada período, a necessidade de Chani maternar está também na religião messiânica de seu companheiro. Como podemos observar, a personagem confia cegamente no herdeiro Atreides, contradizendo-o quando ele critica suas próprias escolhas.

Em *Messias de Duna*, somos capazes de acompanhar legiões de fiéis, venerando a posição de Paul Atreides sem questionamento, mesmo com os danos trazidos a Arrakis. Chani é uma das personagens que mais endossa o comportamento de seu companheiro, mesmo quando o próprio questiona as mortes promovidas pela jihad. Como no trecho: “Você não é um déspota!” ela protestou, amarrando seu lenço. “Suas leis são justas.”(HERBERT, 2020, vol. 2, 250) ou quando demonstra crer na mitologia que envolve o messias. Assim:

"Um grande verme foi visto abaixo da Muralha de Escudos ontem", disse Chani. "Mais de cem metros de comprimento, dizem. Vermes tão grandes raramente vêm mais para esta região. A água os repele, suponho. Dizem que este veio convocar Muad'dib de volta ao seu deserto." Ela beliscou o peito dele. "Não ria de mim!"(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 47 - tradução nossa)<sup>64</sup>

<sup>63</sup> “Don’t fear me, my Sihaya. Forget mystery and accept love. There’s no mystery about love. It comes from life. Can’t you feel that?” [...] “I promise you a thing, beloved,” he said. “A child of ours will rule such an empire that mine will fade in comparison.” [...] “But this is eternity.” He stroked her forehead. [...] She felt it stir. Paul felt it, too. He put a hand on her abdomen, said: ‘Ahh, little ruler of the universe, wait your time. This moment is mine.’” [...] “You can’t build politics on love,” he said. “People aren’t concerned with love; it’s too disordered. They prefer despotism. [...] And how do you make despotism lovable?”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250)

<sup>64</sup> “A big worm was seen below the Shield Wall yesterday,” Chani said. “More than a hundred meters long, they

Considerando esses aspectos e pensando a partir de Mircea Eliade, o imaginário religioso de uma sociedade faz com que a criação de um mito se baseie na lógica do eterno retorno. Dessa forma, se considerarmos o sagrado a partir da figura de Paul Atreides, e o profano como tudo que o cerca, a decisão de Chani ganha mais uma camada de pressão. Se antes havia apenas as pressões política e social, agora a religião atua como um lembrete consciente de sua gratidão para com o messias.

A dimensão sagrada de sua gravidez pode ser observada não apenas na reprodução automática a que Chani é submetida, mas também nas promessas de futuro que lhe são dirigidas. Como se vê no trecho: “Eu te prometo uma coisa, amada,” ele disse. “Um filho nosso governará um império tal que o meu parecerá insignificante em comparação. Tais realizações de vida, arte e sublime...”<sup>65</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250 - tradução nossa). Entretanto, a promessa se limita aos descendentes de Paul, enquanto Chani, consciente de seu esgotamento físico, reconhece sua própria finitude: “Você pode ter a eternidade. Eu tenho somente o agora”<sup>66</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 252 - tradução nossa).

À medida que as páginas avançam, a presença de Chani torna-se cada vez mais efêmera. Quando sua morte enfim ocorre, é sua voz que evoca Paul, encerrando o ciclo de sacrifício ao qual foi submetida. Invisibilizada, silenciada e periferizada, Chani permanece como um corpo-território ofertado ao império, uma existência moldada não pela escolha, mas pela função. Do mesmo modo que o deserto, quando este o deixa de ser útil, ele é descartado e perde seu valor. Assim, podemos observar no trecho o chamado de Chani:

Será que ele apenas imaginou o som? Fora seu nome tribal chamado do deserto — distante e baixo: "Usul... Uuuusssuuullll..." [...] "Chani..." disse Tandis. "Está morta," Paul sussurrou. "Ouvi ela chamar."(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 309 - tradução nossa).<sup>67</sup>

Como demonstra Federici (2023), o foco no parto muitas vezes está vinculado exclusivamente à eficiência e à reprodução. Nesse sentido, ao cumprir seu dever de gerar

---

say. Such big ones come rarely into this region any more. The water repels them, I suppose. They say this one came to summon Muad'dib home to his desert." She pinched his chest. "Don't laugh at me!" (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 47)

<sup>65</sup> "I promise you a thing, beloved," he said. "A child of ours will rule such an empire that mine will fade in comparison. Such achievements of living and art and sublime..." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250).

<sup>66</sup> "You may have eternity. I have only now." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 252).

<sup>67</sup> Had he only imagined the sound? It'd been his tribal name called from the desert -- far away and low: "Usul . . . Uuuusssuuullll . . ." [...] "Chani . . ." Tandis said. "Is dead," Paul whispered. "I heard her call." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 309).

gêmeos o ato de parir deixa de ser um processo subjetivo e conectado ao íntimo feminino, tornando-se um procedimento mecânico, desprovido de liberdade. Ainda assim, após sua morte, a possibilidade de revivê-la é descartada, pois significaria comprometer o futuro dos Atreides. O corpo de Chani, ainda em morte, permanece submetido a uma lógica utilitarista: se já serviu ao projeto sucessório, não há razão para sua permanência.

"Para fazer um acordo, é necessário ter algo a vender," disse Scytale. "Não é assim, Atreides? Você quer ter sua Chani de volta? Podemos restaurá-la para você. Um gholá, Atreides. Um gholá com memória completa! Mas devemos nos apressar. Chame seus amigos para trazer um tanque criológico para preservar a carne." [...] "Que pressões você usaria para restaurar a memória dela?" Paul perguntou, lutando para manter a voz calma. [...] "Há alguns preços que um Atreides não pode pagar," disse Paul. "Você sabe disso." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 322 - tradução nossa)<sup>68</sup>

Considerando esses elementos, podemos observar como a maternidade como meta de vida<sup>69</sup> determina o futuro de Chani até que sua existência seja extinta em prol do Império. Sua gestação e a transformação da natureza de Arrakis simbolizam não apenas o esgotamento físico do corpo feminino, mas também a morte de toda uma cultura, apontando para a urgência de os Fremen retomarem o controle sobre seus corpos e territórios. Ao longo da narrativa, a maternidade de Chani é constantemente atravessada por forças imperiais, pressões políticas e exigências reprodutivas, perdendo seu caráter subjetivo e humano. Até mesmo sua possível ressurreição é politizada, sendo descartada após o cumprimento de sua função como concubina. Seja por uma internalização das normas patriarcais ou por uma tentativa de afirmar sua identidade Fremen dentro do Império, *Duna* não aprofunda as motivações e desejos de Chani. Como corpo-território colonizado, sua trajetória é moldada pela necessidade de gerar um herdeiro, reduzindo-a a uma máquina reprodutiva a serviço dos Atreides.

Em síntese, podemos observar como a maternidade de Chani não se configura como uma escolha individual, mas sim como uma imposição do império Atreides, previamente programada pelas visões de Paul. Dessa forma, seja pelo exercício automático da maternidade compulsória, seja pelo desejo de satisfazer seu companheiro, Chani perde gradualmente o poder sobre seu próprio corpo, passando a representar a utilidade feminina associada à maternidade.

Como afirma Ariel Salleh, "O fato de que os homens se perturbam mais com a perda

<sup>68</sup> ""To strike a bargain, one requires a thing to sell," Scytale said. "Not so, Atreides? Will you have your Chani back? We can restore her to you. A gholá, Atreides. A gholá with full memory! But we must hurry. Call your friends to bring a cryologic tank to preserve the flesh." [...] "What pressures would you use to restore Chani's memory to her?" Paul asked, fighting to keep his voice calm. [...] "There are some prices an Atreides cannot pay," Paul said. "You know that." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 322)

<sup>69</sup> Como propõe Gerda Lerner em *A Criação do Patriarcado* (2019).

de uma esposa do que com o valor de seu salário demonstra o valor de uma esposa como uma ‘condição de produção’ — sexual, psicológica e econômica.”<sup>70</sup> (SALLEH, 2009, p. 11 - tradução nossa). Portanto, mesmo que seu papel seja minimizado e menosprezado, Chani é fundamental para a consolidação dos Atreides no poder. O trabalho invisível por ela realizado revela-se essencial para a funcionalidade de Paul Atreides enquanto imperador, que, após sua morte, abandona tudo.

### **2.3 Entre Chani E Irulan: A Segmentação Feminina Entre O Íntimo E O Estatal.**

A dualidade criada entre Chani e Irulan reforça estereótipos raciais que hierarquizam as mulheres, ou seja, Irulan é ideal para se casar com Paul e Chani ideal para uma relação extraconjugal. Apesar de Chani ser descrita enquanto uma mulher de pele clara, diferentemente dos filmes de Villeneuve, a colonialidade presente no Império estabelece os lugares ocupados por cada mulher. Assim, nesta subseção observaremos de forma mais atenta como ambas são posicionadas na narrativa, notando que apesar do privilégio racial de Irulan, seu gênero ainda determina qual lugar ela ocupa na vida de Paul.

Apesar de desempenhar a mesma função de Lady Jessica, - isto é, ser concubina de um Duke - o recorte racial perpassa toda a existência de Chani e diferencia as personagens. Enquanto a mãe do protagonista é uma Bene Gesserit influente, a nativa de Arrakis é inferiorizada pelo próprio sistema imperial que oprime a existência dos Fremen. Nesse sentido, mesmo ocupando lugares semelhantes politicamente é possível perceber como os privilégios e a posição política são divergentes na narrativa. Se pensarmos a questão racial proposta por *Fanon*, como o desejo colonial objetifica as mulheres racializadas enquanto exóticas, muitas vezes fetichizando personagens como Chani.

Considerando os aspectos raciais e de gênero que atravessam Chani, podemos perceber que a personagem é utilizada como uma forma de reprodução do poder imperial, instrumentalizando sua maternidade. De outro lado, podemos observar Irulan como filha do último imperador, uma mulher privilegiada e considerada apta a ocupar o lugar de esposa. Seria este um processo de racismo institucional? O processo proposto por Cida Bento (2022) demonstra como o Império de Paul se constroi e se mantém a partir de estruturas racistas. Apesar de ter um tratamento humanizado e ter valor político para a galáxia, ser mulher em *Duna* a mantém também em uma relação de objetificação com Paul.

---

<sup>70</sup> “The fact that men are bothered rather more by the loss of a wife than by the level of their wage demonstrates a wife's value as a ‘condition of production’—sexual, psychological, and economic” (SALLEH, 2009, p. 11).

Na terceira seção de *Duna, Book of Muad'Dib*, Paul exige pela mão da princesa Irulan em troca da segurança do Imperador Shaddam IV. Apesar de ter uma relação íntima com Chani e não consultá-la sobre a estratégia, Paul estabelece: “Sua filha casa comigo e o caminho fica aberto para que um Atreides se sente no trono.”<sup>71</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 790 - tradução nossa). Em outras palavras, Irulan é reduzida ao seu potencial político e matrimonial, Lerner (2019) demonstra como essa mercantilização transfere um caráter de propriedade ao feminino.

Nesse sentido, podemos observar como Chani e Irulan representam não só distintas formas de opressão patriarcal, mas também são divididas entre os espaços do íntimo e do estatal de Paul. A distinção entre suas classes, também estabelecidas por Lerner (2019), determina o grau de liberdade e de direitos que cada uma possuía. No que tange a fidelidade, Paul não impõe a Irulan que não mantenha relações íntimas com outros homens, visto que ambos não tinham uma relação sexual, mas proíbe estritamente que ela gerasse um filho de outro homem e limita o controle de seu ventre. Não somente por receio de ameaçar seu legado, mas também por medo de enfraquecer sua imagem enquanto imperador.

Enquanto uma extensão de Paul, Irulan tem seu corpo apropriado em prol do Império e é objeto da ordem das Bene Gesserit, tendo sua identidade reduzida a estratégias diplomáticas e reprodutivas. Apesar do grupo religioso ser comandado por mulheres, estas ainda se utilizam dos corpos de outras mulheres em prol de seus objetivos políticos e, muitas vezes, caminham em consonância com os anseios masculinos. Nesse sentido, a opressão e a objetificação não se anulam quando são exercidas por mulheres, a dominação não deixa de ser violência por uma mulher ou minoria.

Como explora Merchant, podemos observar, através da história, como a instrumentalização dos corpos femininos está diretamente conectada ao afastamento e à exploração da natureza. Assim como também propõe Dworkin, é a partir da centralização do Estado absolutista na Idade Média que os corpos femininos perdem grande parte de sua autonomia, o domínio da medicina natural, o controle sobre a natalidade e, por consequência, o não questionamento da exploração tanto das mulheres quanto da natureza. Após séculos de invisibilização das opressões femininas, é a partir da compreensão desses cenários que o ecofeminismo ganha forças e desmantela as estruturas impostas pelo patriarcado.

Do mesmo modo, o fato de Irulan ter envenenado Chani por anos não faz com que seja moralmente correto ou emancipa a personagem de culpa o fato de que: “Irulan prolongou sua

---

<sup>71</sup> “Your daughter wed to me and the way opened for an Atreides to sit on the throne.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 790)

vida, amada.”<sup>72</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 197 - tradução nossa). Em *Duna*, é comum observarmos Herbert tensionando os limites de cada situação e criando perspectivas dúbias em toda trilogia. No entanto, se pensarmos no conceito de liberdade - ou até mesmo moralidade construída a partir da liberdade - estabelecido por Simone de Beauvoir (2025), a liberdade de fato só existe quando estiver condicionada a liberdade de todos, sem exceção. Assim, as ações de Paul ou Irulan, ainda que ambíguos, não podem ser dissociadas de sua violência e da retirada de autonomia tanto de Chani quanto da própria Irulan.

Dessa maneira, ao adotarmos o ecofeminismo como conceito central desta discussão, é fundamental enfatizar uma abordagem inclusiva e interseccional. O ecofeminismo branco, assim como o feminismo liberal, não é capaz de promover a emancipação plena das mulheres e da natureza, pois ignora as múltiplas opressões atravessadas por raça, classe e colonialismo. Como argumenta Malcom Ferdinand, uma verdadeira revolução ecológica só pode ser conduzida pelos povos nativos e pelas minorias étnicas; do contrário, corre-se o risco de libertar apenas um tipo específico de natureza e de mulher, aqueles que já ocupam posições privilegiadas dentro do sistema.

Apesar de serem construídas enquanto antagonistas, ambas são vítimas de um mesmo sistema que as objetifica e limita sua autonomia. Podemos perceber como o patriarcado as rivaliza, assim, Paul comenta:“Em outras circunstâncias Chani e Irulan poderiam ter sido amigas.”<sup>73</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 38 - tradução nossa). Embora a cultura Fremen admita que os homens tenham mais de uma esposa, as diferenças culturais e os interesses políticos conflitantes entre Chani e Irulan contribuem para que elas sejam construídas como rivais ao longo da narrativa. Em *Além da Pele*, Silvia Federici defende a necessidade de restaurar as conexões rompidas pelo capitalismo. Assim, tanto nas relações entre mulheres, como no caso de Chani e Irulan, quanto na própria relação entre os povos e a natureza, para que a galáxia possa coexistir em harmonia.

Historicamente, Ariel Salleh (1995) demonstra como as mulheres deixaram de controlar não só os meios de produção, mas principalmente sua própria fertilidade e gestação. O ecofeminismo de Salleh demonstra como o isolamento e a perda de sua autonomia intelectual ecoam a partir do serviço doméstico não remunerado. Nesse sentido, podemos compreender como as mulheres são excluídas da lógica de acumulação de capital e, principalmente, da economia. Como Federici demonstra, se nosso valor socialmente é construído a partir da exploração da nossa mão de obra, o que resta às mulheres e às naturezas

---

<sup>72</sup> “Irulan prolonged your life, beloved.”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 197)

<sup>73</sup> “Under other circumstances Chani and Irulan might have been friends.” (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 37-38)

que vivem uma renúncia constante e imposta do seu labor?

Pensando na maternidade, enquanto fenômeno de reprodução e não produção, Salleh demonstra como tal ato é destituído de valor por não ser considerado uma atividade capitalizável, tal como a produção. Do mesmo modo que a natureza, Salleh propõe que “elas estão prontamente disponíveis e descartáveis, e como a natureza no patriarcado capitalista, elas não têm subjetividade para se manifestar.”<sup>74</sup>(SALLEH, 2009, p. 30 - tradução nossa.). Isto é, podemos observar em *Duna* como Chani e Irulan estão ao dispor de Paul Atreides, aguardando as decisões sobre seus corpos serem tomadas, ou como Chani, aguardando o sucesso de uma concepção. Como demonstra o trecho:

Suavemente, com um ar casual que não o enganou, ela disse: “Vamos discutir o desejo de Irulan por um filho.” Os olhos de Paul se arregalaram. Ele estudou Chani cuidadosamente. “Irulan voltou de Wallach há menos de dois dias,” ele disse. “Ela já te incomodou?” “Não discutimos suas frustrações,” disse Chani. [...] “Eu perturbei sua mente,” disse Chani. “Essa não era minha intenção.” “Qual era sua intenção?” Ela sorriu timidamente, encontrando o olhar dele. “Se você está zangado, amor, por favor, não esconda.” Paul recostou-se contra a cabeceira. “Devo afastá-la?” ele perguntou. “O uso dela é limitado agora e não gosto das coisas que percebo sobre sua viagem de volta à Irmandade.” “Você não vai afastá-la,” disse Chani. Ela continuou massageando as pernas dele e falou com naturalidade: “Você já disse muitas vezes que ela é seu contato com nossos inimigos, que pode ler os planos deles através das ações dela.” “Então por que perguntar sobre o desejo dela por um filho?” “Acho que isso desconcertaria nossos inimigos e colocaria Irulan numa posição vulnerável, caso você a engravidasse.” [...] “Chani, amada, eu jurei um voto de nunca levá-la para a minha cama. Um filho lhe daria poder demais. Você gostaria que ela te substituísse?” “Eu não tenho lugar.” “Não é assim, Sihaya, minha primavera do deserto. Que súbita preocupação é essa com Irulan?” “É preocupação com você, não com ela! Se ela carregasse um filho dos Atreides, os amigos dela questionariam sua lealdade. Quanto menos confiança nossos inimigos depositarem nela, menos útil ela será para eles.”<sup>75</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 37 - tradução nossa)

A desconsideração da estratégia política de Chani fica evidente por parte de Paul; ainda assim, o que se observa com mais clareza é como o protagonista toma decisões sobre os corpos de Irulan e Chani, mesmo quando uma delas não está presente. Enquanto homem e imperador, Paul reafirma seu poder ao determinar o futuro de sua esposa e concubina,

<sup>74</sup> “they are readily available and disposable; and like nature under capitalist patriarchy, they have no subjectivity to speak of.”(SALLEH, 2009, p. 30)

<sup>75</sup> “Let us not play these silly games,” he said. “You play a part, no more. We both know who my wife is.” “And I am a convenience, nothing more,” she said, voice heavy with bitterness. “I have no wish to be cruel to you,” he said. “You chose me for this position.” “Not I,” he said. “Fate chose you. Your father chose you. The Bene Gesserit chose you. The Guild chose you. And they have chosen you once more. For what have they chosen you, Irulan?” “Why can’t I have your child?” “Because that’s a role for which you weren’t chosen.” “It’s my right to bear the royal heir! My father was --” “Your father was and is a beast. We both know he’d lost almost all touch with the humanity he was supposed to rule and protect.” “Was he hated less than you’re hated?” she flared. “A good question,” he agreed, a sardonic smile touching the edges of his mouth. “You say you’ve no wish to be cruel to me, yet . . .” “And that’s why I agree that you can take any lover you choose. But understand me well: take a lover, but bring no sour-fathered child into my household. I would deny such a child. I don’t begrudge you any male alliance as long as you are discreet... and childless.”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 37)

retirando-lhes sem agência própria e reduzindo sua voz na narrativa. Do mesmo modo, Stephanie Lahar (1991) afirma como alguns contextos, por exemplo a guerra, podem retirar a humanidade e a subjetividade de alguns indivíduos, tornando-os objetos sexuais ou até mesmo um inimigo sem face.

Semelhantemente à Gloucester em *King Lear* de William Shakespeare, entre o dever do Estado e a intimidade, Paul também é dividido entre as obrigações imperiais e suas relações afetivas. Entretanto, o messias mantém ambas à sua disposição e atua como um agente ativo de suas opressões, mantendo-as enquanto figuras simbólicas que reforçam seu poder. O trecho seguinte demonstra como a ambiguidade e a política que contaminam até mesmo o espaço íntimo:

Lembrando-se do encontro agora, Paul retirou sua consciência dele e focou em Chani, sentada ao seu lado na cama. Ele conseguia compreender seus sentimentos ambivalentes sobre Irulan, compreender a decisão Fremem de Chani. Em outras circunstâncias, Chani e Irulan poderiam ter sido amigas. "O que você decidiu?" perguntou Chani. "Nenhuma criança", ele disse. Chani fez o sinal Fremem com o crysknife, com o dedo indicador e o polegar da mão direita. "Pode chegar a isso", ele concordou. "Você não acha que uma criança resolveria alguma coisa com Irulan?" ela perguntou. "Só um tolo pensaria isso." "Eu não sou uma tola, meu amor." A raiva o dominou. "Eu nunca disse que você fosse! Mas isso não é algum maldito romance romântico que estamos discutindo. Aquela é uma princesa de verdade ali no corredor. Ela foi criada em todas as intrigas perversas de uma Corte Imperial. Conspirar é tão natural para ela quanto escrever suas histórias estúpidas!" "Elas não são estúpidas, amor." "Provavelmente não são." Ele controlou a raiva, pegou sua mão. "Desculpe. Mas aquela mulher tem muitos complôs — complôs dentro de complôs. Ceder a uma de suas ambições pode fazer você avançar outra delas." Com a voz suave, Chani disse: "Eu sempre disse isso, não disse?" "Sim, claro que disse." Ele a fitou. "Então o que você está realmente tentando me dizer?" Ela se deitou ao lado dele, colocou a mão contra seu pescoço. "Eles chegaram a uma decisão sobre como lutar contra você", ela disse. "Irulan exala decisões secretas." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 38 - tradução nossa)<sup>76</sup>

Nesse trecho, observa-se que Paul é quem determina os espaços que Chani e Irulan ocuparão em sua vida, incluindo a decisão sobre quem poderá ou não gestar seus filhos.

---

<sup>76</sup> Remembering the encounter now, Paul brought his awareness out of it and focused on Chani seated beside him on their bed. He could understand his ambivalent feelings about Irulan, understand Chani's Fremem decision. Under other circumstances Chani and Irulan might have been friends. "What have you decided?" Chani asked. "No child," he said. Chani made the Fremem crysknife sign with the index finger and thumb of her right hand. "It could come to that," he agreed. "You don't think a child would solve anything with Irulan?" she asked. "Only a fool would think that." "I am not a fool, my love." Anger possessed him. "I've never said you were! But this isn't some damned romantic novel we're discussing. That's a real princess down the hall. She was raised in all the nasty intrigues of an Imperial Court. Plotting is as natural to her as writing her stupid histories!" "They are not stupid, love." "Probably not." He brought his anger under control, took her hand in his. "Sorry. But that woman has many plots -- plots within plots. Give into one of her ambitions and you could advance another of them." Her voice mild, Chani said: "Haven't I always said as much?" "Yes, of course you have." He stared at her. "Then what are you really trying to say to me?" She lay down beside him, placed her hand against his neck. "They have come to a decision on how to fight you," she said. "Irulan reeks of secret decisions." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 38)

Assim, embora busque proteger Chani da influência de Irulan, ele também restringe a autonomia dela e sua capacidade de cuidar de si mesma, tornando-a vulnerável. Quanto a Irulan, mesmo na ausência de uma relação afetiva, Paul a instrumentaliza conforme seus interesses estratégicos, chegando a alterar sua posição ao considerar a possibilidade de uma gestação por inseminação artificial. Dessa forma, fica evidente que tanto Chani quanto Irulan são tratadas como ferramentas para os objetivos de Paul, mesmo que ele demonstre alguma simpatia por ambas.

Seja pela conexão de Irulan com toda a galáxia, assegurando seu trono, ou pela relação íntima com Chani, que mantém sua conexão com os Fremen. Paul renova o pacto narcísico da branquitude ao estabelecer Chani enquanto concubina e reservando à Irulan o imagético de Imperatriz consorte. Apesar de ser o responsável por diversas decisões, Paul não se responsabiliza por seus atos, agindo como se todos os últimos acontecimentos fossem inevitáveis. Assim como podemos observar no trecho:

“Não vamos jogar esses joguinhos tolos,” ele disse. “Você representa um papel, nada mais. Nós dois sabemos quem é minha esposa.” “E eu sou uma conveniência, nada mais,” ela disse, com a voz carregada de amargura. “Não tenho desejo de ser cruel com você,” ele disse. “Você me escolheu para essa posição.” “Não fui eu,” ele disse. “O destino escolheu você. Seu pai escolheu você. As Bene Gesserit escolheram você. A Guilda escolheu você. E eles a escolheram mais uma vez. Para quê eles a escolheram, Irulan?” “Por que eu não posso ter seu filho?” “Porque esse é um papel para o qual você não foi escolhida.” “É meu direito gerar o herdeiro real! Meu pai foi —” “Seu pai foi e é uma besta. Nós dois sabemos que ele havia perdido quase todo o contato com a humanidade que deveria governar e proteger.” “Ele era menos odiado do que você é odiado?” ela disparou. “Boa pergunta,” ele concordou, um sorriso sarcástico tocando os cantos da boca. “Você diz que não quer ser cruel comigo, mas...” “E é por isso que eu concordo que você pode tomar qualquer amante que escolher. Mas me entenda bem: tenha um amante, mas não traga uma criança de paternidade duvidosa para o meu lar. Eu negaria tal filho. Eu não ressentirei nenhuma aliança masculina, desde que seja discreta... e sem filhos.”<sup>77</sup> (HERBERT, 2020, vol. 2, p.43 -tradução nossa)

Podemos compreender a importância política de Irulan enquanto peça fundamental na tentativa de estabilizar o novo império, já que sua união com Paul representa a fusão simbólica entre o poder deposto e o poder ascendente. No entanto, é Paul quem escolhe Irulan

---

<sup>77</sup> "Let us not play these silly games," he said. "You play a part, no more. We both know who my wife is." "And I am a convenience, nothing more," she said, voice heavy with bitterness. "I have no wish to be cruel to you," he said. "You chose me for this position." "Not I," he said. "Fate chose you. Your father chose you. The Bene Gesserit chose you. The Guild chose you. And they have chosen you once more. For what have they chosen you, Irulan?" "Why can't I have your child?" "Because that's a role for which you weren't chosen." "It's my right to bear the royal heir! My father was --" "Your father was and is a beast. We both know he'd lost almost all touch with the humanity he was supposed to rule and protect." "Was he hated less than you're hated?" she flared. "A good question," he agreed, a sardonic smile touching the edges of his mouth. "You say you've no wish to be cruel to me, yet . . ." "And that's why I agree that you can take any lover you choose. But understand me well: take a lover, but bring no sour-fathered child into my household. I would deny such a child. I don't begrudge you any male alliance as long as you are discreet... and childless. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 43)

e formaliza o pedido de casamento ao Imperador Shaddam IV, em um gesto previamente calculado de afirmação de soberania. Ao culpar o destino, o protagonista nega responsabilidade de suas ações, mantendo Irulan em um limbo da não escolha: ela não é verdadeiramente esposa, tampouco é mãe de seus herdeiros, nem mesmo possui agência política efetiva.

Irulan é mantida enquanto uma figura simbólica, renegada ao afeto do marido e não possui agência política. Por outro lado, Chani ocupa o espaço amoroso, mas também vive sem a presença plena de Paul. Ambas vivem à sombra do Messias: uma carrega seu nome, a outra, seu amor. Essa partilha desigual não apenas define os papéis de Irulan e Chani na ordem imperial, como também evidencia a negação de sua subjetividade plena. Enquanto são utilizadas para fins distintos, seja como figura diplomática ou como corpo reprodutivo, nenhuma das duas é reconhecida como sujeito completo, dotado de agência e liberdade.

Enquanto corpo-território, Irulan é reduzida a seu potencial reprodutivo apenas quando a linhagem de Paul é ameaçada. O conceito de colonialismo do útero, desenvolvido por Silvia Federici, permite compreender como o patriarcado se apropria das funções reprodutivas femininas, instrumentalizando-as conforme seus próprios interesses políticos e hereditários. Após negar a Irulan o direito à maternidade durante toda a narrativa, Paul subitamente recua:

“Que moeda você oferece?” ela perguntou. “Você pode ter minha semente, mas não minha pessoa,” disse Paul. “Irulan banida e inseminada artificialmente --” “Você ousa!” a Reverenda Mãe explodiu, endurecendo-se.<sup>78</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 179 - tradução nossa)

A fala de Paul reforça a desumanização de Irulan, ela não é desejada enquanto sujeito, mas somente como útero para reprodução do poder imperial. Ainda que a inseminação artificial represente um avanço tecnológico, ela aqui não emancipa e não dá agência total à Irulan; ao contrário, reforça a lógica patriarcal de dominação técnica sobre o corpo feminino. A reprodução aqui se torna, mais uma vez, um campo de guerra simbólica, com as mulheres e a natureza sendo territórios a serem explorados.

O ecofeminismo surge, nesse contexto, como uma alternativa teórica e política capaz de articular as múltiplas formas de dominação que atravessam essas personagens, ao propor a superação de uma lógica de instrumentalização tanto da mulher quanto da natureza. Elizabeth Peredo Beltrán (2019), ao abordar os ecofeminismos do Sul, destaca a importância de compreender os corpos das mulheres como territórios simbólicos e concretos de disputa. O

---

<sup>78</sup> "What coin do you offer?" she asked. "You may have my seed, but not my person," Paul said. "Irulan banished and inseminated by artificial --" "You dare!" the Reverend Mother flared, stiffening. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 179)

conceito de corpo-território permite observarmos Chani e Irulan não apenas como personagens instrumentais no jogo do poder, mas como espaços violados e silenciados por uma ordem patriarcal, colonialista e imperial.

“Alguém,” ela sussurrou, falando contra seu peito, “tem me dado um contraceptivo há muito tempo... antes de eu começar a nova dieta. Haverá problemas com este parto por causa disso.” “Mas há remédios?” ele perguntou. “Remédios perigosos. Eu sei a origem desse veneno! Vou querer o sangue dela.” “Minha Sihaya,” ele sussurrou, segurando-a perto para acalmar um tremor súbito. “Você vai gerar o herdeiro que queremos. Isso não é suficiente?” “Minha vida queima mais rápido,” ela disse, se pressionando contra ele. “O parto agora controla minha vida. Os médicos me disseram que está indo em um ritmo terrível. Eu preciso comer e comer... e tomar mais especiaria também... comer, beber. Eu vou matá-la por isso!” [...] Chani se afastou dele. “Ela não pode ser perdoada!” “Quem falou em perdoar?” “Então por que eu não deveria matá-la?” Foi uma pergunta tão direta, tão Fremem, que Paul quase se sentiu tomado por um desejo histérico de rir. Ele abafou isso dizendo: “Não adiantaria.” “Você viu isso?” Paul sentiu o estômago apertar com a lembrança vívida. “O que eu vi... o que eu vi...” [...] “Conte-me o que viu,” Chani disse. “Não posso.” “Por que não devo matá-la?” “Porque eu pedi.”<sup>79</sup> (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 197 - tradução nossa)

Podemos observar, então, que existe uma oposição entre Chani e Irulan construída pelo Império, que comanda seus corpos e exige obediência. Nesse sentido, por anos Irulan envenenou Chani a mando das Bene Gesserit, buscando não ocupar somente o espaço estatal em sua relação com Paul. Apesar de Irulan ser responsável pelo envenenamento de Chani, é Paul quem articula as opressões sofridas pelas personagens e comanda suas vidas. Enquanto antagonistas, a união das duas é fundamental para que ambas passem a ser reconhecidas como sujeitos plenos.

---

<sup>79</sup> “Someone,” she rasped, speaking against his breast, “has been feeding me a contraceptive for a long time... before I began the new diet. There’ll be problems with this birth because of it.” “But there are remedies?” he asked. “Dangerous remedies. I know the source of that poison! I’ll have her blood.” “My Sihaya,” he whispered, holding her close to calm a sudden trembling. “You’ll bear the heir we want. Isn’t that enough?” “My life burns faster,” she said, pressing against him. “The birth now controls my life. The medics told me it goes at a terrible pace. I must eat and eat... and take more spice, as well... eat it, drink it. I’ll kill her for this!” [...] Chani pushed away from him. “She cannot be forgiven!” “Who said anything about forgiving?” “Then why shouldn’t I kill her?” It was such a flat, Fremem question that Paul felt himself almost overcome by a hysterical desire to laugh. He covered it by saying: “It wouldn’t help.” “You’ve seen that?” Paul felt his belly tighten with vision-memory. “What I’ve seen... what I’ve seen...” [...] “Tell me what you’ve seen,” Chani said. “I can’t.” “Why mustn’t I kill her?” “Because I ask it.” (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 197)

### ***CAPÍTULO 3 – LADY Jessica: ENTRE ESTRATÉGIAS POLÍTICAS E AS BENE GESSERIT***

Lady Jessica é apresentada enquanto um membro relevante das Bene Gesserit, sendo descrita como uma mulher inteligente, disciplinada e estrategista. Nas primeiras páginas a conhecemos como mãe de Paul Atreides e concubina de Leto Atreides. Sua participação política, mesmo que inicialmente como concubina de Leto, demonstra o domínio das doutrinas que lhe foram passadas e o cuidado em proteger os interesses de sua família. Enquanto membro das Bene Gesserit, Lady Jessica foi instruída a não gestar uma criança do sexo masculino para não atrapalharem uma futura aliança com os Harkonnen. Entretanto, seu amor pelo Duke fez com que ela gestasse o filho que ele desejava, um homem criado sob seus ensinamentos de Bene Gesserit.

A ordem planejava produzir um herdeiro masculino que unificasse o Império e estivesse sob seu controle, o Kwisatz Haderach. Ao mesmo tempo em que planejaram a criação do Kwisatz Haderach, as Bene Gesserit também planejaram e manipularam os Fremen a acreditarem que um homem de fora, nascido de uma Bene Gesserit e poderoso, traria mudança para Arrakis. Nesse sentido, podemos observar que a religião é utilizada enquanto um instrumento de manipulação e controle dos que estão sob seu controle. Dessa maneira, observar Lady Jessica enquanto uma mulher que reproduz comportamentos doutrinados a ela, mas também oprime, demonstra a complexidade da personagem.

Desde o início da trilogia, observa-se a recorrência do mantra: “I am Bene Gesserit: I exist only to serve” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 37). A repetição dessa frase não apenas reforça a disciplina interna da ordem, como também evidencia a autopercepção de Lady Jessica como um instrumento a serviço de um projeto maior. Em outras palavras, seu comportamento frequentemente reproduz, sem questionamento explícito, os princípios de obediência e submissão do treinamento Bene Gesserit, mesmo quando isso implica o apagamento de seus próprios desejos. Um exemplo marcante é sua decisão de permanecer como concubina de Leto Atreides, mesmo sabendo que poderia persuadi-lo a oficializar o casamento.

Com isso em mente, nos livros Lady Jessica mantém um relacionamento próximo e amoroso com o Duque Leto Atreides, mas seu treinamento Bene Gesserit a faz, de forma quase automática, estabelecer uma certa distância emocional. Em determinado momento, ela

reflete: “Se eu desejasse um fantoche, o Duque se casaria comigo”<sup>80</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 252 - tradução nossa). A frase evidencia que Jessica tem plena consciência de seu poder de persuasão e de que, se desejasse, poderia manipulá-lo para oficializar o casamento. Isso demonstra não apenas sua força e domínio sobre as emoções, mas também seu comprometimento com o papel estratégico que exerce. Neste capítulo, nos propomos a analisar as relações políticas da personagem e sua importância na consolidação de Paul Atreides enquanto Imperador. Assim, a análise desse capítulo seguiu a seguinte estrutura: 1) Lady Jessica e a formação Bene Gesserit; 2) Lady Jessica e o ecofascismo: A instrumentalização do sagrado e da natureza ; 3) Lady Jessica como mediadora colonial: gênero, culpa e poder.

### 3.1 Lady Jessica e a formação Bene Gesserit

Lady Jessica, mãe de Alia e Paul Atreides, foi um corpo disciplinado pelas Bene Gesserit. Como ocorre com outros membros da ordem, sua linhagem foi moldada com o intuito de unificar as casas mais poderosas do Império. Enquanto Bene Gesserit, a personagem encarna os dogmas e as práticas repressivas características da irmandade. No entanto, em sua esfera íntima, ela se permite agir de acordo com os interesses dos Atreides, utilizando sua posição social e suas habilidades para alcançar objetivos específicos. Ainda assim, observa-se que muitas das suas ações permanecem orientadas por interesses masculinos ou por projetos de terceiros, revelando uma tensão entre desejo individual, condicionamento institucional e as estruturas de poder que a atravessam.

“Você fez isso com pouquíssimas pistas”, disse ela. “Política, de fato. A escola original das Bene Gesserit foi dirigida por aquelas que perceberam a necessidade de um fio de continuidade nos assuntos humanos. Elas entenderam que não poderia haver tal continuidade sem separar a linhagem humana da linhagem animal — para fins de reprodução. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 18)<sup>81</sup>

Assim, podemos observar neste trecho como a irmandade tinha como intuito disciplinar e segregar suas integrantes, objetificando-as e suprimindo-as em prol do controle genético imperial. Em sua esfera íntima, Lady Jessica busca agir de forma política, utilizando

---

<sup>80</sup> “If I desire a puppet, the Duke would marry me” (HERJessica020, vol. 1, p. 252)

<sup>81</sup> “You did that on remarkably few clues,” she said. “Politics indeed. The original Bene Gesserit school was directed by those who saw the need of a thread of continuity in human affairs. They saw there could be no such continuity without separating human stock from animal stock -- for breeding purposes.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 18)

sua posição social para atingir objetivos próprios e de seus aliados. Entretanto, observa-se como Lady Jessica é limitada aos papéis que lhe são socialmente atribuídos, sendo descrita por Paul como “uma Bene Gesserit, a concubina de um duque e a mãe do herdeiro ducal”. Ao ser reduzida a essas funções, o que lhe resta em Duna são as funções que lhe foram atribuídas, refletindo um modelo histórico de condicionamento dos corpos femininos.

Embasados por Silvia Federici, podemos comparar as Bene Gesserit à movimentação política realizada pelo Estado e pela religião para a unificação do poder europeu. Nesse sentido, a irmandade também demonstra durante a saga sacrificar os corpos de mulheres para aumentar seu controle político, ainda que tal dinâmica possa parecer revolucionária por serem elas que detêm o poder, e não apenas por servirem como instrumentos. A instrumentalização de corpos femininos comandada por outros corpos femininos demonstra que seus planos visam à criação de uma nova forma de subordinação, não a destruição de hierarquias.

Observamos também que esse processo constrói a imagem da bruxa má atribuída a suas integrantes, o que fortalece projetos políticos masculinos e contribui para sua desumanização. Ao associar a atuação das Bene Gesserit a figuras manipuladoras e ameaçadoras, cria-se um imaginário que legitima o medo, a vigilância constante e a violência contra corpos femininos, ao mesmo tempo em que encobre as estruturas de poder que se beneficiam dessa estigmatização. Dessa forma, Lady Jessica é despida de humanidade ao tornar-se um cargo, perdendo a possibilidade de existir para além das funções que lhe são impostas.

Ainda com Federici em mente, o medo perante seus saberes científicos e empíricos favorece a perseguição de Lady Jessica e de outras Bene Gesserit. Em Duna, Lady Jessica é, por um longo período, a principal suspeita pela morte do duque Leto e pela suposta traição de sua casa aos Harkonnen. Como observamos no trecho abaixo:

*Viverei o suficiente para vê-la estrangulada!*, pensou ele. *Eu deveria ter matado aquela bruxa Bene Gesserit quando tive a chance.* Não havia qualquer dúvida em sua mente sobre quem os havia traído — Lady Jessica. Ela se encaixava em todos os fatos disponíveis. [...] Como ela pôde fazer isso, quando isso significava se voltar também contra o próprio filho? Mas... quem sabe como pensa uma bruxa Bene Gesserit... se é que isso pode ser chamado de pensamento?(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 336-342 - tradução nossa)<sup>82</sup>

Em diversos momentos, a personagem é acusada de forma pejorativa de ser uma

---

<sup>82</sup> I will live long enough to see her strangled! he thought. I should've killed that Bene Gesserit witch when I had the chance. There was no doubt in his mind who had betrayed them--the Lady Jessica. She fitted all the facts available.[...]How could she do this when it meant turning also against her own son? But... who knows how a Bene Gesserit witch thinks... if you can call it thinking? (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 336)

bruxa, não apenas por ser uma mulher extremamente inteligente, mas também por ser considerada não confiável por conta de seus saberes enquanto Bene Gesserit. O conhecimento de Lady Jessica, e também de outras mulheres ao longo da história, não é visto como uma poderosa aliada política, mas passa a ser associado à ameaça, traição e a sua falta de humanidade, reforçando um imaginário que legitima sua perseguição. O fortalecimento desse imaginário contribui para a fragmentação entre Lady Jessica e outros personagens da saga, além de criar um ciclo de desconfiança dentro da própria irmandade.

Retomando a desumanização das Bene Gesserit, convém mencionar o dever incumbido a Lady Jessica de gestar uma herdeira para Leto, e não um herdeiro. Entretanto, o desejo do duque acabou convencendo a mulher a conceder um filho do gênero masculino, indo contra as ordens de sua própria irmandade. Ao ter a maternidade imposta sobre si, pode-se observar como sua subjetividade é negada e como ela vive um processo de servidão involuntária. Assim, a personagem internaliza as violências sistêmicas do Império e das Bene Gesserit, resultando em um auto sacrifício que é naturalizado em uma sociedade misógina.

A reprodução aqui deixa de ser natural e ganha aspectos mecânicos, transformando a gestação em um território invisibilizado e apartado da humanidade, como apresenta Salleh (2017). Nesse sentido, não só a desumanização aparece no controle gestacional das Bene Gesserit, mas também na fragmentação destas enquanto coletivo. Embora tenha acesso ao conhecimento feminino de suas antecessoras, Lady Jessica só descobre ser herdeira dos Harkonnen quando essa informação lhe é revelada por Paul Atreides. Como demonstrado em:

"[...] Eu caminhei pelo futuro, examinei um registro, vi um lugar, tenho todos os dados. Nós somos Harkonnen."

"Um... ramo renegado da família", disse ela. "É isso, não é? Algum primo Harkonnen que—"

"Você é a própria filha do Barão", disse ele, observando a forma como ela levou as mãos à boca. "O Barão experimentou muitos prazeres em sua juventude e, certa vez, permitiu-se ser seduzido. Mas foi para fins genéticos das Bene Gesserit, por uma de vocês."

A forma como ele disse "vocês" atingiu-a como um tapa. Ainda assim, colocou sua mente em funcionamento, e ela não pôde negar suas palavras. Tantas lacunas de sentido em seu passado agora se estendiam e se conectavam. A filha que as Bene Gesserit queriam — não era para pôr fim à antiga disputa entre Atreides e Harkonnen, mas para corrigir algum fator genético em suas linhagens. O quê? Ela tateou em busca de uma resposta.(HERBERT, 2020, vol. 1, p.322 - tradução nossa)<sup>83</sup>

<sup>83</sup> [...]I've walked the future, I've looked at a record, I've seen a place, I have all the data. We're Harkonnens."

"A . . . renegade branch of the family," she said. "That's it, isn't it? Some Harkonnen cousin--"

"You're the Baron's own daughter," he said, and watched the way she pressed her hands to her mouth. "The Baron sampled many pleasures in his youth, and once permitted himself to be seduced. But it was for the genetic purposes of the Bene Gesserit, by one of you."

Apesar de constituírem a ordem mais antiga de *Duna*, nota-se que as Bene Gesserit são alienadas de si mesmas. O controle genético é o principal propósito da irmandade, mas ocorre em sacrifício da identidade e da subjetividade de todas as suas integrantes. Isto é, suas linhagens são estrategicamente criadas e omitidas, impedindo que cada Bene Gesserit desenvolva plena individualidade e autonomia sobre si. Assim, esse ciclo de controle evidencia uma fragmentação estratégica, à luz de Federici e Salleh, que reproduz ciclos de violência e segmenta os saberes femininos.

Embora Lady Jessica não siga todas as ordens da irmandade, a personagem não demonstra plena autonomia em relação aos próprios desejos. Suas ações que se desencontram de sua formação estão diretamente ligadas aos interesses e ao bem-estar de Paul ou de Leto Atreides. Nesse sentido, Lady Jessica tem seu sujeito intrinsecamente limitado devido à sua formação enquanto Bene Gesserit. Ela é, por excelência, o resultado de uma seita que racionaliza e instrumentaliza o corpo das mulheres, deixando-o desprendido de interesses próprios.

Somado a isso, a ordem milenar das Bene Gesserit demonstra domínio e disciplina em cada âmbito da vida de suas integrantes, exigindo controle corporal, mental e reprodutivo/sexual. Apesar de ser conduzida por mulheres e composta exclusivamente por mulheres, seus corpos são objetificados em prol da centralização do Império. A criação do Kwisatz Haderach, herdeiro masculino das Bene Gesserit, teria como intuito unir os saberes já dominados às casas centrais de *Duna*. Entretanto, a seita feminina demonstra que não pretende subverter as hierarquias de poder presentes em sua sociedade, mas utilizar para consolidar um Estado mais forte e confiar que um herdeiro masculino não as trairia.

A justificativa de que somente um homem seria capaz de unir o seu conhecimento ao feminino parece pouco crível quando pensamos na dimensão já alcançada pela irmandade. A suposta limitação biológica feminina pode parecer um acaso; entretanto, a internalização da lógica patriarcal se apresenta mais como um projeto político do que genético. A partir de Haraway (2020), podemos pensar os limites biológicos impostos ao corpo feminino como políticos e que façam com que o grupo internalize tais violências de gênero. Como notamos no trecho a seguir:

---

The way he said 'you' struck her like a slap. But it set her mind to working and she could not deny his words. So many blank ends of meaning in her past reached out now and linked. The daughter the Bene Gesserit wanted--it wasn't to end the old Atreides-Harkonnen feud, but to fix some genetic factor in their lines. What? She groped for an answer.(HERBERT, 2020, vol. 1, p.322)

"O narcótico é perigoso", disse ela, "mas concede percepção. Quando uma Dizedora da Verdade é agraciada pelo narcótico, ela pode olhar para muitos lugares em sua memória — na memória de seu corpo. Nós percorremos tantos caminhos do passado . . . mas apenas caminhos femininos." Sua voz assumiu um tom de tristeza. "Ainda assim, há um lugar que nenhuma Dizedora da Verdade pode ver. Somos repelidas por ele, aterrorizadas. Diz-se que um homem virá um dia e encontrará, no dom do narcótico, seu olho interior. Ele olhará onde nós não podemos — tanto para os passados femininos quanto masculinos."

"O seu Kwisatz Haderach?"

"Sim, aquele que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo: o Kwisatz Haderach. Muitos homens tentaram o narcótico . . . tantos, mas nenhum teve sucesso."(HERBERT, 2020, vol. 1, 20 - tradução nossa)<sup>84</sup>

A criação de um Kwisatz Haderach, ainda que se apresente como contraditória, evidencia como os ciclos de violência reproduzidos pelas Bene Gesserit continuam a privilegiar os homens. Mesmo detendo conhecimentos que nenhum homem jamais teve sobre seus antepassados, observa-se que as Bene Gesserit são repelidas e aterrorizadas pelo passado masculino. O acesso de Lady Jessica acerca do passado Harkonnen só ocorre quando Paul aponta o caminho para esses saberes. Tal medo aparenta ser incoerente se considerarmos que essas são as mulheres mais inteligentes e poderosas do Império.

No entanto, se compreendermos esse amedrontamento como o receio de serem corrompidas pelos conhecimentos masculinos, observamos que a própria irmandade já reproduz violências sem plena consciência de suas implicações. Caso o temor esteja relacionado à perda do controle do Império, nota-se como seu domínio escorre pelas mãos como areia em Arrakis. Ao reproduzirem as mesmas violências entre si, elas não subvertem a ordem vigente, apenas se colocam em disputa pelo trono. Desse modo, um entendimento mais profundo sobre equidade e justiça poderia favorecer todo o Império caso esses saberes fossem devidamente acessados. Entretanto, o rompimento com a lógica capitalista alteraria todas as relações que estruturam o universo de Duna.

O medo do desconhecido não revela prudência por parte das Bene Gesserit, mas limitação. Para uma irmandade que busca dominar todas as memórias humanas, seria mais coerente assumir seus medos, já que a tentativa de dominá-los demonstra uma fragilidade

---

<sup>84</sup> "The drug's dangerous," she said, "but it gives insight. When a Truthsayer's gifted by the drug, she can look many places in her memory -- in her body's memory. We look down so many avenues of the past . . . but only feminine avenues." Her voice took on a note of sadness. "Yet, there's a place where no Truthsayer can see. We are repelled by it, terrorized. It is said a man will come one day and find in the gift of the drug his inward eye. He will look where we cannot -- into both feminine and masculine pasts."

"Your Kwisatz Haderach?"

"Yes, the one who can be many places at once: the Kwisatz Haderach. Many men have tried the drug . . . so many, but none has succeeded."(HERBERT, 2020, vol. 1, 20)

institucional. Mesmo que formadas exclusivamente por mulheres, as Bene Gesserit acessam apenas conhecimentos advindos de linhagens privilegiadas, o que restringe sua visão e produz um conhecimento parcial. Ainda, a recusa em enfrentar situações adversas parece contradizer os próprios projetos políticos da Bene Gesserit. Afinal, este é um projeto que almeja o controle econômico, político e social, preposições que são tudo menos modestas, ainda que revestidas de uma suposta racionalidade.

Aliás, ao mencionarmos a suposta superioridade intelectual das Bene Gesserit, evidenciamos um conhecimento científico dissociado da moral, como discute Meza (2010). Ao separarmos saberes e ética, corremos o risco de suavizar seleções genéticas em prol de um suposto processo. Nesse sentido, o ecofascismo também pode ser associado a essas políticas por legitimar discursos excludentes e transformar o conhecimento em instrumento de opressão. Contudo, o ecofascismo será abordado com maior destaque na próxima seção.

Sob a lógica da criação de hierarquias fundamentadas na ciência, a separação entre a linhagem humana e a linhagem animal, promovida pela irmandade, revelam um processo ecofascista e especista. Conforme discute Carol J. Adams, em sociedades nas quais o homem é privilegiado em detrimento do feminino e de outras espécies, a dominação desses grupos demonstra como seus corpos se tornam objetos para que outros se afirmem como sujeitos. Assim, quando a Reverenda Madre realiza o teste do gom jabbar em Paul Atreides para verificar se ele é humano; à pedido de Lady Jessica, que também já foi submetida ao teste. Como podemos observar em:

“Eu mantenho o gom jabbar em seu pescoço”, disse ela. “O gom jabbar, o inimigo de mão elevada. É uma agulha com uma gota de veneno na ponta. Ah-ah! Não se afaste ou sentirá esse veneno.” [...]

“Um filho de duque deve conhecer venenos”, disse ela. “É o modo dos nossos tempos, eh? Musky, envenenado em sua bebida. Aumas, envenenado em sua comida. Os rápidos, os lentos e os que estão entre eles. Aqui está um novo para você: o gom jabbar. Ele mata apenas animais.”

O orgulho venceu o medo de Paul. “Você ousa sugerir que o filho de um duque é um animal?”, exigiu.

“Digamos que eu sugiro que você pode ser humano”, disse ela. “Fique firme! Eu o advirto para não tentar se afastar bruscamente. Sou velha, mas minha mão pode cravar esta agulha em seu pescoço antes que você escape.” [...]

“Você já ouviu falar de animais que mastigam a própria perna para escapar de uma armadilha? Esse é um truque animal. Um humano permaneceria na armadilha, suportaria a dor, fingindo-se de morto, para então matar o caçador e remover uma ameaça à sua espécie.”

A coceira tornou-se a mais tênue sensação de ardor. “Por que você está fazendo isso?”, exigiu.

“Para determinar se você é humano. Fique em silêncio.” (HERBERT, 2020,

v. 1, p. 11–13)<sup>85</sup>

Como podemos observar no trecho, a separação entre humanos e animais, além de desumanizar e inferiorizar aqueles que não realizaram o teste, fundamenta sua exploração ao lhes atribuir menor valor. Nesse sentido, o especismo praticado pela irmandade não apenas segrega humanos de animais, mas também cria hierarquias entre as etno-raças do universo *Duna*. Prosseguindo com Adams, esse processo expõe um ciclo de objetificação, fragmentação e consumo, que se reproduz tanto em nossa sociedade quanto na trilogia.

No romance, verificamos que as mulheres de Arrakis são objetificadas ao não serem consideradas ideais para o matrimônio ou para a reprodução; a fragmentação, por sua vez, permite que o Império transforme um planeta inteiro em um grande feudo; e o consumo se evidencia quando essas vidas lhes são sistematicamente negadas. Desse modo, as Bene Gesserit atuam como agentes fundamentais na manutenção e legitimação desses ideais. Ao não contestarem tais dinâmicas, a irmandade acaba por reproduzir essas mesmas lógicas que atravessam gênero, natureza e quaisquer formas de vida.

Não apenas as questões étnico-raciais são evidenciadas pelos dogmas das Bene Gesserit, mas sobretudo os debates de gênero. Como evidenciado em outros momentos, a irmandade categoriza suas mulheres de acordo com critérios étnicos; dessa maneira, Lady Jessica reproduz alguns desses princípios e, mesmo ao se questionar sobre eles, aparta-se de outras mulheres por não se considerar apenas uma concubina. Como podemos observar no trecho seguinte:

*Havia ainda outra coisa, pensou Jessica. Paul precisava ser advertido a respeito das mulheres deles. Uma dessas mulheres do deserto não serviria como esposa de um Duque. Como concubina, sim, mas não como esposa. Então ela se espantou consigo mesma, pensando: Teria eu sido infectada por seus esquemas? E percebeu o quão bem fora condicionada. Posso pensar nas necessidades matrimoniais da realeza sem sequer ponderar minha própria condição de concubina. No entanto... eu era mais do que uma concubina.* (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 503 - tradução nossa)<sup>86</sup>

<sup>85</sup> "I hold at your neck the gom jabbar," she said. "The gom jabbar, the high-handed enemy. It's a needle with a drop of poison on its tip. Ah-ah! Don't pull away or you'll feel that poison." [...] "A duke's son must know about poisons," she said. "It's the way of our times, eh? Musky, to be poisoned in your drink. Aumas, to be poisoned in your food. The quick ones and the slow ones and the ones in between. Here's a new one for you: the gom jabbar. It kills only animals." Pride overcame Paul's fear. "You dare suggest a duke's son is an animal?" he demanded. "Let us say I suggest you may be human," she said. "Steady! I warn you not to try jerking away. I am old, but my hand can drive this needle into your neck before you escape me." [...] "You've heard of animals chewing off a leg to escape a trap? There's an animal kind of trick. A human would remain in the trap, endure the pain, feigning death that he might kill the trapper and remove a threat to his kind." The itch became the faintest burning. "Why are you doing this?" he demanded. "To determine if you're human. Be silent." (HERBERT, 2020, v. 1, p. 11–13)

<sup>86</sup> There's another thing, Jessica thought. Paul must be cautioned about their women. One of these desert women

Ou até mesmo em:

"Eu sinto pena de Chani", disse Harah.  
 Jessica enrijeceu. "O que você quer dizer?"  
 "Eu sei o que você pensa de Chani", disse Harah. "Você acha que ela não é a esposa adequada para o seu filho."  
 Jessica recostou-se, relaxada sobre as almofadas. Deu de ombros. "Talvez."  
 "Você pode estar certa", disse Harah. "Se estiver, pode encontrar uma aliada surpreendente — a própria Chani. Ela quer tudo o que for melhor para Ele."  
 Jessica engoliu em seco diante de um aperto súbito na garganta. "Chani é muito querida para mim", disse ela. "Ela não poderia ser —"  
 "Seus tapetes estão muito sujos aqui", disse Harah. Ela percorreu o chão com o olhar, evitando os olhos de Jessica. "Tantas pessoas passando por aqui o tempo todo. Você realmente deveria mandá-los limpar com mais frequência." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 650 - tradução nossa)<sup>87</sup>

Apesar do afeto criado por Lady Jessica com Chani durante *Duna*, podemos observar que seu controle excessivo ainda faz com que a personagem manipule e discipline Chani, reproduzindo as lógicas das Bene Gesserit mesmo em suas relações mais íntimas. Podemos notar nos trechos acima que apesar de entrar em conflito consigo mesma, ela permanece inferiorizando Chani e busca manter a nativa de Arrakis na posição de concubina. Ao diferenciar quais mulheres são adequadas para ocupar o título de esposa, seu discurso revela uma dificuldade de superar os dogmas internalizados pelas Bene Gesserit. E até mesmo uma tentativa de manipular Chani:

"Você conhece tão pouco o meu filho?", sussurrou Jessica. "Veja aquela princesa ali, tão altiva e confiante. Dizem que ela tem pretensões de natureza literária. Esperemos que encontre consolo nessas coisas; terá pouco mais do que isso." Uma risada amarga escapou de Jessica. "Pense nisso, Chani: aquela princesa terá o nome, mas viverá como menos que uma concubina — nunca conhecerá um momento sequer de ternura do homem a quem estará ligada. Enquanto nós, Chani, nós que carregamos o nome de concubina — a história nos chamará de esposas." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 794 - tradução

---

would not do as wife to a Duke. As concubine, yes, but not as wife. Then she wondered at herself, thinking: Have I been infected with his schemes? And she saw how well she had been conditioned. I can think of the marital needs of royalty without once weighing my own concubinage. Yet . . . I was more than a concubine. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 503)

<sup>87</sup> "I pity Chani," Harah said.

Jessica stiffened. "What do you mean?"

"I know what you think of Chani," Harah said. "You think she is not the wife for your son."

Jessica settled back, relaxed on her cushions. She shrugged. "Perhaps."

"You could be right," Harah said. "If you are, you may find a surprising ally -- Chani herself. She wants whatever is best for Him."

Jessica swallowed past a sudden tightening in her throat. "Chani's very dear to me," she said. "She could be no --"

"Your rugs are very dirty in here," Harah said. She swept her gaze around the floor, avoiding Jessica's eyes. "So many people tramping through here all the time. You really should have them cleaned more often."

nossa)<sup>88</sup>

Quando traz sua própria história para apaziguar os ânimos, uma vez que Chani demonstra incerteza quanto ao seu lugar ao lado de Paul, Lady Jessica contradiz o que afirmou anteriormente e apresenta um aparente contentamento com a posição que ocupou. Entretanto, a personagem já havia demonstrado ter certa consciência de que era mais do que uma concubina, uma vez que não teria se casado com o duque Leto por opção própria. Ao mobilizar essa experiência como forma de consolo, Jessica parece manter Chani em um lugar afetivamente confortável, garantindo-lhe segurança emocional junto a Paul. O seu discurso silencioso, na verdade, é que Jessica foi a única mulher de Leto, ocupando um espaço de exclusividade que Chani jamais teria, uma vez que seu vínculo com Paul permanece atravessado por alianças políticas e pela presença institucional de Irulan.

Os mantras que moldam Lady Jessica permanecem com a personagem ao longo de toda a sua trajetória, orientando o uso dos saberes Bene Gesserit tanto para assegurar sua sobrevivência quanto para obter vantagens estratégicas. Não seria adequado considerá-la simplesmente uma personagem “má” por reproduzir opressões que lhe foram historicamente transmitidas. À luz dos conceitos de Elódia Xavier, Lady Jessica configura-se como um corpo simultaneamente oprimido pelas Bene Gesserit e opressor perante outros. Ainda que Lady Jessica esteja inserida em um contexto opressivo, poderíamos argumentar que ela detinha informações e consciência suficientes para não reproduzir integralmente as violências que lhe foram impostas, mesmo considerando que servir constitui um dos pilares de sua formação enquanto Bene Gesserit.

Isso nos leva a questionar por que Lady Jessica mantém muitos desses comportamentos mesmo após passar a viver entre os Fremen. Seria, como supõe Stilgar, impossível abandonar seus modos anteriores? Mais do que uma incapacidade individual, essa permanência revela o peso da disciplina corporal imposta pelas Bene Gesserit, tornando praticamente impossível a constituição de subjetividade em um não-sujeito. Isso ocorre porque, embora todas as integrantes da irmandade sejam humanas, elas são sistematicamente privadas de humanidade e individualidade.

Portanto, mesmo tendo nutrido afeto pelo duque Leto, seu luto não encontra espaço na narrativa quando Lady Jessica considera a possibilidade de casar-se com Stilgar para

---

<sup>88</sup> "Do you know so little of my son?" Jessica whispered. "See that princess standing there, so haughty and confident. They say she has pretensions of a literary nature. Let us hope she finds solace in such things; she'll have little else." A bitter laugh escaped Jessica. "Think on it, Chani: that princess will have the name, yet she'll live as less than a concubine -- never to know a moment of tenderness from the man to whom she's bound. While we, Chani, we who carry the name of concubine -- history will call us wives." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 794)

assegurar uma posição entre os Fremen. A proteção de si mesma e de seu filho já se encontrava garantida, mas a personagem tinha consciência da gestação de outra herdeira Atreides. Nesse sentido, tal como o animal que as Bene Gesserit menosprezam, Jessica passa a agir movida pelo imperativo da sobrevivência, fazendo o que for necessário para preservar a si e à linhagem. Como se observa no trecho a seguir:

*Jessica fitou a luz do sol. Ela havia ouvido o que ouvira na voz de Stilgar — a oferta não dita de algo além de sua simples proteção. Ele precisaria de uma esposa? Percebeu que poderia ocupar esse lugar ao lado dele. Seria uma forma de pôr fim ao conflito pela liderança tribal — a mulher devidamente alinhada ao homem. Mas e Paul, então? Quem poderia dizer quais regras de parentesco prevaleciam ali? E quanto à filha ainda não nascida que ela carregava havia algumas semanas? E quanto à filha de um duque morto? E permitiu-se encarar plenamente o significado dessa outra criança que crescia dentro de si, reconhecer seus próprios motivos ao permitir a concepção. Ela sabia o que era — havia sucumbido àquele impulso profundo compartilhado por todas as criaturas diante da morte — o impulso de buscar a imortalidade por meio da prole. O impulso de fertilidade da espécie os havia dominado. Jessica lançou um olhar a Stilgar e viu que ele a observava, à espera. Uma filha nascida ali, de uma mulher casada com um homem como aquele — qual seria o destino de tal filha?, perguntou-se. Ele tentaria limitar as exigências que uma Bene Gesserit deve seguir?" (HERBERT, 2020, vol. 1, p.472 - tradução nossa)<sup>89</sup>*

Ao *final*, Duna revela uma ironia indiscutível: somos todos animais, ainda que as Bene Gesserit e o Império construam discursos de superioridade. A separação entre “linhagens humanas” e “linhagens animais”, evidenciada no teste do Gom Jabbar, sustenta uma racionalidade que se pretende científica, mas que se descola da ética ao suspender qualquer moral e antecipar lógicas ecofascistas. Nesse contexto, Lady Jessica ocupa um papel central ao articular uma aliança com os Fremen e a preservação de interesses imperiais, mantendo em funcionamento os dois projetos políticos por meio da disciplina adquirida através de sua irmandade.

A fé no Kwisatz Haderach, o desejo de controlar o incontrolável e o medo de acessar saberes que poderiam corromper a ordem revelam outra contradição central da Irmandade:

---

<sup>89</sup> Jessica stared out into the sunlight. She had heard what she had heard in Stilgar's voice--the unspoken offer of more than his countenance. Did he need a wife? She realized she could step into that place with him. It would be one way to end conflict over tribal leadership--female properly aligned with male. But what of Paul then? Who could tell yet what rules of parenthood prevailed here? And what of the unborn daughter she had carried these few weeks? What of a dead Duke's daughter? And she permitted herself to face fully the significance of this other child growing within her, to see her own motives in permitting the conception. She knew what it was--she had succumbed to that profound drive shared by all creatures who are faced with death--the drive to seek immortality through progeny. The fertility drive of the species had overpowered them. Jessica glanced at Stilgar, saw that he was studying her, waiting. A daughter born here to a woman wed to such a one as this man--what would be the fate of such a daughter? she asked herself. Would he try to limit the necessities that a Bene Gesserit must follow? (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 472)

teme-se o futuro enquanto se reproduzem violências no presente, recusando-se a enfrentar as consequências das próprias escolhas. Assim, mais do que prudência, o medo das Bene Gesserit denuncia limites éticos e o desejo de manter intactas as estruturas de opressão já vigentes no Império. Lady Jessica encarna essa ambiguidade ao recusar ser menosprezada por ser mulher, mas ainda operar no interior de um sistema que transforma seu corpo em território e ferramenta política.

Desse modo, a existência de Lady Jessica é profundamente marcada pela socialização e pela disciplina impostas pelas Bene Gesserit. À luz de Simone de Beauvoir, compreendemos que a personagem não nasce como instrumento político, mas torna-se, à medida que seu corpo é instrumentalizado por uma ordem que converte mulheres em meios para a manutenção do poder. Assim, a opressão exercida pela Irmandade não advém de uma suposta natureza feminina, mas de um sistema que disciplina e captura as mulheres em favor de sua própria expansão política.

### **3.2 Lady Jessica e o ecofascismo: A instrumentalização do sagrado e da natureza**

É evidente que as questões ambientais de Arrakis constituem um dos focos centrais de *Duna*. Em um planeta de clima desértico e com escassez de fontes de água, a transformação climática de um deserto para um oásis verde pode parecer fantástica à primeira vista. Entretanto, ao considerarmos os agentes e as estratégias por trás dessa mudança, observa-se que o ecofascismo se articula sob a aparência de uma suposta emancipação fremen e da promessa de um futuro fundado em uma natureza idealizada. À luz disso, o papel de Lady Jessica é fundamental na construção da figura do messias salvador e na proclamação de Paul como líder messiânico diante dos fiéis de Arrakis, a partir de sua posição como Reverenda Madre.

A sobrevivência de Paul e de Lady Jessica é um ponto sensível para a compreensão de suas estratégias políticas. Entretanto, se suspendermos essa questão brevemente, é possível observar que seus objetivos deixam de se restringir à sobrevivência e passam a se orientar pela apropriação do poder. Como já foi mencionado, mãe e filho se aproveitam das crenças dos Fremen e utilizam diferentes ferramentas para obter privilégios políticos entre eles. De tal modo, Lady Jessica configura-se como um dos pilares ecofascistas desses movimentos, ao perceber uma brecha para retomar a soberania de sua casa.

Antes de mais nada, precisamos abordar o mito de que no início de Arrakis, o planeta apresentava outro tipo de natureza e era abundante em água. Entretanto, a trilogia não

confirma a natureza da flora anterior e nem os motivos de sua mudança. Ainda, existem rumores de que o Império desenvolveu feudos controlados para a produção de melange. Por conseguinte, poderíamos pensar que o projeto ecológico Atreide representa o retorno às origens ambientais de Duna, mas Herbert não deixa claro se a desertificação de Arrakis se dá de forma natural ou induzida. E ainda, se pensamos em toda uma cultura já adaptada ao deserto, levando em conta aspectos físicos, espirituais e culturais, a proposição de tal revolução é feita com base em raízes colonialistas e imperialistas.

Do mesmo modo, o fascismo climático, descrito por Kohei Saito, evidencia como as catástrofes ambientais podem ser convertidas em oportunidades no interior do capitalismo, beneficiando ainda mais as camadas já privilegiadas da nossa sociedade. Nesse sentido, em *Duna* observamos como mãe e filho se apropriam da agenda ambiental de Arrakis para exercer controle sobre os Fremen. Isto é, a partir de mitos já existentes e da promessa de uma redenção ecológica, tais discursos passam a validar politicamente suas ações, manipulando crenças e mobilizando o imaginário coletivo como instrumento de dominação.

Ao destacarmos o perigo do ecofascismo em *Duna*, é possível estabelecer um paralelo com políticas anti-imigratórias que, em nossa sociedade, reforçam discursos de superioridade étnico-racial. Tais políticas, assim como as práticas ecofascistas observadas na trilogia e descritas por Zimmerman, operam a partir da exclusão, da hierarquização de corpos e da instrumentalização de crises para legitimar projetos autoritários. De tal modo que, ainda que se programe uma inversão de hierarquias, tal movimento se realiza à custa da dominação de outros povos.

Veja bem, aqui encontramos a falha da educação enquanto projeto de emancipação da parte de Lady Jessica e Paul. Poderíamos considerar uma suposta inocência de ambos; entretanto, observa-se que tinham consciência do caminho que trilhavam, sendo instruídos o suficiente para reconhecer o peso de suas ações. Ainda, seria plausível argumentar que ambos seriam reféns de sua própria realidade ou que agiram dentro das possibilidades que lhes eram dadas. Contudo, a ausência de uma postura ética revela a permanência de um sentimento de superioridade que inviabiliza qualquer respeito genuíno por outros povos. E ainda que se observe Lady Jessica sob o pretexto de ser refém de sua própria criação, sendo compelida a servir, percebe-se que Paul tem consciência das ações de sua mãe e pouco faz para impedi-las.

Feitas essas considerações, retomamos o objetivo central desta seção ao observarmos as esquematizações de Lady Jessica desde o primeiro volume da série. Assim, ao perceber os fragmentos políticos e religiosos que poderiam ser utilizados a seu favor, a Bene Gesserit avalia suas opções e demonstra consciência ao longo de todo o processo, como evidencia o

trecho a seguir:

“Dizia-se que a Shadout Mapes fez este relato sobre você”, disse Stilgar.  
 “Mas algo tão importante precisa ser testado. Se você é a Bene Gesserit da lenda cujo filho nos conduzirá ao paraíso...”  
 Ele deu de ombros. Jessica suspirou, pensando: *Então a nossa Missionaria Protectiva plantou até válvulas de segurança religiosas por todo este buraco de inferno. Ah, bem... isso vai ajudar, e era exatamente para isso que servia.* (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 459)<sup>90</sup>

Portanto, podemos observar neste trecho que Lady Jessica demonstra a instrumentalização da religião em paralelo às suas pautas políticas em Duna. Assim, o fortalecimento do imaginário coletivo de que ela é, de fato, a mãe do messias que os guiará ao paraíso afasta quaisquer desconfianças e assegura um caminho de controle que parece benéfico. O desprezo ao chamar o planeta de “buraco de inferno” pode parecer insignificante; porém, é fundamental para que mãe e filho se sintam no direito de tomar o controle político dos Fremen para si. Ao se proporem a defender os direitos dos nativos de Arrakis, Zimmerman demonstra a partir da história, como esse processo muitas vezes assume um aspecto místico e busca supostamente conectá-los ainda mais à sua terra. Assim, quando Stilgar menciona a lenda do salvador de Arrakis, Lady Jessica reconhece a importância de abraçar o mito e tornar-se, ao lado do filho, praticamente uma divindade.

Ademais, é preciso ter em mente que Paul Atreides se constrói enquanto Messias não como um sinal profético, mas como uma forma de legitimar suas ações e transformar o mito em um mecanismo político. Ao se utilizarem das lendas criadas pelas Bene Gesserit, mãe e filho recorrem a um falseamento das narrativas disseminadas em Arrakis e naturalizam hierarquias. Assim, podemos observar no trecho: “A revelação o abalou, e Jessica pensou: *Se ao menos ele soubesse os truques que usamos! Aquela Bene Gesserit da Missionaria Protectiva devia ser muito boa. Esses Fremen estão belamente preparados para acreditar em nós.*”<sup>91</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 459), que, ao conversar com Stilgar, Jessica demonstra consciência dos pensamentos que foram disseminados no planeta e se apropria deles em benefício próprio.

A Missionária Protectiva desenvolvida pelas Bene Gesserit tinha o intuito de

<sup>90</sup> “It was said that the Shadout Mapes gave this report on you,” Stilgar said.

“But a thing so important must be tested. If you are the Bene Gesserit of the legend whose son will lead us to paradise...”

He shrugged. Jessica sighed, thinking: So our Missionaria Protectiva even planted religious safety valves all through this hell hole. Ah, well... it'll help, and that's what it was meant to do. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 459)

<sup>91</sup> “The revelation shook him, and Jessica thought: If only he knew the tricks we use! She must've been good, that Bene Gesserit of the Missionaria Protectiva. These Fremen are beautifully prepared to believe in us.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 459)

condicionar comunidades e garantir que um redentor/salvador salvaria um povo de sua própria crise. Em *The Dune Encyclopedia*, é possível observar variações desse método e como sua aplicação tornou os Fremen suscetíveis a terceirizar sua emancipação. Retomando Zimmermann, o ecofascismo aqui se apresenta a partir do elemento místico, suspendendo o tempo histórico dos Fremen, que passam a suportar o abuso dos Harkonnen e dos Atreides sob a promessa de redenção. Diante disso, podemos mencionar o ecologista Liet-Kynes, que tem fé na narrativa e utiliza seus saberes para embasar o mito, recorrendo à ciência para racionalizá-lo e internalizar a promessa fremen sem perceber suas origens.

A Missionaria Protectiva havia estabelecido a *shari'a* fremen (rituais supersticiosos) muito antes de a tribo migrar para Arrakis. Os fundamentos culturais do *ilm* e do *figh* (aspectos da religião zensunni) já incluíam, há milênios, sugestões latentes da vinda de um *Mahdi*. Os Fremen sabiam que, em algum momento, um “Décimo Segundo Imã” emergiria do ocultamento (ou seria “renascido”) para unir o Povo, a Comunidade de Todos os Crentes, e conduzi-los contra o “infiél” rumo à realização da “comunidade religioso-política ideal, a *umma*”, a “fraternidade dos profetas”. Assim, os Fremen vingariam sua perseguição e alcançariam o seu Paraíso abundante em água. Esse padrão paralelizava o nexos de transição articulado pela Missionaria Protectiva para preparar a vinda do Kwisatz Haderach em algum ponto da galáxia. (WILLIS, MCNELLY; 1984; p. 529 - tradução nossa)<sup>92</sup>

Em virtude da Missionária Protectiva, os Fremen foram levados a acreditar que o progresso estaria ligado à mudança radical da natureza em Arrakis. Nesse sentido, a transição ecológica em Duna não representa a libertação dos Fremen, mas sim um projeto político civilizatório que anula todo o ecossistema do planeta. À luz da ecologia decolonial de Ferdinand, ao produzirem problemas que não existem e soluções pautadas em suas próprias sociedades, os ideais coloniais anulam o ecossistema arrakiano e toda a sua cultura. Assim, o ecofascismo manifesta-se aqui ao impor um tipo ideal de natureza e ao barbarizar o deserto.

Sob uma lógica ecofascista, a jihad liderada por Paul Atreides e Lady Jessica substitui um regime de dominação por outro, legitimando a destruição de Arrakis em nome de um suposto progresso ambiental. Ao aplicarem um projeto civilizatório no planeta, não é apenas o ecossistema local que é anulado, mas também qualquer possibilidade de autonomia

---

<sup>92</sup> The Missionaria Protectiva had established the Fremen shari'a (superstitious rituals) long before the tribe migrated to Arrakis. The ilm and figh (aspects of Zensunni religion) underpinnings of their culture had included latent suggestions of a Mahdi for millennia. The Fremen knew that someday a "Twelfth Imam" would emerge from hiding (or be "reborn") to unite The People, the Community of All Believers, and lead them against "the infidel" to realization of the "ideal religio-political community, the 'umma,' " the "brotherhood of prophets." Thus the Fremen would avenge their persecution and achieve their water-rich Paradise. This pattern paralleled the transition nexus aligned by the Missionaria Protectiva to prepare for the coming of the Kwisatz Haderach somewhere in the galaxy. (WILLIS, MCNELLY; 1984; p. 529)

econômica e política dos Fremen. Ao transacionarem a natureza de Arrakis, perdem-se os vermes e, por excelência, a melange, revelando como o ecofascismo opera ao imaginar um progresso da natureza, mas impossibilitando qualquer desenvolvimento de autonomia.

Diante do exposto, apesar de termos abordado o ecofascismo sob um aspecto mais geral e político, retornamos ao papel de Lady Jessica na gênese dessa filosofia ecofascista. Cabe reforçar, primeiramente, que a intenção não é culpabilizar a personagem por todo o processo, mas observá-la enquanto articuladora e idealizadora de parte fundamental desse movimento. Assim, não se trata de atribuir a ela, isoladamente, a responsabilidade por um sistema político inteiro, mas de evidenciar como sua indução e manipulação foram essenciais para que o projeto político de Paul Atreides tivesse início.

Apesar do tom aparentemente desprezioso em sua mente, sempre que temos acesso à seus pensamentos, podemos observar como Lady Jessica busca constantemente vestígios de que os Fremen estariam prontos para recebê-los. Como ilustrado no trecho seguinte: “Ainda assim, ele poderia ser o Lisan al-Gaib”, disse Stilgar. *Ele está procurando um presságio!*, pensou Jessica. (HERBERT, 2020, p. 541, tradução nossa)<sup>93</sup>. Nesse sentido, a manipulação da fé de Stilgar e seu povo demonstram como os sistemas ecofascistas mapeiam as fraturas de um povo, se infiltrando e utilizando de suas narrativas para consolidarem-se. A partir também de Moore e Roberts (2022), em *Duna* notamos que Lady Jessica é a principal e primeira catalisadora do sistema simbólico, político e religioso que forja o futuro verde.

Do mesmo modo, “Jessica reconheceu o esforço para aliviar seu ânimo e foi grata por isso, mas não conseguia afastar da mente o perigo que a confrontava. *Eu não tive escolha a não ser fazer isso*, pensou. *Precisamos agir rapidamente se quisermos assegurar nosso lugar entre esses Fremen.*” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 567, tradução nossa)<sup>94</sup>. Em concordância com os argumentos anteriores, notamos que Lady Jessica estabelece uma distinção entre si e os Fremen. Assim, a partir de Quijano, é possível observar como os aspectos raciais emergem por meio do preconceito e da hierarquização dos corpos. Retomando o ecofascismo, a personagem passa a se ver no direito de realizar tal procedimento ao se colocar em uma posição de superioridade, o que serviria como justificativa para todo o processo. Além disso, ao alegar não ter escolha, tanto sua vida quanto a de seu filho já não se encontravam em perigo imediato.

---

<sup>93</sup> “Yet he could be the Lisan al-Gaib,” Stilgar said. *He’s looking for an omen!* Jessica thought. (HERBERT, 2020, p. 541)

<sup>94</sup> “Jessica recognized the effort to lighten her mood and was grateful for it, but could not take her mind from the danger that confronted her. I had no choice but to do this, she thought. We must move swiftly if we’re to secure our place among these FremeJessicaRBERT, 2020, p. 567)

Aqui retomamos os perigos de uma ecologia não decolonial. À luz de Ferdinand, Lady Jessica demonstra como a objetificação desse povo promove sua desumanização e retira a subjetividade dos Fremen. Visto que, ao terem sua individualidade política negada, quaisquer conhecimentos e relações com aquele ecossistema tornam-se irrelevantes, uma vez que os projetos referentes ao seu povo passam a ser definidos por agentes externos à eles. Conforme evidenciado no trecho seguinte:

“Jessica assentiu, poupando suas forças, sentindo a terrível fadiga que a mantinha afastada pela força de vontade... e, ela admitia, também pela força da exaltação. Sua mente concentrou-se no valor daquela tropa, percebendo o que ali se revelava sobre a cultura fremen. Todos eles, pensou, uma cultura inteira treinada para a ordem militar. *Que coisa inestimável existe aqui para um duque exilado!*” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 465, tradução nossa)<sup>95</sup>

Ao considerar os Fremen condicionados para o combate, Lady Jessica demonstra não apenas reconhecer a disciplina que também lhe foi imbuída, mas saber como manejá-la politicamente e quem pode exercer tal controle. Desse modo, ao exaltar seu filho perante os Fremen, ela os converte em força mobilizável a serviço de um projeto que não lhes pertence. Em paralelo com Zimmerman, é a partir da apropriação de suas causas em prol de uma suposta projeto de avanço que o ecofascismo toma corpo. E ainda, a manipulação dos Fremen parte do princípio de seus ideais de civilização que foram forçados ao povo de Arrakis. Logo, Lady Jessica não só percebe uma possibilidade para manutenção de sua linhagem, mas demonstra uma crença que são merecedores de seus privilégios.

Do mesmo modo, ao pensarmos a hierarquização dos povos de *Duna*, não só a natureza é inferiorizada, mas qualquer corpo que não tenha sido qualificado no *Gom Jabbar*. Isto é, o *Gom Jabbar*, é uma avaliação que busca diferenciar os humanos de outros animais, no caso, estes são considerados irracionais. Desse modo, a desumanização dos Fremen apresenta-se como um elemento que valida a transformação ecológica de Arrakis, já que os humanos não estavam adaptados à natureza do planeta, enquanto os Fremen estavam. De tal modo, podemos observar a distinção a partir da fala de Lady Jessica:

“Nós a mudamos... lentamente, mas com certeza... para torná-la adequada à vida humana. Nossa geração não verá isso, nem nossos filhos, nem os filhos de nossos filhos, nem os netos de seus filhos... mas isso virá.”  
Ele fitou a bacia com olhos velados. “Água aberta, plantas altas e verdes, e

---

<sup>95</sup> Jessica nodded, conserving her strength, sensing the terrible fatigue she held at bay by force of will... and, she admitted it, by the force of elation. Her mind focused on the value of this troop, seeing what was revealed here about the Fremen culture. All of them, she thought, an entire culture trained to military order. What a priceless thing is here for an outcast Duke! (HERBERT, 2020, p. 465)

pessoas caminhando livremente sem destiltrajes.”  
*Então esse é o sonho deste Liet-Kynes*, pensou ela. E disse: “Subornos são perigosos; eles tendem a crescer cada vez mais.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 470, tradução nossa)<sup>96</sup>

Ou seja, de fato a vida externa à Arrakis poderá habitar o planeta. Mas como mencionamos em outros momentos, o excesso de água é nocivo aos Fremen, bem como a falta do deserto. Isso se torna evidente no trecho a seguir: “O fremen morre quando fica longe demais do deserto. A isso chamamos “mal da água”. – Stilgar, os Comentários”(HERBERT, 2020, vol.3, p. 181). Em outras palavras, a revolução verde em Arrakis torna-se ecofascista ao inventar ideais de natureza para aquele povo, ao anular suas questões sócio-históricas e ao aniquilar todo um ecossistema. Ao buscarem trazer humanidade para o planeta desértico, podemos observar um novo exercício de colonização e somente uma alternância dos poderes políticos vigentes.

O projeto político de Lady Jessica e Paul corrobora os princípios anteriores executados pelos Harkonnen, de tal maneira que a mudança ambiental deixa de ser solução quando entendemos suas origens externas à Arrakis e não existe justiça ambiental sem liderança Fremen. Como discute Ferdinand, a transformação ecológica liderada por sujeitos privilegiados, ao desconsiderar condições históricas, raciais e políticas, tende a favorecer uma concepção eurocêntrica de natureza, apresentada como universal e superior. À luz de Zimmerman, a lógica reproduzida pelos Atreides, ao higienizar e hierarquizar vidas, consolida-se como prática ecofascista e afasta-se de uma ecologia decolonial.

Ainda, ao aspirar que “*Esse lugar deve desaparecer*, Jessica pensou” (HERBERT, 2020, vol. 3, p. 33 - tradução nossa) demonstra extrema arrogância e desprezo ao lhe conferirem o direito de validar quais formas de vida são válidas ou não. Moore e Roberts dialogam diretamente com o ecofascismo de Lady Jessica ao decidir quais vidas devem ser sacrificadas para que outras sejam salvas. Ao utilizar de políticas fascistas e autoritárias, podemos afirmar que tanto Lady Jessica quanto Paul nunca visaram de fato a emancipação

---

<sup>96</sup> “We know the reason, but the taste of it sours us. We bribe the Guild with a monstrous payment in spice to keep our skies clear of satellites and such that none may spy what we do to the face of Arrakis.”  
 She weighed out her words, remembering that Paul had said this must be the reason Arrakeen skies were clear of satellites.

“And what is it you do to the face of Arrakis that must not be seen?”

“We change it... slowly but with certainty... to make it fit for human life. Our generation will not see it, nor our children nor our children’s children nor the grandchildren of their children... but it will come.”

He stared with veiled eyes out over the basin. “Open water and tall green plants and people walking freely without stillsuits.”

So that’s the dream of this Liet-Kynes, she thought. And she said: “Bribes are dangerous; they have a way of growing larger and larger.” (HERBERT, 2020, p. 470)

Fremen, mas somente o controle de Arrakis.

Ainda, para compreendermos melhor esse processo ecológico, faz-se necessário também entender a natureza do verme de areia, ou, melhor dizendo, do shai-hulud. Assim como os Fremen tem a chamada *water sickness*, quando em contato com o excesso de água, o verme também repele e tem seu ciclo prejudicado por conta da água. Dessa maneira, podemos notar que alterar o equilíbrio ecológico de Arrakis implica prejudicar todo o seu ecossistema, revelando como o ecofascismo ignora os modos de vida dos Fremen e implanta um ideal de progresso em sua sociedade. Ao pensarmos em uma ecologia decolonial, Ferdinand reitera a importância de que a revolução ambiental seja governada pelos nativos. Ademais, ressalta que as dimensões ecológicas, políticas, étnico-raciais e de gênero não sejam negligenciadas.

Diante desse cenário, podemos observar como o contato com a água afeta diretamente Chani e também os vermes de areia: “Ela odiava a água naquele momento, inspirada pelo medo do verme. A água, outrora o espírito-alma de Arrakis, havia se tornado um veneno. A água trazia pestilência. Apenas o deserto era limpo.”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 295 - tradução nossa)<sup>97</sup> À luz de Moore e Roberts, é possível compreender como o ecofascismo opera aqui por meio da seleção dos Fremen enquanto sacrificados, convertendo a jihad em uma grande oportunidade política para os Atreides. Não só os Atreides reforçam a opressão sofrida pelos Fremen, como também os desumanizam, dando continuidade a práticas históricas de dominação imperial.

Por consequência, o ecossistema e todos os povos de Arrakis deixam de ser sujeitos e se tornam instrumentos. A desumanização ecofascista retira qualquer subjetividade da natureza e de seu povo, legitimando sua extinção a partir de um progresso ecológico pautado pelo lucro. Dessa maneira, Biehl e Staudenmaier demonstram como o ecofascismo naturaliza essas violências, fazendo com que os Fremen as assimilem e que o projeto civilizatório de Arrakis seja tratado como inevitável. Podemos observar como a racionalização descolada da ética apresenta-se como justificativa para o progresso. Ainda, apesar de parecer superior aos regimes neoliberais ou ao comando Harkonnen, o ecofascismo revela-se nocivo aos ecossistemas de Arrakis, ao simular a fantasia de um paraíso ecológico, que na verdade restringe a pluralidade e silencia outros modos de vida.

Nessa mesma lógica, a extinção do modo de ser arrakiano torna-se uma catástrofe técnica inevitável, perdendo seus aspectos políticos e éticos. A tragédia ambiental passa a ser naturalizada, assim como o fim dos vermes, e o sofrimento ecológico é despido de sua

---

<sup>97</sup> “She hated the water then, inspired by the worm's fear. Water, once the spirit-soul of Arrakis, had become a poison. Water brought pestilence. Only the desert was clean.” (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 295)

dimensão política. Carlos Taibo (2019) alerta para os riscos de projetos autoritários e para a forma como estes determinam quem pode ou não viver, argumento que também se aproxima da reflexão de Ferdinand. O ecofascismo, em *Duna*, não civiliza, não progride e nem emancipa; ele lucra e oprime.

### **3.2.1 Lady Jessica como Reverenda Madre, a Água da Vida e o Shai-Hulud:**

Ao tornar-se Reverenda Madre dos Fremen em *Duna*, Lady Jessica torna-se um receptáculo de toda a consciência e memória genética da linhagem feminina dos Fremen. Nesse sentido, apesar de incorporar esses saberes e reconhecer modos de coexistência com o deserto, a Bene Gesserit os utiliza em prol de seus próprios objetivos, comprometendo os saberes fremen. Assim, conhecimentos coletivos antes partilhados no interior da comunidade passam a ser apropriados e mobilizados para sustentar uma figura religiosa estrangeira. Por fim, ao concluir seus planos, Lady Jessica retorna a Caladan, onde permanece até *Filhos de Duna*.

Como o posto de Reverenda Madre só pode ser transmitido no momento da morte, a personagem centraliza os saberes dos Fremen em si mesma e confisca toda a memória de um povo. Assim, se antes esses saberes eram compartilhados e de domínio coletivo entre os Fremen, o ecofascismo de Lady Jessica os tutela e retira a essência de um povo profundamente ligado ao seu ecossistema. Ao terem seus conhecimentos limitados e sua natureza refeita, o que lhes resta é o processo civilizatório criado pelas Bene Gesserit e executado pelos Atreides.

Como mencionado anteriormente, a transformação de Lady Jessica em Reverenda Madre ocorre como estratégia de sobrevivência. Ao ingerir a Água da Vida, a personagem garante não apenas sua própria segurança, mas também assegura certo domínio perante os Fremen. Entretanto, ao receber a totalidade das memórias e da consciência da Reverenda Madre anterior, ocorre um deslocamento de conhecimentos: os saberes fremen, antes partilhados coletivamente no interior da comunidade e transmitidos por meio de uma sucessão orgânica, passam a ser centralizados em um corpo alheio à estes.

A conexão ancestral possibilitada pelo Shai-Hulud, originalmente inscrita no interior dos ritos religiosos fremen, é progressivamente deslocada e transformada em ferramenta política no contexto do domínio dos Atreides. Em termos mais rigorosos, o acesso aos saberes fremen tem início a partir da ingestão da Água da Vida, substância derivada dos vermes da areia em seus estágios iniciais de vida. O simples consumo da substância não a politiza por si

só, porém, é possível observar que ela adquire um caráter político quando incorporada ao projeto colonial dos Atreides e dissociada da religião fremen.

O processo de produção da Água da Vida revela um vínculo simbólico com a natureza, sendo descrito da seguinte forma: “A água é um veneno para shai-hulud, [...] pois afogavam o raro ‘verme mirrado’ do Erg Menor para produzir o narcótico de espectro perceptivo que eles chamam de Água da Vida” (2020, vol. 1, p. 804 - tradução nossa). Esse vínculo com a natureza não se estabelece apenas pela origem da substância, derivada do Shai-Hulud, mas sobretudo pela integração entre o corpo que a recebe e a dissolução do sujeito em algo maior que si. Assim, o consumo da Água da Vida pode ser compreendido como uma forma de conexão vital entre os Fremen e o Shai-Hulud. Ou seja, trata-se de uma prática profundamente vinculada a motivações espirituais e coletivas, e não a objetivos de ascensão individual ou concentração poder político.

O narcótico é considerado uma substância *tau*<sup>98</sup>, ou *tauística*, pois dissolve o eu e o transforma em uma consciência coletiva. Nesse sentido, o consumo deste bioproduto representa uma partilha do sagrado e do saber coletivo. O acesso a esses saberes não é um problema, mas em sua apropriação por Lady Jessica, que converte uma memória em um projeto político. À luz da ecologia decolonial de Ferdinand e do ecofeminismo de Salleh, esse gesto revela como a absorção e a instrumentalização de saberes corporais e territoriais, inviabilizam uma ecologia verdadeiramente decolonial. Assim, podemos observar que, ao encapsular os saberes da Reverenda Madre anterior, Lady Jessica centraliza em si conhecimentos que antes eram dos Fremen:

Tarde demais, Jessica percebeu o que estava acontecendo: a velha mulher estava morrendo e, ao morrer, despejava suas experiências na consciência de Jessica como a água é vertida em um copo. O outro fragmento desvaneceu-se, retornando à consciência pré-natal, enquanto Jessica o observava. E, morrendo-na-concepção, a velha Reverenda Madre deixou sua vida na memória de Jessica com um último e suspirado borrão de palavras. “Esperei por você por muito tempo” disse ela. “Aqui está a minha vida.” Ali estava, encapsulado, tudo aquilo.  
Tudo.  
Até o momento da morte.  
Agora sou uma Reverenda Madre, percebeu Jessica.  
E ela soube, com uma consciência generalizada, que havia se tornado, de fato, exatamente aquilo que se entendia por uma Reverenda Madre Bene

---

<sup>98</sup>“TAO: na terminologia fremen, a unidade da comunidade sietch, ampliada pela dieta baseada em especiaria e, principalmente, a orgia tau de unidade evocada pela ingestão da Água da Vida.” (HERBERT, 2020, Jessica, p. 859)

Gesserit. A droga venenosa a havia transformado.<sup>99</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 578-579 - tradução nossa)

Ao adquirir todo o conhecimento encapsulado por gerações, Lady Jessica assume uma autoridade que não lhe pertence. Mesmo quando suas ações produzem maior estabilidade ou garantem a proteção de seus familiares, elas permanecem orientadas por interesses externos aos povos de Arrakis, deslocando o protagonismo político dos Fremen e reinscrevendo-o em um projeto alheio. Ao tomar para si a tomada de decisão sobre o futuro Fremen, o ecofascismo manifesta-se aqui sob a forma de uma tutela que inviabiliza a emancipação do povo de Arrakis.

Desse modo, a cultura fremen e seus conhecimentos ecológicos deixam de circular de forma comunitária e transformam-se em instrumentos mobilizados pelo projeto colonial das Bene Gesserit e, posteriormente, dos Atreides. Ao beberem da Água da Vida, Lady Jessica e Paul não apenas acessam um saber ancestral e uma conexão profunda com o Shai-Hulud, mas se apropriam de um sistema simbólico, religioso e ecológico que passa a operar em favor de uma liderança messiânica imposta. Assim, o que se apresenta como rito de integração converte-se em mecanismo de tutela e reordenação do poder, no qual o conhecimento de um povo profundamente ligado ao seu ecossistema é reconfigurado para sustentar um processo civilizatório alheio à sua autonomia.

O convite de Stilgar para que Lady Jessica assumisse o posto de Reverenda Madre ocorre no interior de uma lógica coletiva, orientada pela continuidade espiritual, ecológica e cultural dos Fremen. Trata-se de uma decisão voltada ao bem do todo, à preservação de um elo sagrado que articula território, memória e comunidade. No entanto, ao optarem por acessar e centralizar esses saberes, Lady Jessica e Paul deslocam essa lógica coletiva para um projeto externo. Ainda que demonstrem empatia pelos Fremen, suas ações rompem a cadeia sagrada de transmissão, silenciam gerações e reconfiguram a identidade fremen a partir de parâmetros alheios àquele povo.

Estes gestos inviabilizam que os Fremen continuem a existir segundo sua própria natureza e seus próprios modos de vida, convertendo-os naquilo que os Atreides e as Bene

---

<sup>99</sup> Too late, Jessica saw what was happening: the old woman was dying and, in dying, Jessica gathered her experiences into Jessica's awareness as water is poured into a cup. The other mote faded back Jessica pre-birth awareness as Jessica watched it. And, dying-in-conception, the old Reverend Mother left her life in Jessica's memory with one last sighing blur of words.

"I've been a long time waiting for you," she said. "Here is my life."

There it was, encapsuled, all of it.

Even the moment of death Jessica now a Reverend Mother, Jessica realized.

And she knew with a generalized awareness that she had become, in truth, precisely what was meant by a Bene Gesserit Reverend Mother. The poison drug had transformed her. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 578-579)

Gesserit consideram que eles devam ser. O resultado desse processo ecofascista não é a preservação, mas o seu desaparecimento: Lady Jessica deixa Arrakis levando consigo o conhecimento coletivo; a natureza do planeta é destruída; Paul desaparece no deserto; Alia, igualmente atravessada por esses saberes, encontra a morte; Ghanima carrega os efeitos dessa herança; e Leto II, ao assumir o conhecimento em nome do “bem maior”, revela-se profundamente corrompido por ele. Assim, Duna expõe outra ironia fundamental do ecofascismo: em nome da sua preservação, elimina-se o próprio mundo que programavam proteger.

### **3.3 Lady Jessica como mediadora colonial: gênero, culpa e poder**

Ao longo da trilogia, podemos acompanhar a mudança de Lady Jessica dentro do projeto político Atreides: ao mesmo tempo em que incorpora elementos centrais da cultura fremen, como a religião e seus rituais, ela o faz a partir de uma posição colonial, instrumentalizando esses saberes em favor da consolidação do Império. Tal dinâmica evidencia um movimento recorrente nos processos coloniais, nos quais o colonizador se apropria da cultura do colonizado sem assumir plenamente as consequências políticas e éticas dessa apropriação. Nesse sentido, a culpabilização de Lady Jessica funciona como um deslocamento estratégico da responsabilidade, transferindo para o corpo feminino o peso moral de uma violência que é estruturalmente masculina e imperial.

Ao mesmo tempo em que Lady Jessica carrega sua parcela de culpa na consolidação do Império de Paul, é necessário destacar que culpabilizá-la de forma única e exclusiva significa ignorar o verdadeiro símbolo da jihad em Arrakis. Caso, no primeiro volume da saga, é possível observar Paul atribuindo à mãe o papel de “sua inimiga”, em razão das ações e escolhas que ela o conduziria a realizar, ao longo da narrativa percebe-se um ganho de lucidez por parte da personagem. Esse processo evidencia suas incertezas, culpas e conflitos internos, que passam a afetá-la de maneira cada vez mais consciente.

Entretanto, responsabilizá-la de maneira exclusiva revela uma limitação que entra em conflito com a epistemologia ecofeminista aqui proposta, por simplificarmos as relações de poder estruturalmente complexas. Ao mesmo tempo em que é corpo que oprime, Lady Jessica também é oprimida e disciplinada. Nesse sentido, é preciso compreendê-la para além do que as esferas políticas de *Duna* demonstram, ao transferir a responsabilidade política totalmente para a personagem, demonstramos como as mulheres usualmente são utilizadas como justificativa para movimentos políticos, carregando estereótipos de gênero por séculos.

Assim, podemos observar o modo como Paul culpa sua mãe:

Paul sentou-se em silêncio na escuridão, um único pensamento duro e implacável dominando sua mente: Minha mãe é minha inimiga. Ela não sabe disso, mas é. Ela está trazendo a jihad. Ela me gerou; ela me treinou. Ela é minha inimiga. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 520)<sup>100</sup>

Ao se isentar de qualquer responsabilidade, Paul reforça os estigmas já atribuídos à sua mãe e, ao mesmo tempo, falha em reconhecer sua própria ambiguidade enquanto um sujeito humano. Apesar das visões se apresentarem como um futuro concretizado, em *Filhos de Duna* temos a confirmação de que estas na verdade são consolidadas pelas ações do presente. Desse modo, podemos observar que Paul abre mão de sua consciência e sacrifica milhões de vidas ao atribuir suas escolhas tanto ao treinamento que recebeu quanto à figura de sua mãe, responsável por “trazer a guerra”. Ao fazê-lo, Paul reconhece a possibilidade política de sua própria sobrevivência e a escolhe, ainda que ao custo da violência em escala imperial.

Conforme afirma Carolyn Merchant (2006), a responsabilização do corpo feminino opera como um mecanismo de legitimação da violência política. Em *Duna*, Lady Jessica passa a ocupar esse lugar simbólico ao ser associada à origem da jihad, enquanto a agência de Paul é preservada sob o discurso de um futuro já definido. Assim, a perseguição e a culpabilização da personagem exercem um papel fundamental na degradação da identidade de gênero das mulheres, ao mesmo tempo em que legitimam estruturas de controle masculino, como argumenta Federici (2017).

A transferência de culpa para Lady Jessica reflete um histórico de culpabilização do corpo feminino, construído a partir de uma lógica dualista e profundamente misógina. Nessa perspectiva, a mulher é aprisionada entre dois extremos: ou encarna o ideal da donzela pura que se sacrifica, como Chani, ou é construída como figura insubordinada, manipuladora e moralmente perversa. Em ambos os casos, sustenta-se a ideia de que a culpa feminina é inata, ecoando um imaginário que remete à noção da “maldição de Eva”, segundo a qual a mulher é concebida como moralmente nociva desde a origem. Assim, a narrativa não apenas legitima o domínio masculino de Paul, como também reafirma um regime simbólico no qual a mulher jamais pode existir fora da culpa, seja por obedecer, seja por resistir ou até mesmo por ensinar. Como fica evidente no trecho a seguir:

“Os Fremen têm uma religião simples e prática”, disse ele.

<sup>100</sup> Paul sat silently in the darkness, a single stark thought dominating his awareness: My mother is my enemy. She does not know it, but she is. She is bringing the jihad. She bore me; she trained me. She is my enemy. (HERBERT,

“Nada na religião é simples”, advertiu ela.  
 Mas Paul, ao enxergar o futuro ainda turvo que ainda pairava sobre ambos, deixou-se dominar pela raiva. Só conseguiu dizer: “A religião unifica nossas forças. É a nossa mística.”  
 “Você cultiva deliberadamente esse clima, essa bravura”, acusou ela.  
 “Você não para de doutrinar.”  
 “Foi assim que a senhora mesma me ensinou”, respondeu ele.  
 (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 621 - tradução nossa)<sup>101</sup>

Em outras palavras, o diálogo evidencia a lógica da maternidade como uma entidade, conforme discutida por Adrienne Rich, na qual à mãe é atribuída toda responsabilidade moral pelas decisões éticas do filho. Ainda que Paul reconheça ter sido ensinado, o peso das suas escolhas recai exclusivamente sobre Lady Jessica, reforçando as diferenças de gênero quando se trata da culpa. Ao contrário do filho, que recorre às visões do futuro como forma de justificar suas decisões, Jessica demonstra com o passar da trama consciência crítica e não nega seus planos. Como fica evidente no trecho seguinte:

“Você acha que eu não sei o que você planeja para o seu filho?”, perguntou Harah.  
 “O que você quer dizer?”, exigiu Jessica.  
 “Você planeja unir as tribos sob Ele”, disse Harah.  
 “Isso é ruim?”  
 “Vejo perigo para ele... e Alia faz parte desse perigo.”(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 642 - tradução nossa)<sup>102</sup>

Assim, observamos como, em uma sociedade patriarcal, o feminino é relegado ao cuidado e à responsabilização moral por suas ações e por seus efeitos, mesmo quando tais ações se dão sob estruturas que excedem sua agência individual. Essa lógica torna-se ainda mais evidente quando a personagem reconhece sua culpa e o impacto suas escolhas no destino do filho, assumindo uma responsabilidade que não é sua por completo: “*Paul, ela disse, de repente vejo como eu o usei, o distorci e o manipulei para colocá-lo no caminho que eu escolhi... por causa do meu próprio treinamento.*” (HERBERT, 1965, p. 703)<sup>103</sup>.

<sup>101</sup> ‘The Fremmen have a simple, practical religion,’ he said.

‘Nothing about religion is simple,’ she warned.

But Paul, seeing the clouded future that still hung over them, found himself swayed by anger. He could only say: ‘Religion unifies our forces. It’s our mystique.’

‘You deliberately cultivate this air, this bravura,’ she charged. ‘You never cease indoctrinating.’

‘Thus you yourself taught me,’ he said.” ((HERBERT, 2020, vol. 1, p. 621)

<sup>102</sup> “‘You think I don’t know what you plan for your son?’ HaraJessica.

‘What do you mean?’ Jessica demanded.

‘You plan to unite the tribes under Him,’ Harah said.

‘Is that bad?’

‘I see danger for him... and Alia is part of tJessicaager.’”

<sup>103</sup> “‘Paul,’ she said, ‘I suddenly see how I’ve used you and twisted you and manipulated you to set you on a course of my choosing... because of my own training.’” (HERBERT, 1965, p. 703)

Ainda, ao longo da trilogia, é possível perceber como a cultura fremen afeta Lady Jessica de maneira significativa, a ponto de a própria personagem reconhecer o deslocamento de sua identidade. Ao expressar o desejo de retornar a Caladan, Jessica admite ter se tornado “demasiado fremen” e Reverenda Madre, evidenciando o impacto profundo dessa vivência sobre sua subjetividade:

“E quanto a mim?”, perguntou Jessica.  
 “Há algo que você deseja?”  
 “Talvez Caladan”, disse ela, olhando para Gurney. “Não tenho certeza. Tornei-me fremen demais... e Reverenda Madre demais. Preciso de um tempo de paz e quietude para pensar.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 794)<sup>104</sup>

Entretanto, mesmo após quase duas décadas entre os Fremen, a personagem reivindica o controle de seu planeta natal, revelando que essa aproximação cultural não implica um rompimento definitivo com sua posição colonial de origem. Desse modo, se anteriormente os Fremen eram percebidos como o outro, em *Filhos de Duna* torna-se mais evidente a mudança na perspectiva de Lady Jessica, marcada inclusive por aspectos físicos Fremen. Ainda assim, ao reivindicar um lugar de privilégio no Império e deixar Arrakis, a personagem reforça os limites entre dominação e pertencimento.

Como o ar estivera úmido naquela manhã, pensou Jessica, olhando ao redor da antecâmara de Alia. Quão fresco e úmido. Ali, porém, havia uma umidade suada no ar que despertava nela uma sensação de inquietação, e ela pensou: reverti aos modos fremen. O ar estava úmido demais naquele sietch acima do solo. O que havia de errado com o Mestre dos Destiladores? Paul jamais teria permitido tamanha negligência. (HERBERT, 2020, vol. 3, p. 223)<sup>105</sup>

Ao voltar a Caladan, ela enfraquece sua própria luta. Entretanto, seu corpo está conectado à Arrakis; não há fuga das mudanças e dos modos de vida que agora fazem parte dela. Nesse sentido, poderíamos compreender que ainda há esperança para a personagem: mesmo após anos distante, o corpo de Lady Jessica não se esqueceu do planeta que a recebeu. Assim como propõe Federici (2023), a morte da terra não é apenas a fenda que engole a cultura fremen, mas a eterna reprodução de violências estruturais que não emancipam, apenas reatualizam opressões e enfraquecem quaisquer revoluções legítimas.

<sup>104</sup> "And for me?" Jessica asked.

"Is there something you wish?"

"Perhaps Caladan," she said, looking at Gurney. "I'm not certain. I've become too much the Fremen . . . and the Reverend Mother. I need a time of peace and stillness in which to think." (HERBERT, 2020, p. 794)

<sup>105</sup> How moist tJessica had been that morning, Jessica thought, looking around Alia's anteroom. How fresh and moist. Here there was a sweaty dampness to the air which evJessicasense of uneasiness in Jessica, and she thought: I've reverted to Fremen ways. The air was too moist in this sietch-above-ground. What was wrong with the Master of the Stills? Paul would never have permitted such laxness (HERBERT, 2020, vol. 3, p. Jessica

De tal maneira, a esperança gratuita não é algo que incentivamos, mas é preciso consciência coletiva e uma conexão genuína com a terra. Ao tornar-se como os fremen, Lady Jessica demonstra não só humanização, mas também uma desautomação de seus modos Bene Gesserit. Como propõe Federici, é a partir da tomada de consciência e da reapropriação do corpo que a luta continua. Em *Duna*, o corpo de Lady Jessica fala sobre o mundo natural e demonstra capacidade de mudar o mundo, ou ao menos tentar, visto que podemos observar uma crescente falta de fé na humanidade. Assim, recuperar o que foi objetificado pelo capitalismo é o primeiro passo para uma transição honesta.

Diferentemente de Chani, Lady Jessica não é sacrificada pelo Império, mas incorporada à ele, tornando-se mediadora de um projeto ecológico que reorganiza a dominação sem rompê-la. Dessa maneira, é fundamental reconhecer que Lady Jessica não pode ser responsabilizada de forma exclusiva pelo projeto político Atreides não implica tirar sua responsabilidade. Assim, o seu ser mulher, ainda que situada em uma estrutura patriarcal que desloca a culpa para o feminino, não elimina a necessidade de uma consciência social, histórica e moral diante das práticas políticas que se exerce.

A trajetória da personagem, então, não pode ser lida a partir de categorias dualistas como culpa ou inocência, bom e mal. Sua ambiguidade não se manifesta como indecisão ou ingenuidade, mas como uma posição política marcada por consciência tardia e, principalmente, uma incapacidade de ruptura com a disciplina que lhe foi imposta. Ao reconhecer os perigos da instrumentalização religiosa e da violência política, a personagem demonstra lucidez, porém, esse reconhecimento não se converte em uma atitude capaz de interromper o projeto que ela própria ajudou a consolidar.

O medo expresso por Lady Jessica perante a fusão entre religião e política de Paul Atreides revela essa consciência crítica. Como fica evidente em:

Jessica temia a relação religiosa entre ele e os Fremen, Paul sabia. Ela não gostava do fato de que pessoas tanto do sietch quanto do graben se referiam a Muad'Dib como Ele. E passou a interrogar as tribos, enviando suas espãs Sayyadina, recolhendo suas respostas e refletindo sobre elas.

Ela lhe havia citado um provérbio Bene Gesserit: 'Quando religião e política viajam na mesma carroça, os que a conduzem acreditam que nada pode se colocar em seu caminho. Seu movimento torna-se impetuoso — mais rápido e mais rápido e mais rápido. Eles deixam de lado qualquer consideração sobre obstáculos e esquecem que um precipício não se revela ao homem em uma corrida cega até que seja tarde demais.' (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 620)<sup>106</sup>

<sup>106</sup>“Jessica was fearful of the religious relationship between himself and the Fremen, Paul knew. She didn't like the fact that people of both sietch and graben referred to Muad'Dib as Him. And she went questioning among the tribes, sending out her Sayyadina spies, collecting their answers and brooding on them.

Em outras palavras, a personagem demonstra ter consciência do papel de seu filho no projeto político de Arrakism, principalmente ao tentar mapear e refletir acerca das informações recebidas. Ainda assim, a sua compreensão surge quando o processo já se iniciou e quando essa estrutura de poder passa a operar independentemente de suas vontades. O medo, nesse contexto, não funciona como freio, mas como constatação tardia do que os aguarda.

A ambiguidade da personagem se intensifica principalmente em relação ao seu filho e seus outros familiares. Ao mesmo tempo em que assume sua culpa, Jessica reconhece ter sido vítima de sua formação política e simbólica: “‘Paul’, ela disse, “de repente percebo como eu o usei, o distorci e o manipulei para colocá-lo em um caminho escolhido por mim... por causa do meu próprio treinamento.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 703 - tradução nossa)<sup>107</sup> O reconhecimento da manipulação não desfaz seus efeitos, isto é, já que explicita o limite de uma consciência que emerge após a consolidação do dano. Quando a personagem pede que o filho não siga seus passos, podemos observar uma transferência de responsabilidade de não repetir um caminho que ela mesma iniciou.

Esse movimento revela que sua consciência permanece individualizada e hierárquica. Jessica sabe, reflete, sofre, mas não devolve os saberes apropriados. E assim, não rompe com a lógica de centralização do poder, não devolve ao coletivo freme aquilo que foi roubado. Sua lucidez não se transforma em prática coletiva. Logo, a ambiguidade da personagem não reside em contradições psicológicas, mas no limite ético de um sujeito que reconhece a violência, mas que permanece aliada a ela.

Nesse sentido, Lady Jessica encarna o saber que tudo compreende, mas que justamente por não se abrir ao coletivo, se desumaniza. Assim, a sua tragédia não é a simples ignorância, mas a consciência que não se converte em ruptura com os seus padrões anteriores. O romance sugere, dessa forma, que não basta reconhecer os erros de um projeto político. Finalmente, sem uma ética comunal, compartilhamento dos saberes, a consciência individual é apenas mais uma engrenagem de um sistema de dominação que administra o colapso em vez de encerrá-lo.

---

She had quoted a Bene Gesserit proverb to him: ‘When religion and politics travel in the same cart, the riders believe nothing can stand in their way. Their movement become headlong — faster and faster and faster. They put aside all thought of obstacles and forget that a precipice does not show itself to the man in a blind rush until it’s too late.’” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 620)

<sup>107</sup> “‘Paul,’ she said, ‘I suddenly see how I’ve used you and twisted you and manipulated you to set you on a course of my choosing... because of my own training.’” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 703)

### 3.3.1 Do sacrifício à incorporação: contrastes entre Chani e Lady Jessica

Nesse contexto, o contraste entre Chani e Lady Jessica marca um ponto crucial que atravessa toda a trilogia: termos identidade de gênero e étnico-raciais não garante a superação das estruturas de dominação vigentes. Embora Lady Jessica resista à sua inferiorização enquanto mulher e tenha consciência de seu lugar na irmandade, suas ações ainda estão limitadas a um sistema que transforma corpos femininos em instrumentos políticos e áreas de poder. O feminino, sem uma consciência crítica e determinado à ruptura, pode ser facilmente subvertido para as lógicas de tutela, hierarquização e violência justificada.

*Duna*, então, destaca a falha de uma educação que não promove liberdade, mas mantém seus indivíduos nas engrenagens da opressão. A disciplina de Lady Jessica a torna extremamente consciente, estratégica e precisa. Entretanto, ela é incapaz de conceber um mundo além da racionalidade imperial em vários momentos. O seu conhecimento e a sua educação não rompem com o sistema, mas atuam como agentes de manutenção deste. Assim, sua prática política se apresenta como proteção particular, mas funciona como controle, defendendo também uma salvação que leva ao apagamento.

Já Chani demonstra que a resistência não reside na acumulação de saber ou no sucesso individual, mas na importância de preservarmos conexões coletivas que rejeitam a separação entre natureza, cultura e religiosidade. Sua existência reafirma que a emancipação não pode ser delegada ou prometida por agentes externos mesmo que eles se apresentem enquanto aliados. Quando o imaginário Fremen é apropriado e seus sonhos reconfigurados para decidirem seu futuro, a emancipação se torna um devaneio distante e se transforma em uma nova forma de dominação.

Dessa maneira, *Duna* revela a violência simbólica dos projetos que confiscam o direito à imaginação em nome do bem maior. O ecofascismo se manifesta não apenas pela destruição do ecossistema, mas também pela colonização dos anseios, da esperança e das suas memórias coletivas. Ao redefinirem Arrakis e quem são os Fremen, tanto os Atreides quanto as Bene Gesserit não apenas afetam somente o planeta. Assim, eles interrompem a história fremen, silenciam gerações e substituem sonhos legítimos por promessas externas.

Conclui-se portanto que não existe ecologia decolonial sem autonomia política nem possibilidade de emancipação sem preservar o imaginário coletivo. O feminino capturado por estruturas autoritárias não liberta, falha ao cometer os mesmos erros inconscientes de seus opressores. Nesse contexto, a consciência precisa ser mais do que simplesmente saber, é preciso ser uma ruptura. É necessário recusar a tutela imposta pela lógica do sacrifício e

proteger não apenas a vida em si mesma, mas também a capacidade de um povo sonhar com seu próprio futuro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

*"Enquanto a terra não for livre, eu também não sou."*

*(Emicida)*

A dependência de fontes de matriz energética, como petróleo e carvão, são um dos principais problemas do nosso século. Embora as discussões sobre a transição energética tenham se intensificado apenas na década de 1980, a trilogia *Duna* já abordava a substituição da melange para outras fontes de energia. A exploração da especiaria, material orgânico produzido pelos vermes de areia, promove a disputa constante por seu monopólio. Nesse sentido, Paul Atreides é o principal agente de mudança na ecologia de Arrakis e, por meio dessa transformação, o romance evidencia uma possível transição energética baseada na escassez e no domínio da especiaria. Assim como em outras grandes potências mundiais, *Duna* demonstra que o controle de matrizes energéticas - seja o petróleo ou a melange - confere poder político e influência a seus detentores.

A transição energética, como debatido no Acordo de Paris<sup>108</sup> e proposto também na Agenda 2030<sup>109</sup>, busca incentivar a mudança nas fontes de matriz energética ou elétrica e por consequência reduzir os impactos humanos no meio ambiente. Atualmente no Brasil possuímos 49,1% de fontes renováveis na matriz energética e 89,2% na matriz elétrica. Entretanto, ainda é necessário reduzir a exploração de fontes fósseis e ampliar a utilização da energia solar de acordo com o Futuro da Energia proposto pelo Observatório do Clima. Nesse mesmo sentido, podemos perceber em *Duna* a disputa pelo monopólio da especiaria abordam os debates sobre novas fontes de energia e demonstram também os impactos da exploração ambiental.

A reflexão proposta nesta dissertação convida à ação, e essa é sua essência: cabe a nós utilizarmos de nossos privilégios para disseminar a semente da esperança e proporcionar condições de vidas a todos os terráqueos. Veja bem, temos consciência da nossa limitação perante tamanha pretensão, mas só nos resta tentar. Continuando, não cabe a literatura e a esse trabalho dar todas as soluções ou respostas sobre o futuro. Em vez disso, propomos a todos dar o giro decolonial ecológico necessário e pressionarmos as esferas governamentais de nossa sociedade para que possamos dar um passo em direção a uma sociedade mais

---

<sup>108</sup> O Acordo de Paris, é um tratado internacional proposto em 2015, tem como objetivo evitar que as temperaturas globais aumentem mais de 1,5°C.

<sup>109</sup> A Agenda de 2030 é um plano proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU), proposto em 2015, que visa promover um desenvolvimento sustentável até 2030. O acordo tem 17 metas propostas que focam no bem estar social, ambiental e que visa promover equidade social.

igualitária para todos os seres vivos.

Assim, na medida que a humanidade percebeu sua irrelevância - seja com as corridas espaciais ou ao descobrirmos que a Terra é somente um planeta da via láctea, compartilhando o universo com bilhões de galáxias - mais impotentes e negligentes nos tornamos. O “Somos poeira de estrelas”, de Carl Sagan, representa com perfeição nossa insignificância, como se fôssemos apenas parte de um fluxo cósmico inevitável, e não agentes responsáveis pelas transformações da Terra. Entretanto, acreditamos ser tão irrelevantes dentro de nossa ignorância, que deliberadamente escolhemos nos abster e deixar milhões de seres vivos em angústia. Não é preciso atitude ou coragem para não ser negligente, é entender que se comprometer é fazer o mínimo. Se posicionar é entender que essa luta não é sobre nós, é sobre os que estão no “convés” de Ferdinand - que não foram tratados com a mesma cortesia que muitos que nós.

Ademais, tivemos como objetivo abordar os tópicos já mencionados e muitos outros nesta dissertação. No primeiro capítulo pudemos discutir uma possível conexão entre ecologia, sociedade e literatura. Sendo assim, fomos capazes de notar como um sistema holístico e integral é fundamental para que possamos viver de forma equitativa, superar hierarquias e, principalmente, destacar como a literatura pode auxiliar na disseminação da causa ambiental. Assim, a partir da ecologia decolonial podemos facilitar o acesso a temas aparentemente complexos e, a partir da ecocrítica, observar como a natureza é apresentada na arte.

No segundo capítulo, focamos na personagem Chani e em como a fremen é representada na história de Herbert. Nesse sentido, fomos capazes de observar como apesar de sua força, a personagem é silenciada por amarras sociais e relegada ao âmbito amoroso do protagonista, sendo somente um vínculo entre este e seu povo. E ainda, sua representação como morte da sua terra e a cultura fremen demonstram a importância de termos mulheres dentro de uma revolução ecológica, mas que suas ações não sejam limitadas como as de Chani e Irulan.

Já no terceiro capítulo, demos destaque a personagem Lady Jessica e observamos o seu papel dentro da trilogia *Duna*. Ao mesmo tempo que é um corpo disciplinado que luta para se libertar, a personagem é refém de sua criação e, mesmo de forma inconsciente, se apropria da cultura fremen. Assim, apesar de sua notável mudança durante a narrativa após anos convivendo com os fremen, a personagem ainda é sequestrada pela ética imperialista que a mantém em um eterno ciclo de servidão. Portanto, *Duna* evidencia representações deveras coerentes de mulheres atravessadas por questões étnico-raciais divergentes em papéis de

destaca, mas salienta que é preciso agência, letramento racial e consciência sócio-histórica e política para que não voltemos aos mesmos ciclos de violência que nos formaram.

Considerando os aspectos analisados ao longo deste trabalho, torna-se evidente que Duna não oferece soluções redentoras para a crise ecológica ou para as estruturas de poder que atravessam Arrakis. Ao contrário, a narrativa evidencia os limites de projetos políticos que se sustentam na figura do líder salvador e na instrumentalização da natureza, da cultura e dos corpos. Não cabe, portanto, a outro Paul Atreides a tarefa de “salvar” a humanidade. A emancipação ecológica exige uma ruptura mais profunda, que seja indígena, negra, étnica e verdadeiramente equitativa, ancorada no coletivo e não em messianismos reciclados.

Nesse sentido, as questões ecológicas na literatura se mostram fundamentais não como respostas prontas, mas como espaços de problematização crítica, capazes de tensionar futuros possíveis e revelar as contradições do presente. A análise de Lady Jessica e Chani permite compreender que a simples presença feminina não garante, por si só, uma transformação emancipatória. Enquanto Lady Jessica atua dentro das engrenagens do poder colonial, Chani encarna a experiência do corpo-território submetido à violência imperial, evidenciando que gênero, raça e pertencimento cultural produzem posições radicalmente distintas dentro do mesmo sistema.

Assim como Chani, resistir implica recusar o silenciamento imposto e afirmar outras formas de relação com o território e com a vida. Seja nos romances de ficção científica ou nos livros de história, a “história” se repete como farsa sempre que legitimamos déspotas travestidos de heróis. Como propõe Simone de Beauvoir (2019), a liberdade só se realiza quando vinculada à responsabilidade e ao outro, sendo necessariamente coletiva. Diante da ebulição global que atravessa o planeta, cabe a nós imaginar e construir caminhos que se afastem do capitalismo e do suposto progresso desenvolvimentista, reconhecendo que não há futuro possível sem justiça ecológica, social e histórica.

## REFERÊNCIAS:

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

ADAMS, Carol J. **Ecofeminism and the sacred**. New York: The Continuum Publishing Company, 1993.

ALONSO, Irene Sanz. **Ecofeminism and science fiction: Human–alien literary intersections**. *Women's Studies*, [S.l.], v. 47, n. 2, p. 151–164, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/00497878.2018.1430408>.

BELTRÁN, Elizabeth Peredo. **“Ecofeminismo”**. In: SALÓN, Pablo (org.). *Alternativa sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. São Paulo: Elefante, 2019. pp. 113-143

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BUELL, Lawrence. **What is called ecoterrorism**. *Gamma: A Journal of Theory and Criticism*, 2009.

BRANDÃO, Izabel. **A propósito de “feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza”, de Stacy Alaimo**. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, p. 961-974, 2017.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá de Costa Editora, 1978.

CHIANG, Ted. **Story of Your Life and Others**. Nova York: Tor Books, 2002.

CLIMAINFO. **Não há prazo para licença na foz do Amazonas**, diz presidente do IBAMA. *ClimaInfo*, 12 mar. 2025. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2025/03/12/nao-ha-prazo-para-licenca-na-foz-do-amazonas-diz-presidente-do-ibama/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DELANY, Samuel R. **The Jewel-Hinged Jaw: Notes on the Language of Science Fiction**. Revised Edition. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2009.

DE LOUGHREY, Elizabeth M. **Allegories of the Anthropocene**. Durham, NC: Duke University Press, 2019.

DOS SANTOS, Cristiano Lange; DOS SANTOS BRAGA, Juliana Toralles. **Eco-ansiedade: reflexões sobre a angústia da juventude relacionada à crise ecológica**. *DIREITOS DE JUVENTUDE*, v. 88815, p. 36.

ELLIS, R. J. **Frank Herbert's Dune and the discourse of apocalyptic ecologism in the United States**. In: *Science fiction roots and branches: contemporary critical approaches*. London: Palgrave Macmillan UK, 1990. p. 104-124.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FRANCIONE, Gary L.; CHARLTON, Anna. **Animal Rights**: The Abolitionist Approach. New York: Columbia University Press, 2015.

FREEDMAN, Carl. **Critical Theory and Science Fiction**. Hanover: Wesleyan University Press, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

GAARD, Greta. **Ecofeminism revisited**: rejecting essentialism and re-placing species in a material feminist environmentalism. *Feminist Formations*, v. 23, n. 2, p. 26-53, 2011.

GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. London; New York: Routledge, 2023.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

GINSBURG, CARLO. **Olhos de Madeira** – nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold (orgs.). **The Ecocriticism Reader**: Landmarks in Literary Ecology. Athens: The University of Georgia Press, 1996.

GONZÁLEZ-GÜETO, Joy H. **Mujer “estándar” y racialización como sufrimiento generizado**: la cuestión racial en discursos y prácticas contra la desigualdad de género. In: GÜEMES, Cecilia; COS MONTIEL, Francisco (orgs.). *Cuidados y ecofeminismo: consolidar avances y construir futuros igualitarios en Latinoamérica*. Madrid: Fundación Carolina, 2023.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Galiléa, 2001.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

HARAWAY, Donna. **Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene**: Making kin. *Environmental humanities*, v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015.

HEISE, Ursula K. **Sense of place and sense of planet**: the environmental imagination of the global. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HERBERT, Frank. **Dune**. New York: Ace Books, 2020.

HERBERT, Frank. **Dune Messiah**. New York: Ace Books, 2020.

- HERBERT, Frank. **Children of Dune**. New York: Ace Books, 2020.
- IMMERWAHR, Daniel. **The Quileute Dune**: Frank Herbert, Indigeneity, and Empire. *Journal of American Studies*, v. 56, n. 2, p. 191-216, 2022.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2019.
- KEEN, Suzanne. **Empathy and the Novel**. New York: Oxford University Press, 2007.
- KENNEDY, K. **Spice and ecology in Herbert's Dune**: altering the mind and the planet. *Science Fiction Studies*, v. 48, n. 3, p. 444-461, 2021.
- LAHAR, Stephanie. **Ecofeminist theory and grassroots politics**. *Hypatia*, v. 6, n. 1, p. 28-45, 1991.
- LAWRENCE, Buell. **What is Called Ecoterrorism**. *Journal of Theory and Criticism*, n. 16, 2009.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LOWY, Michael. **O que é ecossocialismo?**. São Paulo: Cortez, 2014.
- MACGREGOR, Sherilyn. **Beyond mothering earth**: Ecological citizenship and the politics of care. Vancouver: UBC press, 2011.
- MCCARTHY, Cormac. **A estrada**. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2007.
- McNELLY, Willis E. (Org.). **The Dune Encyclopedia**. New York: Berkley Books, 1984.
- MEMMI, Albert. **O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MENDES, João. **Perigosa é... a ecologia. Ecofascismo. Ecoterrorismo. Antropoceno**. In: \_\_\_\_\_. *Perigosa é... a ecologia. Ecofascismo*. Lisboa: BUM - Livros e Capítulos de Livros, 2018. p. 143-152.
- MERCHANT, Carolyn. **The death of nature**. New York: Harper & Row, 1983.
- MOORE, Sam; ROBERTS, Alex. **The rise of ecofascism**: climate change and the far right. Cambridge: Polity Press, 2022.
- MORTON, Timothy. **Imperial measures**: Dune, ecology and romantic consumerism. *Romanticism on the Net*, n. 21, 2001.

NAESS, Arne. **The shallow and the deep, long-range ecology movement.** A summary. In: *The ethics of the environment*. London: Routledge, 2017. p. 115-120.

NUCCI, João Carlos. **Origem e desenvolvimento da ecologia e da ecologia da paisagem.** *Revista Eletrônica Geografar*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 77-99, 2007.

OPPERMANN, Serpil. **From ecological postmodernism to material ecocriticism.** In: IOVINO, Serenella. *Material ecocriticism*. 1. ed. Bloomington: Indiana University Press, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Desastres naturais foram responsáveis por 45% de todas as mortes nos últimos 50 anos**, mostra OMM. ONU Brasil, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/142679-desastres-naturais-foram-respons%C3%A1veis-por-45-de-todas-mortes-nos-%C3%BAltimos-50-anos-mostra-omm>. Acesso em: 15 abr. 2025.

O'REILLY, Tim. **Frank Herbert**. New York: Ungar, 1981.

POQUETTE, Ryan D. **Science fiction and fantasy.** In: MILNE, Ira Mark (ed.). *Literary Movements for Students: Presenting Analysis, Context, and Criticism on Literary Movements*. Detroit: Gale, 2005.

PULEO, Alicia H. **El ecofeminismo, conciencia feminista profunda de la crisis socioambiental.** In: GÜEMES, Cecilia; COS MONTIEL, Francisco (eds.). *Cuidados y ecofeminismo: consolidar avances y construir futuros igualitarios en Latinoamérica*. Madrid: Fundación Carolina, 2023. p. 25–38.

RUECKERT, William. **Literature and ecology.** In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold. *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Georgia: University of Georgia Press, 1996. p. 105-122.

SALLEH, Ariel. **Nature, woman, labor, capital: living the deepest contradiction.** *Capitalism Nature Socialism*, v. 6, n. 1, p. 21-39, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, Frederico Negrini. **Sincronicidade e presciência em Duna.** 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara, 2021.

SHAKESPEARE, William. **Rei Lear.** Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SHIVA, Vandana. **Staying alive: women, ecology, and development.** Berkeley: North Atlantic Books, 2010.

SPIERS, Miriam C. Brown. **Encountering the Sovereign Other: Indigenous Science Fiction.** East Lansing: Michigan State University Press, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPRETNAK, Charlene. **Ecofeminism: Our roots and flowering**. *Reweaving the world: The emergence of ecofeminism*, p. 3-14, 1990.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre**. New Haven: Yale University Press, 1979.

TAIBO, Carlos. **Colapso: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo**. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

TREXLER, Adam. **Anthropocene Fictions: The Novel in a Time of Climate Change**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.

TORRES MEZA, Luis Felipe. **The Bene Gesserit in Frank Herbert's Dune: an analysis**. Islândia: Háskóli Íslands, 2010.

VAKOCH, Douglas A. (Org.). **Dystopias and utopias on Earth and beyond: Feminist ecocriticism of science fiction**. New York: Routledge, 2021. (Routledge Studies in World Literatures and the Environment).

VAKOCH, Douglas A. (Org.). **Ecofeminist science fiction: International perspectives on gender, ecology, and literature**. New York: Routledge, 2021. (Routledge Studies in World Literatures and the Environment).

VanderMeer, J. **Annihilation**. New York: Farrar, Straus, & Giroux Books, 2014.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

ZIMMERMAN, Michael E. **The threat of ecofascism**. *Social Theory and Practice*, v. 21, n. 2, p. 207-238, 1995.

ZUNSHINE, Lisa. **Why we read fiction: theory of mind and the novel**. Columbus: The Ohio State University Press, 2006.

Referência eletrônica: AMAZON WATCH. Chevron's environmental crimes: 13 years of evasion and escalation. Disponível em: <https://amazonwatch.org/pt/news/2024/0214-chevrons-environmental-crimes-13-years-of-evasion-and-escalation>. Acesso em: 5 ago. 2025.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. **Futuro da energia: visão do Observatório do Clima para uma transição justa no Brasil**. Brasília: Laboratório do Observatório do Clima (LABOC), 2024. (Brasil 2045: construindo uma potência ambiental; 4). Disponível em: <https://www.oc.eco.br/futuro-da-energia-visao-do-observatorio-do-clima-para-uma-transicao-justa-no-brasil/>. Acesso em: 24 fev. 2025.





UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 13 da sessão de Defesa de Dissertação de Maria Eduarda de Azevedo Gusmão, que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Literários.

Aos dezessete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis, a partir das 14h, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: uma análise ecológica, política e de gênero de Lady Jéssica e Chani em Duna de Frank Herbert”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Jorge Alves Santana (PPGLL/FL/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Lígia Vanessa Penha Oliveira (PPGL/UEMA), membro titular externo; Professor Doutor Paulo Antônio Vieira Júnior (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Jorge Alves Santana, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dezessete dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis.

### TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Jorge Alves Santana, Professor do Magistério Superior**, em 17/03/2026, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Antonio Vieira Junior, Professor do Magistério Superior**, em 17/03/2026, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Pereira Camargo, Coordenador de Pós-Graduação**, em 13/04/2026, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6028312** e o código CRC **DD33AC84**.

Referência: Processo nº 23070.006181/2026-05

SEI nº 6028312

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gusmão, Maria Eduarda de Azevedo  
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO [e-book]: uma análise ecológica,  
política e de gênero de Lady Jessica e Chani em Duna de Frank Herbert / Maria  
Eduarda de Azevedo Gusmão. - 2026.  
CXXVI, 126 f.: 2026

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alves Santana  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de  
Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2026.  
Inclui: lista de figuras.

1. Ecocrítica. 2. Ecofeminismo. 3. Frank Herbert. 4. Ecologia Decolonial.

I. Santana, Jorge Alves, orient. II. Título.

CDU 821

**FL**  
FACULDADE DE  
LETRAS



**PPGLL**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LETRAS E LINGUÍSTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIA EDUARDA DE AZEVEDO GUSMÃO

***REPRESENTAÇÕES DO FEMININO***: uma análise ecológica,  
política e de gênero de Lady Jessica e Chani em *Duna* de Frank

Herbert

GOIÂNIA

2026

MARIA EDUARDA DE AZEVEDO GUSMÃO

***REPRESENTAÇÕES DO FEMININO***: uma análise ecológica, política e de gênero de Lady Jessica e Chani em Duna de Frank Herbert

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Letras e Linguística.

Área de Concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Literatura Comparada e Estudos culturais.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alves Santana.

Goiânia  
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

***REPRESENTAÇÕES DO FEMININO:*** uma análise ecológica, política e de gênero de Lady  
Jessica e Chani em Duna de Frank Herbert

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Jorge Alves Santana (PPGLL/UFG)  
Orientador e Presidente da Banca

---

Prof. Dra. Lígia Vanessa Penha Oliveira  
(PPGL-UEMA)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Paulo Antônio Vieira Júnior (PPGLL/UFG)  
Membro Interno

Goiânia  
2026

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos os terráqueos com quem compartilho este Pálido Ponto Azul.*

## AGRADECIMENTOS

É com muito carinho e gratidão que dedico essa sessão de agradecimentos a todos que tiveram um papel importante na minha formação, tanto como ser humano como quanto profissional. Esse trabalho foi feito com o auxílio de vocês e para vocês. Eu desejo que o nosso futuro seja próspero, esperançoso e ecológico.

Ao meu maior amor, João Carlos Gonçalves dos Santos, que não só me incentivou, mas me deu todo o suporte necessário para poder florescer. Sinto a melancolia pelo o que já vivemos, a ansiedade pelo que ainda virá e sou constantemente arrebatada do presente que é existir contigo. Uma vida inteira ao seu lado não me basta, que meu amor por você fique aqui eternizado. E quando tudo chegar ao seu próprio fim, que nos reste paz para além dessa vida.

Aos meus pais, Analú Pinto de Azevedo e Marcelo Azevedo Gusmão, e ao meu irmão, José Eugênio de Azevedo Gusmão, por acreditarem em mim e por nunca duvidarem do meu potencial. Ao meu pai, agradeço a intensidade e o incentivo que me foram passadas; à minha mãe, a resiliência de quem cai e não desiste; ao meu irmão, a sagacidade e a lealdade que você sempre transbordou, mesmo nos dias difíceis. Agradeço por terem me acompanhado ao longo desses últimos anos, quase perder vocês foi a maior dor da minha vida, obrigada por terem me encontrado nessa viela que é a vida.

Aos meus padrinhos, vocês foram fundamentais na consolidação de quem eu sou, Aloízio José Nunes de Azevedo Junior e Sheila Maria Pinto Nogueira. É um grande orgulho ter padrinhos dedicados, inteligentíssimos e íntegros. Eu amo poder ter vocês como meu espelho.

Ao meu esperançoso tio, Caio Azevedo Gusmão, com quem posso debater os assuntos mais profundos e repensar todas minhas certezas. A minha tia, Érica Gusmão de Castro Borges, que é determinada, genuína e que cuida com tanto carinho de todos.

Aos meus queridos Tia Sandra, Bebé, Paulo Sérgio, Toti, Tio Silvio, Madrinha Lídia e Tia Ana Célia, meu sincero agradecimento por me acolherem com tanto carinho e por me fazerem sentir verdadeiramente em casa.

Aos queridos, Araly, Indira, Thaís, Tia Cristina, Tio Alberto e Vô Gusmão, por me mostrarem o que é gentileza e generosidade, vocês me inspiram.

Ao meu médico, Dr. Lucas Maia, que é sempre tão gentil, competente, empático e brilhante. Você é, sem dúvidas, a esperança e a leveza do ser que eu quero poder um dia conquistar. Eu desejo que o futuro da humanidade seja tão próspero, generoso e promissor quanto você.

Aos meus queridos avós, Abigail Léa Pinto de Azevedo e Aloízio José Nunes de Azevedo, por tudo o que fizeram e representam na minha vida. Sinto saudade do que não pudemos viver e das memórias roubadas pelo Alzheimer.

Aos meus sobrinhos, Aloizio Ferreira de Azevedo Gusmão e Luíz Carlos Ferreira de Azevedo Gusmão, que me encantam e renovam minhas esperanças. Amo poder conhecer o mundo através dos olhos de vocês, tão doces, puros e sinceros, ser tia de vocês é um presente. E deixo aqui também o meu carinho à minha querida cunhada, Brenda Ferreira, obrigada por tudo. Você é a flor que resiste ao vendaval e, ainda assim, recebe o sol de braços abertos.

Ao meu amigo Leandro dos Santos Silva, um marxista fervoroso que carregou desde minha graduação em História e que me inspira politicamente. Que possamos ser chatos em nossas conversas por vários anos a fio.

As minhas amigas, Nicole Caroline Lima Ferreira da Silva e Juliana Ferreira Rezende, com quem dou as melhores risadas, recebo os melhores conselhos e que não exitam em passar os mais belíssimos panos. Obrigada por serem vocês, é uma honra ser amiga de vocês.

À minha melhor amiga Joanise Ramos Martins, que me ensinou a fazer o bem sem olhar a quem. Sempre que me questiono sobre minhas decisões, lembro de você e de como amar e respeitar alguém não me torna ingênua, mas humana.

Aos meus orientadores e professores que me guiaram ao longo da trajetória acadêmica, Marcos, Natasha, Paulo, obrigada por todas suas contribuições, indicações e por compartilharem com tanta generosidade o conhecimento de vocês.

Aos meus companheiros da pós-graduação, Wanice, Thalita, Jaqueline, Lígia, Carlos e Khalisto, obrigada por terem compartilhado suas experiências, angústias e por terem me demonstrado a relevância do coletivo nos espaços acadêmicos.

Ao meu orientador, Jorge Alves Santana, agradeço pelos constantes incentivos e pela paciência. Sem você, este trabalho não teria sido possível. Suas contribuições, tanto pessoais quanto teóricas, enriqueceram minha vida e transformaram minha jornada acadêmica. E principalmente, foi graças a você que eu pude florescer e fixar minhas raízes na pós-graduação. Meu eterno agradecimento pela confiança e pela prática da pedagogia da autonomia.

A todos os animais que tive o privilégio de cuidar - Robin, Zorro, Mário, João, - a valorização do não-humano começou a partir de vocês na minha vida.

E, por fim, a todos terráqueos como eu. Por mais desafiador que seja em alguns momentos, é também através deste pálido ponto azul que compreendo o mundo de maneira tão singular.

## RESUMO

Esta dissertação analisa como as personagens Lady Jessica e Chani são representadas na trilogia *Duna*, de Frank Herbert. Embora ambas sejam atravessadas por estruturas patriarcais, suas posições dentro do projeto político dos Atreides produzem experiências radicalmente distintas. Lady Jessica, mãe de Paul Atreides, ocupa um lugar ambíguo na narrativa, atuando na manipulação política e no controle dos habitantes de Arrakis, ao mesmo tempo em que se apropria de elementos da cultura fremen. Em contraste, Chani, mulher fremen e filha de Liet Kynes, representa a experiência do corpo nativo diretamente submetido à violência imperial. A partir de uma perspectiva de ecologia decolonial, fundamentada nas reflexões de Malcom Ferdinand (2022), compreende-se que a emancipação ecológica só é possível quando se consideram as experiências dos povos colonizados e historicamente invisibilizados. Conclui-se, assim, que a obra de Herbert não apresenta soluções éticas ou ecológicas emancipatórias, mas evidencia os limites e as contradições de projetos políticos que instrumentalizam a natureza, a cultura e os corpos femininos. A relação entre Lady Jessica e Chani permite compreender como o feminino ocupa posições distintas dentro do sistema colonial de Arrakis, sendo ora responsabilizado moralmente pelas violências do Império, ora sacrificado biologicamente para garantir sua continuidade. Em suma, não basta que mulheres sejam incorporadas como suporte a uma ‘revolução verde’, é necessário haver consciência crítica e abertura ao diálogo.

Palavras-chave: ecocrítica; ecofeminismo; Duna; Herbert; mulheres; ecologia decolonial.

## **ABSTRACT**

This dissertation analyzes how the characters Lady Jessica and Chani are represented in Frank Herbert's Dune trilogy. Although both are shaped by patriarchal structures, their positions within the Atreides political project produce radically different experiences. Lady Jessica, mother of Paul Atreides, occupies an ambiguous position in the narrative, acting in political manipulation and in the control of the inhabitants of Arrakis, while simultaneously appropriating elements of Fremen culture. In contrast, Chani, a Fremen woman and daughter of Liet Kynes, represents the experience of the native body directly subjected to imperial violence. From a decolonial ecology perspective, grounded in the reflections of Malcom Ferdinand (2022), ecological emancipation is understood as only possible when the experiences of colonized and historically invisibilized peoples are taken into account. It is thus concluded that Herbert's work does not offer ethical or ecological emancipatory solutions, but rather exposes the limits and contradictions of political projects that instrumentalize nature, culture, and women's bodies. The relationship between Lady Jessica and Chani makes it possible to understand how the feminine occupies distinct positions within the colonial system of Arrakis, being alternately morally blamed for the Empire's violence and biologically sacrificed to ensure its continuity. In sum, it is not enough for women to be incorporated as support for a "green revolution"; critical consciousness and openness to dialogue are required.

**Keywords:** ecocriticism; ecofeminism; Dune; Herbert; women; decolonial ecology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS:

Figura 1 – Foto Frank Herbert	14
Figura 2 – Capa de Dune de Frank Herbert	15
Figura 3 – Capa de Dune Messiah de Frank Herbert	17
Figura 4 – Capa de Children of Dune de Frank Herbert	18

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FC – Ficção Científica

ONU – Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>4</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>8</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>10</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>"May thy knive chip and shatter": Duna, Messias de Duna e Filhos de Duna.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A NATUREZA E A SOCIEDADE: Disputas políticas.....</b>	<b>21</b>
1.1 Ecologia, sociedade e literatura:.....	22
1.2 A ficção científica e o colapso ecológico: Entre estranhamento e crítica.....	33
1.3 Corpos dissidentes e decolonialidade: Gênero, etno-raças e alteridade em Duna.....	42
<b>CAPÍTULO 2 – CHANI ENTRE O AMOR E O IMPÉRIO: COLONIALISMO, MATERNIDADE E BIOPOLÍTICA.....</b>	<b>52</b>
2.1 Chani e o Corpo-Território: Subalternidade e Resistência Fremen.....	53
2.1.1 Chani como metáfora da Terra:.....	61
2.2 A Maternidade Compulsória E Biopolítica Do Corpo Feminino Em Duna.....	68
2.3 Entre Chani E Irulan: A Segmentação Feminina Entre O Íntimo E O Estatal.....	78
<b>CAPÍTULO 3 – LADY Jessica: ENTRE ESTRATÉGIAS POLÍTICAS E AS BENE GESSERIT. 86</b>	
3.1 Lady Jessica e a formação Bene Gesserit.....	87
3.2 Lady Jessica e o ecofascismo: A instrumentalização do sagrado e da natureza.....	97
3.2.1 Lady Jessica como Reverenda Madre, a Água da Vida e o Shai-Hulud:.....	104
3.3 Lady Jessica como mediadora colonial: gênero, culpa e poder.....	108
3.3.1 Do sacrifício à incorporação: contrastes entre Chani e Lady Jessica.....	113
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS:.....</b>	<b>118</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura nos possibilita alçar os voos mais altos, peregrinar por páginas durante horas a fio e refletir profundamente sobre nossa própria realidade. Se antes um dos grandes temas na ficção científica e na literatura eram a ciência e o avanço tecnológico, hoje um de seus principais enfoques é a terra devastada e um futuro desesperançoso. Tal qual *Duna*, de Frank Herbert (1965), *A Estrada*<sup>1</sup>, de Cormac McCarthy (2006) e *Annihilation*<sup>2</sup>, de Jeff VanderMeer (2014). Nesse sentido, assim como o planeta tem manifestado os impactos da ação humana, a literatura tem sido palco dessas mesmas preocupações e anseios humanos há anos.

Esta dissertação tem como objetivo central analisar como o feminino é representado a partir de Lady Jessica e Chani na trilogia *Duna*, de Frank Herbert. Pudemos observar que embora ambas sejam politicamente influentes e estrategicamente perspicazes, elas representam projetos divergentes, tanto ecológicos quanto políticos e culturais. E, principalmente, não basta termos o feminino envolvido na revolução ecológica; é preciso quebrar as expectativas de gênero para subverter as hierarquias criadas em nossa sociedade. Assim, Lady Jessica, a partir de sua formação como Bene Gesserit, utiliza a religião como ferramenta política para centralizar o poder em torno de Paul Atreides. Já Chani representa, de forma orgânica e enraizada na cultura Fremen, a força das mulheres nativas, articulando estratégias políticas que buscam enaltecer seu povo.

Nesse sentido, pudemos investigar: Quais interesses políticos motivam a atuação de Lady Jessica na transformação ambiental de Arrakis? Qual é o papel de Chani diante da reestruturação ecológica promovida pelo Império? De que forma Lady Jessica e Chani representam objetivos políticos e ecológicos divergentes em Arrakis? Como a oposição entre as duas personagens revela conflitos de classe, cultura e gênero? Como o conceito de raça perpassa as personagens e seus privilégios? E ainda, a simples presença de mulheres é suficiente para garantir uma transformação que enfrente as lógicas de poder em *Duna*?

Frank Herbert, escritor e jornalista estadunidense nascido em 1920, é o autor do corpus em análise, *Duna*. Os romances de Herbert apresentam diversos questionamentos no

---

<sup>1</sup> Vencedor do Prêmio Pulitzer de Ficção em 2007, o romance de Cormac McCarthy acompanha a trajetória de pai e filho em uma terra pós apocalíptica. O ecossistema se tornou árido, frio e coberto de cinzas, afetando todas as dinâmicas sociais e redefinindo os limites da humanidade quando colocados em situações extremas. O romance também foi adaptado para as telas do cinema em 2009, estrelado Viggo Mortensen e Charlize Theron.

<sup>2</sup> Vencedor do Prêmio Nebula e Shirley Jackson, a obra narra um grupo de quatro mulheres em uma região isolada com um ecossistema que sofreu algum tipo de mutação. E também, foi transformada em filme em 2018, estrelada por Natalie Portman e dirigida por Alex Garland.

que tange a complexidade da natureza humana. Seu papel como defensor dos povos originários, trouxe o debate ambiental e a opressão dos povos de Arrakis como debate central de sua trilogia. A construção dos Atreides enquanto anti-heróis destaca o mito do colonizador salvador e confunde o leitor perante a transformação ambiental. Nesse sentido, o legado de Herbert impactou positivamente o cenário da ficção científica, sendo considerada uma das melhores obras na categoria. Ademais, o corpus central dessa pesquisa é a trilogia *Duna*; sendo esta composta pelos romances *Duna*, *O Messias de Duna* e *Filhos de Duna*.

A trilogia tem como arco principal Paul Atreides e seus familiares, apresentando a luta política que gira em torno da especiaria melange e como os Fremen coexistem com o domínio de cada casa. A especiaria, matriz energética não renovável, é responsável por possibilitar viagens estelares por todo o Império, além de trazer visões e ser quase uma droga quando ingerida em grandes quantidades. Nesse contexto, o romance se inicia com a chegada dos Atreides em Arrakis, que após o assassinato do Duke Leto, acompanha a saga da fuga de Paul Atreides e Lady Jessica para as profundezas do deserto.

Ao longo da trilogia nos deparamos com a promessa da mudança na natureza de Arrakis, relacionada a profecia implantada pelas Bene Gesserit, e que aos poucos vai afetando a fauna e a paisagem do planeta. A partir daí, a construção de um messias salvador transforma Paul Atreides e causa incerteza perante seu Império. Nessa análise, nos concentramos na dualidade entre Lady Jessica, matriarca e líder religiosa, e Chani, nativa e companheira de Paul Atreides. E principalmente, notando a importância política de ambas na narrativa e também seu contraste na trilogia.

Ademais, pensar em uma ecologia decolonial é repensar as relações nas quais os Fremen de Duna estão inseridos, superando a construção capitalista de que seu valor é determinado apenas pelo lucro. Malcom Ferdinand (2022), em *Uma Ecologia Decolonial*, analisa as fraturas entre “os que temem a tempestade ecológica no horizonte e aqueles a quem o convés da justiça foi negado muito antes das primeiras rajadas de vento”(FERDINAND, 2022, p. 22). Em outras palavras, é urgente pensar na destruição ambiental a partir dos povos marginalizados e nas relações de poder presentes em *Duna*, pois a partir dos Fremen podemos notar como o Império molda o planeta visando seus próprios interesses.

No que tange às questões de gênero, o ecofeminismo tem como foco a opressão sofrida entre mulheres e natureza, sendo fundamental compreender tais dinâmicas para promover uma emancipação de ambas, como argumenta Carol J. Adams (1993). Alguns autores argumentam que o estudo da natureza e das mulheres não se desassocia, dessa forma, trouxemos os termos ecofeminismo e ecocrítica visando tornar os objetivos da

pesquisa mais compreensíveis. Dessa forma, a partir das leituras de Adams, Silvia Federici, Carolyn Merchant e Ariel Salleh, podemos notar a importância de compreender a esfera capitalista opressora na qual Duna está inserida e como essa se beneficia dos povos colonizados, dos corpos femininos e da natureza.

Com base nos elementos já mencionados, este trabalho busca fomentar os diálogos entre literatura e natureza a partir da trilogia *Duna*, sempre aliando uma perspectiva ecológica ao romance. Para além de considerar o mundo de forma geral, cabe a este trabalho notar o papel da natureza de forma profunda, considerando as ideias por trás deste elemento. Em vista disso, acreditamos que a análise do discurso dos clássicos de Herbert, bem como da política por trás da obra, é essencial para compreendermos a lógica que sustenta uma sociedade colonial, sexista e especista ainda vigente.

Esta dissertação dividiu-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, focamos na fundamentação teórica que foi articulada ao longo da pesquisa, bem como na apresentação da trilogia *Duna*. Assim, o cerne deste capítulo circunda questões ecológicas (ecocrítica, ecofeminismo e ecologia decoloniais), questões de gênero, além das relações entre literatura e sociedade. A partir disso, observamos como essas temáticas se relacionam e dialogam com *Duna*, destacando a necessidade de expandirmos os debates ambientais a partir da literatura.

O segundo capítulo tem como destaque a análise da personagem Chani e de sua relação com a natureza em Arrakis e também de sua cultura Fremen. Além disso, observamos como seu papel enquanto concubina e estrategista política se desenvolvem nas duas primeiras obras da trilogia, bem como sua influência nas dinâmicas sociais e políticas de Arrakis. Dessa forma, examinamos o papel desempenhado por sua personagem e o que ela representa enquanto mulher atravessada por questões étnico-raciais em *Duna*.

O terceiro capítulo teve como objetivo abordar tópicos fundamentalmente políticos, ressaltando as dinâmicas sociais e de poder que atravessam *Duna* a partir de Lady Jessica. Nesse sentido, buscamos apresentar um viés ecofeminista e ecológico aos projetos políticos executados e replicados pela personagem. E principalmente, buscamos discutir a instrumentalização tanto do corpo feminino quanto da natureza em *Duna*, muitas vezes apresentando as mesmas estruturas opressivas com novas roupagens.

O quarto e último capítulo propõe refletir acerca da literatura e da arte como espaços de problematização dos reflexos das catástrofes globais. Desse modo, buscamos criar um diálogo franco, filosófico na medida do possível e que não busca dar respostas conclusivas. Assim, mais do que um ponto final, buscamos apresentar possíveis lentes para observarmos o mundo daqui em diante. Além disso, reforçamos que a literatura e nem *Duna* não carregam a

obrigação de corrigir nossos problemas, mas atuam como um campo de questionamento crítico daqueles que as produzem.

A metodologia que empregamos neste trabalho é a análise literária da trilogia *Duna* de Frank Herbert. Assim, a partir dessa metodologia qualitativa observamos a partir das lentes do ecofeminismo como essa epistemologia se apresenta na trilogia em análise, tendo em mente as obras tais como as de Greta Gaard (2011), Silvia Federici (2017), João Mendes (2018), Malcom Ferdinand (2022), Ariel Salleh (1995) e muitos outros. O propósito desta pesquisa é observar como esses conceitos se apresentam no texto literário e como estes afetam o enredo de *Duna*. Por fim, buscamos confirmar a hipótese de que a ecologia decolonial e o ecofeminismo são campos em constante construção, sendo necessário ir além de elementos meramente representativos para sua consolidação.

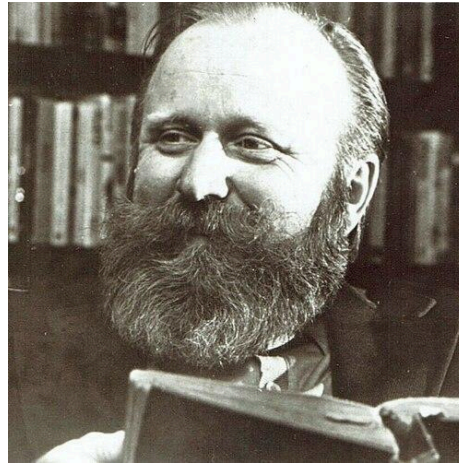
O corpus da pesquisa, a trilogia *Duna* de Frank Herbert, é uma referência na literatura e na ficção científica mundial. A partir da união entre o material teórico e o romance, buscaremos compreender como as teorias selecionadas (ecofeminismo, ecocrítica, ecofascismo e ecologia decolonial) se apresentam na obra e como a colonização de Arrakis afeta os povos em *Duna*. Algumas das perguntas que direcionam nossas leituras teóricas são: Qual a diferença entre ecocrítica, ecofeminismo, ecofascismo e uma ecologia decolonial? Como estes aspectos podem ser vistos na literatura e no *corpus*?

Em suma, a metodologia neste trabalho será centrada na análise literária. E também, tendo como base a fundamentação teórica para uma melhor compreensão das citações coletadas. Em suma, pudemos observar que o estudo de *Duna*, uma obra relevante na ficção científica, amplia o discurso sobre a ecocrítica e traz novos ares a um debate atual.

### ***"May thy knive chip and shatter": Duna, Messias de Duna e Filhos de Duna***

Frank Herbert, exibido na Figura 1, escritor e jornalista estadunidense nascido em 1920, é o autor do corpus em análise, *Duna*. Os romances de Herbert apresentam diversos questionamentos no que tange à natureza humana. Seu papel enquanto defensor dos povos originários e do ecossistema trouxe o debate ambiental e a opressão dos povos de Arrakis como debate central de *Duna*. Nesse sentido, a construção dos Atreides enquanto anti-heróis evidencia o mito do colonizador salvador. O legado de Herbert impactou positivamente o cenário da ficção científica, sendo considerada uma das melhores obras na categoria.

**Figura 1 – Foto Frank Herbert**



Fonte: Extraída do Google Imagens.

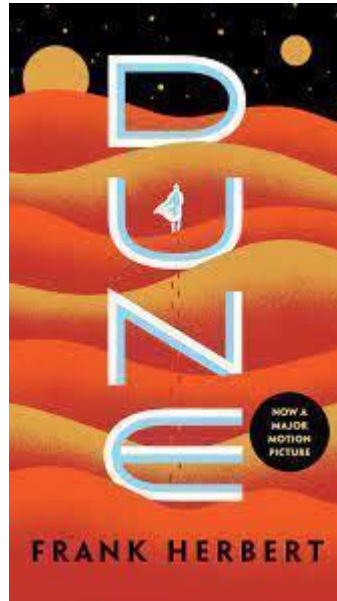
O corpus central dessa pesquisa é a trilogia *Duna*, escrita por Herbert e continuada por Brian Herbert, um romance que marcou a ficção científica ao redor do mundo. A trilogia é composta por *Duna*, *O Messias de Duna* e *Filhos de Duna*, tendo como arco principal Paul Atreides e seus familiares. Assim, a obra apresenta a luta política que gira em torno da especiaria melange e como os fremen coexistem com o domínio de cada casa. A especiaria é responsável por possibilitar viagens estelares por todo o Império, além de trazer visões e ser quase uma droga quando ingerida em grandes quantidades.

O primeiro livro, *Duna* de Frank Herbert, teve a primeira publicação nos Estados Unidos em 1965 pela editora Chilton Books. Entretanto, o primeiro volume só veio a ser traduzido para o português em 1984 por Jorge Luiz Calife. Já a primeira adaptação de *Duna* para o cinema ocorreu em 1984, coincidindo com o ano de publicação do romance no Brasil, com direção de David Lynch. Apesar dos esforços coletivos para a produção da obra cinematográfica, seu resultado foi um fiasco, como podemos notar na pesquisa de Luís Carlos S. Branco (2023). A extensão da obra foi apenas um dos obstáculos encontrados por Lynch, que teve que condensar 900 páginas em um roteiro de 135 páginas. Além da má recepção por parte do público, a obra foi considerada o pior filme do ano e também não conquistou os críticos da época. Por outro lado, a segunda adaptação, dirigida por Denis Villeneuve, foi aclamada pela crítica e resultou em uma continuação cinematográfica.

A trilogia investigada nesta dissertação foi publicada em 2020 nos EUA, pela editora ACE, sendo composta por um box incluindo o arco principal de Paul Atreides. Assim, a edição utilizada nesta dissertação é evidenciada pela Figura 2. O romance se inicia uma antes da partida dos Atreides para Arrakis, em seu planeta natal. Em Caladan, Paul se prepara para

o Gom Jabbar, um veneno utilizado como teste de consciência humana aplicado pelas Bene Gesserit. Assim, o principal objetivo é demonstrar controle emocional e uma suposta superioridade humana, visto que somente animais morrem em seu processo. E principalmente, o teste tem como objetivo verificar a extensão dos seus poderes e seu potencial para ser o Kwisatz Haderach.

**Figura 2 – Capa de *Dune* de Frank Herbert**



Fonte: Extraída do Google Imagens.

O Kwisatz Haderach é um projeto de reprodução das Bene Gesserit, nesse caso, Paul unificaria os saberes masculinos e femininos do Império, agindo em prol da ordem religiosa. Embora o objetivo inicial da seita fosse unificar os saberes e as casas reais, o Atreides se utiliza dessas estruturas para estabelecer seu controle político e, através da religião, instaura-se enquanto messias dos povos Fremen. Apesar de Paul ter sido ‘escolhido’ como o Kwisatz Haderach, a sua chegada é antecipada, já que o programa tinha o propósito de criar um messias que fosse herdeiro de todas as casas reais.

Contrariando os desejos dos Harkonnen, o Imperador Padishah Shaddam IV transfere o poder para a Casa Atreides com o objetivo de fragilizar e eliminar seus membros. Assim, após anos dos Harkonnen controlando Arrakis, o planeta seria, então, dominado e explorado por outra casa. O chefe da casa Atreides, Duque Leto Atreides, sabia dos riscos que enfrentaria e almejava trazer a flora de Caladan para o clima desértico onde agora dominavam.

O primeiro segmento do romance tanto a familiarização dos Atréides em Arrakis demonstra as estratégias utilizadas entre os Harkonnen, contando com a infiltração do Dr. Yueh, para exterminar toda a linhagem dos novos regentes do planeta. Neste sentido, após a invasão Harkonnen e a morte do Duque Leto, Paul Atréides e Lady Jessica conseguem fugir para o deserto sem deixar rastros. Ambos são acolhidos pelos Fremen, após certo debate sobre como os dois incorporariam o grupo, Paul começa a construir sua imagem de Messias e Lady Jessica se consolida enquanto Reverenda Madre

O segundo segmento de *Duna*, ou *Book II Muad'Dib*, retrata a inserção de Paul aos modos de vida Fremen. É a partir do contato e da vida no deserto, que Paul começa a construir alianças políticas em Arrakis e se apropria da imagem de Messias. Nesse processo, o protagonista desenvolve seu relacionamento amoroso com Chani, criando um elo entre as culturas entrelaçadas. Ao ser intitulado como Muad'Dib entre os nativos do deserto, nome inspirado em um roedor resiliente das areias de Arrakis, que conquista sua liderança política e religiosa, ampliando seu poder entre os Fremen. E também, é quando conquista o respeito do povo Fremen e recebe o nome íntimo de Usul, representando a base do pilar na filosofia destes.

O terceiro e último segmento de *Duna*, também conhecido como *The Prophet*, mostra como Paul “nunca parou de doutrinar”(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 621 - tradução nossa) os Fremen a partir de sua “religião simples e prática”(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 620 - tradução nossa). O enredo também introduz Alia, filha de Lady Jessica e Leto Atréides, e o primogênito de Paul com Chani, Leto II. A revolta Fremen, comandada por Paul, destitui o trono imperial de Shaddam IV e o transfere para Paul que se casa com a princesa Irulan. A morte de seu primogênito e a consolidação da concubina de Paul, marcam o enredo de Chani em *Duna*.

Já em *Messias de Duna*, Paul governa o Império e nos apresenta o resultado da jihad Fremen pela galáxia, disseminando milhões de pessoas em prol de sua guerra santa. O segundo volume, apresentado na Figura 3, foca principalmente no pós-guerra e na urgência de um herdeiro para Paul. A princípio, Chani é a única que detém o “privilégio” de gestar o futuro Imperador; contudo, ao longo dos capítulos, sua esposa Irulan também passa a ser considerada, e até mesmo sua irmã Alia é apontada pelas Bene Gesserit como possível parte dessa sucessão.

Figura 3 – Capa de *Dune Messiah* de Frank Herbert



Fonte: Extraída do Google Imagens.

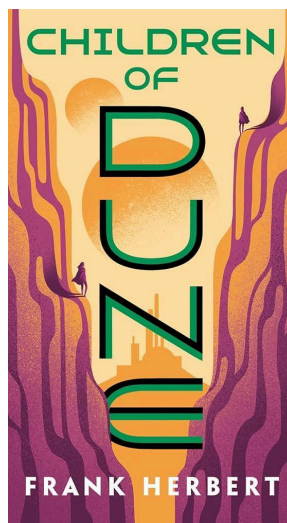
Neste volume, podemos também observar o poder político e religioso adquirido por Paul, bem como os milhares fiéis que o seguiam. Doze anos após o fim do primeiro romance, Muad'Dib demonstra ter consciência sobre as mortes causadas por seu regime e os impactos ambientais que causou em Arrakis. O grupo Bene Tleilax é apresentado em uma conspiração com as Bene Gesserit, a Guilda Espacial e Irulan, esposa de Paul Atreides. Dessa maneira, podemos observar como os jogos políticos chegam à Arrakis, através de supostos presentes e até mesmo o envenenamento de Chani.

Ainda, *Messias de Duna*, apresentado no prefácio como o fracasso do ano, foca principalmente nas relações entre Paul, Chani e Irulan. Após anos de tentativas falhas, devido ao envenenamento sofrido por Irulan, a Fremen finalmente engravida e demonstra ter consciência da finitude de sua vida. Além disso, somos capazes de acompanhar também o papel político desempenhado por Alia, que substitui o irmão sempre que necessário e é vista enquanto uma aberração por ter desenvolvido diversas habilidades de forma precoce. Ademais, sua relação amorosa com Hyat, reconstituído a partir de Duncan Idaho, e a possibilidade de um filhos entre ambos permeia seu futuro.

Em síntese, o enredo demonstra o questionamento interno sobre livre arbítrio que sofre Paul, que se questiona constantemente se prefere Chani ou um herdeiro. Após um ataque, Muad'Dib perde sua visão, mas suas visões do futuro permanecem. A morte de Chani marca as últimas páginas, bem como a decisão de Paul de não revivê-la para não se comprometer com os Bene Tleilax. Após o nascimento dos gêmeos, Leto II e Ghanima, Paul abandona o trono e caminha em direção ao deserto.

Em *Filhos de Duna*, apresentado na Figura 3, conhecemos os gêmeos de Chani de forma mais profunda e somos informados que Lady Jessica está voltando para Arrakis depois de viver anos em Caladan. Após o desaparecimento de Paul, Irulan e Alia se tornam responsáveis pela criação de Leto II e Ghanima, bem como Harah. Nove anos após seu nascimento, os gêmeos são herdeiros do trono regido por sua tia Alia. Da mesma forma que os sobrinhos, Alia também possui uma memória ancestral, mas é corrompida pelo espírito de seu avô, o Barão Harkonnen. Ao reproduzir políticas autoritárias e tiranas, o império começa a se rebelar contra o regime Atréides, preocupando até mesmo Lady Jessica.

**Figura 4 – Capa de *Children of Dune* de Frank Herbert**



Fonte: Extraída do Google Imagens.

Leto II e Ghanima unem forças com o objetivo de impedir a destruição do Império e evitar que o poder retorne à Casa Corrino, linhagem de Irulan. Diante do avanço autoritário de Alia e do risco iminente à estabilidade imperial, os gêmeos organizam o retorno de Lady Jessica a Arrakis, solicitando sua ajuda como estratégia política e simbólica. Após um ataque direcionado aos herdeiros, Leto finge ter sido assassinado por Wensicia Corrino e se une aos vermes de areia. Sua simbiose com essas criaturas o transforma em um híbrido quase imortal, ampliando ainda mais seu poder. Ao se tornar o novo imperador após a morte de sua tia, Leto se casa com sua irmã Ghanima e passa a conduzir o Império segundo o Caminho Dourado.

Como podemos observar, o universo criado por Frank Herbert discute temas como poder, ecologia, colonialismo e gênero em todo seu enredo. Assim, outras pesquisas relevantes devem ser mencionadas por terem explorado os temas aqui apresentados. Como em *The Bene Gesserit in Frank Herbert's Dune*, de Luis Felipe Torres Meza (2010), o autor se propõe a estudar a organização feminina das Bene Gesserit. A pesquisa demonstra que os

interesses do grupo são limitados pelo poder e influência do Império até o momento de suas mortes. Para Meza, Herbert demonstra o choque entre racionalidade e emoção nas relações humanas a partir das Bene Gesserit. Embora controverso, o pesquisador defende a escolha de manipular os genes como algo racional, que pode ser vista como eugenia. Segundo ele, a falha dos seus planos ocorre por conta de seus apegos emocionais, o que contraria os ensinamentos do grupo de que a razão deve controlar o sentimento.

R. J. Ellis (1990) discorre, em *Frank Herbert's Dune and the Discourse of Apocalyptic Ecologism in the United States*, sobre os papéis de herói e demagogo ocupados por Paul Muad'Dib, buscando explorar as relações contextuais entre estes. A partir do treinamento do filho de Leto e seu uso da droga melange, Paul consegue ver Arrakis se tornando um paraíso em um período de tempo curto. Assim, o autor aborda a romantização do protagonista que luta contra o Império Harkonnen e problematiza as questões de poder dentro da obra. Ellis argumenta que, ao contrário da solução ecológica esperada, podemos acompanhar Paul com poderes absolutos e, principalmente, que um discurso realista dessas questões ecológicas só poderia ser imaginado no gênero da ficção científica. Trata-se, portanto, de uma leitura que relaciona o messianismo à crítica ambiental.

Já Timothy Morton, em *Imperial Measures: Dune, Ecology and Romantic Consumerism*, tem como objetivo observar a especiaria melange no romance. O autor afirma que a obra representa como o colonialismo e o imperialismo buscam dominar o fluxo de mercadorias através da especiaria. Além disso, aborda que a água é de fato mais preciosa que a melange, mas se torna uma mercadoria de luxo ao ser desperdiçada pelos seus governantes. Morton finaliza sua pesquisa afirmando que a especiaria se associa ao capital e à mercadoria, não sendo essencial além de suas propriedades medicinais. Entretanto, o produto se torna uma mercadoria de luxo e tem como objetivo representar a devastação do universo. A crítica de Morton se aproxima, assim, de leituras que associam *Duna* à crítica do consumo e da exploração capitalista dos recursos.

Em *The Quileute Dune: Frank Herbert, Indigeneity, and Empire*, Daniel Immerwahr (2022) aborda a consciência ecológica na obra e também dá destaque à colonização, guerra e culturas em conflito. Immerwahr defende que o império não é apenas um tema textual em *Duna*, mas também um contexto fundamental. O autor apresenta a história de Herbert e como sua proximidade com a comunidade Quileute o inspirou, além de todos os aspectos ecológicos que o preocupavam em razão da emergência climática. O pesquisador afirma que há pouco interesse nos povos Quileute, em comparação às obras vistas através das lentes de autores brancos, como em **Duna** e *Crepúsculo*. Para Immerwahr, a ética dos Fremen representa um

equilíbrio ambiental, que vai se alterando na medida em que esse povo perde seus princípios com a retração do deserto e a morte dos vermes de areia que produziam a especiaria. Em suma, o autor argumenta que uma das mensagens principais da obra é não confiar em líderes, apontando como a saída dos Fremen de sua terra para conquistar a galáxia leva-os ao seu declínio. Sua leitura aproxima *Duna* de debates atuais sobre descolonização, identidade indígena e emergência climática.

Essas análises demonstram a pluralidade de abordagens possíveis na leitura de *Duna*, incluindo questões de gênero, poder, ecologia e colonialismo, que enriquecem a compreensão da obra e servem como base crítica para interpretações mais contemporâneas.

## CAPÍTULO 1 - A NATUREZA E A SOCIEDADE: Disputas políticas

É sabido que não existe uma suposta neutralidade entre natureza e sociedade, assim, o capitalismo e seus desdobramentos criam hierarquias que afetam todas as esferas do nosso ecossistema. Nesse sentido, ao longo da história, pudemos observar como a natureza foi objetificada e reduzida a recurso, sobrando-lhe o papel de servir a humanidade. Assim, após séculos de extrativismos extensivos, somos deixados com uma estrutura que favorece acumulações de riqueza em detrimento de outras formas de vida e saberes. Dessa forma, pensar em questões ecológicas não se limita às ciências biológicas ou exatas, mas é um exercício fundamental para que superemos os ideais que oprimem todas as formas de vida e não vida.

A literatura, em especial a ficção científica, tem sido um espaço fundamental para podermos refletir sobre essas relações mencionadas anteriormente. Ao projetar futuros marcados pela natureza escassa, pelo esgotamento ambiental e por outras organizações sociais, essas narrativas tensionam problemas que já atravessam o presente. Em *Duna*, a natureza não aparece apenas como cenário, mas como um elemento central que reflete as relações de poder do universo de Herbert. Arrakis é um planeta moldado pela exploração da especiaria melange, matriz energética não renovável, que sustenta todo o Império e perpassa todas as relações sociais, políticas e econômicas da série.

De modo semelhante à realidade, Arrakis evidencia como a dominação da natureza está diretamente ligada ao colonialismo e à imposição de um projeto político externo aos modos de vida dos Fremen. A promessa de transformação ecológica do planeta, mascarada de progresso, não rompe com a lógica colonial, mas reorganiza a dominação sob novas roupagens. Assim, a ecologia em *Duna* se apresenta de maneira ambígua, pois ao mesmo tempo em que sugere uma possibilidade de mudança, também reforça estruturas de controle, exploração e violência ambiental.

Sendo assim, torna-se fundamental pensarmos a ecologia em diálogo com as questões sociais, políticas e de gênero. A opressão da natureza, das mulheres e de grupos étnico-raciais não ocorre de forma isolada, mas opera dentro de um mesmo sistema que legitima a exploração a partir de ideologias de racionalidade, progresso e salvação. Em *Duna*, tanto corpo feminino quanto o território colonizado são frequentemente tratados como apropriados e instrumentalizados pelos projetos imperiais, reforçando hierarquias pré-existentes e silenciando outras formas de existência e conhecimento. Pensar essas questões nos permite refletir sobre as bases da exploração ambiental e humana, tanto em *Duna* quanto na realidade.

## 1.1 Ecologia, sociedade e literatura:

As catástrofes cada vez mais frequentes refletem os abusos, os excessos e a exploração incessante promovida pela humanidade. Em nome da acumulação de capital e da expansão imperial, povos foram oprimidos, animais subjugados e a natureza devastada. Considerar uma ecologia decolonial significa rever as relações em que estamos inseridos e superar a lógica capitalista que reduz o valor da natureza ao seu potencial lucrativo. Malcom Ferdinand (2022), em *Uma Ecologia Decolonial*, propõe uma abordagem que descolonize a ecologia e recuse uma verdade universal, promovendo a emancipação dos povos historicamente subalternizados. Diante deste aspecto, propomos aqui uma abordagem teórica que articula literatura, ecologia e ecocrítica dialogando com a atualidade.

Por isso, este trabalho parte da intersecção entre representação e crítica ecológica para pensar como os estudos literários podem abordar a crise ambiental. A literatura não apenas permite que vivamos outras vidas, mas também tem assumido um papel essencial ao denunciar e tencionar essas dinâmicas. Ainda que não seja possível corrigir os erros do passado por meio da representação<sup>3</sup> desses debates, sua evocação revela a importância desses temas na atualidade. Assim, a ecocrítica é uma das metodologias que utilizaremos para observarmos as crises ecológicas e políticas no período contemporâneo.

Antes de mais nada, é importante compreender a trajetória da ecologia como campo científico. O conceito, definido por Ernst Haeckel em 1866, representa o estudo das relações entre os seres vivos e seu habitat. Porém, é somente no final do século XIX que a Ecologia passa a ser reconhecida como uma ciência autônoma, e não apenas uma subárea do conhecimento. Ainda que não se configure como uma ciência social, sua abordagem holística favorece uma compreensão integrada do mundo, rompendo com a visão fragmentada da ciência cartesiana-newtoniana. Embora João Carlos Nucci (2007) reconheça a dificuldade de diálogo entre os “casulos” do saber, ele ressalta a importância da integração das Ciências Humanas para que se possa, de fato, alcançar uma perspectiva verdadeiramente sistêmica.

Por esse motivo, os problemas ambientais não são somente uma temática limitada pela Ecologia e, assim, as humanidades têm se debruçado sobre o debate. Na medida em que as ciências ambientais clamavam pelo combate à poluição e buscavam impedir o esgotamento de recursos, pudemos observar o crescimento de movimentos combativos filosóficos aliado à

---

<sup>3</sup> Em *Olhos de Madeira*, o historiador Carlo Ginzburg reflete sobre o papel da representação como tentativa de reconstruir e preencher espaços de ausência. Ao representar algo que já não está presente, seja uma realidade passada ou uma natureza perdida, a representação torna visível aquilo que está ausente e, ao mesmo tempo, evidencia sua falta.

ecologia que transbordou das ciências duras. A *ecologia profunda*, conceito estabelecido pelo filósofo Arne Næss em 1973, propõe unificar as questões sociais às ambientais, buscando também compreender a cadeia de relações entre os seres vivos e rejeitando o antropocentrismo. É a partir desse contexto que surgem novas reflexões sobre justiça ambiental, a concretização da equidade social e a urgência das transições energéticas.

Nesse sentido, à medida que a ecologia passa a ser reconhecida como ciência autônoma, a ecocrítica ganha espaço nas ciências humanas - tanto por desdobramentos científicos quanto como em resposta às urgências climáticas. A ecocrítica, termo desenvolvido por William Rueckert (1978), incorpora os debates ecológicos ao analisar a literatura. Com a consolidação do campo no final do século XX, a ecocrítica passa a ser reconhecida enquanto uma escola teórica e expande o conceito ‘mundo’ para incluir todo o ecossistema na literatura. Enquanto Rueckert tinha uma abordagem mais restritiva com o conceito ecocrítica, seus sucessores incluíram leituras mais interdisciplinares e ideológicas nos estudos literários.

Em vista disso, Rueckert define a ecocrítica como a aplicação da ecologia e de seus conceitos no estudo da literatura, apresentando o conceito de forma mais estrutural. Em *Literature and Ecology*, o autor busca compreender a literatura a partir da ecologia, demonstrando a conexão entre a natureza e os estudos literários. Dessa forma, Rueckert observa a ecocrítica enquanto uma ferramenta política que surge enquanto resposta aos desastres ambientais. A articulação entre literatura e o mundo físico rompe com a visão especista de uma supremacia humana, demonstrando que ao dar voz ao não-humano é possível interromper heranças coloniais. Da mesma maneira, Cheryll Glotfelty afirma que o ecocriticismo expande nossa visão de mundo e conecta nosso ecossistema.

Já Cheryll Glotfelty, teórica de referência desse campo, destaca o avanço do materialismo ecocrítico em meio à era que minimiza a crise ambiental. Glotfelty, em especial, estabelece a ecocrítica como “uma abordagem centrada na terra nos estudos literários” (GLOTFELTY, 1996, p.18), propondo uma discussão integrada dos aspectos culturais, literários e da natureza. Nesse cenário, torna-se essencial explorar as questões ambientais, políticas e literárias sob as lentes decoloniais em *Duna* de Frank Herbert. Para além de apenas um elemento narrativo ou um recurso estético, verifica-se a natureza em Arrakis como um agente politicamente ativo dentro da obra. Como é evidenciado por Herbert a partir do Duque Atreides:

Arrakis tem outra vantagem que quase esqueci de mencionar. A especiaria está em

tudo aqui. Você a respira e a ingere em quase tudo. E acho que isso confere uma certa imunidade natural contra alguns dos venenos mais comuns do Manual dos Assassinos. E a necessidade de vigiar cada gota de água coloca toda a produção de alimentos – cultura de leveduras, hidroponia, quimavite, tudo – sob a mais rigorosa vigilância. Não podemos eliminar grandes segmentos de nossa população com veneno – e também não podemos ser atacados dessa maneira. Arrakis nos torna morais e éticos. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 169 - tradução nossa)<sup>4</sup>

Como resultado, podemos perceber como a natureza está no centro das relações humanas, não humanas e políticas em Arrakis. Ela não apenas ordena os modos de consumo, mas também intercede de forma orgânica as interações dentro de todo o ecossistema do planeta. O clima desértico e os recursos escassos regulam as relações e obrigam o coletivo a cooperar. Mais do que sobreviver, a cultura dos Fremen busca integrar o ser humano ao mundo físico, construindo uma relação de simbiose com o deserto. Como aponta Glotfelty, o ecocriticismo demonstra o como o ambiente e os seres humanos estão interligados, sempre afetando um ao outro.

Atualmente, as aplicações da ecocrítica são ilimitadas, desde observar a natureza como um elemento narrativo até as metáforas da terra. Sempre refletindo acerca das relações entre a sociedade e o mundo literário, como propõe Glotfelty, compreende-se o delicado e complexo papel desempenhado pela literatura. E assim, a autora discorre:

Apesar da ampla abrangência da investigação e dos diferentes níveis de sofisticação, toda crítica ecológica compartilha a premissa fundamental de que a cultura humana está conectada ao mundo físico, afetando-o e sendo afetada por ele. A ecocrítica tem como objeto as interconexões entre a natureza e a cultura, especificamente os artefatos culturais da linguagem e da literatura. Como uma postura crítica, ela tem um pé na literatura e o outro na terra; como um discurso teórico, ela negocia entre o humano e o não humano. (GLOTFELTY, 1996, p. 19 - tradução nossa)<sup>5</sup>

Ao evidenciarmos esse reflexo entre cultura e natureza, Glotfelty demonstra que a ecocrítica não serve somente enquanto termômetro para problemas ambientais. Da mesma forma como outros movimentos foram capazes de revolucionar suas realidades, a autora aguarda que a transformação também aconteça na natureza. Assim, a pesquisadora aponta a

---

<sup>4</sup> "Arrakis has another advantage I almost forgot to mention. Spice is in everything here. You breathe it and eat it in almost everything. And I find that this imparts a certain natural immunity to some of the most common poisons of the Assassins' Handbook. And the need to watch every drop of water puts all food production - yeast culture, hydroponics, chemavit, everything--under the strictest surveillance. We cannot kill off large segments of our population with poison--and we cannot be attacked this way, either. Arrakis makes us moral and ethical." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 169)

<sup>5</sup> "Despite the broad scope of inquiry and disparate levels of sophistication, all ecological criticism shares the fundamental premise that human culture is connected to the physical world, affecting it and affected by it. Ecocriticism takes as its subject the interconnections between nature and culture, specifically the cultural artifacts of language and literature. As a critical stance, it has one foot in literature and the other on land; as a theoretical discourse, it negotiates between the human and the nonhuman." (GLOTFELTY, 1996, p. 19)

importância de que o movimento ecocrítico se torne mais inclusivo, visto que grande parte de seus expoentes são sujeitos brancos e ocidentais. Considerando isso, seu trabalho não apenas defende a importância do debate ambiental, mas alia a justiça social à diversidade para que o movimento ecocrítico se fortaleça.

Greg Garrard, referência na área, destaca que a ecocrítica deve ultrapassar os limites da análise puramente ecológica, incorporando dimensões culturais, políticas e filosóficas da crise ambiental. O apocalipse, dentro da ecocrítica, não apenas reage aos colapsos ambientais, mas também articula uma crítica incisiva à forma como o discurso ecológico é mobilizado culturalmente. Em *Duna*, a natureza não é acolhedora: o deserto de Arrakis atua como uma forma de provação e refúgio, rejeitando idealizações românticas. O romance articula colapso e transformação, é a partir da adaptação ao deserto que os personagens se transformam, não pela harmonia com a natureza, mas pela reformulação radical de seus modos de vida. Se antes os Atréides não precisavam controlar seu consumo de água, após sua fuga ao deserto nota-se a mudança em seus modos:

"Água." Tanta significação em um som tão simples. Um axioma Bene Gesserit veio à mente de Jessica: "Sobrevivência é a capacidade de nadar em águas estranhas." E Jessica pensou: *Paul e eu, precisamos encontrar as correntes e os padrões nessas águas estranhas... se quisermos sobreviver.* (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 504 - tradução nossa)<sup>6</sup>

A transformação de Paul e Lady Jessica se dá devido à escassez de recursos e pelo fim de seus privilégios, na medida que se inserem no deserto passam a absorver mais e mais os modos de vida dos Fremen. À luz do exposto, o discurso ecológico não romantiza os meios duros do deserto, mas evidencia a necessidade de adaptação de seus povos. A água que antes era abundante para os personagens, se torna seu recurso mais precioso. Dessa maneira, percebemos a *wilderness* de Arrakis não enquanto um espaço que deve ser domado, mas como uma construção social que desafia os modos de vida externos à ela.

Já Serpil Oppermann propõe um debate pós-moderno na ecocrítica, vide sua natureza multifacetada, rejeitando uma perspectiva universal e essencialista. A autora demonstra que apesar da metáfora utilizada para as ondas da ecocrítica seja útil, Oppermann argumenta que seu uso exclui e simplifica as transformações importantes da área, como suas raízes na ecocrítica feminista. Diante disso, a autora questiona os limites anteriores da ecocrítica e desafia uma reflexão para o campo que vá além da crítica ao antropocentrismo.

---

<sup>6</sup> "Water." So much meaning in a simple sound. A Bene Gesserit axiom came to Jessica's mind: "Survival is the ability to swim in strange water." And Jessica thought: Paul and I, we must find the currents and patterns in these strange waters . . . if we're to survive. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 504)

Exemplificando, criticar o Império em *Duna* ou a colonização não basta, devemos também observar as estruturas de poder que estão dadas e entender como estas afetam seus personagens.

Oppermann rejeita uma teoria única para o ecocrítico, defendendo uma abordagem que valorize saberes múltiplos. Dessa forma, a autora propõe um viés em que a natureza pode ser compreendida como uma construção discursiva mediada por fatores sociais, culturais e ecológicos. Ou seja, em *Duna* podemos constatar como a natureza e a escassez de água ressoam na cultura dos Fremen. O clima e o modo de vida não se contrapõem em Arrakis, mas são extensões um do outro, essencialmente entrelaçados. Assim, podemos reforçar essa visão a partir da perspectiva de Leto Atreides:

"Arrakis é um planeta de uma só cultura", disse seu pai. "Uma única cultura. Ela sustenta uma classe dominante que vive como as classes dominantes sempre viveram em todas as épocas, enquanto, abaixo delas, uma massa semihumana de semiescravos sobrevive dos restos. São essas massas e esses restos que ocupam nossa atenção. Eles são muito mais valiosos do que jamais se suspeitou."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 443 - tradução nossa)<sup>7</sup>

As palavras do Duke Leto ressaltam como o Império reduziu o planeta à exploração da especiaria, desprezando tanto seus problemas ecológicos quanto sua população. Entretanto, rejeitar a fratura entre ser humano e natureza é fundamental para uma análise que ultrapasse a lógica da natureza como um simples recurso econômico. A partir de Oppermann, podemos questionar a construção da natureza em Arrakis e observá-la enquanto um terreno apropriado. Nesse sentido, a ecocrítica nos permite pensar nesses ecossistemas em constante mudança e que se alteram de acordo com o contexto político.

De modo similar, Greta Gaard também desaprova o essencialismo, propondo uma perspectiva feminista a ecocrítica. A teórica argumenta que a ecocrítica precisa se pautar nas discussões de gênero, raça, classe e no não humano, demonstrando que as camadas mais exploradas em uma sociedade são usualmente as que mais sofrem com as mudanças climáticas. Assim, a autora destaca os corpos literários enquanto politizados, apontando que é impossível discutir a ecocrítica sem abordagens interseccionais. Assim, a ecocrítica permite analisar como a literatura constrói relações simbólicas e políticas com a natureza. Em Arrakis, a ecologia não é um pano de fundo, mas uma área em constante disputa.

A similaridade entre os temas destacados, apontados também por Gaard, encontram

---

<sup>7</sup> "Arrakis is a one-crop planet," his father said. "One crop. It supports a ruling class that lives as ruling classes have lived in all times while, beneath them, a semihuman mass of semislaves exists on the leavings. It's the masses and the leavings that occupy our attention. These are far more valuable than has ever been suspected." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 443)

ecos tanto em contextos reais quanto ficcionais. Dessa maneira, é a partir da natureza multifacetada de Lady Jessica que podemos compreender como a natureza e sujeitos colonizados são instrumentalizados politicamente: "Pessoas assim seriam fáceis de imbuir com fervor e fanatismo. Poderiam ser empunhadas como uma espada para reconquistar o lugar de Paul."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 517 - tradução nossa)<sup>8</sup>. Assim, a instrumentalização não só disseminou o lugar de 'direito' de Paul, mas também desumanizou e retirou quaisquer agência dos Fremen.

De forma semelhante ao que propõe Gaard, Rob Nixon explora a ecocrítica a partir de uma perspectiva política, que vai além de aspectos meramente estéticos. Para o autor, a ecocrítica deve incorporar o conceito de *slow violence* em suas análises, demonstrando como a literatura é capaz de amplificar esse debate e dar visibilidade às injustiças ambientais que afetam majoritariamente comunidades marginalizadas. Isto é, a *slow violence* pode ser compreendida como formas de violência ambiental que ocorrem de forma velada e gradual, como as mudanças climáticas e o uso excessivo de pesticidas.

Em *Duna*, esse conceito pode ser observado na exploração secular da melange, que ignora as necessidades dos Fremen, e no uso da água como instrumento de poder. Como destaca o planetologista de Arrakis, constata-se a *slow violence* em: "Arrakis poderia ser um Éden se seus governantes olhassem pra além da escavação de especiaria"(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 183 - tradução nossa)<sup>9</sup>. Aplicando o conceito ao texto literário, a exploração da melange em Arrakis compromete a regeneração ecológica do planeta e impede que seus habitantes tenham mais qualidade de vida. A mudança climática é uma pauta sensível, principalmente por conta dos riscos relacionados à fauna e à flora, mas seu atraso se dá mais por interesses políticos do que por uma possível reparação histórica.

Do mesmo modo que a exploração do petróleo na Foz do Amazonas<sup>10</sup> preocupa especialistas devido aos possíveis impactos ambientais, a extração desenfreada da melange também compromete a ecologia de Arrakis. Embora a transformação do ecossistema desértico para um ambiente mais verde e rico em água possa parecer positiva, essa mudança afeta

---

<sup>8</sup> "Such people would be easy to imbue with fervor and fanaticism. They could be wielded like a sword to win back Paul's place for him." (HERBERT, 517)

<sup>9</sup> Arrakis could be an Eden if its rulers would look up from grubbing for spice."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 183)

<sup>10</sup> A Bacia da Foz do Amazonas é uma região em que o Rio Amazonas deságua no Oceano Atlântico, se estendendo na costa Norte do Brasil e faz fronteira com a Guiana Francesa. Em 2025, após pressões governamentais, o IBAMA é pressionado para liberar a perfuração de um poço com intuito de explorar o petróleo. Apesar das controvérsias e da recomendação de não perfuração de especialistas na área, cabe apenas ao presidente do IBAMA negar ou autorizar a ação. Entretanto, faz-se importante pontuar que a região é extremamente sensível e o vazamento do recurso pode afetar todo o ecossistema da Foz do Amazonas, produzindo estragos imensuráveis.

diretamente a existência dos vermes de areia e de toda fauna nativa, colocando em risco o ecossistema original do planeta. O domínio de Arrakis representa o monopólio da fonte energética mais poderosa do universo em *Duna*, entretanto, é preciso considerar que a mudança geológica poderia representar uma falsa sensação de progresso e desconsidera os modos de vida dos povos nativos. Dessa forma, ao mesmo tempo que mudar o clima ameaça a identidade dos Fremen, também poderia ser uma forma do planeta se libertar da lógica extrativista imperial.

Em vista disso, é necessário discutir o risco da instrumentalização da pauta ambiental por regimes autoritários. Enquanto uma ecologia decolonial prioriza os saberes e práticas dos povos originários, promovendo harmonia entre todos os seres vivos e não vivos, o ecofascismo instrumentaliza pautas ambientais para justificar projetos autoritários. Michael Zimmermann<sup>11</sup> define o termo como uma forma de totalitarismo no qual as pautas ambientais são privilegiadas em detrimento do individual. No entanto, as políticas anti-humanistas e eugenistas muitas vezes ignoram os saberes advindos dos povos originários, o que propicia a uma libertação da natureza pautada pelos ideais de civilização do colonizador. A partir de *Duna*, é possível observar o papel da religião na consolidação de um líder totalitarista, cujas propostas são pautadas em seu planeta natal e nos seus ideais de progresso.

Adicionalmente, o ecofascismo pode ser observado e estudado durante a Alemanha fascista, onde movimentos de extrema direita supostamente demonstravam preocupação com o crescimento populacional. Além disso, o discurso ecofascista também se manifesta ao apagamento do eu em prol dos interesses do coletivo. Além de Paul Atreides silenciar outros sujeitos em *O Messias de Duna*, podemos notar suas tendências ecofascistas ao mencionar ‘imperadores’ do planeta Terra que, assim como ele, dizimaram populações inteiras.

“Ele não os matou pessoalmente, Stil. Matou do jeito que eu mato, enviando suas legiões. Há outro imperador que quero que você observe de passagem — um tal de Hitler. Ele matou mais de seis milhões. Nada mal para aquela época.” [...] “Muito bem, Stil.” Paul lançou um olhar para os rolos nas mãos de Korba. Korba os segurava como se quisesse deixá-los cair e fugir. “Estatísticas: em uma estimativa conservadora, eu matei sessenta e um bilhões, esterilizei noventa planetas, desmoralizei completamente outros quinhentos. Exterminei os seguidores de quarenta religiões que existiam desde —”. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 139 - tradução nossa)<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Michael Zimmerman, Professor Emérito de Filosofia da Universidade de Tulane e da Universidade de Colorado em Boulder, possui mestrado e doutorado em filosofia e desenvolve pesquisas sobre filosofia ambiental.

<sup>12</sup> “He didn't kill them himself, Stil. He killed the way I kill, by sending out his legions. There's another emperor I want you to note in passing -- a Hitler. He killed more than six million. Pretty good for those days.” [...] “Very good, Stil.” Paul glanced at the reels in Korba's hands. Korba stood with them as though he wished he could drop them and flee. “Statistics: at a conservative estimate, I've killed sixty-one billion, sterilized ninety

Esse trecho, demonstra a ciência de Paul perante seus atos e do impacto de suas atitudes. Ao se comparar com Hitler e Gêngis Khan, o personagem demonstra certo pesar posteriormente ao apontar que sua causa trouxe escuridão para diversas gerações. Em virtude disso, Zimmerman estabelece que os movimentos ambientais precisam resistir à tentação fascista, visto que estes promovem a exclusão sob o pretexto de preservação. Assim, é extremamente necessário uma abordagem crítica e atenta aos encontros com a justiça ambiental, Estado e hierarquias de poder. Afinal, a abdicação do eu ou a valorização extrema do nacionalismo, não é o mesmo que valorizar vozes plurais. No romance, a liderança Atride levanta questões sobre a tomada de decisões e o povo de Arrakis, mas sempre mantendo o poder nas mãos da Casa Imperial.

É nesse ponto que autores como Spivak e Grada Kilomba nos ajudam a pensar o controle da narrativa. Em *Pode o subalterno falar?*, Gayatri Chakravorty Spivak denuncia como é comum sujeitos privilegiados utilizarem se colocarem enquanto representantes de sujeitos oprimidos. Entretanto, Spivak aponta a diferença entre o falso protesto e a realidade dos povos subalternizados, delimitando que o desejo em se manter enquanto detentores do poder pode mascarar as reais intenções destes. Assim, é perceptível que o controle da narrativa permanece com pessoas privilegiadas e perpetua estruturas opressoras, silenciando grupos subalternizados e criando uma revolução que só existirá no mundo das ideias.

Semelhantemente, Grada Kilomba (2019) demonstra como o discurso acadêmico constrói o não branco enquanto o “outro” e nega sua humanidade. Assim, limitando seu discurso e os lugares que circula, esse movimento também limita o que é considerado conhecimento e ciência. E principalmente, colocando alguns sujeitos enquanto incapazes de controlarem suas próprias realidades. Tanto em Arrakis quanto no mundo real, a disputa pelo poder também se expressa como apagamento cultural e exclusão epistêmica. Kilomba demonstra como as pessoas negras são subalternizadas e silenciadas, enfatizando a importância de descolonizar o eu. Essa dinâmica fica evidente a partir do relato do Fremen Farok:

“Os Atrides vieram [...] Aquele a quem chamamos de Usul em nosso sietch, seu nome privado entre nós. Nosso Muad’Dib, nosso Mahdi! E quando ele convocou a Jihad, eu fui um dos que perguntou: ‘Por que eu deveria ir lutar lá? Não tenho parentes lá.’ Mas outros homens foram — jovens, amigos, companheiros da minha infância. Quando retornaram, falaram de feitiçaria, dos poderes desse salvador Atrides. Ele lutou contra nosso inimigo, os Harkonnen. Liet-Kynes, que havia nos

---

planets, completely demoralized five hundred others. I've wiped out the followers of forty religions which had existed since -- ". (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 139)

prometido um paraíso em nosso planeta, o abençoou. Diziam que esse Atréides veio para mudar nosso mundo e nosso universo, que ele era o homem capaz de fazer a flor dourada florescer na noite.”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 61 - tradução nossa)<sup>13</sup>

O trecho destaca o foco da figura de Paul Atréides enquanto salvador de Arrakis, mantendo os Fremen enquanto subalternizados em sua própria história. Diante desse contexto, podemos refletir sobre quem fala por quem e a quem serve a transformação. Em virtude disso, uma genuína transformação em Duna deve estar centralizada nos Fremen e em sua cultura. É preciso, tanto no romance quanto em nossa sociedade, garantir voz e autonomia aos povos autóctones que priorizam o coletivo e tudo que o circunda. Paulo Freire<sup>14</sup> enfatiza a importância de que o ser humano compreenda que está com o mundo, não apenas no mundo. A pluralidade de realidades e histórias presentes evidencia a integração e estimula a necessidade de pensarmos para além das esferas individuais.

Por isso, a filósofa Silvia Federici (2022) defende a importância de pensarmos o bem comum<sup>15</sup>, destacando a importância de utilizarmos nossos privilégios para transformar a realidade. Isso implica em ir além do que está dado e perceber que o futuro é nosso. Culpar o homem e aguardar que soluções da agenda capitalista nos salvem não basta, é preciso defender os comuns e repensar o estilo de vida consumista da modernidade. Em Duna, Frank Herbert enfatiza os modos de existência dos Fremen em contraste ao modelo predatório do Império, demonstrando que a conexão com a natureza é essencial para romper a lógica mercadológica que afeta todas as esferas da sociedade.

Esses debates ganham eco quando observamos o cenário contemporâneo. Na Amazônia<sup>16</sup>, empresas petrolíferas pressionaram e manipularam povos indígenas a ceder a exploração do recurso. As questões aqui propostas são fundamentais para questionarmos as dinâmicas de poder e colonização em Arrakis. O progresso proposto pelos Atréides oculta um apagamento cultural sob o pretexto da transição de seu ecossistema. A arte imita a vida e, por

<sup>13</sup> “The Atréides came”[...] “The one we named Usul in our sietch, his private name among us. Our Muad’Dib, our Mahdi! And when he called for the Jihad, I was one of those who asked: ‘Why should I go fight there? I have no relatives there.’ But other men went - young men, friends, companions of my childhood. When they returned, they spoke of wizardry, of the powers in this Atréides savior. He fought our enemy, the Harkonnen. Liet-Kynes, who had promised us a paradise upon our planet, blessed him. It was said this Atréides came to change our world and our universe, that he was the man to make the golden flower blossom in the night.” HERBERT, 2020, vol. 2, p. 61)

<sup>14</sup> Paulo Freire, também conhecido como patrono da educação brasileira, foi um educador reconhecido pela sua pedagogia libertadora. As obras de Freire inspiraram gerações de professores em todo mundo, tendo inspirado até mesmo a professora e ativista bell hooks.

<sup>15</sup>O termo "os comuns" é definido por Silvia Federici a partir dos direitos humanos, dos elementos da natureza, das línguas, das produções culturais humanas e das práticas sociais que não são controladas pelo governo nem por iniciativas privadas.

<sup>16</sup> Em 1993, por exemplo, a Chevron Corporation despejou mais de 16 milhões de resíduos tóxicos cancerígenos no norte da Amazônia equatoriana, afetando milhares de pessoas e causando um dos maiores desastres petrolíferos do século.

isso, podemos identificar a recorrência histórica desse tipo de manipulação. Não apenas esses desastres afetam toda a vida dos povos nativos presentes, mas também destroem a liberdade e sua cultura, que se baseia na sazonalidade e no respeito com o ecossistema. Como aponta Leto Atreides:

A vida melhora a capacidade do ambiente de sustentar a vida. A vida torna os nutrientes necessários mais facilmente disponíveis. Ela liga mais energia ao sistema por meio da tremenda interação química de organismo para organismo.(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 439 - tradução nossa)<sup>17</sup>

Essa visão revela a força regenerativa da vida em si, princípio que orienta tanto as práticas dos Fremen quanto os modos de vida dos povos indígenas da Amazônia. Entretanto, sabemos que em uma sociedade capitalista, o trabalho e a acumulação são prioridade sobre a conservação ambiental. Para Friedrich Engels é a partir do domínio da natureza e do trabalho em que acontece o progresso humano. De acordo com o autor, a manipulação da natureza propiciou o desenvolvimento cognitivo humano e novas aptidões físicas. É por meio do trabalho, seguido da linguagem, que o ser humano passa a se diferenciar dos outros animais. Enquanto os animais, considerados como irracionais, vivem harmonicamente numa cadeia intrinsecamente conectada, o homem domina a natureza e a manipula de acordo com seus objetivos. Como Engels aponta em:

Cada vitória até leva, num primeiro momento, às consequências com que contávamos, mas, num segundo e num terceiro momentos, tem efeitos bem diferentes, imprevistos, que com demasiada frequência anulam as primeiras consequências.(ENGELS, 2020, p. 348)

Colher os louros da vitória, mesmo que por alguns instantes, não significa ser próspero ou consciente. A dicotomia estabelecida por homem e natureza limitou as relações interespecies, concedendo à humanidade o direito de explorar a natureza sem nenhum temor. Essa separação, fundamental no mundo capitalista, reforça a ideia da Terra enquanto um recurso e não como um universo em que estamos inseridos. Assim, mesmo com todas as tragédias e desastres ambientais, o abuso desenfreado de recursos naturais permanece. A cada ano, mais pessoas se tornam vítimas de catástrofes ambientais<sup>18</sup>, mais espécies são extintas ou abandonadas. O privilégio de poder escolher agir diante do colapso ambiental não está ao alcance de todos e, assim, perpetuam-se desigualdades sociais e ecológicas guiada por uma

<sup>17</sup> “Life improves the capacity of the environment to sustain life. Life makes needed nutrients more readily available. It binds more energy into the system through the tremendous chemical interplay from organism to organism.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 439)

<sup>18</sup> Em 2021 a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou que as catástrofes ambientais correspondem a 45% das mortes nos últimos 50 anos.

pequena parcela da sociedade.

Em *Duna*, essa mesma lógica se repete: o poder de transformar o planeta não está nas mãos dos Fremen, mas sim nas daqueles que buscam manter o status quo sob outra roupagem. O discurso de Paul Atreides pode parecer libertador, mas carrega consigo o mesmo viés messiânico e colonialista que motivou o Império a explorar Arrakis. A suposta libertação dos Fremen acaba por instrumentalizá-los em nome de uma nova ordem igualmente opressiva, reforçando a ideia de que a emancipação ecológica só é válida quando domesticada.

Assim, torna-se urgente repensar o papel da literatura como espaço de crítica e resistência, especialmente em tempos de crise climática. Analisar *Duna* sob as lentes da ecocrítica, do ecofeminismo e da ecologia decolonial permite desvelar os discursos de poder que atravessam a narrativa e nos convida a imaginar futuros em que a justiça ambiental esteja profundamente conectada à justiça social. A literatura, como aponta Glotfelty, tem um pé na terra e outro na linguagem. E é nesse entre-lugar que podemos plantar as sementes para um mundo mais plural e sustentável.

A literatura, assim como quaisquer outras produções artísticas e culturais, não é neutra. Conforme propõe Terry Eagleton, ela está diretamente relacionada à sociedade que a produziu e às relações de classe que a dominam. Assim, a literatura é um campo de disputa ideológica, onde os sentidos são construídos e valores culturais constantemente reavaliados. Ainda assim, como destaca Eagleton, esta não se reduz à luta de classes e à ideologia da classe dominante: ela também pode expressar contradições, resistências e possibilidades de transformação, visto que estas também desafiam e ultrapassam a mentalidade de seu tempo histórico. Logo, a arte não se limita a representação histórica e fidedigna da nossa realidade, mas sim apresentar a experiência humana, como discorre Eagleton:

A ciência dá-nos um conhecimento conceptual de um situação; a arte dá-nos a experiência dessa situação, o que é equivalente à ideologia. Mas, ao fazê-lo, permite-nos <<ver>> a natureza dessa ideologia e começa, assim, a conduzir-nos no sentido da compreensão plena da ideologia que é o conhecimento científico. (EAGLETON, 1976, p. 32)

Assim, Eagleton investiga o modo como somos capazes de experienciar o vivido através da arte, nos expondo aos mais diversos vieses e realidades. É através dela e da cultura que podemos desenvolver consciência acerca de nossas existências. É inerente à qualquer produção humana conter um viés ideológico, entretanto, a exposição a outras ideologias desenvolve o potencial crítico do seu leitor e transforma seu olhar perante o mundo. Essa perspectiva se concretiza quando, ao lermos *Duna*, nos questionamos em relação ao poder

político exercido por Paul Atreide e na mudança ambiental plantada pelas Bene Gesserit.

Apesar de todos alardes e discursos exasperados desde o século passado, é possível notar poucas mudanças perante as novas ondas de catástrofes ambientais. A seca na bacia do São Francisco, enchentes e deslizamentos no Vale do Aço e no Agreste Pernambucano, incêndios no Japão e na Rússia são apenas alguns dos desastres do último semestre. O colapso climático vem evidenciando a urgência de agir perante a ebulição global e que o pensar no coletivo precisa ser priorizado.

Quando é que pensar no próximo deixou de ser algo natural? Em meio a esse cenário, Guattari argumenta que “corremos o risco de não mais haver história humana se a humanidade não reassumir a si mesma radicalmente.” (GUATTARI, 2001, p. 54). A partir dessa perspectiva, esse trabalho se propõe a ressaltar o diálogo com a arte e sociedade e, se possível, possibilitar que mudanças que partam, sobretudo, das esferas de maior poder e responsabilidade social em nosso meio.

Antes de mais nada, é preciso destacar que essa pesquisa não tem como objetivo uma ideologia ecoterrorista<sup>19</sup> ou promover ecoansiedade<sup>20</sup>. Dessa forma, essa dissertação se diferencia desses conceitos ao adotar de uma metodologia científica, teorias críticas e responsabilidade acadêmica. A temática ecológica é extremamente delicada; por isso, propomos aqui dialogar a partir de Duna, literatura e sociedade para que possamos enriquecer a discussão sobre o tema. Frank Herbert não oferece respostas prontas, podemos perceber seu interesse em articular as temáticas aqui abordadas, tensionando relações complexas de poder e dando destaque ao debate do século.

É com essa premissa que este trabalho busca dialogar com a literatura, a crítica e a sociedade e, se possível, contribuir para uma mudança que venha das esferas com maior poder e responsabilidade social.

## **1.2 A ficção científica e o colapso ecológico: Entre estranhamento e crítica**

Se antes um dos grandes temas na ficção científica e na literatura era a ciência e o avanço tecnológico, hoje um dos seus grandes temas é a terra devastada e um futuro desesperançoso. Com os alertas frequentemente emitidos nas últimas décadas, a literatura

---

<sup>19</sup> O ecoterrorismo é frequentemente associado a protestos e retaliações de ativistas ambientais, mas também é comum que o termo seja aplicado a destruições ambientais promovidas por empresas ou pelo Estado. Lawrence Buell (2009) aponta a banalização do termo e destaca que seu uso muitas vezes deslegitima protestos, ao mesmo tempo em que falha em proteger a natureza.

<sup>20</sup> A ecoansiedade pode ser definida como uma apreensão causada pela crise climática e a ebulição global, como definem Santos e Braga (2022).

absorveu as pautas propostas pelas ciências naturais e passou, também, a trazer luz aos impactos humanos no meio ambiente. O Antropoceno<sup>21</sup> - ou Chthuluceno,<sup>22</sup> como propõe Donna Harraway - reforça a necessidade de pensarmos enquanto coletivo e de reconhecermos a cultura enquanto uma forma essencial de proporcionarmos reflexões acerca do impacto humano na Terra. Neste tópico dialogaremos com a ficção científica, ficção climática e sua intencionalidade enquanto objeto político.

A partir da literatura podemos também pensar e nos questionar acerca das consequências do capitalismo em um futuro próximo, aliando os diálogos das humanidades às ciências biológicas. A ficção climática, como argumenta Adam Trexler, não apenas proporciona respostas, mas também visões futuras, súplicas e lamúrias. *Duna* de Frank Herbert se propõe a demonstrar as repercussões do abuso desenfreado guiado pelo capitalismo e como a escassez afeta diretamente os povos originários. Seja um clamor desesperado ou uma forma de resistir, o gênero nos oferece reflexões e possíveis caminhos para solucionarmos a crise climática.

Não há um consenso sobre o que, de fato, é ficção científica. Carl Freedman estabelece, em *Critical Theory and Science Fiction*, uma relação entre o gênero e a teoria crítica, visto que ambas proporcionam o transformar e pensar o mundo. Nesse sentido, o autor aponta que existem diversos espectros e paralelos traçados por críticos na tentativa de compreender melhor o gênero. No entanto, é possível observar que a ficção científica tem como um de seus principais objetivos transportar os leitores para um lugar estranho, distinguindo-se da fantasia por evitar o irracional e os universos mágicos e, a partir disso, provocar reflexões. Apesar dos poderes desenvolvidos pelas Bene Gesserit, *Duna* apresenta esses elementos como resultado de treinamento rigoroso e de condições materiais, não como manifestações místicas. O universo criado por Frank Herbert pode gerar dúvidas quanto à sua classificação genérica, mas ainda assim pode ser compreendido como uma projeção de um futuro possível, situado em uma galáxia distante.

Darko Suvin aponta a dualidade entre o mito e a ficção científica (FC), visto que o primeiro apresenta uma visão fixa e eterna da humanidade e da ordem do mundo, enquanto a segunda promove a interpretação crítica dos fenômenos a partir da cognição racional.

---

<sup>21</sup> O conceito Antropoceno, proposto por um grupo de ecologistas e orientado pelo holandês Paul J. Crutzen nos anos 2000, destaca que a ação humana foi tão significativa no planeta que a degradação ambiental passa a corresponder como um marcador geológico distintivo, diferenciando a era atual do Holoceno.

<sup>22</sup> O Chthuluceno, conceito pensado por Donna Harraway, busca superar os impactos humanos e capitalistas na história do planeta terra, propondo-se a promover relações mais harmônicas e interdependentes.

Influenciado pelo estranhamento formulado por Chklovski, Suvin descreve o fenômeno de problematização e distanciamento crítico que a ficção científica provoca. Segundo o autor:

FC é, então, um gênero literário cujas condições necessárias e suficientes são a presença e a interação do estranhamento e da cognição, e cujo principal recurso formal é uma estrutura imaginativa alternativa ao ambiente empírico do autor. (SUVIN, 1979, p. 8 - tradução nossa).<sup>23</sup>

Em outras palavras, a ficção científica se configura enquanto um gênero crítico, que instiga seus leitores à reflexão e questionamento. Dessa forma, podemos perceber como seus cenários acompanham muitas vezes, acompanham ou ultrapassam a ciência moderna, propondo questionamentos filosóficos de alcance atemporal. *Duna* não tem como plano de fundo somente uma guerra intergalática, mas principalmente em disputas geopolíticas e o domínio de fontes não renováveis. Assim, é possível habitar e simular outras existências, divagando, possivelmente, rumo a criação de uma consciência coletiva e ecológica.

Ademais, a ficção científica aborda os mais diversos ramos e universos, explorando os limites da realidade e o que há de mais profundo nas epifanias humanas. O gênero em análise inspirou e inspira diversas obras presentes em nosso cotidiano, moldando também a cultura do século passado até o atual. De *Frankenstein* aos clássicos escritos por Jules Verne, Ryan D. Poquette demonstra a importância dessas obras na consolidação da ficção científica. Assim como todas obras culturais estão inseridas em seu recorte de produção, a ficção científica também demonstra o período em que foi produzida e os embates de sua geração. Considerando isso, suas obras podem exemplificar as salvasões de problemas presentes em nosso imaginário ou demonstrar até mesmo o fim da civilização.

Retomando *Frankenstein*, de Mary Shelley, foi publicada no ano de 1818, a obra carrega o tom científico e romântico do período. Ao longo da obra, ao acompanharmos o experimento de Victor Frankenstein, dar vida à sua criatura, a criatura surge como uma analogia ao corpo substituível e desprezível, ecoando a lógica da instrumentalização que atravessa o período. Além disso, o clássico da ficção científica evidencia os limites de uma ciência que abandona a ética e se utiliza da natureza como artifício, fazendo com que esta perca o lugar social anteriormente estabelecido. Em paralelo com os discursos ecológicos e com *Duna*, observamos aqui também a valorização do que é subjetivo e da vida, como se recordasse o que nos torna humanos. Enquanto a Revolução Industrial trazia uma nova visão

---

<sup>23</sup> SF is, then, a literary genre whose necessary and sufficient conditions are the presence and interaction of estrangement and cognition, and whose main formal device is an imaginative framework alternative to the author's empirical environment. (SUVIN, 1979, p. 8)

das pessoas, como peças substituíveis, aqui somos apresentados ao valor dos sentimentos e o impacto da finitude da vida sobrepondo a racionalidade.

Dessa maneira, Poquette (2005) aponta que o gênero tende muitas vezes a ter uma visão pessimista da ciência e da tecnologia. Mas se pensamos a arte enquanto forma de problematização e reflexão, não há outra possibilidade se não oferecermos os mais diversos cenários e nos depararmos com nossos piores pesadelos para que possamos enfim sair da inércia. Apesar de serem apontados enquanto uma literatura inferior devido seu apelo popular, essas obras conquistam/conquistaram leitores em todo mundo e são capazes de refletir descobertas científicas ou até mesmo dilemas éticos da humanidade pós-moderna.

É muito comum recorrermos a documentários e materiais teóricos para melhor compreendermos o Antropoceno. Entretanto, esses materiais carecem da experiência humana e geralmente não circulam para além de suas bolhas. Adam Trexler (2015) destaca como as ficções climáticas são capazes de articular, em suas narrativas, tanto aspectos científicos quanto culturais em suas obras. Trexler estabelece que o gênero tem como foco as mudanças climáticas, diferenciando-se da ficção científica que debate ciência e tecnologia de forma mais ampla. O autor argumenta que esses romances conseguem ambientar o que é de fato viver no Antropoceno moldado pelas alterações ambientais.

O universo de *Duna*, de Frank Herbert, já havia antecipado muitos dos temas que seriam centrais na ficção climática moderna, como também observou Adam Trexler. A obra exemplifica a intersecção entre ciência, cultura e adaptação ambiental, ao imaginar uma sociedade moldada por um ecossistema desértico extremo, onde a tecnologia serve à preservação da vida e à gestão dos recursos hídricos. Apesar de não termos o domínio de toda uma memória histórica e nem a habilidade de nos fundirmos aos vermes-de-areia no mundo real, é uma das características da ficção climática demonstrar inovação e uma resignificação de elementos que já conhecemos.

Com isso em mente, a ficção científica não se propõe a representar a ciência de forma extremamente fidedigna, nem se propõe a mera representação da crítica ambiental. Trexler destaca que a ficção climática se enraíza em fundamentos científicos, mas não se limita a eles. Já Donna Haraway propõe uma visão crítica das ciências ao demonstrar como essas muitas vezes fazem parte de um sistema de dominação. Haraway defende a relevância de outros saberes em nossa sociedade e incentiva a resignificação das relações entre todos que habitam a Terra. Dessa forma, é preciso que a ficção científica não apenas reproduza os saberes tecnológicos, mas desafie e se expanda para além das lógicas coloniais das ciências exatas.

Em diálogo com essa perspectiva, Carl Freedman defende a importância da ficção científica se afirmar como um objeto político e, principalmente, como um exercício de práxis. A práxis, união entre a ação transformadora com teoria, na ficção científica se propõe a diferenciar-se das teorias abstratas que permanecem no mundo das ideias. Entretanto, o autor aponta que é comum que as ficções científicas com teor filosófico e reflexivo elevado não tenham o destaque merecido, como é o caso de *Duna* seguindo a perspectiva de Freedman. Por isso, o gênero é muitas vezes despolitizado.

A intenção dos cânones dominantes (embora não necessariamente em um sentido conspiratório, claro) é, assim, incentivar uma compreensão superficial do gênero, enquanto desestimulam a atenção séria aos autores que poderiam refutar de maneira mais consequente tais mistificações. O efeito geral é insinuar a ideia de que a ficção científica é um tipo literário quase intrinsecamente negligenciável, e esse efeito é alcançado sem nem mesmo o esforço de formular uma definição explicitamente desfavorável. (FREEDMAN, 1998, p. 87 - tradução nossa)<sup>24</sup>

Em outras palavras, mesmo que tais obras se proponham a desempenhar um papel politicamente ativo em nossa sociedade, é comum que o próprio mercado tende a invisibilizar suas pautas e simplificar sua crítica. Apesar de *Duna* ser uma das obras mais conhecidas da ficção científica, já tendo sido adaptada aos cinemas por Denis Villeneuve e por David Lynch, Freedman defende que esta não recebe a mesma atenção que *Star Wars* ou *Star Trek*. Semelhantemente, Immerwahr argumenta como os povos Quileute que inspiraram *Duna* não recebem o reconhecimento devido, afirmando que há mais interesse em suas versões fictícias do que em sua própria cultura.

Os diferentes sujeitos, tidos como estranhos, apresentados na ficção científica são apenas um reflexo da sociedade em que vivemos. Em contraste, Darko Suvin afirma que a ficção científica retrocede quando entra no conto de fadas e no impossível. Para o autor, a ficção científica é excepcionalmente uma crítica social que tem como intuito indagar seus leitores. Já sabemos que as FCs mais leves ganham mais destaque na mídia, entretanto, para Suvin sua experiência é passageira e só serve para novos leitores. Ao mesmo tempo em que essas obras perdem seu potencial crítico quando não são politizadas ou se misturam com a fantasia, outros trabalhos com alto teor político tendem a não receber a mesma atenção.

A contradição entre o gênero e os modos do mercado enfatizam a lógica colonialista que se faz presente em nossa sociedade. O apagamento dos povos Quileutes e da crítica de

<sup>24</sup> The intent of the dominant canonizers (though not necessarily in any conspiratorial sense, of course) is thus to encourage a superficial understanding of the genre while discouraging serious attention to those authors whocould most consequentially refute such mystifications. The general effect is to insinuate a notion of science fiction as an almost intrinsically negligible literary kind, and this effect is achieved without even the labor of formulating an explicitly dyslogistic definition. (FREEDMAN, 1998, p. 87)

Frank Herbert não são somente uma estratégia comercial, mas uma violência simbólica que se propõe a manter um sistema opressivo e orientado pelo capital. Como demonstra Silvia Federici, a inferiorização desses corpos se propõe a destruir sua autonomia e prosseguir acumulando lucro a partir da sua mercantilização. É indispensável a promoção de trabalhos que deem voz a minorias étnicas, para que enfim seja possível promover equidade após séculos de desumanização. Apesar de muitos desses debates não ultrapassarem suas bolhas, é a partir das figuras de linguagem e da distorção do real que muitos desses temas se disseminam.

Devido a todas essas prerrogativas, é comum que a ficção científica utilize metáforas para nos ajudar a pensar de forma ativa na humanidade. Donna Haraway, em *Manifesto Ciborgue*, nos mostra que a FC e as metáforas não são somente conceitos abstratos, mas epistemologias capazes de entrelaçar ciência, conceitos e todas as formas de vida. Em *Duna*, se pensarmos a ficção científica para Haraway, nós somos conduzidos à importância do coletivo a partir dos Fremen e, principalmente, somos convidados a estarmos abertos a construir um mundo mais ecológico, rejeitando visões tradicionalistas e limitantes.

A partir de metáforas, alegorias e novos enredos, é possível resgatar as narrativas marginalizadas pelo antropoceno. As epistemologias do Sul Global, como discutido por Elizabeth De Loughrey (2019), não devem, nem podem, ser ignoradas. Nesse contexto, o uso de alegorias se torna uma ferramenta fundamental para que possamos melhor compreender as crises ambientais do presente e dar voz aos povos colonizados durante esses eventos.

Escritores pós-coloniais e indígenas continuam a utilizar dispositivos alegóricos como respostas mutáveis e vitais ao império, à ditadura, à globalização, ao colonialismo de assentamento e à crise ecológica. Um grande número de críticos argumenta, de forma convincente, que o questionamento da história e da autoridade — constitutivo da alegoria — tem sido fundamental para a crítica ao império e aos sistemas de totalidade e dominação. (LOUGHREY, 2019, p. 17 - tradução nossa)<sup>25</sup>

Dessa forma, não só presente no plano das ideias e estruturas simbólicas, as alegorias são utilizadas enquanto forma de resistência de um povo historicamente marginalizado. As narrativas dominantes tendem a silenciar os povos indígenas, mulheres e corpos que fogem da normativa. Assim, mesmo com diversos boicotes da indústria, a perseverança desses grupos permite a reconstrução de suas narrativas sejam reconstruídas e a revisão da história contada

---

<sup>25</sup> Postcolonial and Indigenous writers continue to engage allegorical devices as mutable and vital responses to empire, dictatorship, globalization, settler colonialism, and ecological crisis, and a large body of critics have argued, persuasively, that the questioning of history and authority that is constitutive to allegory has been integral to the critique of empire and systems of totality and dominance.

pelos vencedores. Em *Duna*, fica evidente que os Fremen se recusam a esquecer todas as gerações que herdaram e controlaram seu planeta.

Por consequência, é comum que essas narrativas históricas demonstrem como o impacto ambiental está diretamente ligado ao aumento da opressão de mulheres, povos indígenas e pessoas negras. Em virtude disso, a representação da natureza devastada e a relação de um povo com sua terra tem grande destaque dentro da literatura antropocênica. A partir desses recursos, é possível chamar atenção para pautas negligenciadas e clamar a relevância dessas questões nos dias de hoje.

Expandindo essa perspectiva crítica, a ficção científica indígena não apenas denuncia os efeitos do colonialismo ambiental, mas também propõe novas formas de existência e resistência. Nesse movimento, ela tece críticas à clássica FC que se baseia principalmente na colonização e conquista de outros mundos. O gênero futurista, como discute Miriam C. Brown Spiers (2021), dá destaque às epistemologias de povos indígenas aliadas à ciência. A perspectiva decolonial é fundamental para ressaltar a relevância e a força dos saberes dos povos indígenas, bem como propor alternativas para a sobrevivência no futuro. Spiers discorre acerca de escritores indígenas:

seus textos reforçam o desejo de que a humanidade dos povos indígenas seja reconhecida — mas não assimilada — e também incorporam a exigência nacionalista de que os povos indígenas sejam respeitados como entidades políticas distintas e, portanto, reconhecidos como nações soberanas. (SPIERS, 2021, p. 13 - tradução nossa).<sup>26</sup>

Dessa forma, o gênero se propõe a fugir de estereótipos estipulados pelo senso comum e recusa a desumanização imposta por seus colonizadores. O futurismo indígena questiona o que há de absoluto em nossa sociedade e demonstra que sua história vai muito além da colonização de seus diversos povos. Ainda que as intenções de Herbert, ao representar os povos Quileute, fossem positivas, Spiers demonstra que a apropriação de seus conhecimentos descredibiliza suas culturas e cria uma narrativa estereotipada. Em suma, podemos perceber que o gênero proposto busca superar a ficção científica colonial e se propõe a emancipar a voz dos povos indígenas.

Enquanto a ficção científica indígena busca apresentar o mundo de forma holística, a ficção científica com o viés do Antropoceno narra os conflitos geopolíticos da mudança climática. Adam Trexler discute que o gênero é constantemente obrigado a se atualizar,

---

<sup>26</sup> “their texts reinforce a desire for Native people’s humanity to be acknowledged—but not assimilated—and they also embody the nationalist demand that Indigenous peoples be respected as distinct political entities and thus recognized as sovereign nations.”(SPIERS, 2021, p. 13)

sempre questionando as relações em nosso meio e qual é o papel da tecnologia no Antropoceno. Assim, apesar de Trexler demonstrar uma crítica às tradicionais ficções científicas e incentivar o desenvolvimento de obras que fujam do Norte Global, a ficção científica indígena se propõe a romper com o pensamento ocidental e prioriza os saberes locais como opções para solucionar os problemas ambientais.

Entretanto, os problemas ambientais e coloniais não são as únicas tensões dentro da ficção científica. As disputas de gênero são uma pauta importante deste, em *Duna* podemos perceber que as mulheres desempenham um papel subversivo politicamente. Como defende Haraway, as mulheres na ficção científica lutam constantemente pela emancipação de seus corpos perante aos sistemas de dominação. As Bene Gesserit, de fato, disputam a narrativa colonialista dentro do universo, sendo seu principal objetivo a junção das casas no poder e a unificação do Estado. Apesar de serem “criadas para obedecer”<sup>27</sup>, a manipulação da organização tida como “bruxa” antecipa os movimentos políticos de seu meio e promove estratégias que tragam poder para si.

Apesar de possuírem um poder considerável ao longo da saga, a representação das personagens femininas em *Duna* reflete a desigualdade de gênero estruturada em um sistema opressivo e exploratório (DELANY, 2009). A narrativa de Frank Herbert espelha o sexismo presente em nossa sociedade, evidenciando como as mulheres são frequentemente instrumentalizadas em função dos sujeitos masculinos. Lady Jessica, por exemplo, ainda que desafie a ordem das Bene Gesserit ao gerar um filho homem, motivada pelo desejo do Duke Leto, tem a maioria de suas ações e decisões orientadas em favor de seu primogênito. Embora a saga passe a dar maior protagonismo às personagens femininas nos volumes posteriores, seus principais conflitos continuam frequentemente vinculados à ordem das Bene Gesserit, o que limita a construção de subjetividades autônomas e desvinculadas de estruturas institucionais. Assim, Samuel R. Delany discorre que a construção de um bom personagem na FC depende:

Um bom personagem, de qualquer sexo, deve ser mostrado realizando ações com propósito (que fazem a trama avançar), ações habituais (que o definem de maneira particular) e ações gratuitas (ações que sugerem uma vida além dos limites da ficção). Simplesmente por causa da forma como a maioria dos livros é estruturada, os personagens masculinos geralmente têm a oportunidade de realizar os três tipos de ações. As personagens femininas, no entanto — se forem do tipo “vilã má”, têm apenas ações com propósito, mas nenhuma habitual ou gratuita; se forem do tipo “boazinha ingênua”, têm apenas ações gratuitas, mas nenhuma com propósito ou habitual. (DELANY, 2009, p. 101 - tradução nossa)

<sup>27</sup>Como demonstra o *Malleus Maleficarum*, manual inquisitorial que reflete a mentalidade cristã patriarcal responsável por moldar grande parte do Ocidente.

O autor aponta a dualidade limitante das personagens femininas no gênero. Nesse contexto, as obras de Herbert superam, em parte, esses estereótipos. Em especial, Duna apresenta relações femininas que vão além do enredo central da história e da atuação dos sujeitos masculinos. As personagens de Herbert não se limitam a desempenhar o papel de interesse amoroso; suas funções abrangem desde guerreiras, mães e sacerdotisas até estrategistas, ocupando posições cruciais nas disputas imperiais. Ainda que haja limitações e traços de sexismo na obra em análise, é preciso compreendê-la como uma produção do século passado, que não se propõe à perfeição.

Em diálogo com a crítica ecofeminista, a ficção científica constitui um espaço ideal para a práxis da crítica feminista ecocrítica. Irene Sanz Alonso demonstra que, a partir dessas abordagens, é possível eliminar as hierarquias de gênero e propor novas relações entre os seres humanos para com a natureza. Considerando os aspectos estruturais do contexto atual, a crítica ecofeminista permite compreendermos que a raiz estrutural da sociedade patriarcal se pauta na exploração tanto de mulheres quanto da natureza e, é claro, de todos os que são colocados como “outros”: minorias, não humanos, e diversas formas de alteridade. Assim, Vakoch estabelece:

A ficção científica explora como chegamos até aqui, ao mesmo tempo em que aponta para um caminho mais esperançoso adiante. Sob uma perspectiva ecofeminista, uma das causas centrais da nossa atual catástrofe ecológica é a dominação patriarcal da natureza, que ocorre em paralelo à opressão das mulheres. Como alternativa a futuros distópicos que parecem cada vez mais inevitáveis, a ficção científica ecofeminista nos ajuda a imaginar utopias que promovem a sustentabilidade ambiental com base em relações humanas mais igualitárias. (VAKOCH, 2021, p. 4 - tradução nossa)<sup>28</sup>

Para além de apenas problematizar a pauta ambiental na literatura, as lentes do ecofeminismo e da decolonialidade são fundamentais na construção de uma ecologia emancipadora. Nesse sentido, faz-se importante notar que não apenas devemos imaginar e problematizar cenários mais ecológicos, mas principalmente proporcionar reflexões que nos conduzam a um mundo mais justo e equitativo. Como define Alonso, é a partir da liberdade especulativa da ficção científica que autoras constroem novas realidades narrativas capazes de

---

<sup>28</sup> Science fiction explores how we got here, while pointing toward a more hopeful path forward. From an ecofeminist perspective, a core cause of our current ecological catastrophe is the patriarchal domination of nature, playing out in parallel with the oppression of women. As an alternative to dystopian futures that seem increasingly inevitable, ecofeminist science fiction helps us conjure utopias that promote environmental sustainability based on more egalitarian human relationships. (VAKOCH, 2021, p. 4)

subverter as estruturas capitalistas e hierarquias fixas, propondo modos alternativos de existência.

Apesar de a ficção científica ter sido historicamente considerada um campo predominantemente masculino, sua autorização poética permite que o gênero acolha debates antes considerados inquestionáveis. Seja para projetar um futuro desesperançoso ou imaginar uma sociedade sem hierarquias de gênero e entre não humanos, a ficção científica nos distancia de nossas existências e possibilita que exercitemos nosso olhar ao outro. Se antes sonhávamos com um futuro tecnológico, o que almejamos agora é a arte que emancipa, democratiza e estende seus direitos a todos os terráqueos.

### **1.3 Corpos dissidentes e decolonialidade: Gênero, etno-raças e alteridade em Duna.**

As relações de opressão sofridas por minorias étnicas, mulheres e natureza são temas de destaque no ecofeminismo. A partir da consolidação do Estado e da criação da propriedade privada, as estruturas de poder patriarcais começam a instaurar a exploração desses sujeitos da forma como conhecemos na modernidade. O capitalismo opera de modo que o trabalho não remunerado e o uso desenfreado de recursos sejam forças motrizes na acumulação de capital. Assim, a cadeia hierárquica patriarcal impõe não somente o espaço que esses sujeitos ocupem em uma cadeia produtiva, mas também que sejam os mais vulneráveis frente a qualquer adversidade.

A colonização demonizou e desumanizou corpos indígenas ao redor de todo o globo, a exploração dos recursos e mão de obra desses povos foi justificada a partir da sua cristianização. A criação do “outro” estabeleceu a animalização desses sujeitos e os colocava enquanto não humanos. Nesse sentido, a construção da narrativa do selvagem canibal legitimou a exploração de seus recursos e vidas ao longo dos séculos. A depreciação dos povos indígenas e de sua terra foi fundamental para o seu uso indiscriminado, construindo heranças que afetam a economia até os dias de hoje. Como demonstram as palavras de Leto Atreides:

Temos aí o potencial de um corpo tão forte e mortal quanto os Sardaukar. Será necessário paciência para explorá-los secretamente e riqueza para equipá-los adequadamente. Mas os Fremen estão lá... e a riqueza do melange está lá. Agora você entende por que entramos em Arrakis sabendo que a armadilha está lá (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 71 - tradução nossa).<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> We have there the potential of a corps as strong and deadly as the Sardaukar. It'll require patience to exploit them secretly and wealth to equip them properly. But the Fremen are there . . . and the spice wealth is there. You

Portanto, a instrumentalização dos povos indígenas e negros se pautou também em suas características físicas. A dominação demonstrada pelo Império não é somente econômica, mas tem raízes profundas na desumanização desses povos. Não só construídos enquanto o outro, mas destacados muitas vezes a partir de sua aparência ou de comportamentos considerados selvagens. Assim, podemos pensar a partir de Franz Fanon (2008) em raça enquanto uma construção social, não algo biológico. O processo colonial não é somente cruel, mas cria angústias e conflitos internos de identidade cultural. A leva de “civilização” trouxe doenças, sexismo e racismo para todas as colônias, demonstrando que a única solução é a revolta.

Aime Césaire rebate as promessas de progresso com a realidade dos colonizados - pra trás fica um rastro de assassinato, terras tomadas e culturas inteiras suprimidas. O homem indígena é tornado em um instrumento de produção e suas relações comunais são rompidas. Assim, podemos notar a intencionalidade na máquina colonialista a partir de Césaire:

ninguém coloniza inocentemente, nem ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização - portanto, a força - é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama o seu Hitler, isto é, o seu castigo. (CÉSAIRE, 1978, p. 21)

A omissão dos colonizadores ou a minimização de seus atos impede até os dias de hoje uma resolução aos massacre. A recusa burguesa de promover uma mudança significa abrir mão de seus próprios privilégios. Não há como revivermos as sociedades comunais pré-colonização, é preciso pensar em conjunto na criação de um novo modelo de sociedade que se pautem nos corpos dissidentes. A Revolução, proposta por Césaire, emancipa o proletariado e privilegiará a todos, dando fim à supremacia burguesa. Entretanto, podemos notar em *Duna* a resistência Atreide em romper com a narrativa colonialista, colocando-se enquanto agente central na emancipação de Arrakis:

“Quem aqui pode dizer que eu não sou o governante legítimo de Arrakis? Preciso provar isso deixando cada tribo Fremen no erg sem um líder? [...] Devo subtrair da nossa força justamente quando mais precisamos dela?”, perguntou Paul. “Eu sou o seu governante, e digo a vocês que é hora de pararmos de matar nossos melhores homens e começarmos a matar nossos verdadeiros inimigos — os Harkonnen.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 695 - tradução nossa)<sup>30</sup>

---

see now why we walk into Arrakis, knowing the trap is there. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 71).

<sup>30</sup> "Who is there here to say I'm not the rightful ruler on Arrakis? Must I prove it by leaving every Fremen tribe in the erg without a leader?" Beside Paul, Stilgar stirred, looked at him questioningly. "Will I subtract from our strength when we need it most?" Paul asked. "I am your ruler, and I say to you that it is time we stopped killing

Dessa maneira, a omissão Atreide reforça as estruturas de poder propostas por Césaire, demonstrando como a falta de liderança política dos Fremen não é coincidência. Apesar de Paul Atreides passar a ser considerado um Fremen, sua narrativa de poder invisibiliza as vozes dos povos originários de Arrakis e pauta suas decisões de acordo com seus interesses privados. A passagem de poder dos Harkonnens para os Atreides demonstra a coisificação e mercantilização do planeta, reduzindo seu valor ao lucro e ignorando as vozes dos seus povos nativos.

A colonialidade, herança imposta dos colonizadores, afeta até os dias de hoje toda estrutura de poder nas colônias. Mesmo com a partida dos europeus das Américas, a colonialidade do poder faz com que os próprios indivíduos dessas sociedades sejam instrumentos de manutenção desse sistema. Assim, os conceitos propostos por Aníbal Quijano demonstra como nos tornamos reféns de um regime capitalista - que afeta as esferas trabalhistas, científicas e raciais.

Os conceitos humanistas e de valorização do homem, infelizmente, não conseguiram transpor as barreiras europeias. A civilização permanece com o colonizador, assim como a valorização do indivíduo. Nesse sentido, ao longo da trilogia, podemos acompanhar a constante desumanização e animalização dos Fremen. Como consequência dessa objetificação, seus corpos são reduzidos a estereótipos, e suas identidades, apagadas. O processo de inferiorização de povos colonizados, como os Fremen, afeta também o psicológico dessas populações, gerando uma forma de dependência imaginária, por exemplo, nos mitos que anunciam a chegada do Mahdi (Messias) como figura redentora.

Entretanto, a crença de que um homem os salvaria foi, na verdade, desenvolvida e implantada pelas Bene Gesserit, chamada de Missionária Protetiva. Assim, essa dependência não é inata, mas sim construída, como propõe Fanon (2008). *Duna* demonstra como o processo de colonização afeta as relações de poder e alteridade em Arrakis. Dessa forma, seria impossível compreender por completo a história da trilogia sem considerarmos os processos coloniais e de como o Império naturalizou a exploração do planeta. Essa lógica aparece, por exemplo, quando o Barão Harkonnen afirma:

*É mais do que justo. Fomos nós que domamos Arrakis... exceto por alguns poucos Fremen mestiços escondidos nas franjas do deserto... e alguns contrabandistas domesticados, presos ao planeta quase tão fortemente quanto a mão de obra nativa.* (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 33 - tradução nossa)<sup>31</sup>

off our best men and started killing our real enemies -- the Harkonnens!"(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 695)

<sup>31</sup> *It's only just. We're the ones who tamed Arrakis . . . except for the few mongrel Fremen hiding in the skirts of*

Como podemos observar a partir das palavras do Barão, o controle sobre o território, os recursos e a natureza é naturalizado como um direito do colonizador no exato momento em que os Fremen são inferiorizados. A divisão racial entre superiores e inferiores estabelece quais casas terão o poder de governar Arrakis, inclusive legitimando que seus governantes sejam escolhidos a partir de suas linhagens aristocráticas, e não em qualquer relação autêntica ou democrática com o seu povo. O sistema político do Império excluía a participação de outros grupos em sua tomada de decisão e protegiam o interesse econômico de cada casa.

A disputa política e econômica de Arrakis demonstra a objetificação do planeta e como a vida do seu povo é ignorada. Assim, podemos perceber como o interesse do colonizador se limita à exploração dos recursos naturais, ignorando a cultura e modos de vida dos povos que ali habitam. Os elogios só são demonstrados a partir da subalternização, como demonstra o Barão, o reconhecimento da ação Fremen no deserto se apresenta enquanto exceção e não competência. Entretanto, podemos observar como a manutenção dos hábitos culturais dos povos de Arrakis está diretamente ligada à sua resistência: seus modos de vida promovem um equilíbrio ecológico e reafirmam uma memória ancestral que os conecta à terra e aos saberes transmitidos por gerações.

Desse modo, a cultura Fremen é marcada por uma relação de profundo respeito com os recursos naturais, especialmente a água, elemento sagrado em sua cosmovisão. Esse valor coletivo se manifesta tanto na partilha igualitária dos recursos quanto em práticas cotidianas, como o uso dos trajes destiladores, equipamentos capazes de preservar e reutilizar a umidade do corpo, até mesmo nos rituais que envolvem a morte em combate. Em contraste com essa harmonia ecológica, as casas colonizadoras que exploram Arrakis demonstram interesse exclusivo na extração da especiaria, ignorando os saberes e modos de vida locais. Essa oposição entre exploração e cuidado com o meio ambiente é central para a crítica ecológica presente na narrativa.

A chegada dos Atreides a Arrakis altera as relações de poder no Império, que passa a instrumentalizar a religião em benefício de seus próprios interesses. Lady Jessica, formada nos modos da Bene Gesserit, ao fugir para o deserto com Paul e ser acolhida pelo sietch Fremen, recebe a oportunidade de se tornar Reverenda Madre. O processo de transformação, que envolve o consumo de um líquido secretado por um verme de areia, permite que ela acesse as memórias de todas as mulheres que ocuparam essa posição antes dela. Apesar de

---

*the desert . . . and some tame smugglers bound to the planet almost as tightly as the native labor pool.*  
(HERBERT, 1965, p. 33)

assumir uma posição de liderança religiosa e se conectar profundamente com a cultura Fremen, seu papel se revela essencial para a consagração de Paul como o messias libertador.

Ao abordar uma ecologia decolonial, Malcom Ferdinand demonstra que a libertação ecológica pelos mesmos sujeitos que lideraram a colonização. Nesse sentido, mesmo que os Atreides se apresentem enquanto sujeitos mais humanos do que os Harkonnen, seus saberes são confluentes aos saberes de seu planeta natal, Caladan - que representam de certa forma discursos eurocêntricos. Nesse sentido, uma transformação ambiental pautada pelo colonizador corre o risco de reproduzir as mesmas opressões já existentes e ignorar os saberes dos povos originários. O incômodo de Stilgar evidencia as contradições de uma emancipação que ignora os saberes dos Fremen:

*"Como as coisas eram simples quando nosso Messias era apenas um sonho", ele pensou. "Ao encontrar nosso Mahdi, liberamos pelo universo incontáveis sonhos messiânicos. Cada povo subjugado pela jihad agora sonha com um líder que ainda virá." Stilgar lançou um olhar para o quarto escurecido. "Se minha faca libertasse todos esses povos, eles fariam de mim um messias?"(HERBERT, 2020, vol. 3, p. 4 - tradução nossa)<sup>32</sup>*

As queixas de Stilgar demonstram como a promessa de libertação trouxe também repressão a outros povos e ressaltam o arrependimento de ter criado um messias. O culto a Paul Atreides apresenta uma nova ordem política que continua se pautando nos discursos colonialistas. Apesar de Muad Dib, também conhecido como Usul ou Paul Atreides, se arrepender das mortes geradas pela jihad e ter tido visões da trilha de mortos que seu governo traria, sua liderança continua reproduzindo desigualdades sob o pretexto da salvação.

Como já havia alertado Albert Memmi (2007), o colonizador depende do colonizado e da vida na colônia para que seus privilégios sejam assegurados. Assim, o autor demonstra como estes são usurpadores perante os colonizados. Mesmo que Paul Atreides critique a violência colonial, apontado por Memmi como o colonizador de boa vontade, ele não está disposto a abrir mão de onde está. Nesse sentido, é preciso constatar que não há colonização positiva ou neutra, o protagonista de *Duna* sente remorso ao assassinar pessoas em toda a galáxia - mas não o suficiente para inverter as ordens de poder.

Complementando essa perspectiva, Frantz Fanon (2008) demonstra como a objetificação do negro o reduz a estereótipos raciais e impede a sua autonomia dentro de uma sociedade. Assim, a colonização afeta a identidade dos povos autóctones e invalida suas

<sup>32</sup> "How simple things were when our Messiah was only a dream, he thought. By finding our Mahdi we loosed upon the universe countless messianic dreams. Every people subjugated by the jihad now dreams of a leader to come. Stilgar glanced into the darkened bedchamber. If my knife liberated all of those people, would they make a messiah of me?" (HERBERT, 2020, vol. 3, p. 4)

existências, resultando na negação de suas existências. Entretanto, mesmo quando estes são libertos, sua emancipação ainda permanece condicionada às estruturas impostas pelo colonizador. Como Fanon demonstra em:

Mas o preto ignora o preço da liberdade, pois ele não lutou por ela. De tempos em tempos ele luta pela Liberdade e pela Justiça, mas se trata sempre de liberdade branca e de justiça branca, de valores secretados pelos senhores. (FANON, 2008, p. 183)

Em consonância com essa ideia, podemos observar que a emancipação dos Fremen os mantém reféns das relações de poder instauradas pelos Atreides. Do mesmo modo, os animais também são instrumentalizados enquanto recursos no universo de Herbert. Gary L. Francione e Anna Charlton (2015) exploram os direitos dos animais ao estabelecerem seus interesses, o de não sofrer e o de não morrer. Ao torná-los propriedades, sua vida depende exclusivamente de quem atribui seu valor e seus interesses possivelmente serão desconsiderados.

Em reflexão com o referente ausente, conceito desenvolvido por Carol J. Adams (2018), observamos como os corpos de animais e das mulheres são reduzidos a objetos e à sua utilidade, apagando sua condição de sujeitos. De maneira semelhante, tanto os vermes de areia quanto os Fremen são invisibilizados por meio da linguagem, sendo subordinados e renomeados em função da melange. Embora ambos sejam fundamentais para a existência e o funcionamento de Arrakis, sua presença só é reconhecida a partir da interferência nos planos das casas dominantes, como os Harkonnen, e não por seu valor intrínseco ou autonomia.

As doenças não foram a única herança trazida pelos europeus à América, como demonstra Silvia Federici, a misoginia reestruturou as relações nas colônias e implementou privilégios políticos aos homens. A separação ocidental entre mulheres e natureza foi crucial para a consolidação dos fenômenos de exploração capitalista, pois os trabalhos medicinais antes exercidos pelas mulheres passaram a ser vistos como bruxaria. Essa ruptura representou também o fim de séculos de conhecimentos de medicina natural, transmitidos de mãe para filha, e contribuiu para a limitação de algumas mulheres ao espaço do trabalho doméstico. Nesse sentido, podemos perceber que a separação entre homem e natureza não apenas instituiu uma hierarquia simbólica, mas também legitima o domínio e o controle econômico sobre os corpos e saberes considerados inferiores.

Quando o homem começou a se “civilizar”, a se separar da natureza, a se colocar acima dela — e acima da mulher (ele tornou-se Mente, ela tornou-se Carnalidade) — e dos outros animais, ele começou a buscar poder sobre a natureza, um controle mágico. Os cultos de bruxas ainda mantinham um forte senso de que as pessoas faziam parte da natureza, e os animais ocupavam um lugar central tanto nos rituais

quanto na consciência das bruxas. (DWORKIN, 1974, p. 145 - tradução nossa).<sup>33</sup>

Nesse sentido, assim como é atribuída à natureza a imposição de sempre se doar, Silvia Federici (2019) aponta como a objetificação feminina foi naturalizada. Compreender esse ofício como algo inerente aos sujeitos femininos foi fundamental para justificar a sua não remuneração e ao papel que seria ocupado por cada mulher. Dessa forma, os marcadores de raça estabelecem as mulheres de Arrakis enquanto inferiores, reduzidas à concubinas. Em *Duna*, podemos notar tais aspectos em:

"Oh-h-h, as garotas da Galácia  
Farão isso por pérolas,  
E as de Arrakis por água!  
Mas se você deseja damas,  
Como chamas consumindo,  
Experimente uma filha de Caladan!" (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 53 - tradução  
nossa)<sup>34</sup>

Podemos compreender a partir desse trecho que o valor dado às mulheres dentro de *Duna*, considerando o valor feminino apenas a partir do que elas podem oferecer, fazendo com que essas sejam vistas de forma objetificada. E ainda, delimitando e sexualizando os lugares que podem ser ocupados por mulheres racializadas, ou seja, a partir de sua raça ou etnia. Em outras palavras, além de reduzir o valor das mulheres dentro da sociedade, essa lógica reforça um sistema patriarcal e contribui para a acumulação de capital. E se, em uma sociedade capitalista, somos reduzidos ao nosso salário, as mulheres e a natureza são destituídas de valor simbólico e econômico.

No que tange a natureza e as mulheres em Arrakis, ambas desempenham um papel fundamental na trama. Entretanto, podemos perceber como o papel da servidão ainda cabe a muitos sujeitos femininos. Assim, “Sou Bene Gesserit: existo apenas para servir” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 48) afirma a mãe de Paul Atreides e concubina comprometida ao Duque Leto Atreides. A irmandade composta apenas por mulheres e por Lady Jessica questiona suas

<sup>33</sup> When man began to be “civilized,” to separate himself out of nature, to place himself over and above woman (he became Mind, she became Carnality) and other animals, he began to seek power over nature, magical control. The witch cults still had a strong sense of people as part of nature, and animals maintained a prime place in both ritual and consciousness for the witches. (DWORKIN, 1974, p. 145)

<sup>34</sup> "Oh-h-h, the Galacian girls  
Will do it for pearls,  
And the Arrakeen for water!  
But if you desire dames  
Like consuming flames,  
Try a Caladanin daughter!"(HERBERT, 2029, vol. 1, p. 53)

decisões ao ter um filho com o Duque Leto Atreides e não uma filha, visto que essa poderia se casar com um herdeiro Harkonnen e encerrar uma rixa já existente. Em outras palavras, apesar das Bene Gesserit terem um papel político fundamental ao buscarem estabilidade, estas utilizam-se em maior parte do controle dos corpos femininos para atingir seus objetivos.

Entretanto, podemos perceber Lady Jessica tanto como um corpo disciplinado quanto um corpo opressor, pensando nos conceitos inspirados por Elódia Xávier (2021). A personagem, ao mesmo tempo que reproduz comportamentos que lhe foram impostos e tenta fugir da servidão, é uma mulher que inferioriza outras mulheres e se coloca enquanto superior hierarquicamente. Como podemos perceber em: Paul precisa ser cauteloso com as mulheres deles. Uma dessas mulheres do deserto não serviria como a esposa de um Duque. Como concubina, sim, mas não como esposa.”(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 502 - tradução nossa)<sup>35</sup>

Apesar de ter exercido o papel de concubina, a personagem acreditava ter sido muito mais que isso e defende em alguns momentos que teria casado com o Duque Leto caso quisesse. Lady Jessica nunca aceitou ser inferiorizada por ser mulher, mas não estende as mesmas concepções quando se trata das mulheres do deserto. A partir de Federici (2017), podemos compreender que dentro da bolha patriarcal e colonialista que determina o valor das mulheres, não há emancipação feminina sem a libertação dos corpos marginalizados. A compreensão da opressão reproduzida por Lady Jessica é fundamental quando observamos as estruturas de poder das Bene Gesserit.

A ordem das Bene Gesserit subverte, de forma simbólica, o movimento de caça às bruxas europeu. É a partir da objetificação e da instrumentalização dos corpos de mulheres que estas pretendem unificar o Império e trazer mais relevância política. Entretanto, o grupo se diferencia ao ter mulheres controlando suas estruturas e ao proteger os conhecimentos femininos. Marcos Antonio de Lopes afirma que o movimento contra as bruxas, fortalecido pela religião e Estado, se propunha a desintegrar as relações comunais e garantir mais poder político às estruturas governamentais. Desse modo, as Bene Gesserit serem reconhecidas enquanto bruxas é apenas um detalhe na narrativa de **Duna**. Nesse sentido, as estruturas políticas utilizadas pelas Bene Gesserit se assemelham ao movimento medieval, mas demonstram o acúmulo de poder genético, político e espiritual.

Contudo, o movimento ser formado apenas por mulheres não exclui problemáticas sociais e raciais. E principalmente, podemos observar como o grupo com frequência se coloca de forma superior aos animais ‘irracionais’. Como quando Lady Jessica recita um

---

<sup>35</sup> Paul must be cautioned about their women. One of these desert women would not do as wife to a Duke. As concubine, yes, but not as wife. (HERBERT, 2010, p. 502)

ensinamento antigo, "Humanos nunca devem se submeter aos animais."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 38 - tradução nossa)<sup>36</sup>. A ordem demonstra e reforça as hierarquias de poder dentro de uma sociedade, mas falham ao promoverem o discurso de emancipação a todos. Podemos observar que o principal objetivo do grupo é ganhar mais autonomia política e conquistar mais privilégios, não compartilhá-los. Assim, quando pensamos em emancipação feminina, não basta pensar somente na mulher branca e privilegiada.

O ecofeminismo do Sul Global se propõe a lutar por uma justiça ambiental que englobe a todos. Alicia H. Puleo discorre, em *Cuidados y ecofeminismo* (2023), que não é possível alcançar uma justiça ambiental sem a justiça social - afirmando que é necessário reconhecer como as opressões de gênero se relacionam com as violências ambientais. Dessa maneira, Puleo defende um diálogo intercultural e foge dos achismos de que justiça ambiental representaria voltar a uma sociedade pré-tecnológica. A autora reforça a importância de trazer os saberes plurais ao ecofeminismo, que combata opressões e que uma nova justiça ambiental não nos recolonize.

Com isso em mente, o ecofeminismo se propõe a aliar os debates ecológicos, de raça, gênero e a toda exploração do não humano. Stephanie Lahar (1991) propõe um ecofeminismo estratégico e engajado, apresentando-o como uma teoria moral que foca na reconstrução social e política das instituições de nossa sociedade. Dessa maneira, se faz mais do que necessário desenvolver pesquisas e projetos na área, observar o feminismo enquanto um organismo vivo, manter uma vida política e desconstruída. Com a moral kantiana em mente, advogar pela integração do ecossistema quebrado pelo homem é a única opção para quem o pode politicamente - lutar por políticas sociais e políticas é apenas o essencial.

Como argumenta Ferdinand, quando a emancipação não é proposta por povos indígenas, negros ou grupos étnicos, ela tende a ter a cara dos colonizadores. Ailton Krenak (2019), em *Ideias para adiar o fim do mundo*, fala que não são somente as vidas indígenas que corriam o risco de serem extintas de sentido, mas que todos podem ter suas vidas afetadas após décadas de explorações desenfreadas. Krenak defende que é preciso restabelecer o sentido da natureza, buscando romper as lógicas extrativistas e capitalistas destes. O afastamento humano e não humano, que se deu nos fenômenos pré-capitalistas, causou uma ruptura de sentido entre as relações humanas para com o outro. Dessa maneira, até o fim do mundo se tornou mais palpável do que considerarmos uma conciliação com o ecossistema terrestre.

---

<sup>36</sup> "Humans should never submit to animals."(HERBERT, 1965, p. 38)

Antonio Bispo dos Santos (2023), também conhecido como Nego Bispo, compara o colonizar com o ato de adestrar um animal, demonstrando como são semelhantes ao tentarem resultar no mesmo objetivo. Nesse sentido, seja para o trabalho ou para objetificação/satisfação, a colonização busca apagar a história e apresentar uma nova narrativa para a cultura de um povo. Bispo propõe uma guerra das denominações, ou contracolonização da língua, para combater o discurso consolidado pelos colonizadores. Logo, “quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende.” (BISPO 2023: 4). Em virtude disso, é preciso que passemos a confluenciar o bem comum.

## ***CAPÍTULO 2 – CHANI ENTRE O AMOR E O IMPÉRIO: COLONIALISMO, MATERNIDADE E BIOPOLÍTICA***

Neste capítulo, nos dedicaremos à análise da personagem Chani e seu papel na trilogia *Duna*, com atenção a representação da mulher e suas implicações ecológicas na narrativa a partir das lentes de Frank Herbert. Inicialmente apresentada nos sonhos de Paul Atreides, Chani passa a ocupar o papel de companheira e concubina do protagonista. Filha do planetólogo Liet-Kynes, ela desempenha um papel de destaque na reestruturação ambiental de Arrakis e também na conexão de Paul com a cultura Fremen. Assim como Lady Jessica, Chani também ocupa o lugar de concubina, o que demonstra algumas tensões entre figuras femininas e suas funções políticas no enredo.

No que tange às questões ecofeministas, a Fremen representa de forma simbólica a exploração imperialista que sofrem mulheres e a natureza. Como filha de Arrakis, o papel imposto à Chani está diretamente ligado ao processo de colonização e apagamento das vozes indígenas após a jihad. Além disso, a maternidade impositiva voltada à garantia da linhagem Atreides passa a ser seu único objetivo em *Messias de Duna*. Desde sua primeira menção, em uma visão, até sua última aparição, antes de sua morte, a personagem demonstra como seu corpo é utilizado enquanto instrumento político, desprovido de autonomia e de um papel ativo.

A despeito do amor de Paul Atreides, a personagem é marginalizada e é restringida à esfera pessoal do protagonista. Enquanto Chani ocupa o espaço privado e sentimental, Irulan desempenha o lugar político como esposa de Paul, representando uma aliança estratégica entre as Grandes Casas da galáxia. Apesar da recusa em conceder um filho a Irulan ou de manter relações pessoais com a mesma, Paul limita o papel exercido para cada mulher em sua vida. Desse modo, ao passo que a filha do Imperador Shaddam IV é responsável por legitimar o poder Atreides, Chani é sucumbida a fornecer herdeiros ao trono.

Com isso, analisar os símbolos que envolvem a personagem se torna fundamental para compreender a representação Fremen, seu corpo campo afetivo e enquanto metáfora para a morte do deserto. Neste sentido, a análise desse capítulo seguiu a seguinte estrutura: 1) Chani e o Corpo-Território: Subalternidade e Resistência Fremen; 2) A Maternidade Compulsória E Biopolítica Do Corpo Feminino Em Duna; E 3) Entre Chani E Irulan: A Segmentação Feminina Entre O Íntimo E O Estatal.

## 2.1 Chani e o Corpo-Território: Subalternidade e Resistência Fremen

Mais do que apenas o interesse amoroso do protagonista, Chani é construída como um dos símbolos da cultura e do corpo político dos Fremen em Duna. Seu corpo, assim como o deserto, é instrumentalizado pelo Império e explorado como uma extensão da terra. Historicamente, tanto o capitalismo quanto o patriarcado tendem a se apropriar da natureza e dos corpos das mulheres, reduzindo-os ao seu potencial lucrativo. Enquanto a natureza é convertida em fonte de extração de recursos materiais, as mulheres são frequentemente destinadas ao trabalho não remunerado e à maternidade compulsória.

Ao sermos apresentados a Chani, sua presença já carrega uma sugestão de ausência de agência. A personagem surge nos sonhos proféticos de Paul, marcando sua introdução a partir da narrativa ótica do olhar masculino. Sua antecipação como figura desejada reforça o questionamento sobre sua autonomia e sua capacidade de escolha dentro da trama. Enquanto subalterna, sua fala é mediada por Paul tanto em sua primeira menção quanto em sua última, em *Messias de Duna*, quando falece sem ter voz própria. Podemos observar, a partir de Spivak (2010), como sua trajetória narrativa é moldada pela perspectiva masculina, tornando-se símbolo da subalternização de mulheres e povos dominados. Assim:

“Sim.” Paul fechou os olhos. “Eu sonhei com uma caverna... e água... e uma garota lá — muito magra, com olhos grandes. Os olhos dela são todos azuis, sem a parte branca. Eu falo com ela e conto sobre você, sobre ver a Reverenda Mãe em Caladan.” Paul abriu os olhos.  
 “E aquilo que você contou para essa estranha garota sobre me ver, aconteceu hoje?”  
 Paul pensou nisso, então: “Sim. Eu digo para a garota que você veio e colocou um selo de estranheza em mim.”  
 “Selo de estranheza,” a velha mulher murmurou, e mais uma vez lançou um olhar para Jessica, voltou sua atenção para Paul. “Diga-me a verdade agora, Paul, você costuma ter sonhos sobre coisas que acontecem depois exatamente como sonhou?”  
 “Sim. E eu já sonhei com essa garota antes.”  
 “Oh? Você a conhece?”  
 “Eu vou conhecê-la.”(HERBERT, 2020, v. 1, p. 39 - tradução nossa)<sup>37</sup>

Em conformidade ao que discutimos anteriormente, em suas aparições seguintes, Chani se torna o elo entre Paul e a cultura Fremen, auxiliando em sua sobrevivência e garantindo a transmissão dos saberes de Arrakis. Ao incorporar esses conhecimentos, a

<sup>37</sup> "Yes." Paul closed his eyes. "I dreamed a cavern . . . and water . . . and a girl there -- very skinny with big eyes. Her eyes are all blue, no whites in them. I talk to her and tell her about you, about seeing the Reverend Mother on Caladan." Paul opened his eyes. "And the thing you tell this strange girl about seeing me, did it happen today?" Paul thought about this, then: "Yes. I tell the girl you came and put a stamp of strangeness on me." "Stamp of strangeness," the old woman breathed, and again she shot a glance at Jessica, returned her attention to Paul. "Tell me truly now, Paul, do you often have dreams of things that happen afterward exactly as you dreamed them?" "Yes. And I've dreamed about that girl before." "Oh? You know her?" "I will know her."(HERBERT, 2020, v. 1, p. 39)

personagem passa a representar também as lutas ecofeministas como forma de resistência. A apropriação dos recursos naturais e dos saberes tradicionalmente femininos converge, em sua trajetória, como um ato de denúncia ao imperialismo presente em *Duna*. Apesar de a trilogia de Herbert abordar as relações complexas entre o ecossistema e as mulheres, é possível observar que o autor investiga, ao longo da obra, os limites da apropriação tanto dos corpos femininos quanto da natureza.

As visões do protagonista funcionam, na narrativa, como metáforas de um território previamente dominado, iludindo os demais personagens com a sensação de liberdade de escolha. Embora o futuro de Chani aparente ser um tempo em aberto, sua trajetória já estava traçada antes mesmo do início de sua relação com Paul. As alegorias presentes nas visões do protagonista, em outros momentos, revelam que todas as mortes provocadas em nome da jihad já haviam sido previstas e, ainda assim, não foram evitadas. Nesse sentido, a convicção de que essas visões são inevitáveis impedem Paul de tomar qualquer ação transformadora, seja para proteger Chani ou para assegurar a sobrevivência dos Fremen. A narrativa, portanto, apresenta o futuro como um território já colonizado pelos Atreides, mesmo antes de se concretizar.

No clássico da ficção científica *Story of Your Life*<sup>38</sup>, de Ted Chiang, as visões revelam um tempo não linear e orgânico, como um presente que faz parte de um ciclo natural da vida. Já em *Duna*, a narrativa tensiona as dinâmicas de poder entre Paul e os outros personagens, minimizando as perspectivas e limitando o livre arbítrio na narrativa. O protagonista consegue visualizar diferentes cenários e possibilidades para seu futuro, decidindo o que considera ideal para a galáxia a partir de suas vivências. A raiz do problema está em seus privilégios, sendo filho de um Duque e de uma Bene Gesserit, Paul pode vivenciar o mundo de forma completamente diferente dos Fremen. Assim como Thufir Hawat questiona no primeiro livro, como Paul poderia compreender as necessidades do povo se jamais sentiu sede?

Ao longo da narrativa, Chani tem sua agência e liberdade comprometidas, sendo muitas vezes reduzida a uma extensão política dos planos de Paul. Mesmo após sua morte, quando surge a possibilidade de ressuscitá-la, a decisão recai sobre Paul até que este opte por silenciar de forma definitiva sua voz. O patriarcado, assim, demonstra como o sistema controla os corpos das mulheres inclusive após a sua vida. Ao cumprir sua função reprodutiva e dar à luz aos herdeiros do Império, Chani é silenciada pela narrativa, encerrando sua

---

<sup>38</sup> O conto de ficção científica, de Ted Chiang (1998), inspirou o filme *Arrival*, dirigido por Denis Villeneuve, assim como *Duna*. A narrativa acompanha uma linguista e um físico Gary Donnelly trabalhando juntos para compreender os propósitos da visita dos heptapods, uma raça alienígena. A história é apresentada de forma não linear, refletindo a noção de tempo desses seres alienígenas.

presença como se seu único propósito tivesse sido cumprido.

Com o falecimento de Chani, mesmo que em um contexto diferente, Paul deixa seus filhos para trás com Irulan e Alia. A morte de Chani representa o esvaziamento final do "referente feminino" que conectava Paul aos Fremen e Arrakis. Enquanto mulher nativa, Chani conectava o Messias ao povo que o auxiliou a derrubar o Império Harkonnen, mas sua função termina quando produz os herdeiros do Império. Após esses momentos, Paul renuncia tudo, a paternidade e o trono, dissolvendo-se no deserto. Chani, ainda morta, permanece como referente ausente, silenciada e descartada, enquanto Paul se apresenta incapaz de sustentá-la como presença simbólica, opta pela fuga.

Ainda assim, podemos observar que sua existência é profundamente atravessada por toda cultura e saberes Fremen, bem como o respeito à tradição. Chani representa a conexão entre seu povo e Paul Atreides, seja através dos seus ensinamentos ou por meio do seu relacionamento amoroso. No entanto, Paul, quase como um déspota esclarecido, re-coloniza seu corpo com ferramentas coloniais: sua ligação com a nativa de Arrakis é instrumentalizada até que o Império obtenha os resultados necessários na manutenção de seu governantes. O amor, de Paul Atreides, é irrelevante quando percebemos que Chani passa a ser como uma extensão dos propósitos políticos de seu companheiro após se conhecerem.

Apesar de ser introduzida nos sonhos/visões do protagonista anteriormente, Chani aparece pela primeira vez ao defender seu grupo perante o protagonista e sua mãe. Assim, no trecho:

À luz do luar e ao reflexo da pedra cinza, Paul viu uma pequena figura com roupas Fremen, um rosto sombreado espiando para ele de dentro do capuz, e o cano de uma das armas de projétil apontado para ele a partir de uma dobra da roupa. “Eu sou Chani, filha de Liet.” A voz era melodiosa, meio cheia de risos. “Eu não teria permitido que você fizesse mal aos meus companheiros,” ela disse.(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 461 - tradução nossa)<sup>39</sup>

Mesmo com sua pequena estatura e candura, a personagem utiliza sua agilidade para garantir a segurança de seus companheiros e demonstra, principalmente, a importância do coletivo na cultura Fremen. Entretanto, ao se apresentar, a personagem automaticamente se filia ao pai, como se precisasse dele para validá-la. Dessa maneira, sua identidade é legitimada pela imagem de seu pai, o que afeta diretamente sua autonomia e confina a personagem em alguns momentos.

---

<sup>39</sup> In the moonlight and reflection off gray stone, Paul saw a small figure in Fremen robes, a shadowed face peering out at him from the hood, and the muzzle of one of the projectile weapons aimed at him from a fold of robe. “I am Chani, daughter of Liet.” The voice was lilting, half filled with laughter. “I would not have permitted you to harm my companions,” she said. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 461)

Historicamente, como demonstra Gerda Lerner (2019) em *A Criação do Patriarcado*, as mulheres foram submetidas ao controle e ao domínio masculino em diversas sociedades ao redor do mundo. No entanto, a liberdade feminina variou conforme a classe social, sendo sua legitimidade, em muitos contextos, construída a partir da autoridade de uma figura paterna ou do matrimônio. Em *Duna*, essa lógica se manifesta na idealização dos corpos femininos, que retira sua subjetividade ao mesmo tempo em que projeta sobre os Fremen uma alteridade marcada pelo exotismo.

A história da colonização, por sua vez, é marcada pela anulação do sujeito e pela dissolução das relações comunais, bem como pela introdução do patriarcado enquanto ferramenta disciplinar. Federici (2017) estabelece que a misoginia disseminada pelos colonizadores reestruturou as sociedades colonizadas em favor dos homens, apagando práticas e saberes que conferiam certo poder às mulheres em seus contextos originários. Tanto em algumas culturas ameríndias quanto entre os Fremen, as mulheres ocupavam papéis socialmente relevantes. Em *Duna*, contudo, permanece ambíguo se a reprodução do sexismo em Arrakis é resultado de um longo processo disciplinador externo ou se a performance social das mulheres já estava imersa nas dinâmicas culturais locais.

De toda forma, é preciso compreender que mesmo os Fremen sendo uma sociedade basicamente patriarcal, sua identidade ainda é símbolo de resistência e de luta contra o império. É a partir de sua resiliência e da vida no deserto que suas identidades se formam, um eterno processo de disputa que marca seu imaginário coletivo. Como propõe Federici:

Trata-se de uma identidade coletiva, adquirida por meio de um processo de luta. Isso quer dizer que as identidades sociais não são apenas cadeias nas quais um sistema hegemônico nos aprisiona, nem vestimentas que não podemos rasgar, virar de cabeça para baixo, descartar. Perceber as identidades sociais como unilateralmente construídas, ignorar a capacidade que temos de mudar nossa identidade social, transformar em distintivos de orgulho os rótulos destinados a nos vilipendiar é assumir a inevitabilidade da derrota, é enxergar o poder somente do lado do mestre. (FEDERICI, 2019, p. 72)

Nesse contexto, Chani, ao mesmo tempo em que é uma figura Fremen poderosa, tem sua existência marcada por contradições patriarcais. Assim, não é possível apagar as marcas da colonização presentes em sua cultura. No entanto, é justamente a partir da emancipação conjunta da natureza e dos Fremen que uma ecologia decolonial se torna possível. Essa emancipação, no entanto, não deve ser conduzida por Paul, mas por Chani e por seu povo. Como propõe Malcom Ferdinand, não basta aplicar um sistema decolonial sem reconhecer o histórico escravocrata e extrativista que fundamentou a colonização de Arrakis. É preciso

desmontar por completo o projeto colonial que objetifica tanto os corpos quanto os ecossistemas. O reconhecimento desse projeto não é apenas importante, é estrutural:

Com seus princípios, seus fundamentos e suas formas, o habitar colonial reúne os processos políticos e ecológicos da colonização europeia. A escravização de homens e mulheres, a exploração da natureza, a conquista das terras e dos povos autóctones, por um lado, e os desmatamentos, a exploração dos recursos minerais e dos solos, por outro, não formam duas realidades distintas, e sim constituem elementos de um mesmo projeto colonial. (FERDINAND, 2022, p. 56)

Em vista disso, compreende-se que não há como dissociar a emancipação dos Fremen da emancipação de seu deserto: ambas demandam intencionalidade e especificidade. Mais do que isso, essa transformação precisa emergir dos próprios povos originários, pois, do contrário, corre-se o risco de testemunhar mais uma revolução moldada pelos ideais civilizatórios do colonizador. Quando aliamos essa disputa à perspectiva ecofeminista, torna-se urgente romper com o modelo europeu da teoria, que frequentemente se distancia das realidades do Sul Global e de suas pautas concretas.

Nesse sentido, é importante destacar que o patriarcado tende a reduzir a representação das mulheres a uma dualidade rígida e simplificadora. Como já apontado por Delany, na ficção científica, a mulher é frequentemente enquadrada como donzela ou vilã, esvaziada de complexidade e agência. Da mesma maneira que as personagens femininas em *Duna* são objetificadas, como discutido anteriormente, o próprio povo Fremen também é submetido a um processo de fetichização. Isso se evidencia, por exemplo, no seguinte trecho:

"Há duas separações gerais do povo — Fremen, eles são um grupo, e os outros são o povo do graben, do sumidouro e da pan. Dizem que há algum casamento entre eles. As mulheres das aldeias da pan e do sumidouro preferem maridos Fremen; seus homens preferem esposas Fremen. Eles têm um ditado: ‘O refinamento vem das cidades; a sabedoria, do deserto.’" [...] (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 61 - tradução nossa)

Esse tipo de idealização racializa e mitifica os corpos, mantendo-os sob uma lógica de apagamento e exotização, como aponta Grada Kilomba. Há uma romantização que posiciona os Fremen como sábios, mas os exclui de qualquer agência política real, suas vozes e escolhas são instrumentalizadas pelo Império. A própria sabedoria atribuída a Paul deriva de sua conexão com Chani, mas é ele quem a traduz, administra e legitima dentro do sistema dominante.

A dualidade entre deserto e cidade, sabedoria popular e racionalidade imperial, também remete à antiga associação entre mulher e natureza. Françoise d'Eaubonne foi uma

das primeiras a defender que mulheres teriam uma ligação mais próxima com a natureza, mas essa ideia tem sido amplamente criticada, especialmente por seu uso dentro de estruturas capitalistas e reprodutivas. Essa dualidade, no entanto, reaparece em *Duna* de forma sutil: mulheres e Fremen são romantizados por sua suposta “pureza” ou conexão com a terra, mas permanecem submetidos a sistemas de exploração. Como lembra Césaire, a romantização dos povos colonizados enquanto sábios não impede que sejam desvalorizados e mantidos sob domínio.

É nesse contexto que se torna pertinente recuperar o conceito de “referente ausente” proposto por Carol Adams (2018). Segundo ela, tanto mulheres quanto animais tornam-se significantes ausentes: estão presentes fisicamente, mas sua subjetividade é negada, ocultada por sistemas simbólicos que os instrumentalizam. No romance, isso se manifesta na recorrente submissão das personagens femininas ao papel de concubinas, esposas ou reprodutoras; sempre em função do protagonismo masculino. Assim como a melange oculta o verme, as mulheres são frequentemente reduzidas a funções maternas ou sexuais. Chani, nesse sentido, é um corpo que carrega agência limitada, silenciada pelas contradições do patriarcado e pela lógica imperial que a cerca.

Embora os Fremen demonstrem a importância do coletivo, as camadas sociais de sua sociedade nem sempre revelam igualdade entre seus membros. Observa-se que o papel feminino permanece restrito, em grande parte, ao âmbito doméstico ou maternal, sendo exercido sob uma agência patriarcal. E principalmente, quando um homem morre em batalha, sua esposa e seus filhos são “herdados” pelo vencedor, junto com sua água.<sup>40</sup> Ou seja, mesmo que haja um cuidado coletivo nesses casos, a família sobrevivente é tratada como uma propriedade.

No caso da morte de Chani, como aponta Lerner, é comum que as mulheres “não disponham de si nem decidam por si mesmas. Seus corpos e serviços sexuais estão à disposição de seu grupo de parentes, maridos e pais. As mulheres não têm custódia nem poder sobre seus filhos.” (LERNER, 2019, p. 116). Dessa forma, percebe-se como a cultura Fremen reproduz estruturas patriarcais ao instrumentalizar o corpo feminino sob a lógica da propriedade masculina.

Mesmo quando o aspecto guerreiro de Chani é apresentado, ele surge subordinado a uma hierarquia já estabelecida entre ela e Paul. Nesse sentido, Federici demonstra, a partir da

---

<sup>40</sup> Em *Duna*, Jamis perde a batalha contra Paul Atreides e tem sua esposa transferida para a responsabilidade do protagonista. Além disso, seus filhos e sua água, bem mais precioso na cultura Fremen, são agora do herdeiro Atreides.

história, como “o ataque contra as mulheres justificou a apropriação de seu trabalho pelos homens e a criminalização de seu controle sobre a reprodução.” (FEDERICI, 2017, p. 203). A naturalização da exploração feminina instaurou no imaginário coletivo uma expectativa sobre o que se espera de uma mulher: o “fazer-se mulher” passou a ser socialmente construído e associado à realização automática de tarefas de cuidado. A seguir, observamos como esse aspecto se manifesta em Duna:

"Chani, o que é isso?", ele perguntou. "Eliminei um que veio desafiá-lo para combate singular, Usul." "Você o matou?" "Sim. Mas talvez eu devesse tê-lo deixado para Harah." (E Paul se lembrou de como os rostos das pessoas ao redor haviam demonstrado apreço por essas palavras. Até Harah rira.) "Mas ele veio desafiar-me!" "Você mesmo me treinou no Caminho Estranho, Usul." "Certamente! Mas você não deveria —" "Nasci no deserto, Usul. Sei usar uma crysknife." Ele conteve a raiva, tentando falar de forma razoável: "Isso pode até ser verdade, Chani, mas —" "Não sou mais uma criança caçando escorpiões no sietch à luz de um globo de mão, Usul. Eu não brinco de lutar." Paul lançou-lhe um olhar severo, capturado pela ferocidade incomum sob a atitude casual dela. "Ele não era digno, Usul", disse Chani. "Não perturbaria suas meditações com alguém como ele." Ela se aproximou, olhando para ele pelos cantos dos olhos, e baixou a voz para que só ele pudesse ouvir: "E, meu amado, quando souberem que um desafiante pode me enfrentar e morrer de forma vergonhosa pelas mãos da mulher de Muad'Dib, haverá menos desafiantes."<sup>41</sup>(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 250 - tradução nossa)

Ainda que o discurso de Chani sugira cuidado, a autonomia feminina é questionada quando pensamos em uma sociedade patriarcal onde as mulheres existem para servir. Esse aspecto se torna evidente quando Chani sugere que deveria ter deixado o combate para Harah, ao mesmo tempo que demonstra a força feminina, a ação evidencia a tensão como as mulheres e a natureza são usualmente apropriadas em virtude do bem estar masculino. Assim, as dinâmicas propostas por Herbert confundem o leitor, mas sugerem que mesmo sua força ainda está pautada na centralidade masculina.

Nesse contexto, ao lutar contra os inimigos de Paul, a quem chama de Usul, Chani demonstra resistência e independência enquanto mulher Fremen. Sua atuação como guerreira revela autonomia e certa emancipação nos conflitos do primeiro livro. Contudo, essa autonomia se enfraquece em *Messias de Duna*, onde sua opinião é progressivamente

---

<sup>41</sup> "Chani, what is this?" he asked. "I dispatched one who came to challenge you in single combat, Usul." "You killed him?" "Yes. But perhaps I should've left him for Harah." (And Paul recalled how the faces of the people around them had showed appreciation for these words. Even Harah had laughed.) "But he came to challenge me!" "You trained me yourself in the weirding way, Usul." "Certainly! But you shouldn't --" "I was born in the desert, Usul. I know how to use a crysknife." He suppressed his anger, tried to talk reasonably. "This may all be true, Chani, but --" "I am no longer a child hunting scorpions in the sietch by the light of a handglobe, Usul. I do not play games." Paul glared at her, caught by the odd ferocity beneath her casual attitude. "He was not worthy, Usul," Chani said. "I'd not disturb your meditations with the likes of him." She moved closer, looking at him out of the corners of her eyes, dropping her voice so that only he might hear. "And, beloved, when it's learned that a challenger may face me and be brought to shameful death by Muad'Dib's woman, there'll be fewer challengers."

desconsiderada. Se antes era apresentada como a guerreira apaixonada, Chani se dissolve no papel de concubina ao ser limitada a gerar herdeiros para o Império, revelando um deslocamento simbólico da mulher ativa para a mulher reprodutora.

Dessa maneira, Gerda Lerner (2019) demonstra como as mulheres na mesopotâmia se tornavam concubinas ou se casavam com o objetivo de prosperar socialmente, ou eram rebaixadas através da prostituição. Nesse sentido, mesmo Chani ocupando o espaço romântico na vida de Paul, podemos perceber que a desigualdade social também marca sua distinção entre Irulan. Dessa maneira, Lerner disserta:

Como mostramos, a esposa está em uma ponta do espectro, a escrava está na outra ponta, e a concubina ocupa uma posição intermediária. Seria um grande equívoco, porém, igualar a posição subordinada de esposa, que tinha direitos econômicos e legais, bem como a possibilidade de possuir outros seres humanos e lucrar com o trabalho deles, com a posição de escrava. Tal interpretação mistifica e invisibiliza as relações de classes. A posição ambígua da concubina foi reforçada na Lei de Hamurabi, que a proibia de “se igualar à sua senhora”. [ 264 ] Uma escrava concubina que tivesse filhos meninos e, por isso, almejasse status semelhante ao da senhora, poderia, de acordo com a lei, ser tratada como escrava, mas não vendida. (LERNER, 2019, p. 151)

Como mencionamos repetidamente, o amor de Usul se torna irrelevante quando observamos que a personagem é inferiorizada. Enquanto concubina Fremen, sua inferiorização perante Paul Atreides e sua esposa, Irulan, demonstra como a raça mesmo na ficção científica perpassa também todas as relações sociais em Duna. Se pensarmos no casamento enquanto a estatização/privatização do corpo feminino, os benefícios econômicos e sociais adquiridos majoritariamente por mulheres brancas, apresenta-se de forma diferente para sujeitos racializados. Os papéis domésticos e maternos, quando impostos, limitam a autonomia e a subjetividade feminina. Nesse sentido, se pensarmos em Chani enquanto uma não-extensão de Paul, por que todas suas decisões perpassam seu bem estar ou a manutenção de uma linhagem?

Enquanto o leitor poderia ser levado a acreditar em uma suposta inferioridade dos nativos, seus poemas na verdade ressaltam a força da resistência Fremen. A projeção da imagem de selvagem indisciplinado, era não somente uma licença para controlar os povos colonizados, mas também uma justificativa para quaisquer atrocidades cometidas em prol do Império. A lógica *escravocrata* em Duna desumaniza os Fremen e os mantém sob uma posição de controle, de forma que, como recita Lady Jessica “o lugar perfeito para um Duque”.

Nesse sentido, a manutenção do imagético criado pelas Bene Gesserit e por todo

Império, representava a conservação do poder colonial em Arrakis. Como podemos perceber a repetição de ideais desumanizados e a criação do selvagem: "Eles compõem poemas para suas facas. As mulheres deles são tão ferozes quanto os homens. Até as crianças Fremen são violentas e perigosas. Duvido que você tenha permissão para se misturar com eles."<sup>42</sup>(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 62 - tradução nossa). Como podemos observar, seu povo é esvaziado de sentido e estereotipado pela colonialidade do Império. A mulher Fremen é sexualizada e desumanizada, tendo seu corpo objetificado. E, quando é sábia, também é instrumentalizada como extensão do companheiro. Assim:

"“Você negociará por mim. Mãe, com Chani ao seu lado. Ela tem sabedoria e olhos atentos. E é sabiamente dito que ninguém negocia mais duramente do que um Fremen. Ela estará olhando através dos olhos do amor dela por mim e com o pensamento dos filhos que terão, do que eles vão precisar. Ouça-a.”<sup>43</sup>(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 793 - tradução nossa)

Enquanto sábia Fremen, Chani é frequentemente representada como uma extensão de Paul, sobretudo quando ele não pode se fazer presente. Sua legitimidade é sustentada pelo amor que dedica a ele e pelos filhos que deverá gerar, o que reforça uma lógica patriarcal que atravessa sua existência e restringe sua identidade a funções afetivas e reprodutivas. O corpo de Chani é apropriado à lógica imperialista e perde grande parte do seu valor Fremen, sendo disciplinado a se encaixar como concubina.

### **2.1.1 Chani como metáfora da Terra:**

Nesta seção, focamos na exploração do corpo feminino de Chani como extensão da exploração imperial e colonial em Arrakis. Nesse sentido, ainda que se configure como um corpo-território que busca resistir às estruturas patriarcais e opressivas, Chani não consegue escapar da lógica que comanda a galáxia. Não se trata de afirmar uma conexão essencialista entre o feminino e a natureza, mas de evidenciar os vínculos históricos e políticos que constroem essa associação de forma opressiva, a fim de denunciar as dinâmicas de dominação e subjugação presentes em Arrakis.

Enquanto metáfora do deserto, Chani representa a cultura de um povo que prioriza o coletivo, a sustentabilidade e que resiste à colonização dos Harkonnen. As raízes do

---

<sup>42</sup>"They compose poems to their knives. Their women are as fierce as the men. Even Fremen children are violent and dangerous. You'll not be permitted to mingle with them, I daresay. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 62)

<sup>43</sup> "You will negotiate for me. Mother, with Chani by your side. She has wisdom and sharp eyes. And it is wisely said that no one bargains tougher than a Fremen. She will be looking through the eyes of her love for me and with the thought of her sons to be, what they will need. Listen to her."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 793)

patriarcado capitalista nascem da exploração comum entre mulheres e natureza, ambas disciplinadas em prol do mercado. O ecofeminismo proposto por Charlene Spretnak (1990) incentiva o diálogo entre humanidade e natureza, fugindo do romantismo criado pelas narrativas artificiais da burguesia e surgindo como uma forma de exercício ecológico. Se pensarmos em um ecossistema, um sistema formado por seres vivos e seu ambiente, o diálogo proposto é o de integração do humano no mundo natural, não enquanto superior, mas como parte pertencente à natureza.

A partir do ecofeminismo essencialista estratégico, discutido por Edilane Ferreira da Silva (2021), podemos compreender a relação intrínseca de Chani com a natureza, principalmente devido às suas raízes Fremen e ao seu lado ancestral apresentado no romance. Entretanto, é preciso manter em mente que a naturalização da mulher como cuidadora é fruto do patriarcado, não de uma suposta essência feminina. Ao mesmo tempo em que supera a ideia de uma “mãe natureza”, o ecofeminismo essencialista estratégico se propõe a utilizar os vínculos históricos e culturais construídos há séculos como forma de denúncia. Assim, Chani e o deserto não são semelhantes por conta de características inerentes, mas por serem alvos da exploração simbólica e material do Império em Arrakis.

Enquanto metáfora da terra, o corpo-território de Chani carrega as marcas do deserto de Arrakis: é disputado, exaurido, silenciado e instrumentalizado pelos interesses imperiais. Assim como a terra de Arrakis é colonizada pelo Império e explorada por conta da especiaria, o corpo de Chani é objetificado pela lógica dos Atreides, forçado à fertilidade e submetido ao seu controle biopolítico. Pensar Chani como corpo-território permite evocar, ao mesmo tempo, sua ligação ancestral e cultural com a terra, mas também sua recolonização simbólica dentro do sistema patriarcal.

Ao recuperar o conceito de corpo-território, é possível compreender que a r-existência de Chani se dá num campo de tensões: ela resiste, mas também é violada; carrega a força do deserto, mas tem sua autonomia negada. Ainda que personifique uma conexão vital com Arrakis, seu corpo é lido enquanto uma produção social, por consequência sendo subjugado e instrumentalizado. Silvia Federici nos ajuda a compreender como, na modernidade capitalista, a separação entre humanidade e natureza produziu uma mecanização do corpo feminino, cuja função foi reduzida a um meio de controle e dominação. Nesse sentido, o corpo de Chani é símbolo do deserto, mas também palco de disputas sociais, imperiais e do colonialismo reprodutivo.

A metáfora da mãe-terra, sob a perspectiva de Carolyn Merchant, atua como ferramenta retórica que legitima a exploração e o controle tanto da natureza quanto dos corpos

femininos. Ao compreendermos que há múltiplas formas de ler o corpo de Chani e o deserto de Arrakis, optamos por evidenciar as relações materiais e culturais que atravessam sua representação. Nesse sentido, enquanto corpo social, é possível observar como o sistema econômico de *Duna* se apropria de seu corpo em função da lógica do lucro. Já enquanto corpo cultural, a personagem é celebrada de forma romantizada, apagando as tensões políticas e as violências estruturais que a moldam.

Ao ser descrita, com frequência, seu rosto é comparado ao de um elfo e ganha características da natureza. Ao representar os elfos enquanto criaturas místicas ligadas à natureza, sua personalidade parece limitada aos estereótipos destinados às mulheres que marcaram os contos de fadas. Dworkin estabelece como os papéis de uma mulher boa, com frequência morta, demonstram que as personagens são passivas, belas e vitimizadas. Chani demonstra que, mesmo buscando ser passiva, sua intenção principal é ser reconhecida enquanto boa, e que é isso que a completa. Ao tentar corresponder a esse modelo revela como, mesmo em um contexto de resistência cultural, o ideal de feminilidade continua atrelado à passividade e à sacralização do sofrimento.

Através das lentes de um ecofeminismo cultural, é comum observarmos a criação de uma relação intimista entre Chani e o deserto. Carolyn Merchant, a partir do Ecofeminismo Social com perspectiva materialista histórica, demonstra como o patriarcado do salário comercializa e constrói narrativas românticas que invadem até mesmo os úteros de mulheres cis-gênero. O trecho seguinte demonstra a complexidade dubia criada por Herbert:

Chani se movia com um ar atemporal de poder frágil — tão autossuficiente, tão vulnerável. Havia algo na maneira como ela se curvava sobre o serviço de café que o fez lembrar então dos primeiros dias deles. Seus traços permaneciam sombriamente élficos, aparentemente intocados pelos anos — a menos que se examinasse os cantos externos de seus olhos sem branco, notando ali as linhas: “pegadas de areia”, como os Fremen do deserto as chamavam.<sup>44</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 33 - tradução nossa)

Ao mesmo tempo que encarna a força do deserto ao ser associada às trilhas de areia, deserto este que assusta os estrangeiros e engole seus visitantes, Chani é também um poder frágil e vulnerável. Assim como a natureza, a dualidade limitante entre mãe-natureza benévola ou como mãe-natureza punitiva, parecem apagar as dimensões políticas de sua existência. Suas características místicas e delicadas, aparecem com mais frequência que seu lado combativo e estratégico, mas mesmo quando aparecem podemos observar um exercício

---

<sup>44</sup> Chani moved with an ageless air of fragile power — so self-contained, so vulnerable. Something about the way she bent over the coffee service reminded him then of their first days. Her features remained darkly elfin, seemingly unmarked by their years — unless one examined the outer corners of her whiteless eyes, noting the lines there: "sandtracks," the Fremen of the desert called them.

disciplinador em fazer com que Chani seja colocada no seu “lugar”. Assim, Chani é romantizada com a beleza de Arrakis, ao mesmo tempo que também sofre a opressão colonial e fascista do Império.

Até mesmo as interações entre Chani e Stilgar, seu tio e líder Fremen, evidenciam a hierarquização da personagem e o controle sobre seu corpo e comportamento, mesmo dentro de uma cultura que se apresenta como resistente ao Império. Quando Stilgar a repreende com violência verbal: "I said leave him be, Chani! You spawn of a lizard!" e ordena que a personagem siga suas ordens: "Do as I told you: bring the fold of your hood down over your forehead! Leave only the eyes exposed. You waste moisture."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 458 - tradução nossa)<sup>45</sup>. Ainda que Chani seja uma figura central do ecossistema de seu planeta, sendo comparada a natureza de Arrakis em diversos momentos, podemos observar como sua animalização e passividade imposta marcam a personagem.

Ao ter sua obediência retratada, podemos observar como a personagem é disciplinada desde o primeiro volume a se fazer útil e a corresponder às expectativas direcionadas a si. Assim, ao mesmo tempo em que é comparada ao deserto como símbolo da força Fremen, também representa a submissão imposta à natureza pela domesticação sofrida pelo deserto. Já a ecofeminista Vandana Shiva (2016) demonstra como os princípios femininos são atribuídos à natureza. Assim, podemos observar no trecho a dualidade entre Chani e o deserto:

Ela fazia isso como a areia aceita a água: absorvendo e ocultando. Haveria obediência sob aquela superfície quente e irritada?, ele se perguntou. E então percebeu que a vida na fortaleza real não havia mudado Chani. Ela apenas havia parado ali por um tempo, habitado uma estação de passagem em uma jornada com seu homem. Nada do deserto havia sido tirado dela. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 198 - tradução nossa)<sup>46</sup>

Entretanto, apesar do trecho sugerir certa passividade por parte de Chani, Shiva afirma que a associação entre mulher e natureza não se dá de forma passiva, mas sim criativa e vital para a manutenção da vida. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que aceita e absorve a água, é possível observar a resistência da personagem em ceder seu “pedaço do deserto”. Após anos vivendo longe de Arrakis com Paul, Chani se recusa a abandonar sua verdadeira identidade, ainda que, como o deserto, também seja enfraquecida pela água. Como também podemos

---

<sup>45</sup> "I said leave him be, Chani! You spawn of a lizard!" e ordena que a personagem siga suas ordens: "Do as I told you: bring the fold of your hood down over your forehead! Leave only the eyes exposed. You waste moisture."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 458 - tradução nossa)

<sup>46</sup> She did it the way sand accepted water: absorbing and concealing. Was there obedience beneath that hot, angry surface? he wondered. And he realized then that life in the royal Keep had left Chani unchanged. She'd merely stopped here for a time, inhabited a way station on a journey with her man. Nothing of the desert had been taken from her. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 198)

observar em:

Ela passou então a odiar a água, inspirada pelo medo do verme. A água, outrora a alma-espírito de Arrakis, tornara-se um veneno. A água trazia pestilência. Somente o deserto era limpo. Abaixo dela, surgiu um grupo de trabalho fremen. Eles subiam em direção à entrada intermediária do sietch, e ela viu que tinham os pés enlameados. Fremen com os pés enlameados! (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 295 - tradução nossa)<sup>47</sup>

Ao longo da trilogia, observamos que a transformação ecológica de Arrakis representa, na verdade, um risco à fauna nativa e impacta profundamente o modo de vida dos Fremen. De forma similar, Chani também temia a água, tal como os vermes de areia, que passaram a se afastar deserto adentro para preservar sua natureza. Assim como o deserto, ela resiste à domesticação, buscando proteger aquilo que a constitui. Como propõe Shiva(2010), é aqui que a crise ecológica se inicia, é a partir da morte dos princípios femininos e da natureza.

A relação entre mulheres e natureza não necessariamente é essencialista ou passiva, principalmente em povos originários e que se conectam com a terra de outra maneira. Se compararmos a relação de apropriação feminina e masculina da natureza, podemos observar que Chani não busca dominar ou alterar a natureza de Arrakis. Seu conhecimento e relação com o deserto busca na cooperação, fazendo com que seja parte do ecossistema que está inserida. Quando Chani avisa Paul sobre como se portar no deserto, a personagem demonstra respeito e sabedoria, não enquanto uma categoria inata, mas como uma forma de pertencimento no deserto. É a partir da resistência que a lógica de dominação eurocêntrica e patriarcal deve ser combatida, os povos nativos de Arrakis precisam retomar suas práticas coletivas e focar em sua sabedoria ancestral.

É nesse sentido que Joy H. González-Güeto (2023) alerta sobre a exclusão do feminismo branco e essencialista, demonstrando como a experiência coletiva de mulheres racializadas fruto da colonialidade. A partir de González-Güeto, podemos observar a natureza como um território de disputa para as mulheres racializadas, visto que é comum que movimentos ambientalistas silenciem suas relações com a natureza sob o pretexto de proteger e trazer melhorias para aquele povo. Dessa forma, é preciso retomar as perspectivas Fremen da natureza enquanto território vivo, não enquanto recurso do Império.

O movimento ecofeminista latino americano se propõe a responder os problemas socioambientais a partir da valorização das vivências e experiências femininas. A partir dessa

---

<sup>47</sup> She hated the water then, inspired by the worm's fear. Water, once the spirit-soul of Arrakis, had become a poison. Water brought pestilence. Only the desert was clean. Below her, a Fremen work gang appeared. They climbed to the sietch's middle entrance, and she saw that they had muddy feet. Fremen with muddy feet! (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 295)

perspectiva, Alicia H. Puleo (2023) argumenta em prol de uma revisão ecológica, bem como a inserção de uma interculturalidade, a autora enfatiza que retomar perspectivas de povos indígenas não é um retrocesso. Puleo afirma que toda cultura pode nos oferecer algo, mas enfatiza que essas virtudes devem ser universalizadas. Com Chani em mente, podemos observar como a personagem representa a fusão entre corpo, território e memória a partir de uma perspectiva ecofeminista. Como no trecho seguinte:

Chani olhou para o deserto matinal emoldurado pela fenda da falha abaixo do Sietch Tabr. Ela não usava traje destilador, e isso a fazia se sentir desprotegida ali no deserto. A entrada da gruta do Sietch ficava escondida no penhasco reforçado acima e atrás dela. O deserto... o deserto... Ela sentia que o deserto a havia seguido por onde quer que tivesse ido. Voltar ao deserto não era tanto um retorno ao lar, mas sim uma volta para ver o que sempre estivera lá. Uma constrição dolorosa percorreu seu abdômen. O parto seria em breve. Ela lutou contra a dor, desejando aquele momento a sós com seu deserto.(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 296 - tradução nossa)<sup>48</sup>

Chani demonstra uma conexão íntima ao deserto, mesmo com medo, a personagem se expõe e encontra seu pertencimento na natureza. Os saberes Fremen podem ser desqualificados pelo racismo científico e tecnológico, mas é na compreensão da completude de seu ecossistema que se encontra a verdadeira ecologia decolonial de Arrakis. A transformação proporcionada pelos Atreides, corporizada por Chani, contrapõe-se à memória ancestral Fremen e a resistência de seu povo. Chani representa o deserto ao ter também seu corpo colonizado, controlado e instrumentalizado; porém, é justamente em sua conexão com esse território que ela encontra pertencimento e sentido.

Como mencionado anteriormente, o ecofeminismo reforça a importância dos saberes dos povos indígenas e das mulheres na emancipação da natureza. Puleo também considera a inserção de outras teorias e movimentos na luta ecofeminista, mas enfatiza que esses pactos devem não podem esquecer das demandas e lutas femininas. Paul se engana quando transforma toda a mudança ambiental de Arrakis em uma extensão do seu planeta nativo, é com Chani que estava o futuro do deserto. Sua leitura do céu e da natureza demonstram seu conhecimento ancestral e a memória do povo que existe em harmonia com o deserto:

O céu, ela notou, havia se tornado cinza cristalino, preenchido por raios de alabastro, desenhos bizarros gravados nos céus pela areia levada pelo vento. Uma linha de branco reluzente ao sul chamou sua atenção. Os olhos, de repente em alerta,

---

<sup>48</sup> Chani stared out at the morning desert framed in the fault cleft below Sietch Tabr. She wore no stillsuit, and this made her feel unprotected here in the desert. The sietch grotto's entrance lay hidden in the buttressed cliff above and behind her. The desert . . . the desert . . . She felt that the desert had followed her wherever she had gone. Coming back to the desert was not so much a homecoming as a turning around to see what had always been there. A painful constriction surged through her abdomen. The birth would be soon. She fought down the pain, wanting this moment alone with her desert. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 296)

interpretaram o sinal: Céu branco ao sul: a boca de Shai-hulud. Uma tempestade vinha, vento forte. Ela sentiu a brisa de aviso, um sopro cristalino de areia contra as bochechas. O incenso da morte vinha no vento: odores de água fluindo pelos qanats, areia suando, sílex. A água — era por isso que Shai-hulud enviava seu vento coriolis.(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 298 - tradução nossa)<sup>49</sup>

A natureza refletida em Chani demonstra como o povo Fremen compreende intrinsecamente como a areia se comunica e reforça a importância de um ecofeminismo pautado nos povos originários. Diferentemente da perspectiva imperialista dos Atreides e do restante da galáxia, Chani reconhece o deserto como sujeito e território que se faz presente, não como recurso a ser dominado. Ferdinand demonstra como é comum que a natureza de países colonizados seja tida como bárbara e selvagem. A partir de *Duna*, é preciso ter em mente e superar o estranhamento da terra Fremen, assim como de seus vermes de areia. O modo de vida Fremen e sua integração ao ecossistema, reconhecendo-o enquanto território vivo, é o verdadeiro caminho para o fim da colonização em Arrakis.

Enquanto uma extensão do deserto, podemos observar como Chani também é percebida a partir de elementos da natureza. Como discorre Paul em “O perfume floral do jardim no telhado lhe lembrou Chani. Agora, ele ansiava por seus braços, pelos braços aferrados do amor e do esquecimento.”<sup>50</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 162 - tradução nossa) e também: “O ar deste futuro aterrorizante estava carregado com a ausência de Chani. A carne que tivera chorado de êxtase, os olhos que o queimaram com seu desejo, a voz que o encantara porque não fazia jogos de controle sutil — tudo se foi, de volta à água e à areia.”<sup>51</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 169 - tradução nossa) É também em sua natureza, enquanto refúgio, que Paul observa a força de sua amada. Notando, assim, a conexão resistente entre seu corpo e sua terra, como podemos perceber em:

"Você precisa me contar", ela sussurrou. "Você é Sihaya", ele disse, "a nascente do deserto." "Quando a tribo compartilha a Água", ela disse, "estamos juntos — todos nós. Nós... compartilhamos. Eu consigo... sentir os outros comigo, mas tenho medo de compartilhar com você." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 584 - tradução nossa)<sup>52</sup>

<sup>49</sup> The sky, she noted, had become crystal gray filled with alabaster rays, bizarre designs etched across the heavens by windborne sand. A line of gleaming white in the south caught her attention. Eyes suddenly alerted, she interpreted the sign: White sky in the south: Shai-hulud's mouth. A storm came, big wind. She felt the warning breeze, a crystal blowing of sand against her cheeks. The incense of death came on the wind: odors of water flowing in qanats, sweating sand, flint. The water — that was why Shai-hulud sent his coriolis wind. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 298)

<sup>50</sup> Floral perfume from the garden roof reminded him of Chani. He longed for her arms now, for the clinging arms of love and forgetfulness.(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 162)

<sup>51</sup> The air of this terrifying future was thick with Chani's absence. Flesh that had cried in ecstasy, eyes that had burned him with their desire, the voice that had charmed him because it played no tricks of subtle control -- all gone, back into the water and the sand.(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 162)

<sup>52</sup> 'You must tell me,' she whispered. 'You are Sihaya,' he said, 'the desert spring.' 'When the tribe shares the Water,' she said, 'we're together--all of us. We . . . share. I can . . . sense the others with me, but I'm afraid to share with you.' (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 584)

Ao reconhecer Chani como a primavera do deserto, Paul vê a companheira como um elemento essencial na sua conexão com os Fremen. Minutos após Chani salvar sua vida, chamá-la “Sihaya” não é apenas um gesto afetivo, mas representa uma conexão espiritual dos Fremen como o paraíso. O nome significa "a primavera do deserto com conotações religiosas, sugerindo o tempo da fertilidade e 'o paraíso por vir'"<sup>53</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 857 - tradução nossa). Assim, Chani representa muito mais do que apenas a concubina Fremen de Paul, ela é nomeada como a promessa de renovação daquela terra e do fim da aridez de Arrakis. Chani torna-se, então, a personificação simbólica da mudança messiânica que se aproxima, sendo também um marco do processo de colonização conduzido por Paul. Seu corpo e sua presença fundem-se à paisagem, assumindo o papel de terreno fértil tanto para a esperança quanto para o domínio .

Ao articularmos todos esses temas, o Novo Ecofeminismo de Greta Gaard nos permite compreender que as questões raciais, de classe, gênero, sexualidade, espécie e nacionalidade são fundamentais para pensar uma possível emancipação dos Fremen. Em síntese, é preciso conduzir um movimento ecofeminista que não se esqueça das mulheres e nem se aproprie destas como ferramenta, como é o caso de Chani. Caso contrário, estaremos fadados ao fascismo ecológico descrito por Saito.

## **2.2 A Maternidade Compulsória E Biopolítica Do Corpo Feminino Em Duna**

A maternidade de Chani é atravessada por pressões políticas, reprodutivas e afetivas. A necessidade de gerar herdeiros não parte apenas de um desejo subconsciente, mas é imposta pelas estruturas de poder que envolvem Paul e o Império. Neste subcapítulo, teremos como objetivo analisar o corpo de Chani enquanto um instrumento moldado pelas engrenagens patriarcais, políticas e religiosas em *Duna*.

Embora Paul tenha se responsabilizado pelos filhos de Geoff e Jamis<sup>54</sup>, derrotados em batalha, sua união com Chani se torna ainda mais estratégica quando a fertilidade dela passa a ser tratada como um assunto estatal. Ademais, ainda que os filhos de Jamis passem a ser considerados filhos de Paul/Usul, o vínculo estabelecido é meramente simbólico: “Os filhos de Jamis, que agora são os filhos de Usul”, disse Stilgar. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 566 -

<sup>53</sup> “the desert springtime with religious overtones implying the time of fruitfulness and “the paradise to come.”” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 857)

<sup>54</sup> Como demonstra o trecho: “you’ll always share some responsibility for the sons of Jamis.” [...] He was a good provider, Jamis, and a wonder with the children. He made no separation between Geoff’s boy, my firstborn, and his own true son. They were equal in his eyes.””(HERBERT, 2020, vol.1, p. 560)

tradução nossa)<sup>55</sup>. Assim, a morte do primeiro filho biológico do casal intensifica a urgência de gerar um sucessor legítimo, cuja existência esteja atrelada não só ao sangue, mas ao destino político do império.

Nesse sentido, após a morte de seu primogênito é o que evidencia e intensifica a necessidade de produzirem outros herdeiros. Em *Messias de Duna*, Chani sente no dever de oferecer outro herdeiro à Paul, mesmo que isso signifique o fim de sua vida. O romance evidencia a instrumentalização, bem com sua validação, do corpo feminino a partir da reprodução social. Nos estágios iniciais do capitalismo, a maternidade não surge somente como uma forma de controle dos corpos femininos, mas principalmente enquanto um agente catalisador da acumulação primitiva e do estabelecimento do patriarcado do salário, como estabelece Salleh.<sup>56</sup>

Seja para fortalecer seu governo ou para manter a linhagem Atreides no poder, a maternidade de Chani é reduzida a uma função e removida de afeto. Nesse sentido, se a morte do seu primogênito gera luto em Chani, Paul distancia-se e evoca o Messias para tranquilizar a companheira Fremen sobre seus futuros descendentes. Como notamos no trecho:

“Ele está morto, amado”, disse Chani. “Nosso filho está morto.” Controlando-se rigidamente, Paul se levantou. Estendeu a mão, tocou a bochecha de Chani, sentindo a umidade de suas lágrimas. “Ele não pode ser substituído”, disse Paul, “mas haverá outros filhos. É Usul quem promete isso.” Suavemente, ele a afastou e fez um gesto para Stilgar. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 765 - tradução nossa).<sup>57</sup>

Apesar de breve, o trecho foca em evidenciar o pesar de Chani e demonstra seu isolamento nas cenas seguintes. Mesmo reconhecendo que não há como substituir o primogênito, Leto II, Paul não o menciona novamente e demonstra pouco interesse em seu paternar. A paternidade de Paul surge do dever, por isso, seu diálogo com Chani é sempre voltado para os filhos que virão no futuro, desconsiderando a importância dos sentimentos de sua companheira. Essa lógica de mecanização da maternidade, desumaniza os envolvidos e cria um ciclo eterno baseado nas demandas do mercado e do império.

Em virtude disso, a responsabilidade de gerar herdeiros está presente em todas as interações entre Chani e Paul, mesmo quando o assunto não é mencionado. Podemos observar, a partir de *Messias de Duna*, que quase todas as interações entre o casal demonstram a imposição da maternidade compulsória sobre Chani, Irulan e, em última instância, Alia. O

<sup>55</sup> The sons of Jamis who are now the sons of Usul," Stilgar said. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 566)

<sup>56</sup> <sup>1</sup> Referência inspirada em *O Calibã e a bruxa*, de Silvia Federici, e *O absolutismo*, de Marcos Antonio Lopes.

<sup>57</sup> "He is dead, beloved," Chani said. "Our son is dead."

Holding himself under stiff control, Paul got to his feet. He reached out, touched Chani's cheek, feeling the dampness of her tears. "He cannot be replaced," Paul said, "but there will be other sons. It is Usul who promises this." Gently, he moved her aside, gestured to Stilgar.

ecomaternalismo, discutido por Sherilyn MacGregor (2011), despolitiza o papel do Estado e responsabiliza o indivíduo pelo bem coletivo. Enquanto algumas ecofeministas apresentam uma visão excludente das discussões sobre gênero, raça e classe, MacGregor reforça que conferir voz política às mulheres única e exclusivamente ao seu potencial de parir, romantiza e anula a identidade feminina.

Se recontextualizarmos o conceito de “referente ausente” de Carol J. Adams, observamos, em Harah, a anulação simbólica do feminino em benefício da narrativa masculina. No primeiro volume, a morte de Jamis faz com que sua esposa e seus filhos sejam herdados por Paul, como se fossem extensões de sua posse. No volume seguinte, é Jamis quem permanece como figura central enquanto sua viúva é silenciada e confinada à servidão. A mulher, novamente, torna-se o *referente ausente*: é apagada enquanto indivíduo e convertida em função do homem morto. Como podemos perceber em:

Ele pôde perceber que o café ainda não estava pronto pela maneira como ela recolocou a tampa. A chaleira — forma feminina de prata flautada, grávida — havia chegado a ele como um ghanima<sup>58</sup>, um despojo de batalha conquistado quando ele matou o antigo dono em combate singular. Jamis, esse era o nome do homem... Jamis. Que imortalidade estranha a morte conquistara para Jamis. Sabendo que a morte era inevitável, teria Jamis carregado aquela em particular em sua mão? Chani colocou as xícaras: cerâmica azul agachada como atendentes sob a imensa chaleira. Havia três xícaras: uma para cada bebedor e uma para todos os antigos donos. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 33 - tradução nossa)<sup>59</sup>

Podemos compreender a metáfora gestacional da chaleira como uma forma de objetificação do corpo feminino, sobretudo ao notarmos que tanto Hannah quanto o objeto que pertenceu a Jamis são herdados. O antigo dono permanece simbolicamente presente por meio da *representação*; mesmo ausente, sua menção adquire mais relevância do que a de seus filhos ou de sua esposa. Tal ênfase talvez se deva ao fato de Jamis ter sido a primeira morte provocada por Paul, mas sua imortalidade simbólica se estabelece, principalmente, pelo gênero masculino que ocupa, um corpo cuja morte é inscrita na narrativa como marco de honra, enquanto os corpos femininos são silenciados ou omitidos da narrativa histórica.

Ademais, é importante destacar que a comparação entre a chaleira e o corpo de uma

<sup>58</sup> Ghanima: something acquired in battle or single combat. Commonly, a moment of combat kept only to stir the memory. (HERBERT, 2, 842)

<sup>59</sup> He could tell the coffee wasn't yet ready by the way she replaced the lid. The pot -- fluting silver female shape, pregnant -- had come to him as a ghanima, a spoil of battle won when he'd slain the former owner in single combat. Jamis, that'd been the man's name . . . Jamis. What an odd immortality death had earned for Jamis. Knowing death to be inevitable, had Jamis carried that particular one in his hand? Chani put out cups: blue pottery squatting like attendants beneath the immense pot. There were three cups: one for each drinker and one for all the former owners. (HERBERT, 2020, vol. 2, 33)

mulher grávida revela uma hiperfixação na gestação como uma função passiva, indicando que o desejo de Paul não é por um filho, mas por um herdeiro. Assim, podemos observar este como um exercício protocolar diretamente ligado à manutenção do poder. Carolyn Merchant (1990) observa como as mulheres e a natureza foram moldadas por uma lógica de subordinação, em que os corpos das mulheres quanto da terra eram vistos como receptáculo passivos, algo a ser explorado e fertilizado. Merchant resgata, e crítica, a visão aristotélica de que o princípio do movimento vem do homem, demonstrando como esses sujeitos fazem parte de um projeto político patriarcal hereditário.

O corpo feminino é reduzido a uma função biológica, sem controle perante suas gestações, o que naturaliza sua inferiorização social. A mulher é concebida como um sujeito passivo, cuja única utilidade é disponibilizar seu corpo para a reprodução e manutenção de estruturas patriarcais. Assim, a gestação não é compreendida como uma experiência subjetiva ou transformadora, mas como um processo automatizado e desumanizado, como observa Merchant ao descrever a transição simbólica da natureza viva para o corpo/terreno industrializado da modernidade. Nesse sentido, a gravidez em *Duna* é tratada não como desejo ou escolha, mas sim como instrumento necessário para assegurar a continuidade da Casa Atreides, um ato que reforça o imaginário patriarcal de domínio sobre o corpo feminino e a natureza.

O ecofeminismo proposto por Merchant, e também por outras autoras, busca retomar o controle reprodutivo às mulheres e subverter o capitalismo que aprisiona e coisifica mulheres/natureza. Nesse sentido, Chani é incumbida a missão de produzir um herdeiro ao trono, mesmo com suas limitações e com o corpo exausto pelo envenenamento silencioso provocado por Irulan. A suspensão feminina de atividades de exercício intelectual, ou seu isolamento com o intuito no foco da maternidade, não só reduz a pluralidade de vozes políticas dentro de um sistema, mas também impossibilita o verdadeiro exercício de cidadania de todos nessa sociedade. Nesse sentido, Merchant estabelece:

A função reprodutiva das mulheres exigia que mais energia fosse direcionada para a gravidez e a maternidade, portanto, menos estava disponível para as funções superiores associadas ao aprendizado e ao raciocínio. O "espermatozoide aventureiro" e o "óvulo passivo" continuaram a servir como metáforas reprodutivas. (MERCHANT, 1990, p. 163 - tradução nossa)<sup>60</sup>

Como uma metáfora reprodutiva, assim como a chaleira, o ato aprisiona e mantém as

---

<sup>60</sup> Women's reproductive function required that more energy be directed toward pregnancy and maternity, hence less was available for the higher functions associated with learning and reasoning. The "adventurous sperm" and the "passive ovum" continued to serve as reproductive metaphors. (MERCHANT, 1990, p. 163)

mulheres e natureza reféns de um sistema baseado num desenvolvimento infinito com recursos finitos. Nesse sentido, Kohei Saito (2024) demonstra como a lógica desenvolvimentista, que vem crescendo desde a Guerra Fria, não se propõe a abordar as raízes do problema capitalista, seja através da proposição de uma transferência tecnológica, espacial ou temporal. Finalmente, o sacrifício do amanhã evidencia as fraturas sociais e caminha em direção a um possível *Conto da Aia* de Margaret Atwood, onde os corpos de mulheres deixam de ser somente uma metáfora sobre a terra arrasada.

Ainda, o controle biopolítico dos corpos de mulheres, como Chani, demonstra um nítido desinteresse no cuidado com o agora. Considerando Chani enquanto metáfora do deserto, principalmente após ser envenenada por Irulan/Império, sua sabedoria Fremen demonstra que a personagem tinha consciência das limitações do seu corpo. Assim, ao sugerir a Paul que Irulan carregasse o herdeiro do Império, bem como ao propor estratégias políticas para enfraquecer Irulan enquanto Bene Gesserit, suas opiniões são logo desqualificadas. O sacrifício do agora, aqui incorporado também por Chani, é pago com seu futuro e com um esgotamento de Melange cada vez mais próximo. Conforme indicado na passagem:

As mulheres Fremen haviam dividido seus homens por milhares de anos, nem sempre em paz, mas com uma maneira de fazer com que esse fato não fosse destrutivo. Algo misteriosamente Fremen nesse sentido havia acontecido em Chani. "Você me dará o único herdeiro que eu quero", ele disse. "Você viu isso?" ela perguntou, deixando evidente pela ênfase que se referia à presciência. "[...]"Então você não viu", disse Chani. "[...]"Chani cobriu as pernas dele, e disse: "Um herdeiro da Casa Atreides — isso não é algo que se deixe ao acaso ou a uma única mulher." Isso era algo que sua mãe poderia ter dito, pensou Paul. Ele se perguntou se Lady Jessica havia se comunicado secretamente com Chani. Sua mãe pensaria em termos da Casa Atreides. Era um padrão inculcado e condicionado nela pelas Bene Gesserit, e continuaria verdadeiro mesmo agora, quando seus poderes estavam voltados contra a Irmandade. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 765 - tradução nossa)<sup>61</sup>

A consciência política de Chani, bem como os hábitos afetivo-sexuais dos Fremen, revelam que a maternidade compulsória perde sentido quando inserida em uma lógica de reciprocidade e resistência, e não subordinada a interesses coloniais e biopolíticos. Vandana Shiva (2014) propõe uma inversão da lógica opressora patriarcal, indicando que a solução está na valorização integral da vida, no respeito às demais espécies e na construção de uma

---

<sup>61</sup> Fremen women had shared their men for thousands of years — not always in peace, but with a way of making the fact nondestructive. Something mysteriously Fremen in this fashion had happened in Chani. "You'll give me the only heir I want," he said. "You've seen this?" she asked, making it obvious by her emphasis that she referred to prescience. [...] "You've not seen it, then," Chani said. [...] Chani covered his legs, said: "An heir to House Atreides — this is not something you leave to chance or one woman." That was a thing his mother might've said, Paul thought. He wondered if the Lady Jessica had been in secret communication with Chani. His mother would think in terms of House Atreides. It was a pattern bred and conditioned into her by the Bene Gesserit, and would hold true even now when her powers were turned against the Sisterhood. (Herbert, 2020, vol. 2, p. 765)

humanidade baseada na interdependência. Acima de tudo, é preciso reconstituir os sujeitos femininos enquanto seres humanos plenos, não mais limitados a sua função reprodutiva.

A partir dessa compreensão, podemos compreender que a maternidade compulsória muitas vezes está ligada a um paternar invisível, pautado na inseminação e uma possível estadia. Nesse sentido, enquanto mulheres são submetidas a um extremo esforço físico e desgaste emocional, Adrienne Rich (1995) o desejo masculino de transcender a morte e de passar seus bens adiante revela um foco obsessivo em poder político. Ainda, a autora estabelece que uma das formas de aquisição de poder feminino está conectada ao masculino, seja através do casamento ou do maternar, retira a subjetividade feminina e nos faz questionar as escolhas de Chani em *Duna*. Se anteriormente, a concubina de Paul demonstra as estratégias planejadas por ela para a manutenção do trono Atreides, em sua próxima aparição podemos observar uma certa obediência ou talvez até uma tentativa de agência própria. Assim, o texto literário nos apresenta:

“Eu só fui porque quero um filho”, disse Chani. Paul foi incapaz de falar. Sentiu-se consumido pela força bruta daquela visão antiga. Propósito terrível! Naquele momento, toda a sua vida era como um membro sacudido pelo voo de um pássaro... e o pássaro era o acaso. O livre-arbítrio. Sucumbi ao encanto do oráculo, pensou. E percebeu que sucumbir a esse encanto talvez fosse se prender a uma vida de trilha única. Será possível, perguntou-se, que o oráculo não dissesse o futuro? Será possível que o oráculo criasse o futuro? Teria ele exposto sua vida a alguma teia de fios subjacentes — prendendo-se ali, naquele despertar de tanto tempo atrás — uma vítima de um futuro-aranha que, mesmo agora, avançava sobre ele com mandíbulas aterradoras?[...] “Eu sei que isso te irrita”, disse Chani, tocando seu braço. “É verdade que as tribos reviveram os antigos rituais e os sacrifícios de sangue, mas eu não participei deles.” [...] “Por favor”, implorou Chani. “Eu quero um filho — nosso filho. É algo tão terrível assim?” (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250 - tradução nossa)<sup>62</sup>

A partir desse trecho, Chani revela um desejo que parece emergir de uma necessidade urgente, sobretudo porque, em aparições anteriores, ela não manifesta a mesma vontade explícita de ser mãe. Entretanto, a intensidade de sua angústia confunde o leitor: trata-se de um gesto de obediência inconsciente, moldado por estruturas patriarcais, ou de um desejo

<sup>62</sup> "I only went because I want a child," Chani said. Paul was unable to speak. He felt himself consumed by the raw power of that early vision. Terrible purpose! In that moment, his whole life was like a limb shaken by the departure of a bird... and the bird was chance. Free will. I succumbed to the lure of the oracle, he thought. And he sensed that to succumb to this lure might be to fix himself upon a single-track life. Could it be, he wondered, that the oracle didn't tell the future? Could it be that the oracle made the future? Had he exposed his life to some web of underlying threads—trapped himself there, in that long-ago awakening—a victim of a spider-future which, even now, advanced upon him with terrifying jaws? A Bene Gesserit axiom slipped into his mind: "To use raw power is to make yourself infinitely vulnerable to greater powers." "I know it angers you," Chani said, touching his arm. "It's true that the tribes have revived the old rites and the blood sacrifices, but I took no part in those." Paul inhaled a deep, trembling breath. The torrent of his vision dissipated, becoming a deep, still place whose currents moved with absorbing power beyond his reach. "Please," Chani begged. "I want a child—our child. Is that such a terrible thing?"(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250)

genuinamente despertado pela experiência da maternidade? Novamente, Herbert tensiona os temas centrais que atravessam a trajetória maternal de Chani e, paralelamente, confronta o livre-arbítrio de Paul. Ao apresentar o futuro como um território já colonizado pela visão profética, o romance retira de Paul qualquer ilusão de controle. Ainda que continue sendo uma figura influente em Arrakis, ele agora se vê diante de uma encruzilhada: tudo já estaria dado, ou ainda haveria espaço para escolhas que pudessem alterar o curso dos acontecimentos?

Entretanto, podemos considerar que é a partir do desejo maternal que Chani se reconecta com a cultura Fremen, após um período de afastamento do deserto. Essa reaproximação, e por consequência o distanciamento das práticas imperiais, permite que seu corpo elimine as substâncias contraceptivas aplicadas por Irulan, recuperando, assim, uma certa autonomia corporal. Apesar da insatisfação de Paul, Chani opta por reivindicar seu corpo como território sagrado e busca gerar um herdeiro que não seja apenas Atreides, mas, sobretudo, Fremen.

Todavia, é importante termos em mente que a mudança de Chani não é representada com significância nos livros, não conseguimos acompanhar o que motiva sua mudança até que aconteça. O que gera o questionamento: o desejo maternal de Chani é pautado em assimilação das pressões sociais que recaem sobre seu corpo? Ou seria realmente a tentativa de obter liberdade e voz política? Se pensarmos no conceito de controle de natalidade ou liberdade é limitada em *Duna*, principalmente quando observamos como a personagem não possui autonomia o suficiente para ter outras opções que não sejam a de concubina real.

Em virtude disso, é novamente a partir do messias que podemos observar uma maternidade carregada de símbolos políticos. Nesse sentido, pensando a partir de Judith Butler (2003) como Chani é atravessada por uma performance incubida ao seu gênero, a personagem passa a representar os interesses dos Atreides, dos Fremen e o futuro do Império. Assim, podemos compreender a partir de Butler como a gravidez deixa de ser compreendida enquanto uma temática biológica e natural, transformando-se em uma construção política e discursiva imposta às mulheres. Podemos perceber esse fator principalmente através da postura de Paul, sempre demonstrando preocupações com o futuro do universo:

“Não tema, minha Sihaya. Esqueça o mistério e aceite o amor. Não há mistério no amor. Ele vem da vida. Você não sente isso?” [...] “Eu te prometo uma coisa, amada”, ele disse. “Uma criança nossa governará um império tão grandioso que o meu empalidecerá em comparação.” [...] “Mas isso é a eternidade.” Ele acariciou sua testa. [...] Ela sentiu algo se mover. Paul também sentiu. Ele colocou a mão em seu abdômen e disse: ‘Ahh, pequeno governante do universo, espere sua hora. Este

momento é meu.” [...] “Você não pode construir política com amor”, ele disse. “As pessoas não se importam com o amor; é desordenado demais. Elas preferem o despotismo. [...] E como tornar o despotismo amável?”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250 - tradução nossa)<sup>63</sup>

Se considerarmos as perspectivas políticas de Harraway, podemos observar como o corpo de Chani perde subjetividade e, novamente, se torna um local colonizado pelo messias. A fala de Paul contrasta não somente com o amor e a política, mas qual o papel destinado às mulheres. Enquanto as mulheres são destinadas ao lugar de cuidado e a maternidade, o masculino representa a política e o governo, como também argumenta Federici. Entretanto, sabemos que essas construções são sociais, não biologicamente inatas, é por isso que Chani mais uma vez se apresenta silenciada quando não lhe oferecem possibilidades e quando ela deve ceder tudo por amor.

O social corresponde a um papel importante na naturalização comum vemos a religião dando suporte a uma suposta inferioridade feminina, como podemos ver no manual inquisitório, *Malleus Maleficarum* ou até mesmo em *Woman Hating* de Dworkin. Assim, se considerarmos a religião enquanto um agente fundamental na centralização e fortalecimento do Estado, bem como na manipulação da mentalidade de cada período, a necessidade de Chani maternar está também na religião messiânica de seu companheiro. Como podemos observar, a personagem confia cegamente no herdeiro Atreides, contradizendo-o quando ele critica suas próprias escolhas.

Em *Messias de Duna*, somos capazes de acompanhar legiões de fiéis, venerando a posição de Paul Atreides sem questionamento, mesmo com os danos trazidos a Arrakis. Chani é uma das personagens que mais endossa o comportamento de seu companheiro, mesmo quando o próprio questiona as mortes promovidas pela jihad. Como no trecho: “Você não é um déspota!” ela protestou, amarrando seu lenço. “Suas leis são justas.”(HERBERT, 2020, vol. 2, 250) ou quando demonstra crer na mitologia que envolve o messias. Assim:

"Um grande verme foi visto abaixo da Muralha de Escudos ontem", disse Chani. "Mais de cem metros de comprimento, dizem. Vermes tão grandes raramente vêm mais para esta região. A água os repele, suponho. Dizem que este veio convocar Muad'dib de volta ao seu deserto." Ela beliscou o peito dele. "Não ria de mim!"(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 47 - tradução nossa)<sup>64</sup>

<sup>63</sup> “Don’t fear me, my Sihaya. Forget mystery and accept love. There’s no mystery about love. It comes from life. Can’t you feel that?” [...] “I promise you a thing, beloved,” he said. “A child of ours will rule such an empire that mine will fade in comparison.” [...] “But this is eternity.” He stroked her forehead. [...] She felt it stir. Paul felt it, too. He put a hand on her abdomen, said: ‘Ahh, little ruler of the universe, wait your time. This moment is mine.’” [...] “You can’t build politics on love,” he said. “People aren’t concerned with love; it’s too disordered. They prefer despotism. [...] And how do you make despotism lovable?”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250)

<sup>64</sup> "A big worm was seen below the Shield Wall yesterday," Chani said. "More than a hundred meters long, they

Considerando esses aspectos e pensando a partir de Mircea Eliade, o imaginário religioso de uma sociedade faz com que a criação de um mito se baseie na lógica do eterno retorno. Dessa forma, se considerarmos o sagrado a partir da figura de Paul Atreides, e o profano como tudo que o cerca, a decisão de Chani ganha mais uma camada de pressão. Se antes havia apenas as pressões política e social, agora a religião atua como um lembrete consciente de sua gratidão para com o messias.

A dimensão sagrada de sua gravidez pode ser observada não apenas na reprodução automática a que Chani é submetida, mas também nas promessas de futuro que lhe são dirigidas. Como se vê no trecho: “Eu te prometo uma coisa, amada,” ele disse. “Um filho nosso governará um império tal que o meu parecerá insignificante em comparação. Tais realizações de vida, arte e sublime...”<sup>65</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250 - tradução nossa). Entretanto, a promessa se limita aos descendentes de Paul, enquanto Chani, consciente de seu esgotamento físico, reconhece sua própria finitude: “Você pode ter a eternidade. Eu tenho somente o agora”<sup>66</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 252 - tradução nossa).

À medida que as páginas avançam, a presença de Chani torna-se cada vez mais efêmera. Quando sua morte enfim ocorre, é sua voz que evoca Paul, encerrando o ciclo de sacrifício ao qual foi submetida. Invisibilizada, silenciada e periferizada, Chani permanece como um corpo-território ofertado ao império, uma existência moldada não pela escolha, mas pela função. Do mesmo modo que o deserto, quando este o deixa de ser útil, ele é descartado e perde seu valor. Assim, podemos observar no trecho o chamado de Chani:

Será que ele apenas imaginou o som? Fora seu nome tribal chamado do deserto — distante e baixo: "Usul... Uuuusssuuullll..." [...] "Chani..." disse Tandis. "Está morta," Paul sussurrou. "Ouvi ela chamar."(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 309 - tradução nossa).<sup>67</sup>

Como demonstra Federici (2023), o foco no parto muitas vezes está vinculado exclusivamente à eficiência e à reprodução. Nesse sentido, ao cumprir seu dever de gerar

---

say. Such big ones come rarely into this region any more. The water repels them, I suppose. They say this one came to summon Muad'dib home to his desert." She pinched his chest. "Don't laugh at me!" (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 47)

<sup>65</sup> "I promise you a thing, beloved," he said. "A child of ours will rule such an empire that mine will fade in comparison. Such achievements of living and art and sublime..." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 250).

<sup>66</sup> "You may have eternity. I have only now." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 252).

<sup>67</sup> Had he only imagined the sound? It'd been his tribal name called from the desert -- far away and low: "Usul . . . Uuuusssuuullll . . ." [...] "Chani . . ." Tandis said. "Is dead," Paul whispered. "I heard her call." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 309).

gêmeos o ato de parir deixa de ser um processo subjetivo e conectado ao íntimo feminino, tornando-se um procedimento mecânico, desprovido de liberdade. Ainda assim, após sua morte, a possibilidade de revivê-la é descartada, pois significaria comprometer o futuro dos Atreides. O corpo de Chani, ainda em morte, permanece submetido a uma lógica utilitarista: se já serviu ao projeto sucessório, não há razão para sua permanência.

"Para fazer um acordo, é necessário ter algo a vender," disse Scytale. "Não é assim, Atreides? Você quer ter sua Chani de volta? Podemos restaurá-la para você. Um gholá, Atreides. Um gholá com memória completa! Mas devemos nos apressar. Chame seus amigos para trazer um tanque criológico para preservar a carne." [...] "Que pressões você usaria para restaurar a memória dela?" Paul perguntou, lutando para manter a voz calma. [...] "Há alguns preços que um Atreides não pode pagar," disse Paul. "Você sabe disso." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 322 - tradução nossa)<sup>68</sup>

Considerando esses elementos, podemos observar como a maternidade como meta de vida<sup>69</sup> determina o futuro de Chani até que sua existência seja extinta em prol do Império. Sua gestação e a transformação da natureza de Arrakis simbolizam não apenas o esgotamento físico do corpo feminino, mas também a morte de toda uma cultura, apontando para a urgência de os Fremen retomarem o controle sobre seus corpos e territórios. Ao longo da narrativa, a maternidade de Chani é constantemente atravessada por forças imperiais, pressões políticas e exigências reprodutivas, perdendo seu caráter subjetivo e humano. Até mesmo sua possível ressurreição é politizada, sendo descartada após o cumprimento de sua função como concubina. Seja por uma internalização das normas patriarcais ou por uma tentativa de afirmar sua identidade Fremen dentro do Império, *Duna* não aprofunda as motivações e desejos de Chani. Como corpo-território colonizado, sua trajetória é moldada pela necessidade de gerar um herdeiro, reduzindo-a a uma máquina reprodutiva a serviço dos Atreides.

Em síntese, podemos observar como a maternidade de Chani não se configura como uma escolha individual, mas sim como uma imposição do império Atreides, previamente programada pelas visões de Paul. Dessa forma, seja pelo exercício automático da maternidade compulsória, seja pelo desejo de satisfazer seu companheiro, Chani perde gradualmente o poder sobre seu próprio corpo, passando a representar a utilidade feminina associada à maternidade.

Como afirma Ariel Salleh, "O fato de que os homens se perturbam mais com a perda

<sup>68</sup> ""To strike a bargain, one requires a thing to sell," Scytale said. "Not so, Atreides? Will you have your Chani back? We can restore her to you. A gholá, Atreides. A gholá with full memory! But we must hurry. Call your friends to bring a cryologic tank to preserve the flesh." [...] "What pressures would you use to restore Chani's memory to her?" Paul asked, fighting to keep his voice calm. [...] "There are some prices an Atreides cannot pay," Paul said. "You know that." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 322)

<sup>69</sup> Como propõe Gerda Lerner em *A Criação do Patriarcado* (2019).

de uma esposa do que com o valor de seu salário demonstra o valor de uma esposa como uma ‘condição de produção’ — sexual, psicológica e econômica.”<sup>70</sup> (SALLEH, 2009, p. 11 - tradução nossa). Portanto, mesmo que seu papel seja minimizado e menosprezado, Chani é fundamental para a consolidação dos Atreides no poder. O trabalho invisível por ela realizado revela-se essencial para a funcionalidade de Paul Atreides enquanto imperador, que, após sua morte, abandona tudo.

### ***2.3 Entre Chani E Irulan: A Segmentação Feminina Entre O Íntimo E O Estatal.***

A dualidade criada entre Chani e Irulan reforça estereótipos raciais que hierarquizam as mulheres, ou seja, Irulan é ideal para se casar com Paul e Chani ideal para uma relação extraconjugal. Apesar de Chani ser descrita enquanto uma mulher de pele clara, diferentemente dos filmes de Villeneuve, a colonialidade presente no Império estabelece os lugares ocupados por cada mulher. Assim, nesta subseção observaremos de forma mais atenta como ambas são posicionadas na narrativa, notando que apesar do privilégio racial de Irulan, seu gênero ainda determina qual lugar ela ocupa na vida de Paul.

Apesar de desempenhar a mesma função de Lady Jessica, - isto é, ser concubina de um Duke - o recorte racial perpassa toda a existência de Chani e diferencia as personagens. Enquanto a mãe do protagonista é uma Bene Gesserit influente, a nativa de Arrakis é inferiorizada pelo próprio sistema imperial que oprime a existência dos Fremen. Nesse sentido, mesmo ocupando lugares semelhantes politicamente é possível perceber como os privilégios e a posição política são divergentes na narrativa. Se pensarmos a questão racial proposta por *Fanon*, como o desejo colonial objetifica as mulheres racializadas enquanto exóticas, muitas vezes fetichizando personagens como Chani.

Considerando os aspectos raciais e de gênero que atravessam Chani, podemos perceber que a personagem é utilizada como uma forma de reprodução do poder imperial, instrumentalizando sua maternidade. De outro lado, podemos observar Irulan como filha do último imperador, uma mulher privilegiada e considerada apta a ocupar o lugar de esposa. Seria este um processo de racismo institucional? O processo proposto por Cida Bento (2022) demonstra como o Império de Paul se constroi e se mantém a partir de estruturas racistas. Apesar de ter um tratamento humanizado e ter valor político para a galáxia, ser mulher em *Duna* a mantém também em uma relação de objetificação com Paul.

---

<sup>70</sup> “The fact that men are bothered rather more by the loss of a wife than by the level of their wage demonstrates a wife's value as a ‘condition of production’—sexual, psychological, and economic” (SALLEH, 2009, p. 11).

Na terceira seção de *Duna, Book of Muad'Dib*, Paul exige pela mão da princesa Irulan em troca da segurança do Imperador Shaddam IV. Apesar de ter uma relação íntima com Chani e não consultá-la sobre a estratégia, Paul estabelece: “Sua filha casa comigo e o caminho fica aberto para que um Atreides se sente no trono.”<sup>71</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 790 - tradução nossa). Em outras palavras, Irulan é reduzida ao seu potencial político e matrimonial, Lerner (2019) demonstra como essa mercantilização transfere um caráter de propriedade ao feminino.

Nesse sentido, podemos observar como Chani e Irulan representam não só distintas formas de opressão patriarcal, mas também são divididas entre os espaços do íntimo e do estatal de Paul. A distinção entre suas classes, também estabelecidas por Lerner (2019), determina o grau de liberdade e de direitos que cada uma possuía. No que tange a fidelidade, Paul não impõe a Irulan que não mantenha relações íntimas com outros homens, visto que ambos não tinham uma relação sexual, mas proíbe estritamente que ela gerasse um filho de outro homem e limita o controle de seu ventre. Não somente por receio de ameaçar seu legado, mas também por medo de enfraquecer sua imagem enquanto imperador.

Enquanto uma extensão de Paul, Irulan tem seu corpo apropriado em prol do Império e é objeto da ordem das Bene Gesserit, tendo sua identidade reduzida a estratégias diplomáticas e reprodutivas. Apesar do grupo religioso ser comandado por mulheres, estas ainda se utilizam dos corpos de outras mulheres em prol de seus objetivos políticos e, muitas vezes, caminham em consonância com os anseios masculinos. Nesse sentido, a opressão e a objetificação não se anulam quando são exercidas por mulheres, a dominação não deixa de ser violência por uma mulher ou minoria.

Como explora Merchant, podemos observar, através da história, como a instrumentalização dos corpos femininos está diretamente conectada ao afastamento e à exploração da natureza. Assim como também propõe Dworkin, é a partir da centralização do Estado absolutista na Idade Média que os corpos femininos perdem grande parte de sua autonomia, o domínio da medicina natural, o controle sobre a natalidade e, por consequência, o não questionamento da exploração tanto das mulheres quanto da natureza. Após séculos de invisibilização das opressões femininas, é a partir da compreensão desses cenários que o ecofeminismo ganha forças e desmantela as estruturas impostas pelo patriarcado.

Do mesmo modo, o fato de Irulan ter envenenado Chani por anos não faz com que seja moralmente correto ou emancipa a personagem de culpa o fato de que: “Irulan prolongou sua

---

<sup>71</sup> “Your daughter wed to me and the way opened for an Atreides to sit on the throne.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 790)

vida, amada.”<sup>72</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 197 - tradução nossa). Em *Duna*, é comum observarmos Herbert tensionando os limites de cada situação e criando perspectivas dúbias em toda trilogia. No entanto, se pensarmos no conceito de liberdade - ou até mesmo moralidade construída a partir da liberdade - estabelecido por Simone de Beauvoir (2025), a liberdade de fato só existe quando estiver condicionada a liberdade de todos, sem exceção. Assim, as ações de Paul ou Irulan, ainda que ambíguos, não podem ser dissociadas de sua violência e da retirada de autonomia tanto de Chani quanto da própria Irulan.

Dessa maneira, ao adotarmos o ecofeminismo como conceito central desta discussão, é fundamental enfatizar uma abordagem inclusiva e interseccional. O ecofeminismo branco, assim como o feminismo liberal, não é capaz de promover a emancipação plena das mulheres e da natureza, pois ignora as múltiplas opressões atravessadas por raça, classe e colonialismo. Como argumenta Malcom Ferdinand, uma verdadeira revolução ecológica só pode ser conduzida pelos povos nativos e pelas minorias étnicas; do contrário, corre-se o risco de libertar apenas um tipo específico de natureza e de mulher, aqueles que já ocupam posições privilegiadas dentro do sistema.

Apesar de serem construídas enquanto antagonistas, ambas são vítimas de um mesmo sistema que as objetifica e limita sua autonomia. Podemos perceber como o patriarcado as rivaliza, assim, Paul comenta: “Em outras circunstâncias Chani e Irulan poderiam ter sido amigas.”<sup>73</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 38 - tradução nossa). Embora a cultura Fremen admita que os homens tenham mais de uma esposa, as diferenças culturais e os interesses políticos conflitantes entre Chani e Irulan contribuem para que elas sejam construídas como rivais ao longo da narrativa. Em *Além da Pele*, Silvia Federici defende a necessidade de restaurar as conexões rompidas pelo capitalismo. Assim, tanto nas relações entre mulheres, como no caso de Chani e Irulan, quanto na própria relação entre os povos e a natureza, para que a galáxia possa coexistir em harmonia.

Historicamente, Ariel Salleh (1995) demonstra como as mulheres deixaram de controlar não só os meios de produção, mas principalmente sua própria fertilidade e gestação. O ecofeminismo de Salleh demonstra como o isolamento e a perda de sua autonomia intelectual ecoam a partir do serviço doméstico não remunerado. Nesse sentido, podemos compreender como as mulheres são excluídas da lógica de acumulação de capital e, principalmente, da economia. Como Federici demonstra, se nosso valor socialmente é construído a partir da exploração da nossa mão de obra, o que resta às mulheres e às naturezas

---

<sup>72</sup> “Irulan prolonged your life, beloved.”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 197)

<sup>73</sup> “Under other circumstances Chani and Irulan might have been friends.” (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 37-38)

que vivem uma renúncia constante e imposta do seu labor?

Pensando na maternidade, enquanto fenômeno de reprodução e não produção, Salleh demonstra como tal ato é destituído de valor por não ser considerado uma atividade capitalizável, tal como a produção. Do mesmo modo que a natureza, Salleh propõe que “elas estão prontamente disponíveis e descartáveis, e como a natureza no patriarcado capitalista, elas não têm subjetividade para se manifestar.”<sup>74</sup>(SALLEH, 2009, p. 30 - tradução nossa). Isto é, podemos observar em *Duna* como Chani e Irulan estão ao dispor de Paul Atreides, aguardando as decisões sobre seus corpos serem tomadas, ou como Chani, aguardando o sucesso de uma concepção. Como demonstra o trecho:

Suavemente, com um ar casual que não o enganou, ela disse: “Vamos discutir o desejo de Irulan por um filho.” Os olhos de Paul se arregalaram. Ele estudou Chani cuidadosamente. “Irulan voltou de Wallach há menos de dois dias,” ele disse. “Ela já te incomodou?” “Não discutimos suas frustrações,” disse Chani. [...] “Eu perturbei sua mente,” disse Chani. “Essa não era minha intenção.” “Qual era sua intenção?” Ela sorriu timidamente, encontrando o olhar dele. “Se você está zangado, amor, por favor, não esconda.” Paul recostou-se contra a cabeceira. “Devo afastá-la?” ele perguntou. “O uso dela é limitado agora e não gosto das coisas que percebo sobre sua viagem de volta à Irmandade.” “Você não vai afastá-la,” disse Chani. Ela continuou massageando as pernas dele e falou com naturalidade: “Você já disse muitas vezes que ela é seu contato com nossos inimigos, que pode ler os planos deles através das ações dela.” “Então por que perguntar sobre o desejo dela por um filho?” “Acho que isso desconcertaria nossos inimigos e colocaria Irulan numa posição vulnerável, caso você a engravidasse.” [...] “Chani, amada, eu jurei um voto de nunca levá-la para a minha cama. Um filho lhe daria poder demais. Você gostaria que ela te substituísse?” “Eu não tenho lugar.” “Não é assim, Sihaya, minha primavera do deserto. Que súbita preocupação é essa com Irulan?” “É preocupação com você, não com ela! Se ela carregasse um filho dos Atreides, os amigos dela questionariam sua lealdade. Quanto menos confiança nossos inimigos depositarem nela, menos útil ela será para eles.”<sup>75</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 37 - tradução nossa)

A desconsideração da estratégia política de Chani fica evidente por parte de Paul; ainda assim, o que se observa com mais clareza é como o protagonista toma decisões sobre os corpos de Irulan e Chani, mesmo quando uma delas não está presente. Enquanto homem e imperador, Paul reafirma seu poder ao determinar o futuro de sua esposa e concubina,

<sup>74</sup> “they are readily available and disposable; and like nature under capitalist patriarchy, they have no subjectivity to speak of.”(SALLEH, 2009, p. 30)

<sup>75</sup> “Let us not play these silly games,” he said. “You play a part, no more. We both know who my wife is.” “And I am a convenience, nothing more,” she said, voice heavy with bitterness. “I have no wish to be cruel to you,” he said. “You chose me for this position.” “Not I,” he said. “Fate chose you. Your father chose you. The Bene Gesserit chose you. The Guild chose you. And they have chosen you once more. For what have they chosen you, Irulan?” “Why can’t I have your child?” “Because that’s a role for which you weren’t chosen.” “It’s my right to bear the royal heir! My father was --” “Your father was and is a beast. We both know he’d lost almost all touch with the humanity he was supposed to rule and protect.” “Was he hated less than you’re hated?” she flared. “A good question,” he agreed, a sardonic smile touching the edges of his mouth. “You say you’ve no wish to be cruel to me, yet . . .” “And that’s why I agree that you can take any lover you choose. But understand me well: take a lover, but bring no sour-fathered child into my household. I would deny such a child. I don’t begrudge you any male alliance as long as you are discreet... and childless.”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 37)

retirando-lhes sem agência própria e reduzindo sua voz na narrativa. Do mesmo modo, Stephanie Lahar (1991) afirma como alguns contextos, por exemplo a guerra, podem retirar a humanidade e a subjetividade de alguns indivíduos, tornando-os objetos sexuais ou até mesmo um inimigo sem face.

Semelhantemente à Gloucester em *King Lear* de William Shakespeare, entre o dever do Estado e a intimidade, Paul também é dividido entre as obrigações imperiais e suas relações afetivas. Entretanto, o messias mantém ambas à sua disposição e atua como um agente ativo de suas opressões, mantendo-as enquanto figuras simbólicas que reforçam seu poder. O trecho seguinte demonstra como a ambiguidade e a política que contaminam até mesmo o espaço íntimo:

Lembrando-se do encontro agora, Paul retirou sua consciência dele e focou em Chani, sentada ao seu lado na cama. Ele conseguia compreender seus sentimentos ambivalentes sobre Irulan, compreender a decisão Fremem de Chani. Em outras circunstâncias, Chani e Irulan poderiam ter sido amigas. "O que você decidiu?" perguntou Chani. "Nenhuma criança", ele disse. Chani fez o sinal Fremem com o crysknife, com o dedo indicador e o polegar da mão direita. "Pode chegar a isso", ele concordou. "Você não acha que uma criança resolveria alguma coisa com Irulan?" ela perguntou. "Só um tolo pensaria isso." "Eu não sou uma tola, meu amor." A raiva o dominou. "Eu nunca disse que você fosse! Mas isso não é algum maldito romance romântico que estamos discutindo. Aquela é uma princesa de verdade ali no corredor. Ela foi criada em todas as intrigas perversas de uma Corte Imperial. Conspirar é tão natural para ela quanto escrever suas histórias estúpidas!" "Elas não são estúpidas, amor." "Provavelmente não são." Ele controlou a raiva, pegou sua mão. "Desculpe. Mas aquela mulher tem muitos complôs — complôs dentro de complôs. Ceder a uma de suas ambições pode fazer você avançar outra delas." Com a voz suave, Chani disse: "Eu sempre disse isso, não disse?" "Sim, claro que disse." Ele a fitou. "Então o que você está realmente tentando me dizer?" Ela se deitou ao lado dele, colocou a mão contra seu pescoço. "Eles chegaram a uma decisão sobre como lutar contra você", ela disse. "Irulan exala decisões secretas." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 38 - tradução nossa)<sup>76</sup>

Nesse trecho, observa-se que Paul é quem determina os espaços que Chani e Irulan ocuparão em sua vida, incluindo a decisão sobre quem poderá ou não gestar seus filhos.

---

<sup>76</sup> Remembering the encounter now, Paul brought his awareness out of it and focused on Chani seated beside him on their bed. He could understand his ambivalent feelings about Irulan, understand Chani's Fremem decision. Under other circumstances Chani and Irulan might have been friends. "What have you decided?" Chani asked. "No child," he said. Chani made the Fremem crysknife sign with the index finger and thumb of her right hand. "It could come to that," he agreed. "You don't think a child would solve anything with Irulan?" she asked. "Only a fool would think that." "I am not a fool, my love." Anger possessed him. "I've never said you were! But this isn't some damned romantic novel we're discussing. That's a real princess down the hall. She was raised in all the nasty intrigues of an Imperial Court. Plotting is as natural to her as writing her stupid histories!" "They are not stupid, love." "Probably not." He brought his anger under control, took her hand in his. "Sorry. But that woman has many plots -- plots within plots. Give into one of her ambitions and you could advance another of them." Her voice mild, Chani said: "Haven't I always said as much?" "Yes, of course you have." He stared at her. "Then what are you really trying to say to me?" She lay down beside him, placed her hand against his neck. "They have come to a decision on how to fight you," she said. "Irulan reeks of secret decisions." (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 38)

Assim, embora busque proteger Chani da influência de Irulan, ele também restringe a autonomia dela e sua capacidade de cuidar de si mesma, tornando-a vulnerável. Quanto a Irulan, mesmo na ausência de uma relação afetiva, Paul a instrumentaliza conforme seus interesses estratégicos, chegando a alterar sua posição ao considerar a possibilidade de uma gestação por inseminação artificial. Dessa forma, fica evidente que tanto Chani quanto Irulan são tratadas como ferramentas para os objetivos de Paul, mesmo que ele demonstre alguma simpatia por ambas.

Seja pela conexão de Irulan com toda a galáxia, assegurando seu trono, ou pela relação íntima com Chani, que mantém sua conexão com os Fremen. Paul renova o pacto narcísico da branquitude ao estabelecer Chani enquanto concubina e reservando à Irulan o imagético de Imperatriz consorte. Apesar de ser o responsável por diversas decisões, Paul não se responsabiliza por seus atos, agindo como se todos os últimos acontecimentos fossem inevitáveis. Assim como podemos observar no trecho:

“Não vamos jogar esses joguinhos tolos,” ele disse. “Você representa um papel, nada mais. Nós dois sabemos quem é minha esposa.” “E eu sou uma conveniência, nada mais,” ela disse, com a voz carregada de amargura. “Não tenho desejo de ser cruel com você,” ele disse. “Você me escolheu para essa posição.” “Não fui eu,” ele disse. “O destino escolheu você. Seu pai escolheu você. As Bene Gesserit escolheram você. A Guilda escolheu você. E eles a escolheram mais uma vez. Para quê eles a escolheram, Irulan?” “Por que eu não posso ter seu filho?” “Porque esse é um papel para o qual você não foi escolhida.” “É meu direito gerar o herdeiro real! Meu pai foi —” “Seu pai foi e é uma besta. Nós dois sabemos que ele havia perdido quase todo o contato com a humanidade que deveria governar e proteger.” “Ele era menos odiado do que você é odiado?” ela disparou. “Boa pergunta,” ele concordou, um sorriso sarcástico tocando os cantos da boca. “Você diz que não quer ser cruel comigo, mas...” “E é por isso que eu concordo que você pode tomar qualquer amante que escolher. Mas me entenda bem: tenha um amante, mas não traga uma criança de paternidade duvidosa para o meu lar. Eu negaria tal filho. Eu não ressentirei nenhuma aliança masculina, desde que seja discreta... e sem filhos.”<sup>77</sup> (HERBERT, 2020, vol. 2, p.43 -tradução nossa)

Podemos compreender a importância política de Irulan enquanto peça fundamental na tentativa de estabilizar o novo império, já que sua união com Paul representa a fusão simbólica entre o poder deposto e o poder ascendente. No entanto, é Paul quem escolhe Irulan

---

<sup>77</sup> "Let us not play these silly games," he said. "You play a part, no more. We both know who my wife is." "And I am a convenience, nothing more," she said, voice heavy with bitterness. "I have no wish to be cruel to you," he said. "You chose me for this position." "Not I," he said. "Fate chose you. Your father chose you. The Bene Gesserit chose you. The Guild chose you. And they have chosen you once more. For what have they chosen you, Irulan?" "Why can't I have your child?" "Because that's a role for which you weren't chosen." "It's my right to bear the royal heir! My father was --" "Your father was and is a beast. We both know he'd lost almost all touch with the humanity he was supposed to rule and protect." "Was he hated less than you're hated?" she flared. "A good question," he agreed, a sardonic smile touching the edges of his mouth. "You say you've no wish to be cruel to me, yet . . ." "And that's why I agree that you can take any lover you choose. But understand me well: take a lover, but bring no sour-fathered child into my household. I would deny such a child. I don't begrudge you any male alliance as long as you are discreet... and childless. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 43)

e formaliza o pedido de casamento ao Imperador Shaddam IV, em um gesto previamente calculado de afirmação de soberania. Ao culpar o destino, o protagonista nega responsabilidade de suas ações, mantendo Irulan em um limbo da não escolha: ela não é verdadeiramente esposa, tampouco é mãe de seus herdeiros, nem mesmo possui agência política efetiva.

Irulan é mantida enquanto uma figura simbólica, renegada ao afeto do marido e não possui agência política. Por outro lado, Chani ocupa o espaço amoroso, mas também vive sem a presença plena de Paul. Ambas vivem à sombra do Messias: uma carrega seu nome, a outra, seu amor. Essa partilha desigual não apenas define os papéis de Irulan e Chani na ordem imperial, como também evidencia a negação de sua subjetividade plena. Enquanto são utilizadas para fins distintos, seja como figura diplomática ou como corpo reprodutivo, nenhuma das duas é reconhecida como sujeito completo, dotado de agência e liberdade.

Enquanto corpo-território, Irulan é reduzida a seu potencial reprodutivo apenas quando a linhagem de Paul é ameaçada. O conceito de colonialismo do útero, desenvolvido por Silvia Federici, permite compreender como o patriarcado se apropria das funções reprodutivas femininas, instrumentalizando-as conforme seus próprios interesses políticos e hereditários. Após negar a Irulan o direito à maternidade durante toda a narrativa, Paul subitamente recua:

“Que moeda você oferece?” ela perguntou. “Você pode ter minha semente, mas não minha pessoa,” disse Paul. “Irulan banida e inseminada artificialmente --” “Você ousa!” a Reverenda Mãe explodiu, endurecendo-se.<sup>78</sup>(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 179 - tradução nossa)

A fala de Paul reforça a desumanização de Irulan, ela não é desejada enquanto sujeito, mas somente como útero para reprodução do poder imperial. Ainda que a inseminação artificial represente um avanço tecnológico, ela aqui não emancipa e não dá agência total à Irulan; ao contrário, reforça a lógica patriarcal de dominação técnica sobre o corpo feminino. A reprodução aqui se torna, mais uma vez, um campo de guerra simbólica, com as mulheres e a natureza sendo territórios a serem explorados.

O ecofeminismo surge, nesse contexto, como uma alternativa teórica e política capaz de articular as múltiplas formas de dominação que atravessam essas personagens, ao propor a superação de uma lógica de instrumentalização tanto da mulher quanto da natureza. Elizabeth Peredo Beltrán (2019), ao abordar os ecofeminismos do Sul, destaca a importância de compreender os corpos das mulheres como territórios simbólicos e concretos de disputa. O

---

<sup>78</sup> "What coin do you offer?" she asked. "You may have my seed, but not my person," Paul said. "Irulan banished and inseminated by artificial --" "You dare!" the Reverend Mother flared, stiffening. (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 179)

conceito de corpo-território permite observarmos Chani e Irulan não apenas como personagens instrumentais no jogo do poder, mas como espaços violados e silenciados por uma ordem patriarcal, colonialista e imperial.

“Alguém,” ela sussurrou, falando contra seu peito, “tem me dado um contraceptivo há muito tempo... antes de eu começar a nova dieta. Haverá problemas com este parto por causa disso.” “Mas há remédios?” ele perguntou. “Remédios perigosos. Eu sei a origem desse veneno! Vou querer o sangue dela.” “Minha Sihaya,” ele sussurrou, segurando-a perto para acalmar um tremor súbito. “Você vai gerar o herdeiro que queremos. Isso não é suficiente?” “Minha vida queima mais rápido,” ela disse, se pressionando contra ele. “O parto agora controla minha vida. Os médicos me disseram que está indo em um ritmo terrível. Eu preciso comer e comer... e tomar mais especiaria também... comer, beber. Eu vou matá-la por isso!” [...] Chani se afastou dele. “Ela não pode ser perdoada!” “Quem falou em perdoar?” “Então por que eu não deveria matá-la?” Foi uma pergunta tão direta, tão Fremem, que Paul quase se sentiu tomado por um desejo histérico de rir. Ele abafou isso dizendo: “Não adiantaria.” “Você viu isso?” Paul sentiu o estômago apertar com a lembrança vívida. “O que eu vi... o que eu vi...” [...] “Conte-me o que viu,” Chani disse. “Não posso.” “Por que não devo matá-la?” “Porque eu pedi.”<sup>79</sup> (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 197 - tradução nossa)

Podemos observar, então, que existe uma oposição entre Chani e Irulan construída pelo Império, que comanda seus corpos e exige obediência. Nesse sentido, por anos Irulan envenenou Chani a mando das Bene Gesserit, buscando não ocupar somente o espaço estatal em sua relação com Paul. Apesar de Irulan ser responsável pelo envenenamento de Chani, é Paul quem articula as opressões sofridas pelas personagens e comanda suas vidas. Enquanto antagonistas, a união das duas é fundamental para que ambas passem a ser reconhecidas como sujeitos plenos.

---

<sup>79</sup> “Someone,” she rasped, speaking against his breast, “has been feeding me a contraceptive for a long time... before I began the new diet. There’ll be problems with this birth because of it.” “But there are remedies?” he asked. “Dangerous remedies. I know the source of that poison! I’ll have her blood.” “My Sihaya,” he whispered, holding her close to calm a sudden trembling. “You’ll bear the heir we want. Isn’t that enough?” “My life burns faster,” she said, pressing against him. “The birth now controls my life. The medics told me it goes at a terrible pace. I must eat and eat... and take more spice, as well... eat it, drink it. I’ll kill her for this!” [...] Chani pushed away from him. “She cannot be forgiven!” “Who said anything about forgiving?” “Then why shouldn’t I kill her?” It was such a flat, Fremem question that Paul felt himself almost overcome by a hysterical desire to laugh. He covered it by saying: “It wouldn’t help.” “You’ve seen that?” Paul felt his belly tighten with vision-memory. “What I’ve seen... what I’ve seen...” [...] “Tell me what you’ve seen,” Chani said. “I can’t.” “Why mustn’t I kill her?” “Because I ask it.” (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 197)

### ***CAPÍTULO 3 – LADY Jessica: ENTRE ESTRATÉGIAS POLÍTICAS E AS BENE GESSERIT***

Lady Jessica é apresentada enquanto um membro relevante das Bene Gesserit, sendo descrita como uma mulher inteligente, disciplinada e estrategista. Nas primeiras páginas a conhecemos como mãe de Paul Atreides e concubina de Leto Atreides. Sua participação política, mesmo que inicialmente como concubina de Leto, demonstra o domínio das doutrinas que lhe foram passadas e o cuidado em proteger os interesses de sua família. Enquanto membro das Bene Gesserit, Lady Jessica foi instruída a não gestar uma criança do sexo masculino para não atrapalharem uma futura aliança com os Harkonnen. Entretanto, seu amor pelo Duke fez com que ela gestasse o filho que ele desejava, um homem criado sob seus ensinamentos de Bene Gesserit.

A ordem planejava produzir um herdeiro masculino que unificasse o Império e estivesse sob seu controle, o Kwisatz Haderach. Ao mesmo tempo em que planejaram a criação do Kwisatz Haderach, as Bene Gesserit também planejaram e manipularam os Fremen a acreditarem que um homem de fora, nascido de uma Bene Gesserit e poderoso, traria mudança para Arrakis. Nesse sentido, podemos observar que a religião é utilizada enquanto um instrumento de manipulação e controle dos que estão sob seu controle. Dessa maneira, observar Lady Jessica enquanto uma mulher que reproduz comportamentos doutrinados a ela, mas também oprime, demonstra a complexidade da personagem.

Desde o início da trilogia, observa-se a recorrência do mantra: “I am Bene Gesserit: I exist only to serve” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 37). A repetição dessa frase não apenas reforça a disciplina interna da ordem, como também evidencia a autopercepção de Lady Jessica como um instrumento a serviço de um projeto maior. Em outras palavras, seu comportamento frequentemente reproduz, sem questionamento explícito, os princípios de obediência e submissão do treinamento Bene Gesserit, mesmo quando isso implica o apagamento de seus próprios desejos. Um exemplo marcante é sua decisão de permanecer como concubina de Leto Atreides, mesmo sabendo que poderia persuadi-lo a oficializar o casamento.

Com isso em mente, nos livros Lady Jessica mantém um relacionamento próximo e amoroso com o Duque Leto Atreides, mas seu treinamento Bene Gesserit a faz, de forma quase automática, estabelecer uma certa distância emocional. Em determinado momento, ela

reflete: “Se eu desejasse um fantoche, o Duque se casaria comigo”<sup>80</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 252 - tradução nossa). A frase evidencia que Jessica tem plena consciência de seu poder de persuasão e de que, se desejasse, poderia manipulá-lo para oficializar o casamento. Isso demonstra não apenas sua força e domínio sobre as emoções, mas também seu comprometimento com o papel estratégico que exerce. Neste capítulo, nos propomos a analisar as relações políticas da personagem e sua importância na consolidação de Paul Atreides enquanto Imperador. Assim, a análise desse capítulo seguiu a seguinte estrutura: 1) Lady Jessica e a formação Bene Gesserit; 2) Lady Jessica e o ecofascismo: A instrumentalização do sagrado e da natureza ; 3) Lady Jessica como mediadora colonial: gênero, culpa e poder.

### 3.1 Lady Jessica e a formação Bene Gesserit

Lady Jessica, mãe de Alia e Paul Atreides, foi um corpo disciplinado pelas Bene Gesserit. Como ocorre com outros membros da ordem, sua linhagem foi moldada com o intuito de unificar as casas mais poderosas do Império. Enquanto Bene Gesserit, a personagem encarna os dogmas e as práticas repressivas características da irmandade. No entanto, em sua esfera íntima, ela se permite agir de acordo com os interesses dos Atreides, utilizando sua posição social e suas habilidades para alcançar objetivos específicos. Ainda assim, observa-se que muitas das suas ações permanecem orientadas por interesses masculinos ou por projetos de terceiros, revelando uma tensão entre desejo individual, condicionamento institucional e as estruturas de poder que a atravessam.

“Você fez isso com pouquíssimas pistas”, disse ela. “Política, de fato. A escola original das Bene Gesserit foi dirigida por aquelas que perceberam a necessidade de um fio de continuidade nos assuntos humanos. Elas entenderam que não poderia haver tal continuidade sem separar a linhagem humana da linhagem animal — para fins de reprodução. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 18)<sup>81</sup>

Assim, podemos observar neste trecho como a irmandade tinha como intuito disciplinar e segregar suas integrantes, objetificando-as e suprimindo-as em prol do controle genético imperial. Em sua esfera íntima, Lady Jessica busca agir de forma política, utilizando

<sup>80</sup> “If I desire a puppet, the Duke would marry me” (HERJessica020, vol. 1, p. 252)

<sup>81</sup> “You did that on remarkably few clues,” she said. “Politics indeed. The original Bene Gesserit school was directed by those who saw the need of a thread of continuity in human affairs. They saw there could be no such continuity without separating human stock from animal stock -- for breeding purposes.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 18)

sua posição social para atingir objetivos próprios e de seus aliados. Entretanto, observa-se como Lady Jessica é limitada aos papéis que lhe são socialmente atribuídos, sendo descrita por Paul como “uma Bene Gesserit, a concubina de um duque e a mãe do herdeiro ducal”. Ao ser reduzida a essas funções, o que lhe resta em Duna são as funções que lhe foram atribuídas, refletindo um modelo histórico de condicionamento dos corpos femininos.

Embasados por Silvia Federici, podemos comparar as Bene Gesserit à movimentação política realizada pelo Estado e pela religião para a unificação do poder europeu. Nesse sentido, a irmandade também demonstra durante a saga sacrificar os corpos de mulheres para aumentar seu controle político, ainda que tal dinâmica possa parecer revolucionária por serem elas que detêm o poder, e não apenas por servirem como instrumentos. A instrumentalização de corpos femininos comandada por outros corpos femininos demonstra que seus planos visam à criação de uma nova forma de subordinação, não a destruição de hierarquias.

Observamos também que esse processo constrói a imagem da bruxa má atribuída a suas integrantes, o que fortalece projetos políticos masculinos e contribui para sua desumanização. Ao associar a atuação das Bene Gesserit a figuras manipuladoras e ameaçadoras, cria-se um imaginário que legitima o medo, a vigilância constante e a violência contra corpos femininos, ao mesmo tempo em que encobre as estruturas de poder que se beneficiam dessa estigmatização. Dessa forma, Lady Jessica é despida de humanidade ao tornar-se um cargo, perdendo a possibilidade de existir para além das funções que lhe são impostas.

Ainda com Federici em mente, o medo perante seus saberes científicos e empíricos favorece a perseguição de Lady Jessica e de outras Bene Gesserit. Em Duna, Lady Jessica é, por um longo período, a principal suspeita pela morte do duque Leto e pela suposta traição de sua casa aos Harkonnen. Como observamos no trecho abaixo:

*Viverei o suficiente para vê-la estrangulada!*, pensou ele. *Eu deveria ter matado aquela bruxa Bene Gesserit quando tive a chance.* Não havia qualquer dúvida em sua mente sobre quem os havia traído — Lady Jessica. Ela se encaixava em todos os fatos disponíveis. [...] Como ela pôde fazer isso, quando isso significava se voltar também contra o próprio filho? Mas... quem sabe como pensa uma bruxa Bene Gesserit... se é que isso pode ser chamado de pensamento?(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 336-342 - tradução nossa)<sup>82</sup>

Em diversos momentos, a personagem é acusada de forma pejorativa de ser uma

---

<sup>82</sup> I will live long enough to see her strangled! he thought. I should've killed that Bene Gesserit witch when I had the chance. There was no doubt in his mind who had betrayed them--the Lady Jessica. She fitted all the facts available.[...]How could she do this when it meant turning also against her own son? But... who knows how a Bene Gesserit witch thinks... if you can call it thinking? (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 336)

bruxa, não apenas por ser uma mulher extremamente inteligente, mas também por ser considerada não confiável por conta de seus saberes enquanto Bene Gesserit. O conhecimento de Lady Jessica, e também de outras mulheres ao longo da história, não é visto como uma poderosa aliada política, mas passa a ser associado à ameaça, traição e a sua falta de humanidade, reforçando um imaginário que legitima sua perseguição. O fortalecimento desse imaginário contribui para a fragmentação entre Lady Jessica e outros personagens da saga, além de criar um ciclo de desconfiança dentro da própria irmandade.

Retomando a desumanização das Bene Gesserit, convém mencionar o dever incumbido a Lady Jessica de gestar uma herdeira para Leto, e não um herdeiro. Entretanto, o desejo do duque acabou convencendo a mulher a conceder um filho do gênero masculino, indo contra as ordens de sua própria irmandade. Ao ter a maternidade imposta sobre si, pode-se observar como sua subjetividade é negada e como ela vive um processo de servidão involuntária. Assim, a personagem internaliza as violências sistêmicas do Império e das Bene Gesserit, resultando em um auto sacrifício que é naturalizado em uma sociedade misógina.

A reprodução aqui deixa de ser natural e ganha aspectos mecânicos, transformando a gestação em um território invisibilizado e apartado da humanidade, como apresenta Salleh (2017). Nesse sentido, não só a desumanização aparece no controle gestacional das Bene Gesserit, mas também na fragmentação destas enquanto coletivo. Embora tenha acesso ao conhecimento feminino de suas antecessoras, Lady Jessica só descobre ser herdeira dos Harkonnen quando essa informação lhe é revelada por Paul Atreides. Como demonstrado em:

"[...] Eu caminhei pelo futuro, examinei um registro, vi um lugar, tenho todos os dados. Nós somos Harkonnen."

"Um... ramo renegado da família", disse ela. "É isso, não é? Algum primo Harkonnen que—"

"Você é a própria filha do Barão", disse ele, observando a forma como ela levou as mãos à boca. "O Barão experimentou muitos prazeres em sua juventude e, certa vez, permitiu-se ser seduzido. Mas foi para fins genéticos das Bene Gesserit, por uma de vocês."

A forma como ele disse "vocês" atingiu-a como um tapa. Ainda assim, colocou sua mente em funcionamento, e ela não pôde negar suas palavras. Tantas lacunas de sentido em seu passado agora se estendiam e se conectavam. A filha que as Bene Gesserit queriam — não era para pôr fim à antiga disputa entre Atreides e Harkonnen, mas para corrigir algum fator genético em suas linhagens. O quê? Ela tateou em busca de uma resposta.(HERBERT, 2020, vol. 1, p.322 - tradução nossa)<sup>83</sup>

<sup>83</sup> [...]I've walked the future, I've looked at a record, I've seen a place, I have all the data. We're Harkonnens."

"A . . . renegade branch of the family," she said. "That's it, isn't it? Some Harkonnen cousin--"

"You're the Baron's own daughter," he said, and watched the way she pressed her hands to her mouth. "The Baron sampled many pleasures in his youth, and once permitted himself to be seduced. But it was for the genetic purposes of the Bene Gesserit, by one of you."

Apesar de constituírem a ordem mais antiga de *Duna*, nota-se que as Bene Gesserit são alienadas de si mesmas. O controle genético é o principal propósito da irmandade, mas ocorre em sacrifício da identidade e da subjetividade de todas as suas integrantes. Isto é, suas linhagens são estrategicamente criadas e omitidas, impedindo que cada Bene Gesserit desenvolva plena individualidade e autonomia sobre si. Assim, esse ciclo de controle evidencia uma fragmentação estratégica, à luz de Federici e Salleh, que reproduz ciclos de violência e segmenta os saberes femininos.

Embora Lady Jessica não siga todas as ordens da irmandade, a personagem não demonstra plena autonomia em relação aos próprios desejos. Suas ações que se desencontram de sua formação estão diretamente ligadas aos interesses e ao bem-estar de Paul ou de Leto Atreides. Nesse sentido, Lady Jessica tem seu sujeito intrinsecamente limitado devido à sua formação enquanto Bene Gesserit. Ela é, por excelência, o resultado de uma seita que racionaliza e instrumentaliza o corpo das mulheres, deixando-o desprendido de interesses próprios.

Somado a isso, a ordem milenar das Bene Gesserit demonstra domínio e disciplina em cada âmbito da vida de suas integrantes, exigindo controle corporal, mental e reprodutivo/sexual. Apesar de ser conduzida por mulheres e composta exclusivamente por mulheres, seus corpos são objetificados em prol da centralização do Império. A criação do Kwisatz Haderach, herdeiro masculino das Bene Gesserit, teria como intuito unir os saberes já dominados às casas centrais de *Duna*. Entretanto, a seita feminina demonstra que não pretende subverter as hierarquias de poder presentes em sua sociedade, mas utilizar para consolidar um Estado mais forte e confiar que um herdeiro masculino não as trairia.

A justificativa de que somente um homem seria capaz de unir o seu conhecimento ao feminino parece pouco crível quando pensamos na dimensão já alcançada pela irmandade. A suposta limitação biológica feminina pode parecer um acaso; entretanto, a internalização da lógica patriarcal se apresenta mais como um projeto político do que genético. A partir de Haraway (2020), podemos pensar os limites biológicos impostos ao corpo feminino como políticos e que façam com que o grupo internalize tais violências de gênero. Como notamos no trecho a seguir:

---

The way he said 'you' struck her like a slap. But it set her mind to working and she could not deny his words. So many blank ends of meaning in her past reached out now and linked. The daughter the Bene Gesserit wanted--it wasn't to end the old Atreides-Harkonnen feud, but to fix some genetic factor in their lines. What? She groped for an answer.(HERBERT, 2020, vol. 1, p.322)

"O narcótico é perigoso", disse ela, "mas concede percepção. Quando uma Dizedora da Verdade é agraciada pelo narcótico, ela pode olhar para muitos lugares em sua memória — na memória de seu corpo. Nós percorremos tantos caminhos do passado . . . mas apenas caminhos femininos." Sua voz assumiu um tom de tristeza. "Ainda assim, há um lugar que nenhuma Dizedora da Verdade pode ver. Somos repelidas por ele, aterrorizadas. Diz-se que um homem virá um dia e encontrará, no dom do narcótico, seu olho interior. Ele olhará onde nós não podemos — tanto para os passados femininos quanto masculinos."

"O seu Kwisatz Haderach?"

"Sim, aquele que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo: o Kwisatz Haderach. Muitos homens tentaram o narcótico . . . tantos, mas nenhum teve sucesso."(HERBERT, 2020, vol. 1, 20 - tradução nossa)<sup>84</sup>

A criação de um Kwisatz Haderach, ainda que se apresente como contraditória, evidencia como os ciclos de violência reproduzidos pelas Bene Gesserit continuam a privilegiar os homens. Mesmo detendo conhecimentos que nenhum homem jamais teve sobre seus antepassados, observa-se que as Bene Gesserit são repelidas e aterrorizadas pelo passado masculino. O acesso de Lady Jessica acerca do passado Harkonnen só ocorre quando Paul aponta o caminho para esses saberes. Tal medo aparenta ser incoerente se considerarmos que essas são as mulheres mais inteligentes e poderosas do Império.

No entanto, se compreendermos esse amedrontamento como o receio de serem corrompidas pelos conhecimentos masculinos, observamos que a própria irmandade já reproduz violências sem plena consciência de suas implicações. Caso o temor esteja relacionado à perda do controle do Império, nota-se como seu domínio escorre pelas mãos como areia em Arrakis. Ao reproduzirem as mesmas violências entre si, elas não subvertem a ordem vigente, apenas se colocam em disputa pelo trono. Desse modo, um entendimento mais profundo sobre equidade e justiça poderia favorecer todo o Império caso esses saberes fossem devidamente acessados. Entretanto, o rompimento com a lógica capitalista alteraria todas as relações que estruturam o universo de Duna.

O medo do desconhecido não revela prudência por parte das Bene Gesserit, mas limitação. Para uma irmandade que busca dominar todas as memórias humanas, seria mais coerente assumir seus medos, já que a tentativa de dominá-los demonstra uma fragilidade

---

<sup>84</sup> "The drug's dangerous," she said, "but it gives insight. When a Truthsayer's gifted by the drug, she can look many places in her memory -- in her body's memory. We look down so many avenues of the past . . . but only feminine avenues." Her voice took on a note of sadness. "Yet, there's a place where no Truthsayer can see. We are repelled by it, terrorized. It is said a man will come one day and find in the gift of the drug his inward eye. He will look where we cannot -- into both feminine and masculine pasts."

"Your Kwisatz Haderach?"

"Yes, the one who can be many places at once: the Kwisatz Haderach. Many men have tried the drug . . . so many, but none has succeeded."(HERBERT, 2020, vol. 1, 20)

institucional. Mesmo que formadas exclusivamente por mulheres, as Bene Gesserit acessam apenas conhecimentos advindos de linhagens privilegiadas, o que restringe sua visão e produz um conhecimento parcial. Ainda, a recusa em enfrentar situações adversas parece contradizer os próprios projetos políticos da Bene Gesserit. Afinal, este é um projeto que almeja o controle econômico, político e social, preposições que são tudo menos modestas, ainda que revestidas de uma suposta racionalidade.

Aliás, ao mencionarmos a suposta superioridade intelectual das Bene Gesserit, evidenciamos um conhecimento científico dissociado da moral, como discute Meza (2010). Ao separarmos saberes e ética, corremos o risco de suavizar seleções genéticas em prol de um suposto processo. Nesse sentido, o ecofascismo também pode ser associado a essas políticas por legitimar discursos excludentes e transformar o conhecimento em instrumento de opressão. Contudo, o ecofascismo será abordado com maior destaque na próxima seção.

Sob a lógica da criação de hierarquias fundamentadas na ciência, a separação entre a linhagem humana e a linhagem animal, promovida pela irmandade, revelam um processo ecofascista e especista. Conforme discute Carol J. Adams, em sociedades nas quais o homem é privilegiado em detrimento do feminino e de outras espécies, a dominação desses grupos demonstra como seus corpos se tornam objetos para que outros se afirmem como sujeitos. Assim, quando a Reverenda Madre realiza o teste do gom jabbar em Paul Atreides para verificar se ele é humano; à pedido de Lady Jessica, que também já foi submetida ao teste. Como podemos observar em:

“Eu mantenho o gom jabbar em seu pescoço”, disse ela. “O gom jabbar, o inimigo de mão elevada. É uma agulha com uma gota de veneno na ponta. Ah-ah! Não se afaste ou sentirá esse veneno.” [...]

“Um filho de duque deve conhecer venenos”, disse ela. “É o modo dos nossos tempos, eh? Musky, envenenado em sua bebida. Aumas, envenenado em sua comida. Os rápidos, os lentos e os que estão entre eles. Aqui está um novo para você: o gom jabbar. Ele mata apenas animais.”

O orgulho venceu o medo de Paul. “Você ousa sugerir que o filho de um duque é um animal?”, exigiu.

“Digamos que eu sugiro que você pode ser humano”, disse ela. “Fique firme! Eu o advirto para não tentar se afastar bruscamente. Sou velha, mas minha mão pode cravar esta agulha em seu pescoço antes que você escape.” [...]

“Você já ouviu falar de animais que mastigam a própria perna para escapar de uma armadilha? Esse é um truque animal. Um humano permaneceria na armadilha, suportaria a dor, fingindo-se de morto, para então matar o caçador e remover uma ameaça à sua espécie.”

A coceira tornou-se a mais tênue sensação de ardor. “Por que você está fazendo isso?”, exigiu.

“Para determinar se você é humano. Fique em silêncio.” (HERBERT, 2020,

v. 1, p. 11–13)<sup>85</sup>

Como podemos observar no trecho, a separação entre humanos e animais, além de desumanizar e inferiorizar aqueles que não realizaram o teste, fundamenta sua exploração ao lhes atribuir menor valor. Nesse sentido, o especismo praticado pela irmandade não apenas segrega humanos de animais, mas também cria hierarquias entre as etno-raças do universo *Duna*. Prosseguindo com Adams, esse processo expõe um ciclo de objetificação, fragmentação e consumo, que se reproduz tanto em nossa sociedade quanto na trilogia.

No romance, verificamos que as mulheres de Arrakis são objetificadas ao não serem consideradas ideais para o matrimônio ou para a reprodução; a fragmentação, por sua vez, permite que o Império transforme um planeta inteiro em um grande feudo; e o consumo se evidencia quando essas vidas lhes são sistematicamente negadas. Desse modo, as Bene Gesserit atuam como agentes fundamentais na manutenção e legitimação desses ideais. Ao não contestarem tais dinâmicas, a irmandade acaba por reproduzir essas mesmas lógicas que atravessam gênero, natureza e quaisquer formas de vida.

Não apenas as questões étnico-raciais são evidenciadas pelos dogmas das Bene Gesserit, mas sobretudo os debates de gênero. Como evidenciado em outros momentos, a irmandade categoriza suas mulheres de acordo com critérios étnicos; dessa maneira, Lady Jessica reproduz alguns desses princípios e, mesmo ao se questionar sobre eles, aparta-se de outras mulheres por não se considerar apenas uma concubina. Como podemos observar no trecho seguinte:

*Havia ainda outra coisa, pensou Jessica. Paul precisava ser advertido a respeito das mulheres deles. Uma dessas mulheres do deserto não serviria como esposa de um Duque. Como concubina, sim, mas não como esposa. Então ela se espantou consigo mesma, pensando: Teria eu sido infectada por seus esquemas? E percebeu o quão bem fora condicionada. Posso pensar nas necessidades matrimoniais da realeza sem sequer ponderar minha própria condição de concubina. No entanto... eu era mais do que uma concubina.* (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 503 - tradução nossa)<sup>86</sup>

<sup>85</sup> "I hold at your neck the gom jabbar," she said. "The gom jabbar, the high-handed enemy. It's a needle with a drop of poison on its tip. Ah-ah! Don't pull away or you'll feel that poison." [...] "A duke's son must know about poisons," she said. "It's the way of our times, eh? Musky, to be poisoned in your drink. Aumas, to be poisoned in your food. The quick ones and the slow ones and the ones in between. Here's a new one for you: the gom jabbar. It kills only animals." Pride overcame Paul's fear. "You dare suggest a duke's son is an animal?" he demanded. "Let us say I suggest you may be human," she said. "Steady! I warn you not to try jerking away. I am old, but my hand can drive this needle into your neck before you escape me." [...] "You've heard of animals chewing off a leg to escape a trap? There's an animal kind of trick. A human would remain in the trap, endure the pain, feigning death that he might kill the trapper and remove a threat to his kind." The itch became the faintest burning. "Why are you doing this?" he demanded. "To determine if you're human. Be silent." (HERBERT, 2020, v. 1, p. 11–13)

<sup>86</sup>There's another thing, Jessica thought. Paul must be cautioned about their women. One of these desert women

Ou até mesmo em:

"Eu sinto pena de Chani", disse Harah.  
 Jessica enrijeceu. "O que você quer dizer?"  
 "Eu sei o que você pensa de Chani", disse Harah. "Você acha que ela não é a esposa adequada para o seu filho."  
 Jessica recostou-se, relaxada sobre as almofadas. Deu de ombros. "Talvez."  
 "Você pode estar certa", disse Harah. "Se estiver, pode encontrar uma aliada surpreendente — a própria Chani. Ela quer tudo o que for melhor para Ele."  
 Jessica engoliu em seco diante de um aperto súbito na garganta. "Chani é muito querida para mim", disse ela. "Ela não poderia ser —"  
 "Seus tapetes estão muito sujos aqui", disse Harah. Ela percorreu o chão com o olhar, evitando os olhos de Jessica. "Tantas pessoas passando por aqui o tempo todo. Você realmente deveria mandá-los limpar com mais frequência."  
 (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 650 - tradução nossa)<sup>87</sup>

Apesar do afeto criado por Lady Jessica com Chani durante *Duna*, podemos observar que seu controle excessivo ainda faz com que a personagem manipule e discipline Chani, reproduzindo as lógicas das Bene Gesserit mesmo em suas relações mais íntimas. Podemos notar nos trechos acima que apesar de entrar em conflito consigo mesma, ela permanece inferiorizando Chani e busca manter a nativa de Arrakis na posição de concubina. Ao diferenciar quais mulheres são adequadas para ocupar o título de esposa, seu discurso revela uma dificuldade de superar os dogmas internalizados pelas Bene Gesserit. E até mesmo uma tentativa de manipular Chani:

"Você conhece tão pouco o meu filho?", sussurrou Jessica. "Veja aquela princesa ali, tão altiva e confiante. Dizem que ela tem pretensões de natureza literária. Esperemos que encontre consolo nessas coisas; terá pouco mais do que isso." Uma risada amarga escapou de Jessica. "Pense nisso, Chani: aquela princesa terá o nome, mas viverá como menos que uma concubina — nunca conhecerá um momento sequer de ternura do homem a quem estará ligada. Enquanto nós, Chani, nós que carregamos o nome de concubina — a história nos chamará de esposas."(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 794 - tradução

---

would not do as wife to a Duke. As concubine, yes, but not as wife. Then she wondered at herself, thinking: Have I been infected with his schemes? And she saw how well she had been conditioned. I can think of the marital needs of royalty without once weighing my own concubinage. Yet . . . I was more than a concubine. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 503)

<sup>87</sup> "I pity Chani," Harah said.

Jessica stiffened. "What do you mean?"

"I know what you think of Chani," Harah said. "You think she is not the wife for your son."

Jessica settled back, relaxed on her cushions. She shrugged. "Perhaps."

"You could be right," Harah said. "If you are, you may find a surprising ally -- Chani herself. She wants whatever is best for Him."

Jessica swallowed past a sudden tightening in her throat. "Chani's very dear to me," she said. "She could be no --"

"Your rugs are very dirty in here," Harah said. She swept her gaze around the floor, avoiding Jessica's eyes. "So many people tramping through here all the time. You really should have them cleaned more often."

nossa)<sup>88</sup>

Quando traz sua própria história para apaziguar os ânimos, uma vez que Chani demonstra incerteza quanto ao seu lugar ao lado de Paul, Lady Jessica contradiz o que afirmou anteriormente e apresenta um aparente contentamento com a posição que ocupou. Entretanto, a personagem já havia demonstrado ter certa consciência de que era mais do que uma concubina, uma vez que não teria se casado com o duque Leto por opção própria. Ao mobilizar essa experiência como forma de consolo, Jessica parece manter Chani em um lugar afetivamente confortável, garantindo-lhe segurança emocional junto a Paul. O seu discurso silencioso, na verdade, é que Jessica foi a única mulher de Leto, ocupando um espaço de exclusividade que Chani jamais teria, uma vez que seu vínculo com Paul permanece atravessado por alianças políticas e pela presença institucional de Irulan.

Os mantras que moldam Lady Jessica permanecem com a personagem ao longo de toda a sua trajetória, orientando o uso dos saberes Bene Gesserit tanto para assegurar sua sobrevivência quanto para obter vantagens estratégicas. Não seria adequado considerá-la simplesmente uma personagem “má” por reproduzir opressões que lhe foram historicamente transmitidas. À luz dos conceitos de Elódia Xavier, Lady Jessica configura-se como um corpo simultaneamente oprimido pelas Bene Gesserit e opressor perante outros. Ainda que Lady Jessica esteja inserida em um contexto opressivo, poderíamos argumentar que ela detinha informações e consciência suficientes para não reproduzir integralmente as violências que lhe foram impostas, mesmo considerando que servir constitui um dos pilares de sua formação enquanto Bene Gesserit.

Isso nos leva a questionar por que Lady Jessica mantém muitos desses comportamentos mesmo após passar a viver entre os Fremen. Seria, como supõe Stilgar, impossível abandonar seus modos anteriores? Mais do que uma incapacidade individual, essa permanência revela o peso da disciplina corporal imposta pelas Bene Gesserit, tornando praticamente impossível a constituição de subjetividade em um não-sujeito. Isso ocorre porque, embora todas as integrantes da irmandade sejam humanas, elas são sistematicamente privadas de humanidade e individualidade.

Portanto, mesmo tendo nutrido afeto pelo duque Leto, seu luto não encontra espaço na narrativa quando Lady Jessica considera a possibilidade de casar-se com Stilgar para

---

<sup>88</sup> "Do you know so little of my son?" Jessica whispered. "See that princess standing there, so haughty and confident. They say she has pretensions of a literary nature. Let us hope she finds solace in such things; she'll have little else." A bitter laugh escaped Jessica. "Think on it, Chani: that princess will have the name, yet she'll live as less than a concubine -- never to know a moment of tenderness from the man to whom she's bound. While we, Chani, we who carry the name of concubine -- history will call us wives." (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 794)

assegurar uma posição entre os Fremen. A proteção de si mesma e de seu filho já se encontrava garantida, mas a personagem tinha consciência da gestação de outra herdeira Atreides. Nesse sentido, tal como o animal que as Bene Gesserit menosprezam, Jessica passa a agir movida pelo imperativo da sobrevivência, fazendo o que for necessário para preservar a si e à linhagem. Como se observa no trecho a seguir:

*Jessica fitou a luz do sol. Ela havia ouvido o que ouvira na voz de Stilgar — a oferta não dita de algo além de sua simples proteção. Ele precisaria de uma esposa? Percebeu que poderia ocupar esse lugar ao lado dele. Seria uma forma de pôr fim ao conflito pela liderança tribal — a mulher devidamente alinhada ao homem. Mas e Paul, então? Quem poderia dizer quais regras de parentesco prevaleciam ali? E quanto à filha ainda não nascida que ela carregava havia algumas semanas? E quanto à filha de um duque morto? E permitiu-se encarar plenamente o significado dessa outra criança que crescia dentro de si, reconhecer seus próprios motivos ao permitir a concepção. Ela sabia o que era — havia sucumbido àquele impulso profundo compartilhado por todas as criaturas diante da morte — o impulso de buscar a imortalidade por meio da prole. O impulso de fertilidade da espécie os havia dominado. Jessica lançou um olhar a Stilgar e viu que ele a observava, à espera. Uma filha nascida ali, de uma mulher casada com um homem como aquele — qual seria o destino de tal filha?, perguntou-se. Ele tentaria limitar as exigências que uma Bene Gesserit deve seguir?" (HERBERT, 2020, vol. 1, p.472 - tradução nossa)<sup>89</sup>*

Ao *final*, Duna revela uma ironia indiscutível: somos todos animais, ainda que as Bene Gesserit e o Império construam discursos de superioridade. A separação entre “linhagens humanas” e “linhagens animais”, evidenciada no teste do Gom Jabbar, sustenta uma racionalidade que se pretende científica, mas que se descola da ética ao suspender qualquer moral e antecipar lógicas ecofascistas. Nesse contexto, Lady Jessica ocupa um papel central ao articular uma aliança com os Fremen e a preservação de interesses imperiais, mantendo em funcionamento os dois projetos políticos por meio da disciplina adquirida através de sua irmandade.

A fé no Kwisatz Haderach, o desejo de controlar o incontrolável e o medo de acessar saberes que poderiam corromper a ordem revelam outra contradição central da Irmandade:

---

<sup>89</sup> Jessica stared out into the sunlight. She had heard what she had heard in Stilgar's voice--the unspoken offer of more than his countenance. Did he need a wife? She realized she could step into that place with him. It would be one way to end conflict over tribal leadership--female properly aligned with male. But what of Paul then? Who could tell yet what rules of parenthood prevailed here? And what of the unborn daughter she had carried these few weeks? What of a dead Duke's daughter? And she permitted herself to face fully the significance of this other child growing within her, to see her own motives in permitting the conception. She knew what it was--she had succumbed to that profound drive shared by all creatures who are faced with death--the drive to seek immortality through progeny. The fertility drive of the species had overpowered them. Jessica glanced at Stilgar, saw that he was studying her, waiting. A daughter born here to a woman wed to such a one as this man--what would be the fate of such a daughter? she asked herself. Would he try to limit the necessities that a Bene Gesserit must follow? (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 472)

teme-se o futuro enquanto se reproduzem violências no presente, recusando-se a enfrentar as consequências das próprias escolhas. Assim, mais do que prudência, o medo das Bene Gesserit denuncia limites éticos e o desejo de manter intactas as estruturas de opressão já vigentes no Império. Lady Jessica encarna essa ambiguidade ao recusar ser menosprezada por ser mulher, mas ainda operar no interior de um sistema que transforma seu corpo em território e ferramenta política.

Desse modo, a existência de Lady Jessica é profundamente marcada pela socialização e pela disciplina impostas pelas Bene Gesserit. À luz de Simone de Beauvoir, compreendemos que a personagem não nasce como instrumento político, mas torna-se, à medida que seu corpo é instrumentalizado por uma ordem que converte mulheres em meios para a manutenção do poder. Assim, a opressão exercida pela Irmandade não advém de uma suposta natureza feminina, mas de um sistema que disciplina e captura as mulheres em favor de sua própria expansão política.

### **3.2 Lady Jessica e o ecofascismo: A instrumentalização do sagrado e da natureza**

É evidente que as questões ambientais de Arrakis constituem um dos focos centrais de *Duna*. Em um planeta de clima desértico e com escassez de fontes de água, a transformação climática de um deserto para um oásis verde pode parecer fantástica à primeira vista. Entretanto, ao considerarmos os agentes e as estratégias por trás dessa mudança, observa-se que o ecofascismo se articula sob a aparência de uma suposta emancipação fremen e da promessa de um futuro fundado em uma natureza idealizada. À luz disso, o papel de Lady Jessica é fundamental na construção da figura do messias salvador e na proclamação de Paul como líder messiânico diante dos fiéis de Arrakis, a partir de sua posição como Reverenda Madre.

A sobrevivência de Paul e de Lady Jessica é um ponto sensível para a compreensão de suas estratégias políticas. Entretanto, se suspendermos essa questão brevemente, é possível observar que seus objetivos deixam de se restringir à sobrevivência e passam a se orientar pela apropriação do poder. Como já foi mencionado, mãe e filho se aproveitam das crenças dos Fremen e utilizam diferentes ferramentas para obter privilégios políticos entre eles. De tal modo, Lady Jessica configura-se como um dos pilares ecofascistas desses movimentos, ao perceber uma brecha para retomar a soberania de sua casa.

Antes de mais nada, precisamos abordar o mito de que no início de Arrakis, o planeta apresentava outro tipo de natureza e era abundante em água. Entretanto, a trilogia não

confirma a natureza da flora anterior e nem os motivos de sua mudança. Ainda, existem rumores de que o Império desenvolveu feudos controlados para a produção de melange. Por conseguinte, poderíamos pensar que o projeto ecológico Atreide representa o retorno às origens ambientais de Duna, mas Herbert não deixa claro se a desertificação de Arrakis se dá de forma natural ou induzida. E ainda, se pensamos em toda uma cultura já adaptada ao deserto, levando em conta aspectos físicos, espirituais e culturais, a proposição de tal revolução é feita com base em raízes colonialistas e imperialistas.

Do mesmo modo, o fascismo climático, descrito por Kohei Saito, evidencia como as catástrofes ambientais podem ser convertidas em oportunidades no interior do capitalismo, beneficiando ainda mais as camadas já privilegiadas da nossa sociedade. Nesse sentido, em *Duna* observamos como mãe e filho se apropriam da agenda ambiental de Arrakis para exercer controle sobre os Fremen. Isto é, a partir de mitos já existentes e da promessa de uma redenção ecológica, tais discursos passam a validar politicamente suas ações, manipulando crenças e mobilizando o imaginário coletivo como instrumento de dominação.

Ao destacarmos o perigo do ecofascismo em Duna, é possível estabelecer um paralelo com políticas anti-imigratórias que, em nossa sociedade, reforçam discursos de superioridade étnico-racial. Tais políticas, assim como as práticas ecofascistas observadas na trilogia e descritas por Zimmerman, operam a partir da exclusão, da hierarquização de corpos e da instrumentalização de crises para legitimar projetos autoritários. De tal modo que, ainda que se programe uma inversão de hierarquias, tal movimento se realiza à custa da dominação de outros povos.

Veja bem, aqui encontramos a falha da educação enquanto projeto de emancipação da parte de Lady Jessica e Paul. Poderíamos considerar uma suposta inocência de ambos; entretanto, observa-se que tinham consciência do caminho que trilhavam, sendo instruídos o suficiente para reconhecer o peso de suas ações. Ainda, seria plausível argumentar que ambos seriam reféns de sua própria realidade ou que agiram dentro das possibilidades que lhes eram dadas. Contudo, a ausência de uma postura ética revela a permanência de um sentimento de superioridade que inviabiliza qualquer respeito genuíno por outros povos. E ainda que se observe Lady Jessica sob o pretexto de ser refém de sua própria criação, sendo compelida a servir, percebe-se que Paul tem consciência das ações de sua mãe e pouco faz para impedi-las.

Feitas essas considerações, retomamos o objetivo central desta seção ao observarmos as esquematizações de Lady Jessica desde o primeiro volume da série. Assim, ao perceber os fragmentos políticos e religiosos que poderiam ser utilizados a seu favor, a Bene Gesserit avalia suas opções e demonstra consciência ao longo de todo o processo, como evidencia o

trecho a seguir:

“Dizia-se que a Shadout Mapes fez este relato sobre você”, disse Stilgar.  
 “Mas algo tão importante precisa ser testado. Se você é a Bene Gesserit da lenda cujo filho nos conduzirá ao paraíso...”  
 Ele deu de ombros. Jessica suspirou, pensando: *Então a nossa Missionaria Protectiva plantou até válvulas de segurança religiosas por todo este buraco de inferno. Ah, bem... isso vai ajudar, e era exatamente para isso que servia.*  
 (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 459)<sup>90</sup>

Portanto, podemos observar neste trecho que Lady Jessica demonstra a instrumentalização da religião em paralelo às suas pautas políticas em Duna. Assim, o fortalecimento do imaginário coletivo de que ela é, de fato, a mãe do messias que os guiará ao paraíso afasta quaisquer desconfianças e assegura um caminho de controle que parece benéfico. O desprezo ao chamar o planeta de “buraco de inferno” pode parecer insignificante; porém, é fundamental para que mãe e filho se sintam no direito de tomar o controle político dos Fremen para si. Ao se proporem a defender os direitos dos nativos de Arrakis, Zimmerman demonstra a partir da história, como esse processo muitas vezes assume um aspecto místico e busca supostamente conectá-los ainda mais à sua terra. Assim, quando Stilgar menciona a lenda do salvador de Arrakis, Lady Jessica reconhece a importância de abraçar o mito e tornar-se, ao lado do filho, praticamente uma divindade.

Ademais, é preciso ter em mente que Paul Atreides se constrói enquanto Messias não como um sinal profético, mas como uma forma de legitimar suas ações e transformar o mito em um mecanismo político. Ao se utilizarem das lendas criadas pelas Bene Gesserit, mãe e filho recorrem a um falseamento das narrativas disseminadas em Arrakis e naturalizam hierarquias. Assim, podemos observar no trecho: “A revelação o abalou, e Jessica pensou: *Se ao menos ele soubesse os truques que usamos! Aquela Bene Gesserit da Missionaria Protectiva devia ser muito boa. Esses Fremen estão belamente preparados para acreditar em nós.*”<sup>91</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 459), que, ao conversar com Stilgar, Jessica demonstra consciência dos pensamentos que foram disseminados no planeta e se apropria deles em benefício próprio.

A Missionária Protectiva desenvolvida pelas Bene Gesserit tinha o intuito de

<sup>90</sup> “It was said that the Shadout Mapes gave this report on you,” Stilgar said.

“But a thing so important must be tested. If you are the Bene Gesserit of the legend whose son will lead us to paradise...”

He shrugged. Jessica sighed, thinking: So our Missionaria Protectiva even planted religious safety valves all through this hell hole. Ah, well... it'll help, and that's what it was meant to do. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 459)

<sup>91</sup> “The revelation shook him, and Jessica thought: If only he knew the tricks we use! She must've been good, that Bene Gesserit of the Missionaria Protectiva. These Fremen are beautifully prepared to believe in us.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 459)

condicionar comunidades e garantir que um redentor/salvador salvaria um povo de sua própria crise. Em *The Dune Encyclopedia*, é possível observar variações desse método e como sua aplicação tornou os Fremen suscetíveis a terceirizar sua emancipação. Retomando Zimmermann, o ecofascismo aqui se apresenta a partir do elemento místico, suspendendo o tempo histórico dos Fremen, que passam a suportar o abuso dos Harkonnen e dos Atreides sob a promessa de redenção. Diante disso, podemos mencionar o ecologista Liet-Kynes, que tem fé na narrativa e utiliza seus saberes para embasar o mito, recorrendo à ciência para racionalizá-lo e internalizar a promessa fremen sem perceber suas origens.

A Missionaria Protetiva havia estabelecido a *shari'a* fremen (rituais supersticiosos) muito antes de a tribo migrar para Arrakis. Os fundamentos culturais do *ilm* e do *figh* (aspectos da religião zensunni) já incluíam, há milênios, sugestões latentes da vinda de um *Mahdi*. Os Fremen sabiam que, em algum momento, um “Décimo Segundo Imã” emergiria do ocultamento (ou seria “renascido”) para unir o Povo, a Comunidade de Todos os Crentes, e conduzi-los contra o “infíel” rumo à realização da “comunidade religioso-política ideal, a *umma*”, a “fraternidade dos profetas”. Assim, os Fremen vingariam sua perseguição e alcançariam o seu Paraíso abundante em água. Esse padrão paralelizava o nexos de transição articulado pela Missionaria Protetiva para preparar a vinda do Kwisatz Haderach em algum ponto da galáxia. (WILLIS, MCNELLY; 1984; p. 529 - tradução nossa)<sup>92</sup>

Em virtude da Missionária Protetiva, os Fremen foram levados a acreditar que o progresso estaria ligado à mudança radical da natureza em Arrakis. Nesse sentido, a transição ecológica em Duna não representa a libertação dos Fremen, mas sim um projeto político civilizatório que anula todo o ecossistema do planeta. À luz da ecologia decolonial de Ferdinand, ao produzirem problemas que não existem e soluções pautadas em suas próprias sociedades, os ideais coloniais anulam o ecossistema arrakiano e toda a sua cultura. Assim, o ecofascismo manifesta-se aqui ao impor um tipo ideal de natureza e ao barbarizar o deserto.

Sob uma lógica ecofascista, a jihad liderada por Paul Atreides e Lady Jessica substitui um regime de dominação por outro, legitimando a destruição de Arrakis em nome de um suposto progresso ambiental. Ao aplicarem um projeto civilizatório no planeta, não é apenas o ecossistema local que é anulado, mas também qualquer possibilidade de autonomia

---

<sup>92</sup> The Missionaria Protetiva had established the Fremen shari'a (superstitious rituals) long before the tribe migrated to Arrakis. The ilm and figh (aspects of Zensunni religion) underpinnings of their culture had included latent suggestions of a Mahdi for millennia. The Fremen knew that someday a "Twelfth Imam" would emerge from hiding (or be "reborn") to unite The People, the Community of All Believers, and lead them against "the infidel" to realization of the "ideal religio-political community, the 'umma,' " the "brotherhood of prophets." Thus the Fremen would avenge their persecution and achieve their water-rich Paradise. This pattern paralleled the transition nexus aligned by the Missionaria Protetiva to prepare for the coming of the Kwisatz Haderach somewhere in the galaxy. (WILLIS, MCNELLY; 1984; p. 529)

econômica e política dos Fremen. Ao transacionarem a natureza de Arrakis, perdem-se os vermes e, por excelência, a melange, revelando como o ecofascismo opera ao imaginar um progresso da natureza, mas impossibilitando qualquer desenvolvimento de autonomia.

Diante do exposto, apesar de termos abordado o ecofascismo sob um aspecto mais geral e político, retornamos ao papel de Lady Jessica na gênese dessa filosofia ecofascista. Cabe reforçar, primeiramente, que a intenção não é culpabilizar a personagem por todo o processo, mas observá-la enquanto articuladora e idealizadora de parte fundamental desse movimento. Assim, não se trata de atribuir a ela, isoladamente, a responsabilidade por um sistema político inteiro, mas de evidenciar como sua indução e manipulação foram essenciais para que o projeto político de Paul Atreides tivesse início.

Apesar do tom aparentemente desprezioso em sua mente, sempre que temos acesso à seus pensamentos, podemos observar como Lady Jessica busca constantemente vestígios de que os Fremen estariam prontos para recebê-los. Como ilustrado no trecho seguinte: “Ainda assim, ele poderia ser o Lisan al-Gaib”, disse Stilgar. *Ele está procurando um presságio!*, pensou Jessica. (HERBERT, 2020, p. 541, tradução nossa)<sup>93</sup>. Nesse sentido, a manipulação da fé de Stilgar e seu povo demonstram como os sistemas ecofascistas mapeiam as fraturas de um povo, se infiltrando e utilizando de suas narrativas para consolidarem-se. A partir também de Moore e Roberts (2022), em *Duna* notamos que Lady Jessica é a principal e primeira catalisadora do sistema simbólico, político e religioso que forja o futuro verde.

Do mesmo modo, “Jessica reconheceu o esforço para aliviar seu ânimo e foi grata por isso, mas não conseguia afastar da mente o perigo que a confrontava. *Eu não tive escolha a não ser fazer isso*, pensou. *Precisamos agir rapidamente se quisermos assegurar nosso lugar entre esses Fremen.*” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 567, tradução nossa)<sup>94</sup>. Em concordância com os argumentos anteriores, notamos que Lady Jessica estabelece uma distinção entre si e os Fremen. Assim, a partir de Quijano, é possível observar como os aspectos raciais emergem por meio do preconceito e da hierarquização dos corpos. Retomando o ecofascismo, a personagem passa a se ver no direito de realizar tal procedimento ao se colocar em uma posição de superioridade, o que serviria como justificativa para todo o processo. Além disso, ao alegar não ter escolha, tanto sua vida quanto a de seu filho já não se encontravam em perigo imediato.

---

<sup>93</sup> “Yet he could be the Lisan al-Gaib,” Stilgar said. *He’s looking for an omen!* Jessica thought. (HERBERT, 2020, p. 541)

<sup>94</sup> “Jessica recognized the effort to lighten her mood and was grateful for it, but could not take her mind from the danger that confronted her. I had no choice but to do this, she thought. We must move swiftly if we’re to secure our place among these FremeJessicaRBERT, 2020, p. 567)

Aqui retomamos os perigos de uma ecologia não decolonial. À luz de Ferdinand, Lady Jessica demonstra como a objetificação desse povo promove sua desumanização e retira a subjetividade dos Fremen. Visto que, ao terem sua individualidade política negada, quaisquer conhecimentos e relações com aquele ecossistema tornam-se irrelevantes, uma vez que os projetos referentes ao seu povo passam a ser definidos por agentes externos à eles. Conforme evidenciado no trecho seguinte:

“Jessica assentiu, poupando suas forças, sentindo a terrível fadiga que a mantinha afastada pela força de vontade... e, ela admitia, também pela força da exaltação. Sua mente concentrou-se no valor daquela tropa, percebendo o que ali se revelava sobre a cultura fremen. Todos eles, pensou, uma cultura inteira treinada para a ordem militar. *Que coisa inestimável existe aqui para um duque exilado!*” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 465, tradução nossa)<sup>95</sup>

Ao considerar os Fremen condicionados para o combate, Lady Jessica demonstra não apenas reconhecer a disciplina que também lhe foi imbuída, mas saber como manejá-la politicamente e quem pode exercer tal controle. Desse modo, ao exaltar seu filho perante os Fremen, ela os converte em força mobilizável a serviço de um projeto que não lhes pertence. Em paralelo com Zimmerman, é a partir da apropriação de suas causas em prol de uma suposta projeto de avanço que o ecofascismo toma corpo. E ainda, a manipulação dos Fremen parte do princípio de seus ideais de civilização que foram forçados ao povo de Arrakis. Logo, Lady Jessica não só percebe uma possibilidade para manutenção de sua linhagem, mas demonstra uma crença que são merecedores de seus privilégios.

Do mesmo modo, ao pensarmos a hierarquização dos povos de *Duna*, não só a natureza é inferiorizada, mas qualquer corpo que não tenha sido qualificado no *Gom Jabbar*. Isto é, o *Gom Jabbar*, é uma avaliação que busca diferenciar os humanos de outros animais, no caso, estes são considerados irracionais. Desse modo, a desumanização dos Fremen apresenta-se como um elemento que valida a transformação ecológica de Arrakis, já que os humanos não estavam adaptados à natureza do planeta, enquanto os Fremen estavam. De tal modo, podemos observar a distinção a partir da fala de Lady Jessica:

“Nós a mudamos... lentamente, mas com certeza... para torná-la adequada à vida humana. Nossa geração não verá isso, nem nossos filhos, nem os filhos de nossos filhos, nem os netos de seus filhos... mas isso virá.”  
Ele fitou a bacia com olhos velados. “Água aberta, plantas altas e verdes, e

---

<sup>95</sup> Jessica nodded, conserving her strength, sensing the terrible fatigue she held at bay by force of will... and, she admitted it, by the force of elation. Her mind focused on the value of this troop, seeing what was revealed here about the Fremen culture. All of them, she thought, an entire culture trained to military order. What a priceless thing is here for an outcast Duke! (HERBERT, 2020, p. 465)

“pessoas caminhando livremente sem destiltrajes.”  
*Então esse é o sonho deste Liet-Kynes*, pensou ela. E disse: “Subornos são perigosos; eles tendem a crescer cada vez mais.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 470, tradução nossa)<sup>96</sup>

Ou seja, de fato a vida externa à Arrakis poderá habitar o planeta. Mas como mencionamos em outros momentos, o excesso de água é nocivo aos Fremen, bem como a falta do deserto. Isso se torna evidente no trecho a seguir: “O fremen morre quando fica longe demais do deserto. A isso chamamos “mal da água”. – Stilgar, os Comentários”(HERBERT, 2020, vol.3, p. 181). Em outras palavras, a revolução verde em Arrakis torna-se ecofascista ao inventar ideais de natureza para aquele povo, ao anular suas questões sócio-históricas e ao aniquilar todo um ecossistema. Ao buscarem trazer humanidade para o planeta desértico, podemos observar um novo exercício de colonização e somente uma alternância dos poderes políticos vigentes.

O projeto político de Lady Jessica e Paul corrobora os princípios anteriores executados pelos Harkonnen, de tal maneira que a mudança ambiental deixa de ser solução quando entendemos suas origens externas à Arrakis e não existe justiça ambiental sem liderança Fremen. Como discute Ferdinand, a transformação ecológica liderada por sujeitos privilegiados, ao desconsiderar condições históricas, raciais e políticas, tende a favorecer uma concepção eurocêntrica de natureza, apresentada como universal e superior. À luz de Zimmerman, a lógica reproduzida pelos Atreides, ao higienizar e hierarquizar vidas, consolida-se como prática ecofascista e afasta-se de uma ecologia decolonial.

Ainda, ao aspirar que “*Esse lugar deve desaparecer*, Jessica pensou” (HERBERT, 2020, vol. 3, p. 33 - tradução nossa) demonstra extrema arrogância e desprezo ao lhe conferirem o direito de validar quais formas de vida são válidas ou não. Moore e Roberts dialogam diretamente com o ecofascismo de Lady Jessica ao decidir quais vidas devem ser sacrificadas para que outras sejam salvas. Ao utilizar de políticas fascistas e autoritárias, podemos afirmar que tanto Lady Jessica quanto Paul nunca visaram de fato a emancipação

---

<sup>96</sup> “We know the reason, but the taste of it sours us. We bribe the Guild with a monstrous payment in spice to keep our skies clear of satellites and such that none may spy what we do to the face of Arrakis.”  
 She weighed out her words, remembering that Paul had said this must be the reason Arrakeen skies were clear of satellites.

“And what is it you do to the face of Arrakis that must not be seen?”

“We change it... slowly but with certainty... to make it fit for human life. Our generation will not see it, nor our children nor our children’s children nor the grandchildren of their children... but it will come.”

He stared with veiled eyes out over the basin. “Open water and tall green plants and people walking freely without stillsuits.”

So that’s the dream of this Liet-Kynes, she thought. And she said: “Bribes are dangerous; they have a way of growing larger and larger.” (HERBERT, 2020, p. 470)

Fremen, mas somente o controle de Arrakis.

Ainda, para compreendermos melhor esse processo ecológico, faz-se necessário também entender a natureza do verme de areia, ou, melhor dizendo, do shai-hulud. Assim como os Fremen tem a chamada *water sickness*, quando em contato com o excesso de água, o verme também repele e tem seu ciclo prejudicado por conta da água. Dessa maneira, podemos notar que alterar o equilíbrio ecológico de Arrakis implica prejudicar todo o seu ecossistema, revelando como o ecofascismo ignora os modos de vida dos Fremen e implanta um ideal de progresso em sua sociedade. Ao pensarmos em uma ecologia decolonial, Ferdinand reitera a importância de que a revolução ambiental seja governada pelos nativos. Ademais, ressalta que as dimensões ecológicas, políticas, étnico-raciais e de gênero não sejam negligenciadas.

Diante desse cenário, podemos observar como o contato com a água afeta diretamente Chani e também os vermes de areia: “Ela odiava a água naquele momento, inspirada pelo medo do verme. A água, outrora o espírito-alma de Arrakis, havia se tornado um veneno. A água trazia pestilência. Apenas o deserto era limpo.”(HERBERT, 2020, vol. 2, p. 295 - tradução nossa)<sup>97</sup> À luz de Moore e Roberts, é possível compreender como o ecofascismo opera aqui por meio da seleção dos Fremen enquanto sacrificados, convertendo a jihad em uma grande oportunidade política para os Atreides. Não só os Atreides reforçam a opressão sofrida pelos Fremen, como também os desumanizam, dando continuidade a práticas históricas de dominação imperial.

Por consequência, o ecossistema e todos os povos de Arrakis deixam de ser sujeitos e se tornam instrumentos. A desumanização ecofascista retira qualquer subjetividade da natureza e de seu povo, legitimando sua extinção a partir de um progresso ecológico pautado pelo lucro. Dessa maneira, Biehl e Staudenmaier demonstram como o ecofascismo naturaliza essas violências, fazendo com que os Fremen as assimilem e que o projeto civilizatório de Arrakis seja tratado como inevitável. Podemos observar como a racionalização descolada da ética apresenta-se como justificativa para o progresso. Ainda, apesar de parecer superior aos regimes neoliberais ou ao comando Harkonnen, o ecofascismo revela-se nocivo aos ecossistemas de Arrakis, ao simular a fantasia de um paraíso ecológico, que na verdade restringe a pluralidade e silencia outros modos de vida.

Nessa mesma lógica, a extinção do modo de ser arrakiano torna-se uma catástrofe técnica inevitável, perdendo seus aspectos políticos e éticos. A tragédia ambiental passa a ser naturalizada, assim como o fim dos vermes, e o sofrimento ecológico é despido de sua

---

<sup>97</sup> “She hated the water then, inspired by the worm's fear. Water, once the spirit-soul of Arrakis, had become a poison. Water brought pestilence. Only the desert was clean.” (HERBERT, 2020, vol. 2, p. 295)

dimensão política. Carlos Taibo (2019) alerta para os riscos de projetos autoritários e para a forma como estes determinam quem pode ou não viver, argumento que também se aproxima da reflexão de Ferdinand. O ecofascismo, em *Duna*, não civiliza, não progride e nem emancipa; ele lucra e oprime.

### **3.2.1 Lady Jessica como Reverenda Madre, a Água da Vida e o Shai-Hulud:**

Ao tornar-se Reverenda Madre dos Fremen em *Duna*, Lady Jessica torna-se um receptáculo de toda a consciência e memória genética da linhagem feminina dos Fremen. Nesse sentido, apesar de incorporar esses saberes e reconhecer modos de coexistência com o deserto, a Bene Gesserit os utiliza em prol de seus próprios objetivos, comprometendo os saberes fremen. Assim, conhecimentos coletivos antes partilhados no interior da comunidade passam a ser apropriados e mobilizados para sustentar uma figura religiosa estrangeira. Por fim, ao concluir seus planos, Lady Jessica retorna a Caladan, onde permanece até *Filhos de Duna*.

Como o posto de Reverenda Madre só pode ser transmitido no momento da morte, a personagem centraliza os saberes dos Fremen em si mesma e confisca toda a memória de um povo. Assim, se antes esses saberes eram compartilhados e de domínio coletivo entre os Fremen, o ecofascismo de Lady Jessica os tutela e retira a essência de um povo profundamente ligado ao seu ecossistema. Ao terem seus conhecimentos limitados e sua natureza refeita, o que lhes resta é o processo civilizatório criado pelas Bene Gesserit e executado pelos Atreides.

Como mencionado anteriormente, a transformação de Lady Jessica em Reverenda Madre ocorre como estratégia de sobrevivência. Ao ingerir a Água da Vida, a personagem garante não apenas sua própria segurança, mas também assegura certo domínio perante os Fremen. Entretanto, ao receber a totalidade das memórias e da consciência da Reverenda Madre anterior, ocorre um deslocamento de conhecimentos: os saberes fremen, antes partilhados coletivamente no interior da comunidade e transmitidos por meio de uma sucessão orgânica, passam a ser centralizados em um corpo alheio à estes.

A conexão ancestral possibilitada pelo Shai-Hulud, originalmente inscrita no interior dos ritos religiosos fremen, é progressivamente deslocada e transformada em ferramenta política no contexto do domínio dos Atreides. Em termos mais rigorosos, o acesso aos saberes fremen tem início a partir da ingestão da Água da Vida, substância derivada dos vermes da areia em seus estágios iniciais de vida. O simples consumo da substância não a politiza por si

só, porém, é possível observar que ela adquire um caráter político quando incorporada ao projeto colonial dos Atreides e dissociada da religião fremen.

O processo de produção da Água da Vida revela um vínculo simbólico com a natureza, sendo descrito da seguinte forma: “A água é um veneno para shai-hulud, [...] pois afogavam o raro ‘verme mirrado’ do Erg Menor para produzir o narcótico de espectro perceptivo que eles chamam de Água da Vida” (2020, vol. 1, p. 804 - tradução nossa). Esse vínculo com a natureza não se estabelece apenas pela origem da substância, derivada do Shai-Hulud, mas sobretudo pela integração entre o corpo que a recebe e a dissolução do sujeito em algo maior que si. Assim, o consumo da Água da Vida pode ser compreendido como uma forma de conexão vital entre os Fremen e o Shai-Hulud. Ou seja, trata-se de uma prática profundamente vinculada a motivações espirituais e coletivas, e não a objetivos de ascensão individual ou concentração poder político.

O narcótico é considerado uma substância *tau*<sup>98</sup>, ou *tauística*, pois dissolve o eu e o transforma em uma consciência coletiva. Nesse sentido, o consumo deste bioproduto representa uma partilha do sagrado e do saber coletivo. O acesso a esses saberes não é um problema, mas em sua apropriação por Lady Jessica, que converte uma memória em um projeto político. À luz da ecologia decolonial de Ferdinand e do ecofeminismo de Salleh, esse gesto revela como a absorção e a instrumentalização de saberes corporais e territoriais, inviabilizam uma ecologia verdadeiramente decolonial. Assim, podemos observar que, ao encapsular os saberes da Reverenda Madre anterior, Lady Jessica centraliza em si conhecimentos que antes eram dos Fremen:

Tarde demais, Jessica percebeu o que estava acontecendo: a velha mulher estava morrendo e, ao morrer, despejava suas experiências na consciência de Jessica como a água é vertida em um copo. O outro fragmento desvaneceu-se, retornando à consciência pré-natal, enquanto Jessica o observava. E, morrendo-na-concepção, a velha Reverenda Madre deixou sua vida na memória de Jessica com um último e suspirado borrão de palavras. “Esperei por você por muito tempo” disse ela. “Aqui está a minha vida.”  
Ali estava, encapsulado, tudo aquilo.  
Tudo.  
Até o momento da morte.  
Agora sou uma Reverenda Madre, percebeu Jessica.  
E ela soube, com uma consciência generalizada, que havia se tornado, de fato, exatamente aquilo que se entendia por uma Reverenda Madre Bene

---

<sup>98</sup>“TAO: na terminologia fremen, a unidade da comunidade sietch, ampliada pela dieta baseada em especiaria e, principalmente, a orgia tau de unidade evocada pela ingestão da Água da Vida.” (HERBERT, 2020, Jessica, p. 859)

Gesserit. A droga venenosa a havia transformado.<sup>99</sup> (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 578-579 - tradução nossa)

Ao adquirir todo o conhecimento encapsulado por gerações, Lady Jessica assume uma autoridade que não lhe pertence. Mesmo quando suas ações produzem maior estabilidade ou garantem a proteção de seus familiares, elas permanecem orientadas por interesses externos aos povos de Arrakis, deslocando o protagonismo político dos Fremen e reinscrevendo-o em um projeto alheio. Ao tomar para si a tomada de decisão sobre o futuro Fremen, o ecofascismo manifesta-se aqui sob a forma de uma tutela que inviabiliza a emancipação do povo de Arrakis.

Desse modo, a cultura fremen e seus conhecimentos ecológicos deixam de circular de forma comunitária e transformam-se em instrumentos mobilizados pelo projeto colonial das Bene Gesserit e, posteriormente, dos Atreides. Ao beberem da Água da Vida, Lady Jessica e Paul não apenas acessam um saber ancestral e uma conexão profunda com o Shai-Hulud, mas se apropriam de um sistema simbólico, religioso e ecológico que passa a operar em favor de uma liderança messiânica imposta. Assim, o que se apresenta como rito de integração converte-se em mecanismo de tutela e reordenação do poder, no qual o conhecimento de um povo profundamente ligado ao seu ecossistema é reconfigurado para sustentar um processo civilizatório alheio à sua autonomia.

O convite de Stilgar para que Lady Jessica assumisse o posto de Reverenda Madre ocorre no interior de uma lógica coletiva, orientada pela continuidade espiritual, ecológica e cultural dos Fremen. Trata-se de uma decisão voltada ao bem do todo, à preservação de um elo sagrado que articula território, memória e comunidade. No entanto, ao optarem por acessar e centralizar esses saberes, Lady Jessica e Paul deslocam essa lógica coletiva para um projeto externo. Ainda que demonstrem empatia pelos Fremen, suas ações rompem a cadeia sagrada de transmissão, silenciam gerações e reconfiguram a identidade fremen a partir de parâmetros alheios àquele povo.

Estes gestos inviabilizam que os Fremen continuem a existir segundo sua própria natureza e seus próprios modos de vida, convertendo-os naquilo que os Atreides e as Bene

---

<sup>99</sup> Too late, Jessica saw what was happening: the old woman was dying and, in dying, Jessica gathered her experiences into Jessica's awareness as water is poured into a cup. The other mote faded back Jessica pre-birth awareness as Jessica watched it. And, dying-in-conception, the old Reverend Mother left her life in Jessica's memory with one last sighing blur of words.

"I've been a long time waiting for you," she said. "Here is my life."

There it was, encapsulated, all of it.

Even the moment of death. Jessica now a Reverend Mother, Jessica realized.

And she knew with a generalized awareness that she had become, in truth, precisely what was meant by a Bene Gesserit Reverend Mother. The poison drug had transformed her. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 578-579)

Gesserit consideram que eles devam ser. O resultado desse processo ecofascista não é a preservação, mas o seu desaparecimento: Lady Jessica deixa Arrakis levando consigo o conhecimento coletivo; a natureza do planeta é destruída; Paul desaparece no deserto; Alia, igualmente atravessada por esses saberes, encontra a morte; Ghanima carrega os efeitos dessa herança; e Leto II, ao assumir o conhecimento em nome do “bem maior”, revela-se profundamente corrompido por ele. Assim, Duna expõe outra ironia fundamental do ecofascismo: em nome da sua preservação, elimina-se o próprio mundo que programavam proteger.

### **3.3 Lady Jessica como mediadora colonial: gênero, culpa e poder**

Ao longo da trilogia, podemos acompanhar a mudança de Lady Jessica dentro do projeto político Atreides: ao mesmo tempo em que incorpora elementos centrais da cultura fremen, como a religião e seus rituais, ela o faz a partir de uma posição colonial, instrumentalizando esses saberes em favor da consolidação do Império. Tal dinâmica evidencia um movimento recorrente nos processos coloniais, nos quais o colonizador se apropria da cultura do colonizado sem assumir plenamente as consequências políticas e éticas dessa apropriação. Nesse sentido, a culpabilização de Lady Jessica funciona como um deslocamento estratégico da responsabilidade, transferindo para o corpo feminino o peso moral de uma violência que é estruturalmente masculina e imperial.

Ao mesmo tempo em que Lady Jessica carrega sua parcela de culpa na consolidação do Império de Paul, é necessário destacar que culpabilizá-la de forma única e exclusiva significa ignorar o verdadeiro símbolo da jihad em Arrakis. Caso, no primeiro volume da saga, é possível observar Paul atribuindo à mãe o papel de “sua inimiga”, em razão das ações e escolhas que ela o conduziria a realizar, ao longo da narrativa percebe-se um ganho de lucidez por parte da personagem. Esse processo evidencia suas incertezas, culpas e conflitos internos, que passam a afetá-la de maneira cada vez mais consciente.

Entretanto, responsabilizá-la de maneira exclusiva revela uma limitação que entra em conflito com a epistemologia ecofeminista aqui proposta, por simplificarmos as relações de poder estruturalmente complexas. Ao mesmo tempo em que é corpo que oprime, Lady Jessica também é oprimida e disciplinada. Nesse sentido, é preciso compreendê-la para além do que as esferas políticas de *Duna* demonstram, ao transferir a responsabilidade política totalmente para a personagem, demonstramos como as mulheres usualmente são utilizadas como justificativa para movimentos políticos, carregando estereótipos de gênero por séculos.

Assim, podemos observar o modo como Paul culpa sua mãe:

Paul sentou-se em silêncio na escuridão, um único pensamento duro e implacável dominando sua mente: Minha mãe é minha inimiga. Ela não sabe disso, mas é. Ela está trazendo a jihad. Ela me gerou; ela me treinou. Ela é minha inimiga. (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 520)<sup>100</sup>

Ao se isentar de qualquer responsabilidade, Paul reforça os estigmas já atribuídos à sua mãe e, ao mesmo tempo, falha em reconhecer sua própria ambiguidade enquanto um sujeito humano. Apesar das visões se apresentarem como um futuro concretizado, em *Filhos de Duna* temos a confirmação de que estas na verdade são consolidadas pelas ações do presente. Desse modo, podemos observar que Paul abre mão de sua consciência e sacrifica milhões de vidas ao atribuir suas escolhas tanto ao treinamento que recebeu quanto à figura de sua mãe, responsável por “trazer a guerra”. Ao fazê-lo, Paul reconhece a possibilidade política de sua própria sobrevivência e a escolhe, ainda que ao custo da violência em escala imperial.

Conforme afirma Carolyn Merchant (2006), a responsabilização do corpo feminino opera como um mecanismo de legitimação da violência política. Em *Duna*, Lady Jessica passa a ocupar esse lugar simbólico ao ser associada à origem da jihad, enquanto a agência de Paul é preservada sob o discurso de um futuro já definido. Assim, a perseguição e a culpabilização da personagem exercem um papel fundamental na degradação da identidade de gênero das mulheres, ao mesmo tempo em que legitimam estruturas de controle masculino, como argumenta Federici (2017).

A transferência de culpa para Lady Jessica reflete um histórico de culpabilização do corpo feminino, construído a partir de uma lógica dualista e profundamente misógina. Nessa perspectiva, a mulher é aprisionada entre dois extremos: ou encarna o ideal da donzela pura que se sacrifica, como Chani, ou é construída como figura insubordinada, manipuladora e moralmente perversa. Em ambos os casos, sustenta-se a ideia de que a culpa feminina é inata, ecoando um imaginário que remete à noção da “maldição de Eva”, segundo a qual a mulher é concebida como moralmente nociva desde a origem. Assim, a narrativa não apenas legitima o domínio masculino de Paul, como também reafirma um regime simbólico no qual a mulher jamais pode existir fora da culpa, seja por obedecer, seja por resistir ou até mesmo por ensinar. Como fica evidente no trecho a seguir:

“Os Fremens têm uma religião simples e prática”, disse ele.

<sup>100</sup> Paul sat silently in the darkness, a single stark thought dominating his awareness: My mother is my enemy. She does not know it, but she is. She is bringing the jihad. She bore me; she trained me. She is my enemy. (HERBERT,

“Nada na religião é simples”, advertiu ela.  
 Mas Paul, ao enxergar o futuro ainda turvo que ainda pairava sobre ambos, deixou-se dominar pela raiva. Só conseguiu dizer: “A religião unifica nossas forças. É a nossa mística.”  
 “Você cultiva deliberadamente esse clima, essa bravura”, acusou ela.  
 “Você não para de doutrinar.”  
 “Foi assim que a senhora mesma me ensinou”, respondeu ele.  
 (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 621 - tradução nossa)<sup>101</sup>

Em outras palavras, o diálogo evidencia a lógica da maternidade como uma entidade, conforme discutida por Adrienne Rich, na qual a mãe é atribuída toda responsabilidade moral pelas decisões éticas do filho. Ainda que Paul reconheça ter sido ensinado, o peso das suas escolhas recai exclusivamente sobre Lady Jessica, reforçando as diferenças de gênero quando se trata da culpa. Ao contrário do filho, que recorre às visões do futuro como forma de justificar suas decisões, Jessica demonstra com o passar da trama consciência crítica e não nega seus planos. Como fica evidente no trecho seguinte:

“Você acha que eu não sei o que você planeja para o seu filho?”, perguntou Harah.  
 “O que você quer dizer?”, exigiu Jessica.  
 “Você planeja unir as tribos sob Ele”, disse Harah.  
 “Isso é ruim?”  
 “Vejo perigo para ele... e Alia faz parte desse perigo.”(HERBERT, 2020, vol. 1, p. 642 - tradução nossa)<sup>102</sup>

Assim, observamos como, em uma sociedade patriarcal, o feminino é relegado ao cuidado e à responsabilização moral por suas ações e por seus efeitos, mesmo quando tais ações se dão sob estruturas que excedem sua agência individual. Essa lógica torna-se ainda mais evidente quando a personagem reconhece sua culpa e o impacto das suas escolhas no destino do filho, assumindo uma responsabilidade que não é sua por completo: “*Paul*, ela disse, *de repente vejo como eu o usei, o distorci e o manipulei para colocá-lo no caminho que eu escolhi... por causa do meu próprio treinamento.*” (HERBERT, 1965, p. 703)<sup>103</sup>.

<sup>101</sup> ‘The Fremmen have a simple, practical religion,’ he said.

‘Nothing about religion is simple,’ she warned.

But Paul, seeing the clouded future that still hung over them, found himself swayed by anger. He could only say: ‘Religion unifies our forces. It’s our mystique.’

‘You deliberately cultivate this air, this bravura,’ she charged. ‘You never cease indoctrinating.’

‘Thus you yourself taught me,’ he said.” ((HERBERT, 2020, vol. 1, p. 621)

<sup>102</sup> “‘You think I don’t know what you plan for your son?’ HaraJessica.

‘What do you mean?’ Jessica demanded.

‘You plan to unite the tribes under Him,’ Harah said.

‘Is that bad?’

‘I see danger for him... and Alia is part of tJessicaager.’”

<sup>103</sup> “‘Paul,’ she said, ‘I suddenly see how I’ve used you and twisted you and manipulated you to set you on a course of my choosing... because of my own training.’” (HERBERT, 1965, p. 703)

Ainda, ao longo da trilogia, é possível perceber como a cultura fremen afeta Lady Jessica de maneira significativa, a ponto de a própria personagem reconhecer o deslocamento de sua identidade. Ao expressar o desejo de retornar a Caladan, Jessica admite ter se tornado “demasiado fremen” e Reverenda Madre, evidenciando o impacto profundo dessa vivência sobre sua subjetividade:

“E quanto a mim?”, perguntou Jessica.  
 “Há algo que você deseja?”  
 “Talvez Caladan”, disse ela, olhando para Gurney. “Não tenho certeza. Tornei-me fremen demais... e Reverenda Madre demais. Preciso de um tempo de paz e quietude para pensar.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 794)<sup>104</sup>

Entretanto, mesmo após quase duas décadas entre os Fremen, a personagem reivindica o controle de seu planeta natal, revelando que essa aproximação cultural não implica um rompimento definitivo com sua posição colonial de origem. Desse modo, se anteriormente os Fremen eram percebidos como o outro, em *Filhos de Duna* torna-se mais evidente a mudança na perspectiva de Lady Jessica, marcada inclusive por aspectos físicos Fremen. Ainda assim, ao reivindicar um lugar de privilégio no Império e deixar Arrakis, a personagem reforça os limites entre dominação e pertencimento.

Como o ar estivera úmido naquela manhã, pensou Jessica, olhando ao redor da antecâmara de Alia. Quão fresco e úmido. Ali, porém, havia uma umidade suada no ar que despertava nela uma sensação de inquietação, e ela pensou: reverti aos modos fremen. O ar estava úmido demais naquele sietch acima do solo. O que havia de errado com o Mestre dos Destiladores? Paul jamais teria permitido tamanha negligência. (HERBERT, 2020, vol. 3, p. 223)<sup>105</sup>

Ao voltar a Caladan, ela enfraquece sua própria luta. Entretanto, seu corpo está conectado à Arrakis; não há fuga das mudanças e dos modos de vida que agora fazem parte dela. Nesse sentido, poderíamos compreender que ainda há esperança para a personagem: mesmo após anos distante, o corpo de Lady Jessica não se esqueceu do planeta que a recebeu. Assim como propõe Federici (2023), a morte da terra não é apenas a fenda que engole a cultura fremen, mas a eterna reprodução de violências estruturais que não emancipam, apenas reatualizam opressões e enfraquecem quaisquer revoluções legítimas.

<sup>104</sup> "And for me?" Jessica asked.

"Is there something you wish?"

"Perhaps Caladan," she said, looking at Gurney. "I'm not certain. I've become too much the Fremen . . . and the Reverend Mother. I need a time of peace and stillness in which to think." (HERBERT, 2020, p. 794)

<sup>105</sup> How moist tJessicahad been that morning, Jessica thought, looking around Alia's anteroom. How fresh and moist. Here there was a sweaty dampness to the air which evJessicasense of uneasiness in Jessica, and she thought: I've reverted to Fremen ways. The air was too moist in this sietch-above-ground. What was wrong with the Master of the Stills? Paul would never have permitted such laxness (HERBERT, 2020, vol. 3, p. Jessica

De tal maneira, a esperança gratuita não é algo que incentivamos, mas é preciso consciência coletiva e uma conexão genuína com a terra. Ao tornar-se como os fremen, Lady Jessica demonstra não só humanização, mas também uma desautomação de seus modos Bene Gesserit. Como propõe Federici, é a partir da tomada de consciência e da reapropriação do corpo que a luta continua. Em *Duna*, o corpo de Lady Jessica fala sobre o mundo natural e demonstra capacidade de mudar o mundo, ou ao menos tentar, visto que podemos observar uma crescente falta de fé na humanidade. Assim, recuperar o que foi objetificado pelo capitalismo é o primeiro passo para uma transição honesta.

Diferentemente de Chani, Lady Jessica não é sacrificada pelo Império, mas incorporada à ele, tornando-se mediadora de um projeto ecológico que reorganiza a dominação sem rompê-la. Dessa maneira, é fundamental reconhecer que Lady Jessica não pode ser responsabilizada de forma exclusiva pelo projeto político Atreides não implica tirar sua responsabilidade. Assim, o seu ser mulher, ainda que situada em uma estrutura patriarcal que desloca a culpa para o feminino, não elimina a necessidade de uma consciência social, histórica e moral diante das práticas políticas que se exerce.

A trajetória da personagem, então, não pode ser lida a partir de categorias dualistas como culpa ou inocência, bom e mal. Sua ambiguidade não se manifesta como indecisão ou ingenuidade, mas como uma posição política marcada por consciência tardia e, principalmente, uma incapacidade de ruptura com a disciplina que lhe foi imposta. Ao reconhecer os perigos da instrumentalização religiosa e da violência política, a personagem demonstra lucidez, porém, esse reconhecimento não se converte em uma atitude capaz de interromper o projeto que ela própria ajudou a consolidar.

O medo expresso por Lady Jessica perante a fusão entre religião e política de Paul Atreides revela essa consciência crítica. Como fica evidente em:

Jessica temia a relação religiosa entre ele e os Fremen, Paul sabia. Ela não gostava do fato de que pessoas tanto do sietch quanto do graben se referiam a Muad'Dib como Ele. E passou a interrogar as tribos, enviando suas espiãs Sayyadina, recolhendo suas respostas e refletindo sobre elas.

Ela lhe havia citado um provérbio Bene Gesserit: 'Quando religião e política viajam na mesma carroça, os que a conduzem acreditam que nada pode se colocar em seu caminho. Seu movimento torna-se impetuoso — mais rápido e mais rápido e mais rápido. Eles deixam de lado qualquer consideração sobre obstáculos e esquecem que um precipício não se revela ao homem em uma corrida cega até que seja tarde demais.' (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 620)<sup>106</sup>

<sup>106</sup>“Jessica was fearful of the religious relationship between himself and the Fremen, Paul knew. She didn't like the fact that people of both sietch and graben referred to Muad'Dib as Him. And she went questioning among the tribes, sending out her Sayyadina spies, collecting their answers and brooding on them.

Em outras palavras, a personagem demonstra ter consciência do papel de seu filho no projeto político de Arrakism, principalmente ao tentar mapear e refletir acerca das informações recebidas. Ainda assim, a sua compreensão surge quando o processo já se iniciou e quando essa estrutura de poder passa a operar independentemente de suas vontades. O medo, nesse contexto, não funciona como freio, mas como constatação tardia do que os aguarda.

A ambiguidade da personagem se intensifica principalmente em relação ao seu filho e seus outros familiares. Ao mesmo tempo em que assume sua culpa, Jessica reconhece ter sido vítima de sua formação política e simbólica: “‘Paul’, ela disse, “de repente percebo como eu o usei, o distorci e o manipulei para colocá-lo em um caminho escolhido por mim... por causa do meu próprio treinamento.” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 703 - tradução nossa)<sup>107</sup> O reconhecimento da manipulação não desfaz seus efeitos, isto é, já que explicita o limite de uma consciência que emerge após a consolidação do dano. Quando a personagem pede que o filho não siga seus passos, podemos observar uma transferência de responsabilidade de não repetir um caminho que ela mesma iniciou.

Esse movimento revela que sua consciência permanece individualizada e hierárquica. Jessica sabe, reflete, sofre, mas não devolve os saberes apropriados. E assim, não rompe com a lógica de centralização do poder, não devolve ao coletivo fremente aquilo que foi roubado. Sua lucidez não se transforma em prática coletiva. Logo, a ambiguidade da personagem não reside em contradições psicológicas, mas no limite ético de um sujeito que reconhece a violência, mas que permanece aliada a ela.

Nesse sentido, Lady Jessica encarna o saber que tudo compreende, mas que justamente por não se abrir ao coletivo, se desumaniza. Assim, a sua tragédia não é a simples ignorância, mas a consciência que não se converte em ruptura com os seus padrões anteriores. O romance sugere, dessa forma, que não basta reconhecer os erros de um projeto político. Finalmente, sem uma ética comunal, compartilhamento dos saberes, a consciência individual é apenas mais uma engrenagem de um sistema de dominação que administra o colapso em vez de encerrá-lo.

---

She had quoted a Bene Gesserit proverb to him: ‘When religion and politics travel in the same cart, the riders believe nothing can stand in their way. Their movement become headlong — faster and faster and faster. They put aside all thought of obstacles and forget that a precipice does not show itself to the man in a blind rush until it’s too late.’” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 620)

<sup>107</sup> “‘Paul,’ she said, ‘I suddenly see how I’ve used you and twisted you and manipulated you to set you on a course of my choosing... because of my own training.’” (HERBERT, 2020, vol. 1, p. 703)

### 3.3.1 Do sacrifício à incorporação: contrastes entre Chani e Lady Jessica

Nesse contexto, o contraste entre Chani e Lady Jessica marca um ponto crucial que atravessa toda a trilogia: termos identidade de gênero e étnico-raciais não garante a superação das estruturas de dominação vigentes. Embora Lady Jessica resista à sua inferiorização enquanto mulher e tenha consciência de seu lugar na irmandade, suas ações ainda estão limitadas a um sistema que transforma corpos femininos em instrumentos políticos e áreas de poder. O feminino, sem uma consciência crítica e determinado à ruptura, pode ser facilmente subvertido para as lógicas de tutela, hierarquização e violência justificada.

*Duna*, então, destaca a falha de uma educação que não promove liberdade, mas mantém seus indivíduos nas engrenagens da opressão. A disciplina de Lady Jessica a torna extremamente consciente, estratégica e precisa. Entretanto, ela é incapaz de conceber um mundo além da racionalidade imperial em vários momentos. O seu conhecimento e a sua educação não rompem com o sistema, mas atuam como agentes de manutenção deste. Assim, sua prática política se apresenta como proteção particular, mas funciona como controle, defendendo também uma salvação que leva ao apagamento.

Já Chani demonstra que a resistência não reside na acumulação de saber ou no sucesso individual, mas na importância de preservarmos conexões coletivas que rejeitam a separação entre natureza, cultura e religiosidade. Sua existência reafirma que a emancipação não pode ser delegada ou prometida por agentes externos mesmo que eles se apresentem enquanto aliados. Quando o imaginário Fremen é apropriado e seus sonhos reconfigurados para decidirem seu futuro, a emancipação se torna um devaneio distante e se transforma em uma nova forma de dominação.

Dessa maneira, *Duna* revela a violência simbólica dos projetos que confiscam o direito à imaginação em nome do bem maior. O ecofascismo se manifesta não apenas pela destruição do ecossistema, mas também pela colonização dos anseios, da esperança e das suas memórias coletivas. Ao redefinirem Arrakis e quem são os Fremen, tanto os Atreides quanto as Bene Gesserit não apenas afetam somente o planeta. Assim, eles interrompem a história fremen, silenciam gerações e substituem sonhos legítimos por promessas externas.

Conclui-se portanto que não existe ecologia decolonial sem autonomia política nem possibilidade de emancipação sem preservar o imaginário coletivo. O feminino capturado por estruturas autoritárias não liberta, falha ao cometer os mesmos erros inconscientes de seus opressores. Nesse contexto, a consciência precisa ser mais do que simplesmente saber, é preciso ser uma ruptura. É necessário recusar a tutela imposta pela lógica do sacrifício e

proteger não apenas a vida em si mesma, mas também a capacidade de um povo sonhar com seu próprio futuro.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

*"Enquanto a terra não for livre, eu também não sou."*

*(Emicida)*

A dependência de fontes de matriz energética, como petróleo e carvão, são um dos principais problemas do nosso século. Embora as discussões sobre a transição energética tenham se intensificado apenas na década de 1980, a trilogia *Duna* já abordava a substituição da melange para outras fontes de energia. A exploração da especiaria, material orgânico produzido pelos vermes de areia, promove a disputa constante por seu monopólio. Nesse sentido, Paul Atreides é o principal agente de mudança na ecologia de Arrakis e, por meio dessa transformação, o romance evidencia uma possível transição energética baseada na escassez e no domínio da especiaria. Assim como em outras grandes potências mundiais, *Duna* demonstra que o controle de matrizes energéticas - seja o petróleo ou a melange - confere poder político e influência a seus detentores.

A transição energética, como debatido no Acordo de Paris<sup>108</sup> e proposto também na Agenda 2030<sup>109</sup>, busca incentivar a mudança nas fontes de matriz energética ou elétrica e por consequência reduzir os impactos humanos no meio ambiente. Atualmente no Brasil possuímos 49,1% de fontes renováveis na matriz energética e 89,2% na matriz elétrica. Entretanto, ainda é necessário reduzir a exploração de fontes fósseis e ampliar a utilização da energia solar de acordo com o Futuro da Energia proposto pelo Observatório do Clima. Nesse mesmo sentido, podemos perceber em *Duna* a disputa pelo monopólio da especiaria abordam os debates sobre novas fontes de energia e demonstram também os impactos da exploração ambiental.

A reflexão proposta nesta dissertação convida à ação, e essa é sua essência: cabe a nós utilizarmos de nossos privilégios para disseminar a semente da esperança e proporcionar condições de vidas a todos os terráqueos. Veja bem, temos consciência da nossa limitação perante tamanha pretensão, mas só nos resta tentar. Continuando, não cabe a literatura e a esse trabalho dar todas as soluções ou respostas sobre o futuro. Em vez disso, propomos a todos dar o giro decolonial ecológico necessário e pressionarmos as esferas governamentais de nossa sociedade para que possamos dar um passo em direção a uma sociedade mais

---

<sup>108</sup> O Acordo de Paris, é um tratado internacional proposto em 2015, tem como objetivo evitar que as temperaturas globais aumentem mais de 1,5°C.

<sup>109</sup> A Agenda de 2030 é um plano proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU), proposto em 2015, que visa promover um desenvolvimento sustentável até 2030. O acordo tem 17 metas propostas que focam no bem estar social, ambiental e que visa promover equidade social.

igualitária para todos os seres vivos.

Assim, na medida que a humanidade percebeu sua irrelevância - seja com as corridas espaciais ou ao descobrirmos que a Terra é somente um planeta da via láctea, compartilhando o universo com bilhões de galáxias - mais impotentes e negligentes nos tornamos. O “Somos poeira de estrelas”, de Carl Sagan, representa com perfeição nossa insignificância, como se fôssemos apenas parte de um fluxo cósmico inevitável, e não agentes responsáveis pelas transformações da Terra. Entretanto, acreditamos ser tão irrelevantes dentro de nossa ignorância, que deliberadamente escolhemos nos abster e deixar milhões de seres vivos em angústia. Não é preciso atitude ou coragem para não ser negligente, é entender que se comprometer é fazer o mínimo. Se posicionar é entender que essa luta não é sobre nós, é sobre os que estão no “convés” de Ferdinand - que não foram tratados com a mesma cortesia que muitos que nós.

Ademais, tivemos como objetivo abordar os tópicos já mencionados e muitos outros nesta dissertação. No primeiro capítulo pudemos discutir uma possível conexão entre ecologia, sociedade e literatura. Sendo assim, fomos capazes de notar como um sistema holístico e integral é fundamental para que possamos viver de forma equitativa, superar hierarquias e, principalmente, destacar como a literatura pode auxiliar na disseminação da causa ambiental. Assim, a partir da ecologia decolonial podemos facilitar o acesso a temas aparentemente complexos e, a partir da ecocrítica, observar como a natureza é apresentada na arte.

No segundo capítulo, focamos na personagem Chani e em como a fremen é representada na história de Herbert. Nesse sentido, fomos capazes de observar como apesar de sua força, a personagem é silenciada por amarras sociais e relegada ao âmbito amoroso do protagonista, sendo somente um vínculo entre este e seu povo. E ainda, sua representação como morte da sua terra e a cultura fremen demonstram a importância de termos mulheres dentro de uma revolução ecológica, mas que suas ações não sejam limitadas como as de Chani e Irulan.

Já no terceiro capítulo, demos destaque a personagem Lady Jessica e observamos o seu papel dentro da trilogia *Duna*. Ao mesmo tempo que é um corpo disciplinado que luta para se libertar, a personagem é refém de sua criação e, mesmo de forma inconsciente, se apropria da cultura fremen. Assim, apesar de sua notável mudança durante a narrativa após anos convivendo com os fremen, a personagem ainda é sequestrada pela ética imperialista que a mantém em um eterno ciclo de servidão. Portanto, *Duna* evidencia representações deveras coerentes de mulheres atravessadas por questões étnico-raciais divergentes em papéis de

destaca, mas salienta que é preciso agência, letramento racial e consciência sócio-histórica e política para que não voltemos aos mesmos ciclos de violência que nos formaram.

Considerando os aspectos analisados ao longo deste trabalho, torna-se evidente que Duna não oferece soluções redentoras para a crise ecológica ou para as estruturas de poder que atravessam Arrakis. Ao contrário, a narrativa evidencia os limites de projetos políticos que se sustentam na figura do líder salvador e na instrumentalização da natureza, da cultura e dos corpos. Não cabe, portanto, a outro Paul Atreides a tarefa de “salvar” a humanidade. A emancipação ecológica exige uma ruptura mais profunda, que seja indígena, negra, étnica e verdadeiramente equitativa, ancorada no coletivo e não em messianismos reciclados.

Nesse sentido, as questões ecológicas na literatura se mostram fundamentais não como respostas prontas, mas como espaços de problematização crítica, capazes de tensionar futuros possíveis e revelar as contradições do presente. A análise de Lady Jessica e Chani permite compreender que a simples presença feminina não garante, por si só, uma transformação emancipatória. Enquanto Lady Jessica atua dentro das engrenagens do poder colonial, Chani encarna a experiência do corpo-território submetido à violência imperial, evidenciando que gênero, raça e pertencimento cultural produzem posições radicalmente distintas dentro do mesmo sistema.

Assim como Chani, resistir implica recusar o silenciamento imposto e afirmar outras formas de relação com o território e com a vida. Seja nos romances de ficção científica ou nos livros de história, a “história” se repete como farsa sempre que legitimamos déspotas travestidos de heróis. Como propõe Simone de Beauvoir (2019), a liberdade só se realiza quando vinculada à responsabilidade e ao outro, sendo necessariamente coletiva. Diante da ebulição global que atravessa o planeta, cabe a nós imaginar e construir caminhos que se afastem do capitalismo e do suposto progresso desenvolvimentista, reconhecendo que não há futuro possível sem justiça ecológica, social e histórica.

## REFERÊNCIAS:

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

ADAMS, Carol J. **Ecofeminism and the sacred**. New York: The Continuum Publishing Company, 1993.

ALONSO, Irene Sanz. **Ecofeminism and science fiction: Human–alien literary intersections**. *Women’s Studies*, [S.l.], v. 47, n. 2, p. 151–164, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/00497878.2018.1430408>.

BELTRÁN, Elizabeth Peredo. **“Ecofeminismo”**. In: SALÓN, Pablo (org.). *Alternativa sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. São Paulo: Elefante, 2019. pp. 113-143

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BUELL, Lawrence. **What is called ecoterrorism**. *Gamma: A Journal of Theory and Criticism*, 2009.

BRANDÃO, Izabel. **A propósito de “feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza”, de Stacy Alaimo**. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, p. 961-974, 2017.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá de Costa Editora, 1978.

CHIANG, Ted. **Story of Your Life and Others**. Nova York: Tor Books, 2002.

CLIMAINFO. **Não há prazo para licença na foz do Amazonas**, diz presidente do IBAMA. *ClimaInfo*, 12 mar. 2025. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2025/03/12/nao-ha-prazo-para-licenca-na-foz-do-amazonas-diz-presidente-do-ibama/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DELANY, Samuel R. **The Jewel-Hinged Jaw: Notes on the Language of Science Fiction**. Revised Edition. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2009.

DE LOUGHREY, Elizabeth M. **Allegories of the Anthropocene**. Durham, NC: Duke University Press, 2019.

DOS SANTOS, Cristiano Lange; DOS SANTOS BRAGA, Juliana Toralles. **Eco-ansiedade: reflexões sobre a angústia da juventude relacionada à crise ecológica**. *DIREITOS DE JUVENTUDE*, v. 88815, p. 36.

ELLIS, R. J. **Frank Herbert’s Dune and the discourse of apocalyptic ecologism in the United States**. In: *Science fiction roots and branches: contemporary critical approaches*. London: Palgrave Macmillan UK, 1990. p. 104-124.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FEDERICI, Sílvia. **O Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FRANCIONE, Gary L.; CHARLTON, Anna. **Animal Rights**: The Abolitionist Approach. New York: Columbia University Press, 2015.

FREEDMAN, Carl. **Critical Theory and Science Fiction**. Hanover: Wesleyan University Press, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

GAARD, Greta. **Ecofeminism revisited**: rejecting essentialism and re-placing species in a material feminist environmentalism. *Feminist Formations*, v. 23, n. 2, p. 26-53, 2011.

GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. London; New York: Routledge, 2023.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

GINSBURG, CARLO. **Olhos de Madeira** – nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold (orgs.). **The Ecocriticism Reader**: Landmarks in Literary Ecology. Athens: The University of Georgia Press, 1996.

GONZÁLEZ-GÜETO, Joy H. **Mujer “estándar” y racialización como sufrimiento generizado**: la cuestión racial en discursos y prácticas contra la desigualdad de género. In: GÜEMES, Cecilia; COS MONTIEL, Francisco (orgs.). *Cuidados y ecofeminismo: consolidar avances y construir futuros igualitarios en Latinoamérica*. Madrid: Fundación Carolina, 2023.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Galilée, 2001.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

HARAWAY, Donna. **Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene**: Making kin. *Environmental humanities*, v. 6, n. 1, p. 159-165, 2015.

HEISE, Ursula K. **Sense of place and sense of planet**: the environmental imagination of the global. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HERBERT, Frank. **Dune**. New York: Ace Books, 2020.

HERBERT, Frank. **Dune Messiah**. New York: Ace Books, 2020.

HERBERT, Frank. **Children of Dune**. New York: Ace Books, 2020.

IMMERWAHR, Daniel. **The Quileute Dune**: Frank Herbert, Indigeneity, and Empire. *Journal of American Studies*, v. 56, n. 2, p. 191-216, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2019.

KEEN, Suzanne. **Empathy and the Novel**. New York: Oxford University Press, 2007.

KENNEDY, K. **Spice and ecology in Herbert's Dune**: altering the mind and the planet. *Science Fiction Studies*, v. 48, n. 3, p. 444-461, 2021.

LAHAR, Stephanie. **Ecofeminist theory and grassroots politics**. *Hypatia*, v. 6, n. 1, p. 28-45, 1991.

LAWRENCE, Buell. **What is Called Ecoterrorism**. *Journal of Theory and Criticism*, n. 16, 2009.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOWY, Michael. **O que é ecossocialismo?**. São Paulo: Cortez, 2014.

MACGREGOR, Sherilyn. **Beyond mothering earth**: Ecological citizenship and the politics of care. Vancouver: UBC press, 2011.

MCCARTHY, Cormac. **A estrada**. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2007.

McNELLY, Willis E. (Org.). **The Dune Encyclopedia**. New York: Berkley Books, 1984.

MEMMI, Albert. **O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MENDES, João. **Perigosa é... a ecologia. Ecofascismo. Ecoterrorismo. Antropoceno**. In: \_\_\_\_\_. **Perigosa é... a ecologia. Ecofascismo**. Lisboa: BUM - Livros e Capítulos de Livros, 2018. p. 143-152.

MERCHANT, Carolyn. **The death of nature**. New York: Harper & Row, 1983.

MOORE, Sam; ROBERTS, Alex. **The rise of ecofascism**: climate change and the far right. Cambridge: Polity Press, 2022.

MORTON, Timothy. **Imperial measures**: Dune, ecology and romantic consumerism. *Romanticism on the Net*, n. 21, 2001.

NAESS, Arne. **The shallow and the deep, long-range ecology movement.** A summary. In: *The ethics of the environment*. London: Routledge, 2017. p. 115-120.

NUCCI, João Carlos. **Origem e desenvolvimento da ecologia e da ecologia da paisagem.** *Revista Eletrônica Geografar*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 77-99, 2007.

OPPERMANN, Serpil. **From ecological postmodernism to material ecocriticism.** In: IOVINO, Serenella. *Material ecocriticism*. 1. ed. Bloomington: Indiana University Press, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Desastres naturais foram responsáveis por 45% de todas as mortes nos últimos 50 anos**, mostra OMM. ONU Brasil, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/142679-desastres-naturais-foram-respons%C3%A1veis-por-45-de-todas-mortes-nos-%C3%BAltimos-50-anos-mostra-omm>. Acesso em: 15 abr. 2025.

O'REILLY, Tim. **Frank Herbert**. New York: Ungar, 1981.

POQUETTE, Ryan D. **Science fiction and fantasy.** In: MILNE, Ira Mark (ed.). *Literary Movements for Students: Presenting Analysis, Context, and Criticism on Literary Movements*. Detroit: Gale, 2005.

PULEO, Alicia H. **El ecofeminismo, conciencia feminista profunda de la crisis socioambiental.** In: GÜEMES, Cecilia; COS MONTIEL, Francisco (eds.). *Cuidados y ecofeminismo: consolidar avances y construir futuros igualitarios en Latinoamérica*. Madrid: Fundación Carolina, 2023. p. 25–38.

RUECKERT, William. **Literature and ecology.** In: GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold. *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Georgia: University of Georgia Press, 1996. p. 105-122.

SALLEH, Ariel. **Nature, woman, labor, capital: living the deepest contradiction.** *Capitalism Nature Socialism*, v. 6, n. 1, p. 21-39, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, Frederico Negrini. **Sincronicidade e presciência em Duna.** 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara, 2021.

SHAKESPEARE, William. **Rei Lear.** Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SHIVA, Vandana. **Staying alive: women, ecology, and development.** Berkeley: North Atlantic Books, 2010.

SPIERS, Miriam C. Brown. **Encountering the Sovereign Other: Indigenous Science Fiction.** East Lansing: Michigan State University Press, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPRETNAK, Charlene. **Ecofeminism: Our roots and flowering**. *Reweaving the world: The emergence of ecofeminism*, p. 3-14, 1990.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre**. New Haven: Yale University Press, 1979.

TAIBO, Carlos. **Colapso: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo**. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

TREXLER, Adam. **Anthropocene Fictions: The Novel in a Time of Climate Change**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.

TORRES MEZA, Luis Felipe. **The Bene Gesserit in Frank Herbert's Dune: an analysis**. Islândia: Háskóli Íslands, 2010.

VAKOCH, Douglas A. (Org.). **Dystopias and utopias on Earth and beyond: Feminist ecocriticism of science fiction**. New York: Routledge, 2021. (Routledge Studies in World Literatures and the Environment).

VAKOCH, Douglas A. (Org.). **Ecofeminist science fiction: International perspectives on gender, ecology, and literature**. New York: Routledge, 2021. (Routledge Studies in World Literatures and the Environment).

VanderMeer, J. **Annihilation**. New York: Farrar, Straus, & Giroux Books, 2014.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

ZIMMERMAN, Michael E. **The threat of ecofascism**. *Social Theory and Practice*, v. 21, n. 2, p. 207-238, 1995.

ZUNSHINE, Lisa. **Why we read fiction: theory of mind and the novel**. Columbus: The Ohio State University Press, 2006.

Referência eletrônica: AMAZON WATCH. Chevron's environmental crimes: 13 years of evasion and escalation. Disponível em: <https://amazonwatch.org/pt/news/2024/0214-chevrons-environmental-crimes-13-years-of-evasion-and-escalation>. Acesso em: 5 ago. 2025.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. **Futuro da energia: visão do Observatório do Clima para uma transição justa no Brasil**. Brasília: Laboratório do Observatório do Clima (LABOC), 2024. (Brasil 2045: construindo uma potência ambiental; 4). Disponível em: <https://www.oc.eco.br/futuro-da-energia-visao-do-observatorio-do-clima-para-uma-transicao-justa-no-brasil/>. Acesso em: 24 fev. 2025.